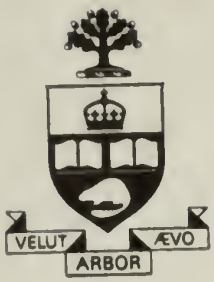
RB197489



Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

SILVEIRA:

POEMA HEROICO,

EM QUATRO CANTOS,

OFFERECIDO

AO

ILL.mo E EXC.mo SENHOR

D. JOÃO;

ETIMO MARQUEZ DAS MINAS, DECIMO CONDE DO PRADO; E HUM DOS PRECLARISSIMOS GOVERNADORES DE PORTUGAL.

POR

THOMÁS ANTONIO DOS SANTOS E SILVA.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.
Com licença.

Nem o mancebo Cocles dos Auzonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte, e sabio.

Cam. Luz. Cant. X.

PREFACIO.

INSTADO pelo Circulo d'alguns bons Amigos, e influido do amor da Patria, a pezar da minha incommoda situação, e da terrivel complicação das minhas molestias, ainda mais aggravadas nestes ultimos dias, eu me incumbi de traçar hum breve Elogio, allusivo aos funestos acontecimentos da segunda invasão em Portugal pelos communs inimigos da Espe-

cie humana, e onde em alguma illustre Personagem, das muitas que a par dos nossos sempre amigos, sempre leaes, e sempre generosos Inglezes, despregárão o seu esclarecido Patriotismo, eu celebrasse o Heroismo, e o Valor, ostentados até a total expulsão dos mesmos inimigos; entre as quaes se me offereceo com preferencia o Nome insigne do Illustrissimo Senhor Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, nono Senhor das Honras de S. Cypriano de Nogueira, Cavalleiro da Ordem de Christo, Commendador Honorario da da Torre e Espada, Moço Fidalgo com Exercicio, Brigadeiro Commandante do Regimento de Cavallaria de Bragança, hoje Marechal de Campo, e Governador da Provincia de Trás-os-Montes.

Eu hia já bastantemente adiantado no meu trabalho, ignorando ainda o genero de composição, e mesmo o titulo que lhe daria, quando insensivelmente me achei entre os detalhes, e na marcha d' hum Poema, que para ser Epico, o que lhe faltava em consistencia e volume, lhe subejava na grandeza do seu

Heroico assumpto ; por cujo motivo assim mesmo o intitulei ; (não fazendo então mais do que dividillo em quatro Cantos, e formando-lhe os Argumentos em Sextinas, que se proporcionassem melhor á pequenez do mesmo Poema) bem que eu o não tivesse principiado com a costumada rotina de propôr, invocar, e dedicar : circumstancias que de algum modo a experiencia, ou o accaso, me indicou não serem essencialmente necessarias, e do que me não faltão exemplos: se todavia não agradar o titulo de que uso, (Poema, ou Epopea, de que talvez não dou por ora mais que o esboço) de bom grado annuirei a que simplesmente se lhe substitua est' outro mais generico de Poezia em quatro Cantos, etc.

No que toca ao mais, falle por si a mesma Composição ; e quando nella appareça tambem outra cousa, ou muitas cousas que possão desagradar igualmente, (pois que eu sou o primeiro em descontentar-me de muitas) advoguem em meu favor o curto prazo, que se me assignou para a minha Tarefa, que não

excedeo de quinze dias; as deploraveis circumstancias, em que escrevo, a impossibilidade de o fazer pela minha propria mão, e sobre tudo a difficuldade de achar Amanuenses, promptos a tolerarem a nimia proluxidade, que se faz indispensavel para huma perfeita correcção.

SILVEIRA,

POEMA EM QUATRO CANTOS:

CANTO I.

ARGUMENTO.

A mente ao Vate em êxtase effervece,
E lhe finge estar vendo acceza briga,
Onde ao alto Silveira reconhece,
Contra a força lutando e a Galla intriga;
Ao Genio, que de Lysia o mal deplora,
Jove falla no Empyreo, e a dor melhora.

ARMA, Arma! eis me retumba o Campo em torno
Por entre os roucos sons da horrenda tuba,
E do timbale horrifico! aos seus eccos

Pulsa a pata o ginete, erriça as crinas,
Relinxa, espuma; he Patriota, e raiva!
Com elle eu salto, pulla-me com elle
A mente, o coração; eu nado em sangue,
Q' em rios me circunda, eu entorpeço
No frio expolio, ou no rolante amigo,
A quem por caridade extingo, e mato!...
Tu porém, tu oh subita Centelha,
Que dentro em mim fulguras, e m' aclaras
Scenas, que odiei sempre, amargas Scenas
De pavor, e carnagem, dize, falla,
Tu quem hes que dest' arte m' electrizas?
Por ventura serás o Fulgor sacro
Q' outr' ora illuminava ao Cego illustre
Q' honrou Grecia, e a par delle tu m' elevas,
Revocando a meus olhos o Passado,
A ver o Xanto ardendo, em fogo o Símois?
Serás talvez o Facho reluzente,
A cujo abrigo ess' outro Cego, ou Línce,
Do Thames remontava a ver em Climas,
Por outro humano pé jámais trilhados,
Sátan, e Michaél medindo o ferro?...
Mas não: troando está em meus ouvidos
O Rebombo do tubo sibilante;
Fuzila ao olho meu o nitro accezo,
Não visto do Iliôn, e novo invento,

Q' ao inferno esqueceo (1), e que supprido
Do rayo vingador os Ceos escusão!
As margens talarei do fatal Ebro,
Tão fatal, tão funesto á Hydra ovante,
Que desolado tem metade ao Orbe?
Sim; na dextra vibrando o aço invicto,
Co' a morte em gume, em ponta, á frente, ao lado,
Aos dois, aos tres, lá prostra, lá derruba,
Lá junca dos Cadaveres nefandos
Praças, ruas da insigne Saragoça
O Excelso Palafox; eu, eu o conheço,
Após elle eu decorro os Marcios Campos:...
Porém ai! não tambem: cançada ha muito
De lutar c' os destinos, e co' as hostes,
Não Palafox, mas sim Natura enferma,
E gasta de ferir a aguda espada,
Em quanto o bravo Heroe em solto Sprito
Viajava pensando estragos novos,
Succumbio a materia em leito infausto;
E privado d' acção, e de sentidos
Victima foi dos Vandalos cruentos!
Onde, onde pizo eu logo?... Ceos! dispersa,
E rota a nuvem d'esse pó sulfureo,

---

(1) Não ignora o Poeta a artilheria ideada por Milton; mas inculca desapprovallo nesta parte, etc.

Que terra, e Ceos toldava, eis se m' antolhão
As venerandas Quinas! eu lhe curvo,
Eu lh' acato o mysterio: em torno a ellas
Eis ferve a Tropa invicta; eis grito longo
Ares, e peitos fende, e diz: Silveira!
Sant-Iago, e Silveira, que s' invocão,
Q'hum, e outro he Nume, hum Terreo, o outro Ethereo!
Ao nome illustre do Varão possante,
Ao nome de Silveira (1), q' outros tempos
Fez ao Indo coalhar, tremer ao Ganges,
Ao Guadiana gemer, gelar o Caia,
Cresce em cada Soldado hum' alma nova,
Hum novo coração! parão em tanto,
Por onde tende o Heroe, e o ferro esgrime,
A pasmar do Valor do Marte Luzo,
Arthur (2), e Beresford (3), Britanos Martes;

---

(1) Este Appellido se tem feito célebre em todas as Epocas de Portugal: Veja-se especialmente Camões no X. Canto dos Luziadas, onde memóra os dois famosos Heitor, e Antonio da Silveira; como tambem Jeronymo de Mendonça na Jornada de Africa, e o Conde da Ericeira no seu Portugal restaurado, etc.

(2) O Excellentissimo Sir Arthur Wellesley, Marechal General dos Exercitos de Sua Magestade Britanica, etc.

(3) O Excellentissimo Senhor Guilherme Carr Beresford, Marechal Commandante em Chéfe dos Exercitos de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor.

Pára com elles por hum pouco a Morte,
Q' as Bandeiras lhes segue, as Ordens cumpre!
Pouco havia, q' a Déspota Quadrilha
Do Salteador Croado, (que do Téjo
Por dólos, e perfidias s' apossára,
E q' unido ao Inglez o Luzitano
Presto expulsou,) sem pejo, e sem remorço
Dos golpes recebidos, fera, audace
Lyzia outra vez talava, ao Douro, ao Minho
Algemando de novo; e na segunda
Soberba Capital do Reino invicto
Por novas fraudes seu Covil formando;
Donde logo, á maneira d' atroz Cheia,
Que diques não supporta, se diffunde,
Allagando, e roubando, por Barcellos,
Valença, Guimarães, e tu, Viçosa,
Santa Braga Primaz; com outras Praças,
Não Praças, mas Lugares desarmados,
Mesmo assim não batidos, mas surprezos;
De cuja furia, e fome nem tu mesmo,
Patria do excelso Heroe, oh bella, oh nobre
Villa-Real, (Real por causa duple,
Por vetusto brazão, e por gerallo,)
Nobre, e bella, pudeste delivrarte! . . .
Insulto, que punir virá depressa,
O Heroe excelso! e sua maior força

A tumida levada desparzindo
Sobre Villa do Conde, Ovar, Vianna,
E a mais Costa maritima indefensa,
Talvez porque ao Bretão o passo tolha;
Nem que de vís rasteiras enchorradas
Susto houvesse o que vive sobre as Ondas,
E de seus escarcéos faz jogo, e brinco!
Estolida ambição! pois não conhece
Q' entr' esse Minho, e Douro teve o berço
O que de mais legitimo, mais forte,
Cezar mais douto ao menos, outras Aguias
Abateo, suffocou; que foi lá mesmo
Onde primeiro olhou a luz do dia
O que soffrer não soube jugo estranho;
E q' inda agora nessas escabrosas,
Nessas mesmas inhospitas montanhas,
Para os Nunos supprir, supprir Viriatos,
Em castigo a extorções, Silveiras brotão!
Na fecunda Provincia Trás-os-Montes
Unia o Heroe emtanto a pouca Gente,
Que desorganizára o prisco jugo,
(Pouca, e vaga, q' em nova Massa firme
Tão depressa forjar só tu puderas,
Ministro, e General, Pereira Illustre!)
E reliquias da infausta, q' o Tyranno;
Ardiloso, e precauto para o centro

Extorquira da sua Gallia infesta;
Sua, s' acaso he seu o q' he só roubo!
(Mandada para alli pelo Cobarde,
E della temeroso, o Duque á força,
Junot o fementido, que primeiro
De nobre Embaixador em torpe espia
Se volveo, para logo em voraz Tygre
De General volver-se; Oves, Cordeiros,
Pastor, e Regio Alcaçar lacerando
No Terreno, onde entrára como amigo!)
Quando escuta Silveira a nova accerba
Da subita invasão, e n' alma chora
Q' o vil Usurpador se goze impune
Da barbara ousadia! eis corre, eis voa!
Qual nobre Emprazador, valente, astuto,
Q' a fim de lisongear ao seu Monarca
Na Real montaria a piza indaga
De mouta em mouta ao Javali cerdoso,
Que vergeis, e que messes devastava,
Até que denodado investe ao Bruto,
Q' em vão lhe range as rispidas navalhas;
Tal o Heroe destimido vai na cola
Da Tropa iniqua; e na tremenda Chaves
Lh' encontra a Retaguarda: eis brame, eis freme,
Provar pertende logo o fio austero
Para golpes mais fundos, que medita

Contra o duro inimigo, e o ferro insopa
Em quinhentas gargantas dos Protervos,
Q' expirão, com as vozes já truncadas
Maldizendo ao Cruel, que fez marchallos!
Não havendo colar, ou grito, ou ordem,
Que suspenda os Dragões, q' alli costumão
Ter seu Quartel, e menos os Leopardos
Da proxima illustrissima Bragança,
A quem aggrava a dor, e a espada amóla
A perda infausta dos gentis seus Duques,
Já seus Reis, cujo Nome (1) alçou aos ares,
Inda entr' os sabres, entr' as ballas inda!
Cança-se de matar o Braço altivo,
E sobre a libertada Terra amiga
De pezadas Cadêas grava o resto
« Dos que tanto a cobição sendo alheia! »
Salvando-lhes sómente a torpe vida
O Sacrosanto Asilo (2), q' alli buscão;
Pois tal hes, Religião, tal teu influxo,
Q' inda o mais libertino, ou mais perverso,
Involvido no prigo, por ti chama,

---

(1) Ao Norte foi Bragança, rodeada ainda das armas inimigas, a primeira em acclamar os seus Principes Naturaes.

(2) O Forte de S. Francisco da mesma Villa de Chaves, para onde se havia refugiado o melhor de oitocentos dos Inimigos, etc.

E tu chamada ao mais perverso acodes!
Como hum Tygre, co' a boca ensanguentada
Em torno farejando, acceza a vista,
Apôs de nova preza, assim Silveira
A' frente de seus poucos, mal providos,
Mal armados, mas Lusos, em quem sobra
Hum brio, hum coração, que suppre a tudo;
De Villa corre em Villa, e os Povos varre
Da Milicia infernal, q' Aras profana,
Virgens fórça, Decrepitos insulta,
Honesto, e justo ignora, Ceos não teme:...
Este hoje o seu brazão, este o seu timbre,
Avessa em tudo a tudo o q' era ha pouco!
Marcha; e por onde tende irresistivel
O Alto Heroe, expiando Ceos, e Terra;
De novo abate as Aguias triunfantes
Em Marengo, Austerlitz, Weimar, e Jena;
E ao pavez tricolôr, do Mundo estrago,
As Armas substitue, q' o redemirão!
Ao novo Emporio da feroz cobiça,
Precario seu asilo, ao nobre Porto,
Que não valor, mas Cábalas rendêrão,
Marchar quizera o Heroe sem mór delonga;
Mas sua força escaça confrontando
Com a torrente immensa, que dos montes
Baixára de Gerez, a flor, e a peste

Da que dos altos Pirineos descêra
A desolar a malfadada Hespanha,
De proposito muda; e á Serpe infame,
Qual outro Scipião vedando a porta
Ao Corisco de Cannas frio em Cápua,
O passo vai cortar na grossa Ponte
Da fertil Amarante, q' aos Imigos
Tão mesquinha se volve em tempo breve!
He aqui, he no transito terrivel
Da ponte impenetravel, onde a Musa,
Ou Estro, q' em mim ferve, m' arrebata
A ver o Heroe fazendo gentilezas,
E mil prodigios d' inclita bravura,
Quaes A'rcoli não vio, quaes não vio Lódi,
Q' ao caprixo do pessimo Tyranno
Outr' ora succumbírão, ou quaes mesmo
Não vio, não fez o Jovene Romano,
Q' a Porsenna tolheo a ponte excelsa;
Desde então para os Seculos futuros,
Ficando incerto, quem terá mór nome,
Ou mór gloria, s' o Tamega, s' o Tybre!
Porém ai, que dos Lobos famulentos,
Q' as campinas d' Italia, e d' Austria, e Prussia
Impunes já pizárão, a ira, e sanha
Não tem só de suster o Heroe famoso;
São tambem a perfidia, e dolo, e fraude

Dos Vulpis cavilosos, que Silveira
Aguarda a combater; dos feios Vulpis,
Que do metal roubado curta somma
Não temem semear, porque mais roubem;
E o que não podem conseguir ao ferro,
Comprallo querem a ouro mal ganhado:
Mas a ouro, a ferro he marmore, he de bronze,
Ou Luzo, q' isso val, o Heroe bizarro!
Soult se dizia o General Soberbo
Da Caterva insolente, (grande em braço
Entr' ella, porém inda mór no embuste,)
Que pago, e que vaidoso dos enganos,
Ou dos feios ardiz, que já lhe tinhão
Ganhado o rico Porto, e antevendo
Que pouco a sua espada lucraria
Contra Silveira invicto, audaz recorre
A's outras favoritas armas suas,
A cizanea, e a impostura; em vão tentando
Ao Heroe entre os Seus volver suspeito:
Eis que Luzo infiel, não mero Luzo,
Mas sim heterogeneo, sim mistiço,
Q' Hollandez teve o Pai, a Mãi Franceza,
E Corsos os Avós, segundo he fama,
Em Lyzia só nativo, infido, ingrato
A' Terra q' o gerou, e o pão lhe presta;
Homem sem gyro certo, e só constante

No vicio, ás enxovias não ignoto,
Perjuro, e delator, por obra, e lingua
Mais d' huma vez marcado, e que sem pejo
Mais de vez huma á crápula se déra!
Malvado, e como tal acceito aos novos
Legisladores, pelos quaes comprado
Se deixou sobornar, e a quem servira
Já de negro Espião, mas com a astucia
De contra elles clamar em rua, em praça
Por melhor disfarçar-se! este Perverso
S' incumbio de papel, o qual depunha
Contra a pureza do inclyto Silveira;
E na larga Provincia artes buscava
De fazer divulgallo: quando prezo
Ante o Sublime Chéfe he conduzido,
Com o infame libélo, em si contendo
Frazes de gratidão por beneficios
Ao Francez, q' este nunca recebêra,
E com falsas promessas d' altas sommas,
Além d' outras, que diz, já lh' enviára.
Qual sizuda, e tranquilla a alva Lua,
Sobre seu throno de marfim sentada,
Ao bravo Atlante vê, raivoso della,
Pelo ár espadanar lhe as turvas ondas
Q' ella mesmo subleva; tal seguro
No meio da Borrasca o Heroe brioso

Ante a Officialidade lê sorrindo
O maldito papel; e assim profere:
Solte-se o miseravel, q' instigado
Talvez da fome acerba a tal s' affouta!....
E tu dize ao nefando Author da Carta,
Que sua vil baixeza, e cobardia
O deixão a coberto de q' eu possa
Convidallo a que venha, face a face,
E sem deslustre meu, em campo aberto
Colher o galardão, que lh' he devido
Por sua bizarria já mostrada;
E a respeito da sua nova Offerta,
Agradecer-lha eu vou por melhor via!...
Foge, indigno; e c' o bafo pestilente
Nunca mais inficiones este sitio.
Disse; e sabendo logo que não longe
De Manhufe s' acampa atroz Partida
Do Inimigo, da ponte o Heroe s' affasta
Por hum pouco, e marchando n' alta noute,
Vai c'o dia, e c'o a morte amanhecer-lhes;
C'o dia q' alli delles para eterno
Se despede, e co' a morte que saltando
Já do fuzil no rapido pelouro,
Já na ponta da rigida bayoneta,
D' hum lado, e d' outro lado os rende, os prostra
Aos pés do gram Silveira: « hide embora,

(Clamando o Heroe aos Raros, que s' evadem)
E ao guapo Soult dizei que novas graças
Tem elle de render-me pelo estrago
Destes corpos que pizo, e cujo sangue
He para os olhos meus o melhor ouro!»
Isto: e para o destino seu volvendo,
Nunca mais desde então a fatal ponte
Ceçou de mergulhar em atro sangue
Por quinze Sóes, ou antes pelo espaço
D' outros tantos seus gyros; pois luz sua
Mais não rayou, envolta em fumo expeço,
Substituindo-lhe apenas os fulgores,
E nova densa noite dissipando,
O dia que da boca alli chameja
Aos Lethaes volcões éneos, ou essoutro
Que dos olhos ao bravo Heroe scintila!
Em tanto que na Terra assim se passa,
O que do Sacro Olympo tudo mede,
E tudo péza, porque prôva a tudo,
N' huma das Mãos o indulto, n' outra o rayo,
Sobre aureo Throno, a quem docel formava
Viva Estrella, q' ao Sol excede em lustro,
E Outra os degráos, a huma hora impreterivel,
(De modo igual q' os Generaes do Mundo
Dar usão a hora certa o Santo, e a Senha
A' Tropa Subalterna) affavel, lhano

Ouvia as Potestades, ditas Genios,
De cada huma Nação, de cada Estado
Por alta Lei benefica incumbidos,
Q' alli sobem a fim de receberem
De Jove as Instrucções, Decretos, Ordens,
Que lh' apprazem; no Circulo brilhante
Hum pouco estando atraz, e triste o gesto,
De Lyzia o Genio, e inda mais remoto
D' Iberia o Nume, o gesto inda mais triste.
Alguns já despedíra o Deos Supremo,
Quando attenta nos dois; ao perto os chama,
E n' hum rizo melifluo, qual não mostra
O Pai mais terno aos Filhos q' idolatra,
Lhes falla assim: (do Sacro Labio a hum tempo
Grato aroma vertendo, que bastára
A divinizar o Orbe; e á Voz sublime
A hum tempo suspendendo as Lyras d' ouro,
E a Solfa excelsa os Querubins, e Archanjos,
Que lhe rendem alli Louvor Perenne!...)
» Delegados fiéis, Leaes Ministros
Do meu Poder! Vós Numes Tutelares,
Q' a minha Providencia, já prevendo
Dos miseros Mortaes malicia, e dolo,
Co' as duras traças, d' Asmodêo rebelde,
Se dignou de crear a bem do Mundo!
A vossa dor conheço, e sei-lhe a causa,

A meu pezar a sei, s'accaso póde
Em mim caber pezar; pois d' igual modo
Que dimana de mim qualquer ventura,
Nunca o mal poderia ter effeito
Sem minha permissão: mas os Destinos,
Ou d'esse eterno Codigo immutavel,
Onde tão só o Dedo meu folhêa,
As rectas Leis, q' o Mundo chama Fado,
Leis que m' impuz eu mesmo, e que não devo;
Nem me cumpre quebrar, mil vezes fazem
Que confrangido eu obre contra o proprio
Meu desejo, dos Homens impellido!....
Em premio a sacrificios, e desvellos
Sem conto algum da parte de Vós ambos,
D' Hespanha, e Portugal, por hum terrivel,
Vil monstro de fortuna, q' abusando
De meus favores a mim proprio insulta;
Desolados os vossos vastos Reinos,
Primeiro com o palio d' amizade,
E logo no mais vil descaramento;
Roubado o vosso haver, e sangue, e honra,
Vossas Constituições, vossos Costumes,
Invertidos, pizados; sobre tudo
A triste ausencia, ou roubo dos meus Caros....
Sim, outra vez eu ouso repetillo,
Dos meus Caros Reis vossos; são por certo

Justo motivo á vossa dor profunda,
Sim por mim consentida, mas sómente
Com hum certo limite, e certo prazo;
Pois q' a não consentillo, ou não querello
Arbitrio meu, sem precisão dos vossos
Exercitos, e vossas Alianças,
Apenas huma leve crespatura
Do meu Sobrolho ha muito aniquillára
Essa turba d' insectos, ou nefandos
Reptiz, q' ouzão chamar-se Omnipotentes!...
(A cujas rijas ultimas palavras,
O proprio Ceo tremeo sobre seus eixos!...)
Tu porém, immortal Genio de Lyzia,
(Prosegue o Deos) tu q' outras vezes muitas
Tens provado iguaes golpes, porque causa
Não mostras o valor, q' então mostraste? »
» Monarca Eterno (o Genio lhe responde,
Por tres vezes curvando-lhe primeiro)
Tu Rei, perante quem os Reis da Terra,
Imperadores, Cezares, se somem,
E menos inda avultão, do q' avultão
Impreceptiveis atomos, q' exalão
Do pantano aquecido c' os fulgores
D' hum Sol Canicular!... tu me perdoa:
Mas golpes, q' hoje sinto, aos q' outro tempo
Eu já senti, que proporção ter podem?

Nas outras duas vezes, pois o lembras,
Que Lyzia padeceo hum jugo estranho,
Nem estranho, nem jugo eu lhe chamára,
Mudando apenas de Monarca, e Nome,
Hum mesmo sendo o Sangue, hum mesmo o Uso,
Quasi huma a Mente, e huma quasi a Lingua,
Huns mesmos os Altares, hum Deos mesmo,
Tu, oh Senhor! (curvando-lhe de novo:)
Hoje porém, oh Deos, da fange impura
D' huma Ilha escrava, e toda a vida escrava,
Perverso Homem surgio, (s' accaso he homem
Quem de sangue, e de lagrimas se nutre!)
Que busca sopear a Gente livre,
Que levou tua gloria, e gloria sua,
» Por mares nunca d' antes navegados, »
Muito inda além da longa Taporbana!
E o mais he, que forçando as vís barreiras
Do carcere perpetuo, que lhe déste,
(Ao abrigo talvez d'esse insondavel
Destino, ou sabias Leis, que tu m' allegas,)
Essa corja infernal, trepando ao Mundo,
Veio de chofre entrar nos feios Corpos
Dos Satellites seus, que não contentes
Da prata, e ouro, a innocencia immolão,
Timbre fazem de ser Leões, ser Tygres,
E profanão, Senhor, as Aras tuas;

Para mór tua injuria com teu Nome
Na boca, e ao Coração Lusbel sómente!...
O proprio Rei Mancebo, cuja perda
A's priscas invasões abrio caminho,
Lyzia o vio acabar, por honra sua,
Sua consolação, co' a mão na espada,
Huma Causa a mais justa protegendo,
E propagar buscando, não rapinas,
Mas tua insigne Fé.... ai que diffrença!
Evadindo-se ao Drago famulento,
Lá vai João Excelso, com a Excelsa
Prole tenra, e sem sombra só de crime
Com ella entregue á cólera das Ondas
A quasi Octaginaria, a Santa, a Diva,
A Rainha immortal.... oh Jove! oh Jove! »
» Não mais (eis q' o Supremo Nume o atalha,
E n' hum sorriso, que vertendo ao Mundo
Então em feia, em horrida procella,
Os ventos lh' amançou, quebrou-lhe os mares,
Dest' arte diz:) não mais; completo o prazo,
Que te disse, já foi, e em poucos dias
De Lyzia para sempre vai soltar-se
Co' favor do Bretão a Praga enorme;
E ao seu Ministro, ou Genio d' Inglaterra,
(Ah! daquella q' outr' ora me foi grata,
E cujo esforço eu inda estimo, e prézo,)

Ordem nova intimei, a fim q' estreite,
Cada vez mais, sua união comtigo;
E ao d' Austria, com os outros d' Alemanha,
Ha pouco eu admoestei a tal respeito:
Nem talvez tarde muito o feliz tempo,
Em q' Iberia disfructe igual fortuna;
Limpa de todo a próvida Seara
Do joyo intruso da feroz torpeza!...
Descei; e tu em Lyzia isto divulga,
Seu Governo, e seus Chéfes confortando,
E mórmente Silveira, porque tome
Para novas proezas vigor novo! »
Disse o Deos: e mais rapidas q' a Seta,
Mais q' a luz do thelegrafo, mais q' outro
Qualquer invento humano, as Divindades,
A través d' outros Sóes, e d' outros Mundos,
De varias Regiões, de Gentes varias,
A' terra baixão com o fausto annuncio,
Novas azas prestando-lhe o desejo,
Huma ao Gualdalquivír, com Outra ao Téjo.

CANTO II.

ARGUMENTO.

Contra o Gallo a remir o Porto, e a Beira
Marcha o Gram Welleslei co' a Tropa Unida,
E certo da Victoria ao bom Silveira
Ordena que do Imigo obste á fugida;
Da Gente iniqua expende gentil Dama
Furia, e raiva, e o Britano mais s' inflama.

JA' então dos jardins da nova Athenas,
Ou da recente Sparta, em cujas margens
Borbulha rindo o placido Mondego,
A' testa das terrificas Phalanges,
Q' o Velho do Albião arrostra ao Gallo,
Ao Gallo seu Rival (Rival da Honra,
E da Virtude) o Campeão potente
De Roliça, e Vimeiro, vez segunda

Contra elle a passos longos desfilava:
Bordão-se estradas, bordão-se vallados,
As arvores se croão, croão muros,
Co' a Chusma que d' huma, e d' outra parte,
De Villas, e d' Aldeas corre leda
A ver o Anglo, que d' Anjo apenas dista
Em nome, em face; e q' ao verdor dos prados,
(Em cuja pompa, e galla a Primavera
Parecia esmerar-se porque amime
Ao seu Libertador,) hum matiz novo
Ajuntava co' a farda escarlatina,
Côr grata ao coração, á alma, ao olho,
Q' estupidos não são, nem são Francezes!
Não menos bella, impavida não menos,
Co' a Tropa Auxiliar, prosegue mixta
Parte da Luza; e nella brilha em dobro,
Desvanecida do Bretão seu Chéfe,
Trant illustre, e tão sabio, como forte,
A do Corpo Academico formada,
Q' a Patria vendo em prigo, pelas Armas
As Letras troca, ou Armas une ás Letras,
Pois Pallas, e Minerva Diva he huma;
Ambas quadrando ao Escolar brioso,
» Adonis desarmado, armado Marte. »
Essoutra, que se segue, e em quem veceja
O Cocar, o Jaleco, a Pantalona,

Da côr, q' anima a férvida Esperança,
A Legião he nobre, e destemida
Dos Emigrados fidos Portuguezes,
Que na famosa Londres s' allistárão
Para volver de novo á Patria afflicta,
Trazendo á frente a Wilson denodado,
Com quem prigo não ha, que não desprezem;
Wilson, mais que Bretão no berço illustre,
Mais que Luso no amor a seus Soldados,
E cujo honrado sangue de mistura
Muitas vezes já tem banhado a terra.
São logo cá, e lá em varios pontos
Os varios Batalhões, q' em corpo, e gesto
A Provincia denotão, q' os gerára:
He primeiro a vermelha, e alta, e grossa,
Que Lyzia cria ao Norte, costumada
A' parcimonia, e ao rigido trabalho,
Apta por isso a ossudos Granadeiros,
Ou Dragões, d' horrendissimo bigode:
Está depois a flórida, a polida
Gente de Estremadura, e maiormente
A da culta Lisboa, que por dada
Aos Bailes, e aos Amores, não duvida
Na urgente occasião correr ás armas,
Tão ferrada em affecto, como em odio,
Incapaz de rival, e d' inimigo,

Propensa á industriosa Engenharia:
Depois vem a pequena, mas robusta,
E morena, torrada pelo Clima,
Familia d' Alemtéjo, que vezada
Aos rebanhos, dá bellos Cassadores;
Soffrida por seu uso á chuva, e á calma:
Vem de resto a bravia, imprecadora
Raça Algarvence, que rebelde a jugo
No seu brioso Olhão foi a primeira (1)
Em proclamar a antiga Liberdade,
E que por atroadores, por austeros
Da rude Artilheria os sons estima:
Vai dispersa por entre a Tropa brava
A Gente, que das Ilhas florecentes,
Colonia sua, Portugal convida;
Não talvez a mais rija, mas moldada,
E submissa a qualquer tarefa imposta,
Ou sobre a Terra, ou n' aspera Marinha.
Forceja apôs a Gente belicosa
O Curvado Ancião, q' em benção ferve,
E seguilla quizera; corre, e gyra
Apôs ella a Donzella pudibunda,
Que reza, e em nova purpura s' esmalta;
A cuja vista o bravo Cavalleiro

(1) Ao Sul de Portugal, etc.

Brinca o frizão, e o destimido Infante
De novo se perfilla, a marcha acerta;
Ellas, e elles s' accenão, n' huns se sólta
Saudoso pranto, e n' outros terno riso,
Todos s' amão, e longe adeos repetem,
Ligeiro para alguns, e terno a muitos!
Eis consta ao Gallo a marcha inopinada
Do pavoroso Exercito, e q' á frente
Lhe troa Welleslei, de cujos rayos
Inda mostra as recentes cicatrizes!
E vendo que brigar já lhe não cumpre
Com Turba inerme, ou povos descuidados,
(Lobo contra Oves, e Ove contra lobos,)
Completo em parte o primo seu intuito
D' estragar, saquear, em mais não cura
Do q' em pôr a seguro a rica preza;
Nem ponto se lh' offrece mais propicio
A' fuga, que pertende, do q' o ponto,
Que de força menor acompanhado
Silveira alli sustenta; e congregando
A Quadrilha dispersa, audaz resolve
Tentallo:... mas em vão; onde he Silveira,
Ponte huma só não ha, são pontes duas,
Huma de pedra, e de diamante a outra,
Q' amolgar jámais soube a fogo, a ferro,
Ou he ponte, e muralha, a qual mais rija!

Soult, ao dinheiro, e ás joias atracado,
Na rica Praça está; Soult que vaidoso
Do Gallego rendido, cuida insano
Q' ha de em Lyzia manter o mesmo orgulho!
Eis Gente sobre Gente á ponte expede,
Q' ou não volve, ou lhe volve destroçada;
Vendo cahir as barbaras Columnas,
Como as folhas no Outono ao menor Sopro,
Sem que lhes valha esforço, ou traça nova,
De braço, ou de rodantes parapeitos,
De que Mantua escusou, d' Eyland não vistos!
Alli segunda vez no Sollo mesmo
O terrivel Loison as costas víra;
Lá o cruel Laborde em local novo
De novo abate a tumida arrogancia:
Ah! quantos insepultos deixa o aço
Em pasto ás feras! quantos meio ardendo
Bebem contra vontade o doce Rio,
Que lhe amarga de morte! tal ditoso,
Q' ao pelouro escapára, encrava o peito
Na fulgida bayoneta; tal do alfange
Se mette no fuzil; este s' empina,
Aquelle se rebaixa, algum se torce,
Rebola outro no chão; todos soccega,
Irmana por fim todos morte vária!
Perdidos d'este modo, assim frustrados

Dias e dias, sem q' hum passo avance
O Gallo effrene, o proprio Soult emprende
Em pessoa descer á crua lide,
Fero audaz, mas em vão; o que já fôra
Fogoso Rayo ao Norte d' Alemanha,
Sobre o Norte de Lyzia agora he gello,
He neve, he nada aos olhos de Silveira,
Q' o repelle, q' o móe, e piza, e calca;
E se hum pouco recua, he tão sómente
A fim que melhor salte: d' igual modo,
Indo, e revindo o Aríete pezado,
Quanto mais alto sóbe, cahe mais forte
Sobre a rude muralha, ou porta rude,
Que rompe, e q' espedaça; ou d' igual arte,
Do sabujo, ou da farpa ressentido,
Na praça retrocede o feroz Touro,
Espuma, raspa, e muge, até q' investe,
Cavallo, e Contendor lançando aos ares!
Raiva o Gallo frenetico; e curando
Apôs pequena pausa grandes golpes
Em sangue, em honra, Gente nova aggrega,
E torna a combater a ponte insigne,
Mas em vão mais que nunca! ao denodado
Heroe prestante, que sem mais reforço
E per si rebateo fluxo, e refluxo
Das famelicas Hostes, nesse tempo

Unido já se tinha o sempre invicto
Illustre Beresford, q' a si tomára
O Luzo Mando em Chéfe, e a cujo Braço
Provado havia o Monstro a arte, e pezo
Por outras muitas vezes, e mórmente
Na terrivel Corunha, ao lado altivo
Do bravo, e terno Moore, ou novo Codro,
Que, por salvar aos Seus, a si s' immóla.
Força ampliando a força, engenho a engenho,
Vigor novo acrescia ao Par sublime
Co' a próvida Influencia, excelsa, augusta,
Que lh' emana dos Cinco Delegados
Q' o Principe immortal lhe representão;
Se por ventura número ha bastante,
Que representar possa ao mais Virtuoso,
Ao mais divinisado, e ao mais amavel
Dos Principes, que Lyzia chora auzente,
Comtigo, oh preciosissima Carlota!
Ao alto Nome seu, ao Nome sacro
De João, que de novo esperta, aviva
Em labio, em coração, o Heroe, brilhante
Já prizões não conhece, nem lh' importão,
Ou trincheira, ou reducto; e á semelhança
Do maior dos flagellos de Deos Forte,
Quando busca exprimir seu justo enfado,
Do trovão subterraneo, q' em seus eixos

Faz a Terra abanar, e d' improviso
De seus limites o Occeâno arranca,
Quebrando a quanto encontra; tal Silveira
D' Amarante s' espraia, a ponte salta,
E sobre o Inimigo assim carrega,
Que bagagem, expolio, e Campo, e fama
O constrange a trocar por vergonhosa
Torpe fuga: ... porém para onde, ou como?
Igualmente quebrando a quanto encontra,
Ou formado, ou disperso, das protervas
Patrulhas Inimigas, entre tanto
Já Welleslei passára o fertil Vouga,
(Cujo transito o pérfido Contrario,
Que brigar não costuma sem vantagem
De posição, de forças, e d' imbustes,
Tolher-lhe em vão quizera;) e a marchas longas
Tendia em direitura á gram Cidade,
Q' ao Reino deo o Nome, (em honra ao Gallo,
Não ao d' hoje, maligno, Atheo, perjuro,
Mas ao antigo, Ortodoxo, pio, e recto,
Juntando o nome seu;) Cidade illustre,
Opressa desde dias, livre, e nobre
Desde évos, opulenta, e celebrada
Por seu vasto Commercio, e mais que tudo
Pelo rubro liquor inestimavel,
Que dá tom á saude, allegra a vida,

Fundos ais adormece! grato, amigo,
E prestante liquor, o mais precioso,
Que talvez d' igual côr conhece Europa,
E a quem Natura próvida parece
Dotar não só de corpo, mas d' esprito,
Capazes de levar seus dons intactos
Além d' Africa adusta, além da extensa
Mult'clíma Asia, e mesmo ao Novo Mundo;
Dignos em fim d' ornar a meza a Jove,
E supprir-lhe ambrozía, ou doce nectar,
Se d' exportar-lhos lá maneira houvesse!
Pouco antes a manhã risonha, e pulcra
Rayado havia, mais gentil, mais bella
Do que nunca, talvez pronosticando
Surgída a Paz sobre o Paiz mimoso,
Onde a Vide abraçando-se ao Olmeiro,
E ao milho affavel o lugume amigo
Da modica Pobreza, ou sustentando
O Chopo á hera, e a Cana ao Jasmim debil,
(Mudas increpações ao Rico avaro,
Espancador da misera indigencia
Q' em vão lhe roga auxilio) tudo fôra
Prazer, ventura, amor, s' Erymnis fera
Alli por mão do Gallo não tivesse
Semeado o vil pomo da discordia,
E accezo o faxo da cruenta Guerra!

De seu destino apenas curta marcha
O Exercito distava ; e no seguinte
Prospero dia ; dia Anniversario
Do Principe exemplar , o Inglez jurára ,
Que sobre as Torres do remido Porto
O Luzo Pavilhão tremularia.
Eis que ferido o retezado couro
A golpes certos das rotundas varas
Alto manda fazer á Tropa insigne ,
A fim de refazer-se o lasso corpo ;
E , ao signal conhecido , hum estirado
Sobre a dura patrona a face inclina ;
Com o oleo reluzente burne a arma
Outro mais desvelado ; este prefere
Co' lapis côr de sangue , regras tortas
Lavrar á noiva ausente , onde lh' exprime
Feitos não feitos , com hum pranto eterno !
Aquelle , e a maior parte , aos mais avulso ;
Ou no solito rancho , sobre a relva
Da poenta moxila á breve etápa
Ajunta o que na prolongada via
Comprou , e não comprou ; está a hum tempo
De largo remoendo o grão barbado
O Bruto , em quem primeiro cuida o Dono ,
Grato a seu conductor , e ao seu remedio.
Corre entretanto as filas destroçadas

O Egregio Welleslei, a cuja vista
Fervoroso o Soldado empina a lata,
E n'um grito geral em torno applaude
A' Patria, a Elle, com João, com Jorge,
Que confunde entre si, e que no affecto
Mal distingue ou Bretão, ou Luzitano!
Eis passa o Chéfe por brilhante roda
De luzidos Cadetes, onde hum delles,
Tomando a vitrea taça, alli vez outra
Saúda á gram Nação, Briosa, Altiva,
Do Mar Senhora, e Arbitra da Terra,
Tutella a Portugal, a Hespanha, ao Mundo!
Cortez o General retoma a taça,
E lhe faz a razão, brindando ledo
A Varões dignos, e a fiéis Vassallos,
De q' inda, (a expensas do veneno, e tramas
Do commum Inimigo,) o Mundo s' honra,
E tu principalmente, oh nobre Lyzia;
Entre os quaes o lugar vos he primeiro,
Tronco illustre, oh Silveira, e Vós seus Ramos,
Oh Filho (1), oh Genro (2), oh bravo Irmão Sciente (3),
Que sangue herdais do Heroe, e Nome, e Brio!

(1, 2, 3) Os Illustrissimos Senhor Manoel, Senhor Bernardo, Genro e Primo, e Senhor Antonio da Silveira, etc.

Tu exímio Fonseca (1), tu Miranda,
Tu Bacelar, tu Lopes, tu (2) Botelho;
Nem Vós m' esquecereis, oh Castro (3), oh Sousa (4);
Com vosco, oh Tres impavidos (5) Cabreiras;
E Vós ambos, hum, e outro Leite insigne,
Ignoto (6) para mim, ou Tu (7) q' as flores
Da Juventude eu realcei comtigo,
Em Horto mais sadio, em Sol mais bello!
Tu, oh inclito, oh Nobre Lavradio (8),
E Tu, oh Nobre, oh Inclito Ribeira (9),
Q' Ordens, q' hoje cumprís, dareis hum dia;

---

(1) O Illustrissimo Senhor Agostinho Luis da Fonseca, Coronel do Regimento de Infanteria número 9.

(2) Todos estes assás se distinguem pelos seus meros Appellidos.

(3) O Major da Cavallaria número 9. Senhor Martinho Correia de Moraes e Castro.

(4) O destemido Sargento Francisco Luis de Sousa, que tanto se distinguio sobre Penafiel contra forças muito superiores.

(5) Irmãos bem conhecidos, e a quem muito particularmente se deve em grande parte a Restauração dos Algarves, etc.

(6) O valente Alferes Alexandre Leite, etc.

(7) O Excellentissimo Senhor Francisco de Paula Leite, Tenente General, e Governador da Praça de Elvas.

(8, 9) Os Excellentissimos Marquez do Lavradio, e Conde da Ribeira; ambos Ajudantes de Ordens do preclaro Heroe, etc.

E outros (1), em quem poder não acha a morte.
Era na roda hum Capitão Mancebo,
Só provecto em valor, esbelto, airoso,
Destro em pé compassado, e voz arguta,
Q' o subtil dedo á Cithara ajustava;
Joven q' ao fecundissimo talento
Unia alta lição; votado ás Muzas,
Para croa de tudo! mas infausto
Em lances da fortuna, ou seus favores;
Lézo d' amor mil vezes, mil ferido,
E morto mil, s' amor morrer deixasse,
E aos golpes do ciume por triaga
Não guardasse em reserva hum brando rizo;
Rizo onde a alma deixa de ser alma,
Tino, e razão perdendo! o qual nascêra
Na gram Villa (2) a quem rega o Sado opímo,
Tão conhecida pelo çumo grato,
Que do fragrante almiscar tem seu nome,
E o salso humor gelado, de q' o Moço
Assás inculca o moscatel na fraze,
E no conceito o Sal: Este de novo,

---

(1) Seria difficil, e quasi impossivel nomear todos os que nesta Campanha se fizerão Benemeritos da Patria, etc.

(2) Setubal: disculpe-se ao Vate em huma Obra Patriotica esta commemoração da Terra que lhe deo o Ser, etc.

Libando o térso Copo, assim promulga:
» Vai por ti outra vez, por ti mil vezes,
Oh Welleslei, oh sabio, oh forte, oh bravo,
Cujo esforço ha brilhado em mais d' hum Mundo,
E em muitos brilhará!... Sim, Chéfe Illustre,
Meus Votos são por ti, e pela honrada,
Honradora Nação, a frente cuja
Preside o Rei, q' em suas mãos sustenta
A ancora salutar, e a pranxa immune
D' Europa naufragante! e a quem debalde
Concede a primazia sobre as Ondas
O Inimigo feroz, porque s' arrogue
A sua sobre o vasto Continente:...
Não, não! qual és nos mares, tal na terra
Tu és, oh Gente excelsa! se nos mares
Em ti fervem Gervís, Nelsôns refervem;
Com Beresford na terra, e, Arthur, comtigo
Brotão rijos (1) Ebêns, rebrotão (2) Maynes! »

(1, 2) Os muito Honrados, e Valorosos, Barão de Eben, no Exercito de Portugal, ultimamente Governador da mesma Praça de Setubal; e o Illustrissimo Brigadeiro Guilherme Mayne, no de Hespanha: debaixo destes Nomes eu quizera igualmente contemplados innumeraveis outros benemeritos Inglezes, que em ambas as Nações tem patenteado o seu Heroismo, etc. Veja-se principalmente a respeito desta Gloriosa Campanha o Officio

Parte o Chéfe dalli, e em turno pleno
Ao Estado Maior as ordens passa
A fim d' executar-se o douto Plano,
Que no proximo assalto s' ha proposto:
Pasmão os Cabos, Subalternos pasmão
Do tom sublime, e magestoso imperio,
Q' a Victoria antecipão! mais que tudo,
Tudo encanta ao rigor da disciplina
Affago e rizo annexos; rizo, affago,
Q' o Bretão generoso amplia, extende
Aos lacrimosos Exules infaustos,
Que da Cidade evadem noite, e dia,
Fugindo á servidão, buscando azilo
Na Tropa Combinada, amiga Tropa,
E no gram Welleslei, que terno, e bravo
Os acolhe, os provê, os interroga
Sobre a força, e projectos do Inimigo,
Seu porte iniquo, e barbara conduta.
Foi então que discreta, pulcra Dama,
E que d' idade apenas contaria
Cinco lustros, a passo nobre, e grave,

---

transcrito no Supplemento Extraordinario da Gazeta de Lisboa número 21; e dado na Cidade do Porto em 12 de Maio á sua Corte pelo proprio Excellentissimo Tenente General Welleslei, etc.

De negro escasso véo coberta a fronte,
E longa cauda a rastros, baixo o rosto,
Alto o Seyo por novas esperanças,
Rompendo affouta o Circulo infelice
Da gente vagabunda, s' apresenta
Ao summo General; sizuda, honesta,
Ao carmim proprio o da modestia unindo,
Solta pelo hombro eburneo a trança loura,
Macerados, e lividos os olhos,
(Assim mesmo gentís, e em cujos rayos
Parece q' inda tacitos s' esculpem
Mil trofeos de preteritas victorias
Sobre almas ternas, corações sensiveis,
Da virtude, e d' amor sómente proprios)
Buscando em vão suster hum lindo pranto,
Q' a volve mais jucunda, e bella em dobro;
Da longa estrada as vestes mal tratadas,
Ah! e a pezar seu fundo á alva carne
Do lizo pé trahindo a rota seda!
Com dois tenros Mininos, Filho, e Filha,
O Filho pela mão, a Filha ao collo:
Eis lavra ao vêlla subito murmureo
Por entre a Tropa que s' apinha em torno,
Alguma licenciosa, honesta alguma
Varia, em varios affectos repartida!
» Senhor (começa a Dama o véo depondo

Com profunda mezura) se pertendes
Duras maguas ouvir, a mim m' escuta,
A mim q' os insondaveis Ceos fizerão
Triste emblema da minha Patria triste,
Que vio atrocidades, quaes não vírão
Nem Leiria, nem Evora, nem Béja!
Era mais que medíocre a fortuna,
Q' eu gozava; avultado Patrimonio,
Herança de meus Pais, e fructo a hum tempo
Da laborante, e desvelada agencia
D' hum Marido, ai de mim! o mais amavel:
Nesse dia fatal, em q' huma nescia
Insubordinação abrio as portas
Da misera Cidade, q' arrogante
Talvez não cederia d' outro modo,
(Tumulto, que nem mesmo suster pôde
Tua Voz Sacra, oh inclito Prelado!)
Tudo perder-se eu vi; rotos meus cofres;
Extorquido o suor de muitos annos,
E o resto d' huma esplendida mobilia
Immolado ao rancor do Sabre duro!
De dois Irmãos, q' eu tinha o mais idoso
Militar era, e victima funesta
Foi d' arcabuz maligno, sem mais crime
Que cingir a seu lado o Patrio ferro;
Outro sem culpa mais q' o Sacerdocio,

Cahio morto abraçado ás Santas Aras!
Minha provecta Mãi, com outra minha
Irmã donzella, envoltas na terrivel
Alluvião maldita, de meus olhos
Arrancadas me forão:... Ceos! guardai-as,
Ou ao menos fazei, que sejão mortas
Sem quebra a si, e sem injúria á Patria!
Fiel Criado, q' a meus Pais servíra,
E a seu cólo me trouxe, nobre, honrado,
Bizarro, generoso, compassivo,
Inglez por fim, oh Sir, da Nação vossa,
Tendo-me acautelado o dia inteiro,
Salvar-me pôde na profunda noite:...
Mas ai delle, ai do misero Filhinho
Meu primeiro, e enfermo q' em seus braços
Conduzia! o tumulto, o susto, e as trévas
Delles me desgarrárão; e mais delles
Até hoje não pude haver noticia.
D'estes o Pai (aos filhos apontando,
E ao grato nome olhando em roda os Filhos
Para ver se o descobrem) o Pai d'estes,
E d' outro, a quem o Ceo poupou taes Scenas,
Oh! como o contarei? morto já fôra
Na cruenta manhã do mesmo dia,
Não ás mãos (oxalá!) dos vís contrarios,
(Q' inda então em distancia só se vião,)

Por seu Deos, por seu Principe, o seu peito,
Espondo ao ferro, e ao fogo; porém morto,
(Ai que dor!) por estolida Cegueira,
Dos seus mesmos: em tanto q' o prudente,
Varão discreto cumprimir buscava
Anarquia, ou desordem, que foi causa
Da Catastrofe infausta, hum falso zelo,
Ou zelo intempestivo, faz cahillo
A hum cento de punhaes, co' a nota horrivel
D' infame Jacobino:... (1) ai, ai q' affronta,
Q' impostura! eu, Senhor, a cada instante
O tratava, eu o ouvia; quantas vezes
Os nossos mutuos ais se confundírão
Os desastres da Patria condoendo?
Vezes quantas ao justo Ceo voárão
As imprecações nossas contra o Monstro,
Origem de mal tanto, e tanto estrago:...
Não mais, oh Sir, não mais, isto sómente;
S' hum dia em ti couber authoridade
De punir aleivosos, não te fies,
De sinistros informes, ou de vozes
Mal expressas, ou mal interpetradas;
Querer do coração julgar por ellas

---

(1) Uso desta palavra como a mais vulgar, e tão conhecida commummente em toda a sua acceção, etc.

He arrogar-se o Homem regalias
D' hum Deos grande, o qual só penetra, e sonda
O Pensamento humano! se julgares,
Por factos o pratica, ou ducumentos
Irrefragaveis; e inda nesse caso
Distingue, oh General, a culpa, ou crime,
Talvez forçados pelo atroz cotéllo;
Do que livre peccou por má vontade!
S' acaso » .... avante a Dama proseguia,
Mas improviso ruffo, dando a Sanha
De finalizar a hora de repouso,
A's armas chama; e o General, exacto
Em cumprir o primeiro as ordens suas,
Da Dama se despede, e digna escolta
Faz q' a salvo a conduza, e recommende
Debaixo de seu nome á Corte excelsa;
(Pois tanto val prostrar o vil delicto,
Como erguer o virtuoso em lance adverso)
E taes vozes extrahe do peito ao labio:
» Vai, oh Bella, oh Formosa! e longe destes
Sanguinolentos Campos, onde a morte
Por instantes derrama o negro Calix
De todo o azebre seu, em melhor Clima
Busca ar mais digno dos Jasmins, das Rozas,
Q' a face te matizão! vai segura;
E s' Arthur he Inglez, s' Arthur não mente,

Por esse vivo Lume, que nos olha,
Neutro, imparcial a nosso pranto, ou rizo,
Por tudo o q' ha na Terra de mais Sacro,
Por Jorge, por João, eu te protesto,
Que tu, e teus Irmãos, teu caro Esposo,
A Patria Afflicta, e o Ceo com ella oppresso,
Dentro em pouco obtereis Vingança justa! »
Disse: e pelo seu mesmo Heroico braço
Subindo a grave Dama a Coche idoneo,
Parte ella á fresca Abrantes, donde embarca
No fertil Rio, em cujo espelho ondêa
Seus Torreões a Capital brilhante,
Q' o Sol vê derradeira, e lêdo morre!
Mais por extenso então, e mais d' espasso
Contando a Nobre Dama os Casos tristes
Da funesta Provincia, q' assim feios,
Horrorosos, quaes são, alli narrados
Pela boca gentil, dão gosto, aprazem
A' fausta Companhia, q' os escuta!...
Mas ah! não só a nauta Comitiva
Lhe presta ouvidos seus; presta-lhe ouvidos
Não menos o almo Téjo, que, suspensa
Do Leito seu aurifero a musgoza,
Gotejante grizalha, a vai seguindo,
E a fria Urna lh' esparge manso, e manso,
Ouvindo-lhe as querellas lastimosas;

E apenas ella acaba, elle começa:

» Ai de mim! ai de mim! tranquillo, e brando,
Sem m' importar jámais o lar alheio,
Vendo ferver no peito a meus Nativos
O denodo, o valor, o brio, a honra,
Longe d' Amigos, longe d' Alliados,
Por bravios tufões, Certões rebeldes,
Além do vasto Atlante, além do Ganges,
Eu os mandei Croar d' immensa gloria,
E de proveito encher o Mundo inteiro;
Ou se no seu Paiz tomárão armas,
Foi tão sómente a fim de repellirem
Insulto, e força, que soffrer não sabem:...
Que tem hoje comigo estranhas Gentes?
Ou q' ultraje eu lhe fiz, para m' impôrem
(Ah! tal não me escuteis, oh Castro, oh Nuno!)
Debaixo d' amizade Leis severas,
A q' as não provoquei?... Será meu Crime
Minha fidelidade ao prisco Amigo?
Será minha Virtude a que merece
Q' exilada eu lamente a Prole excelsa,
Meu antigo prazer, delicias minhas,
Que, sorrindo a hum Hospede gravante,
O possivel favor lhe recommenda,
E q' antepoz a hum Reino, e a seus deleites
Serenidade, e paz d' hum Povo Amavel?

Ou vem segunda vez a Seyta iniqua
Minhas Terras talar, porq' a primeira
Meus Arsenaes lh' abri, e meus thezouros?
Mas eu não, minha fé, lisura minha,
Caracter sempre do potente, e forte,
Lhos abrio; pois o Barbaro sabia,
Q' ao ferro, que foi rayo em Dio, em Ceuta,
Combater só podia com cilladas,
E falso riso armado, q' o Preverso
Inda soube escoltar de riso, e armas
Da nobre Iberia, q' illudio não menos,
Orfa, como eu, envôlta, como Lyzia,
Em opprobrios, em lagrimas, em lucto!...
Ai! ai! » e suffocado em nova magoa
Frente, e dor mergulhou debaixo d' agua!

CANTO III.

ARGUMENTO.

Prodigios de Valor tendo já feito
Na Ponte insigne, ao Barbaro, que mostra
Sua fraqueza, e foge apôs desfeito,
Silveira novamente ataca, e prostra;
E sendo inutil já, que mais prosiga,
Descançar busca da horrida fadiga.

VOLVE a marchar o Exercito da mixta
Gente guapa, a melhor q' admira o mundo
Em brio, arte, ou policia! e maiormente
Depois q' enthronizado o baixo Corso
Essa França, q' achou subida ao auge
Do lustre, e gloria, anivelou de novo
Aos tempos da barbárie a mais extulta,
Fazendo-a recuar evos dezoito

Do timbre, e do splendor, para os costumes
Da cruenta, bizonha Cafraría!
Por armas, por bayonetas, por espadas
Reproduzido o Sol, brincar parece
Reflexo seu, reacendendo os ares,
E rival do Fuzil cegando os olhos:
Apôs este relampago aturado,
Obra dos Homens, seguem-se estampídos
Do longo seu trovão, ou pezo enorme
Da grave Artilheria; vale, e monte
Inda muda esturgindo; mais activos,
E mais estripitozos pelo surdo
Extrondo adjunto dos ferrados cascos
Da possante, veloz Cavalleria:
Surge aqui, surge alli em varios pontos
Da ambulante cerulea Massa rubra,
Matizada dos pulcros Estandartes,
Muzica álternativa, cuja acorde,
Grata assonancia os animos suspende;
E a cujo accento, della compellido,
O Camponez, ou rustico Paizano,
Ajusta o pé, cabeça, e peito altea,
E alistar-se quizera á Tropa ufana:...
Mas Gente mais não quer, mais Gente escusa
O inclito Welleslei, q' ao bom Silveira
Ordem fez expedir porque sustente

O seu posto (ou borrão da Turba invicta,
A quem Pyrineos, e Alpes se curvárão,
E não ousa transpôr estreita ponte)
A fim de q' a mais prompta retirada
Cortar possa ao Imigo, caso a tente;
Ordem q' ao bravo Heroe molesta, e afflige,
Ao Heroe, que dos proximos Contrarios
Tendo varrido os Campos, fausto, e ledo
Trocaria o Bastão pela Xibata,
A fim de q' o primeiro fosse á frente
Dos que buscão remir o Patrio Solo!
Mas he subordinado, he Luzo velho,
E justa submissão o prende, e ata.
Já aos olhos da Tropa irresistivel
Alvejavão ao longe as grossas Torres
Da cativa Cidade, e aos Ceos subia,
Mixta em fogo, pyramide volante
D' alto fumo, signal, ou certo indicio
De que na Casa estranha, á custa alheia,
Famintos preparavão novo pasto
A' furia, e raiva os Brutos carniceiros!...
A dor s' aviva, a chaga se renova
Nos fidos Corações co' a triste imagem;
Mas a chaga se rasga, a dor delira,
Quando aos Corações fidos se figura
Nos Patrios Muros a Aguia petulante,

Q' as Lyzes devorou, e que quizera
Ao Mundo devorar, e a muitos Mundos!
Estão ao mesmo tempo por janellas,
Por eirados da lugubre Cidade
Olhando ao longe trepidas Donzellas,
E curvos Anciões, a Gente amiga,
Que resgatallos vem; co' as mãos alçadas,
A furto do Inimigo, e o pranto aos olhos,
» Promettendo jejuns, e Romarias; »
Ellas, elles, com Virgens, e Meninos,
Aos Ceos rogando o êxito felice,
E o prospero Despacho á Santa Causa.
Eis q' o soberbo Soult, q' a si chamára
A Corja derramada, e forças novas
Acquiríra c' os Tygres rechaçados
Da desastrosa Tuy, grossa Columna
Expede contra a Gente bellicosa:
Misero! q' inda pensa talar Campos
D' Egypto incerto, ou vacilante Auzonia,
Onde o terror do nome pavoroso
As victorias lhe dava, sem primeiro
As Batalhas travar! qual prenhe nuvem,
Q' alto estragó ameaça, e surda a preces
Do Lavrador afflicto cresce, e rola,
Até q' estoira em fim, e na enxorrada
Gado leva, e Ceara, e Choça, e Dono;

Tal Welleslei impavido caminha
A seu destino, contra a turba audace
Leve Partida destacando apenas,
Que baste a castigar-lhe o louco intento.
A ti, oh Luzitano, oh forte, oh bravo
Número Dezaseis, ao flanco invicto
De não muitos Bretões, a ti convinha
Seres do fausto Dia a prévia Aurora,
Levando á tua frente o forte, o bravo,
Destemido Machado (1), que n' hum tempo
Nome, Sangue, e dever dezempenhando,
Racha, fende, expedaça, abate, e prostra
Do feio orgulho o barbaro Colosso!
Deo signal a trombeta Luzitana,
E como hum rayo o Portuguez desfecha
Sobre o Gallo, que treme, que s' assombra,
Por terra cahe; ou senão cahe por terra,
Aos pés confia a vida, e á vida o ouro,
Que soffrego da preza trás comsigo:
He em vão que na fuga elle s' acoita
A penedos, pinhaes; pinhaes, penedos
Com o Gallo ante si arrastra o Luzo,
Até q' em sôlta debandada os fórça

---

(1) O Excellentissimo D. Luiz Machado, Coronel do mesmo Regimento, etc.

A buscarem na Praça o seu refugio.
D' igual sorte q' a polvora expargida
Sobre o longo rastilho, em direitura
A' mina abrazadora, q' inflammada
N' hum só extremo, subito s' atêa
No extremo opposto; assim com o fermento
Do breve choque, ou leve escaramuça
Das Guardas avançadas effervece
A Massa inteira, que rebenta, e funde
Apôs o vil Contrario, o qual precauto,
Depois de a ter passado, a ponte queima,
Ou as barcas, que sobre o Rico Douro
A' nobre Capital o passo guião:
Porém em vão! de barcas, ou de ponte
S' escusa Welleslei, que vôa, ou nada,
(He inda incerto o como!) e vai de volta
Com o Inimigo entrar na grãm Cidade.
Muza, q' inda a intervallos me visitas,
Mas por pouco; talvez horrorizada
Do teu Hospede infausto, cego, e lezo,
Em funebre morada! rouco, e lasso
D' espivitar, entre ais, a luz morbosa
Do roto alampião!... ah! não me deixes;
Do eterno salutifero teu fogo
Fortalescendo ao labio amortecido,
Dá q' eu minha tarefa em fim conclua,

Expondo avante as inclytas Proezas
De Welleslei, e de Silveira insigne,
A par de Beresford; todos tres Luzos,
Ou todos tres Bretões! tal zello os liga
Contra o maligno Déspota inhumano,
Meu rival, teu rival, rival das Artes!
Ceos! novamente expulsa de meus olhos
Essa nevoa, q' o Sol lhes encobria,
Eu vejo mais que nunca encarniçar-se
O Demonio da Guerra, a largos sorvos
Bebendo raiva sua o sangue humano!...
Soult, que vaidoso de Canhões duzentos,
Na Cidade aprehendidos, e fiado
No invadiavel Rio, em lauta meza
Ebrio talvez, ou tonto s' esquecia
De que tem q' oppugnar Bretões, e Luzos,
Para quem não ha muros, não ha mares,
Q' ouzados não arrostrem, não transponhão,
Quer ao damno accudir, e já não póde:
Suas Guardas, e Rondas, e Piquetes
Surprehendido vê tudo; nem permitte
Soffrega Parca encher-se-lhes o vacuo!
Quando quer montar o Hússar, cahem feridos
Cavalleiro, e Cavallo, o chão mordendo;
Antes q' o sabre arranque, ao chifarote
Perde a vida o Infante, e varre a terra:

Primeiro q' o Canhão vomite a morte,
Ou desmontado foi, ou volta o estrago
A' mão q' o carregou; inteiras fillas,
Depressa organizadas, mais depressa
São rotas, são desfeitas; sobre o lodo
Inulta se revolve a Tropa invicta
Do grãm Napoleão! aqui desmaia
Hum dos valentes, q' escalou primeiro
A muralha em Madbourg; além falesce
O que montou primeiro em Ulm a brexa;
De galões, d' honorificas medalhas
Juncado está o chão:... de rua em rua,
De praça em praça rios d' alto sangue
Crimes da Gente insana lavarião,
Se lavar-se podessem crimes tantos!
  Welleslei, que na sórdida Matilha,
Ao supplicio arrastada, não quizera
Manchar o ferro seu, a grandes gritos
Chama por Soult!... mas Soult facinoroso,
Só cauto, e prevenido, e só Soldado
Em matar, e roubar, e que já tinha
Na vespera ordenado o Saque extremo
Da misera Cidade, mal que sente
A peleja travada, sacrifica
Ao rigor inimigo alguma Tropa,
Que sirva a divertillo; e a toda a brida

C' os Satellytes seus, como elle fracos,
Aleivosos como elle, se retira,
E carregado d' ouro, e de vergonha,
Acantonar-se vai sobre Valongo (1).
Já de posse o Bretão da Praça illustre,
E certo de q' aos prófugos cobardes
Silveira baste em retardar-lhe o passo,
Cuida em conciliar a Grey dispersa
Pelo Oppressor iniquo; Graças rende
Ao Senhor dos Exercitos; celebra
O Anniversario ao Principe saudoso;
Ao Povo afflicto as lagrimas enxuga;
Sua alma generosa até s' esparge
Sobre os proprios enfermos, q' o Perverso,
Tão só cuidando em si, abandonára;
E sahe logo a buscallo sobre o novo
Seu azilo!.... mas ah! o grande Chéfe,
Q' outr' ora militou sob Estandartes
Do nobre Pichegrú, que vio manobras
Do sem igual Moreau, já de taes Mestres
As lições deslembrando, e só lembrado
D' estratagemas, dollos, e perfidias
Do Corso usurpador (quando devia

(1) Pequena Aldêa, distante duas legoas da grande Cidade, etc.

Procurar huma airosa retirada,
Propria d' hum General, e competente
A's forças q' inda tinha) em torpe fuga,
Sem caixas, sem rumor, na densa noite,
Qual vil Salteador, elle se lança
Por entre emcruzilhadas, e rochedos,
Não cobrindo inda assim a retaguarda
Das batidas Legiões, porq' o primeiro
Seja ao prigo; mas sim á frente sua
Para o primeiro ser, q' ao prigo escape!
A' maneira d' hum rico, mas avaro,
Destro Especulador, que dia, e noite
D' elevado mirante olhos não tira
Da conhecida foz, por onde espera
Dos remotos Brazís, ou do Levante,
Bojudo Galião, de quem fiára
Todo o seu Cabedal; não d' outro modo
No seu posto o impavido Silveira,
Inquieto, insoffrido pelo estrago
Dos Vandalos modernos, d' alto serro
Co' a vista perspicaz, ou longa lente,
Estradas e veredas atalaia,
Huns sobre outros Piquetes expedindo
Pela vasta Provincia, pezaroso
De q' ha dias o Imigo o não visite.
Foi n' uma destas pausas, n' uma tregoa

Entre a vida, e entre a morte, onde hum Tenente,
Artilheiro, inda Moço, e sempre Moço,
(Para quem não ha Nome, ou Alfabeto
Adequado a formar-lho) acompanhado
D' outros dez Camaradas, escolhia
Idoneo sitio, a fim que nelle aceste
Pezado, enorme Obuz; quando sentido
D' huma Patrulha imiga, de quarenta
Dragões, foi della subito assaltado:
» Parabens! (gritou elle, vendo ao longe
Avançar-se o Contrario) o Ceo benigno
Alvo nos quiz prestar para ensaiarmos
Nosso trabalho! » e tiro sobre tiro
Por si mesmo elle expede, com q' a muitos
Fez tarde arrepender do nescio arrôjo:
Sôa o estrondo, toca se rebate,
E a cada golpe, q' o tambor soffria,
Hum cento alli correndo dos valentes
Soldados, sahe Silveira, e á frente sua
Voa ao sitio: ... mas ah! a nado em sangue,
Todo elle retalhado, e só no aspecto
Illeza a raiva, sobre o chão jazia
O misero Official, na mão já fria
Accezo inda o murrão, extincta a vida! ...
O Chéfe, que tal vê, de si s' esquece,
Ou se lembra de si, Amigo, e Homem,

E ao Chéfe esquece : eis geme, eis grave pranto
Nas faces lhe borbulha, e o grato Espolio
Nos braços apertando desejára
Trocar com elle a sorte, ou morte illustre.
Por entre as tristes alas, precedido
Da lugubre Sineta, e atrás o rouco
Tubo destemperado, conduzido
Já era á urna o palido cadaver,
Quando a precipitado passo longo
Provecta, agil Matrona, (a conta aos annos
Em cãs mostrando e rugas, como o tronco
Em casca e lenho;) altiva, e ladeada
Por dois Adolescentes; elles, ella,
Com a fronte enramada, e de purpureas
Faustas roupas, e o rizo em labio, em olhos,
Affouta encara o funebre semblante:...
» Elle, elle he! (ella diz) não m' illudírão;
He o Irmão vosso, e graças ao Ceo rendo!
(Fallando para os dois) o Irmão he vosso,
Q' inda vive, e respira! vós sómente
Os mortos, vós tão só á Patria os mortos,
Q' inda talvez folgais, quando ella geme!
S' acaso nós Mulheres não brigamos,
Indulto he por gerar, e criar filhos
Em sacrificio á Patria: infortunosa,
Triste de mim tão só, porque não pude

As feridas banhar-lhe, ou pelo menos
Cerrar seus olhos na ultima agonia,
E com elle abraçar-me! se vós outros
Não aspirais desde hoje, á mesma gloria,
Por meus vos desconheço, e tereis mesmo
A minha maldição!... » disse, e seguindo
O tardo funeral, mal que chegado
Foi ao Quartel postremo o Corpo frio,
Ella com suas mãos foi a primeira,
Sem hum suspiro só, em expargir-lhe,
E desejar-lhe leve (1) a grossa terra.
Não bem a triste Scena era passada,
Quando outra igual, pathetica não menos,
Nos arrayaes succede: Velho ruço,
Grossas pelles vestindo, o passo froxo
Firmando em rude baculo, mão, perna,
Queixo, e barba tremendo, alli s' avança,
E dest' arte a Silveira a voz dirige:
» Senhor! hum desses Moços respeitandos;
Que surprehendidos no fatal Outeiro
Hostia forão da Patria, era meu Filho,
E o terceiro dos meus, q' ao ferro agudo

---

(1) O facto, levemente ampliado neste Episodio, foi certo na sua maior substancia, etc. Outro tanto se póde quasi affirmar a respeito do Episodio seguinte, etc.

Cahir eu vi nest' horrida Campanha;
Triste de mim no inverno de meus dias,
Q' á Patria já não posso brotar fructo,
Ou as armas suster, que já sustive!... »
» Benemerito Ancião (o Heroe o atalha)
Logo que justa folga mo permitta,
Juro-te que serás indemnizado
Do teu damno: » Senhor, não essa a graça
(Lhe torna o Velho) q' exigir eu venho;
Poucas Oves, que guardo, com seu leite
O sustento me prestão; a lã sua,
Fiada pelas mãos de tenra Filha,
Tecida logo pela Mãi caduca
Veste a parca Familia; outro Pequeno,
Que lustro e meio contará d' idade,
Oh s' ás armas servisse! ora mugindo,
Ora sachando, ajuda os Pais cançados:
Durante a Patria em prigo, de qual uso
Me servirá mór lucro? d' entregallo
Ao fero Usurpador, comprando a ouro
O saqueado a mim, e ao meu Vizinho?
Antes morte, Senhor, que ver tal lucro!...
» Q' exiges pois de mim, oh Velho honrado,
(Lhe pergunta o Heroe; e o Ancião responde)
Isto só: inda tenho hum quinto Filho,
Porém ai! mais não conta que tres lustros,

E hum anno inda lhe falta, com mais duas
Polgadas só d' altura, a fim que goze
Requisitos da Lei; mas assim mesmo
Mais d'huma vez já tem sacado o agno
Ao Lobo tragador! mais de vez huma
Na luta entre os Zagaes de mór idade
Tem feito respeitar o seu Cajado,
Em que sabe fazer todo o manejo
D' arma, como fazello nunca eu soube!...
Dispensai, oh Senhor, eu vo-lo rogo,
A Lei vós dispensai a seu respeito,
Assentando-lhe praça: ou por máo fado,
(E nisto lhe ajoelha) se meus votos
Nada vogão, nem da ávida Reciuta
Desejo vale, e pranto, pelo menos
Valhão-lhe, oh General, as surdas vozes
De tres Irmãos, já mortos q' o convidão
A' mesma gloria, sobre igual Carreira!...
Oh Nobre, oh Grande, oh Portuguez, oh tudo,
Digno de ter nascido em Grecia, ou Roma,
Se Roma, ou Grecia Lyzia não valesse!
(Silveira eis grita, erguendo-o nos seus braços)
Teu Filho já não he, não he teu Filho,
He meu, he meu! he Filho, he Camarada,
He Hospede, he Amigo de Silveira!...
Vai oh bom Velho; manda-mo, e os Ceos pios

Hão de fazer q' em doce paz serena
Por longos annos as Virtudes tuas
Disfrutem o prazer de tello ao lado,
Porque cerre os teus olhos, já sem lume! »
Disse, e de novo o abraça; o bom Sarrano
Humilde a mão lhe beja, e se retira,
Mais ledo, mais ligeiro, que viera.
Eis que volve Silveira ao ponto primo,
Chorando inda o Amigo, e suspirando
Por encontro opportuno, em que lhe vingue
Os Manes, e o assassinio; quando escuta
Q' através de Caminhos tortuosos,
Por via inopinada, austera, e feia,
Que mais affeia horrivel tempestade,
Propicia commummente a malfeitores,
A salvo o Inimigo s' evadíra,
Bem que roto, sem ordem, sem bagagens,
E bem que Welleslei lhe vá na cóla!...
Não homem, não vivente, não sensivel
He já Silveira! he fogo, he labareda
Que brota, que sibila; ser folgára
Corisco, ou rayo, que das mãos de Jove
Mais rapido, e veloz q' o pensamento,
Desce ao Carvalho annoso, e o come, e o traga,
O Sitio em que medrou, deixando apenas,
Escaldado esse mesmo, e denegrido!

» Soldados (elle diz) tudo he frustrado!
Não quer, não quer talvez o fado adverso,
Que de cahir ao nosso ferro agudo
Disfrute a honra o perfido contrario,
Digno só do patibulo! Eia, amigos,
Meus nobres Camaradas, Irmãos d' armas!
Pouco faz qualquer Luzo, que não briga
Contra seu proprio fado! Eia corramos;
Se Tropas já não ha para investirmos,
He não menos do nosso insigne cargo
Charnecas alimpar, varrer montanhas
D' infames bandoleiros, vís banidos! »
Diz: e á frente da pouca Gente muita,
Muita em valor, em número só pouca,
Não corre, vôa!... e Beresford a hum tempo
Nova estrada occupando, he inda d' outras
Q' Outros incumbe, em cujo ardor confia,
Ou as Ordens lh' intimem, ou lhas cumprão,
Como em ti, Lumiar (1), em ti (2), Sampaio!...
De sorte igual as próvidas Justiças
Subito gyrão contra o Réo d' Estado,
Ou leza Magestade, humana, e sacra,
Por furtos, desacatos, e assassinios;
Q' ao favor da procella estrepitosa,

(1, 2) Os Excellentissimos Senhores, Conde do Lumiar, seu Ajudante; e Conde de Sampaio, Coronel de Cavalleria, etc.

Limar soube o grilhão na surda noite,
E deslumbrando astutas Sentinellas
Pôde escapar da sórdida masmorra!
Vôa Silveira, indaga, inquire, e escuta,
E como escuta, empina-se, retorce,
Baixa, resobe, qual Açor terrestre
Dos terrestres milhafres sobre a piza;
Milhafres, que por onde quer que tendem,
A fim talvez de q' ao Açor distraião,
Quimão, arrazão; e sem dó, sem pena,
Do misero, q' encontrão desgarrado,
Apôs morto o suspendem sobre os troncos!...
» Arripião-se as Carnes, e o Cabello »
Ao feroz Granadeiro, ou duro Infante,
Q' assim vê retalhado, assim sanguento
Ao Parente fiel, ou bom Vizinho,
E mesmo ao Camarada desastroso,
Q' com elle na Vespera ceára,
Q' ambos logo acolheo igual tarimba
E recúa d' horror, ou se suspende!...
Porém não se suspende, não recúa
O bravo heroe; por chammas, e ruinas
Por ventos, e trovões, q' ao Gallo ajudão,
Silveira s' arremeça, e ao quadro feio
Da carnagem cruel cerrando os olhos,
Mais vôa, mais s' inflamma, e mór flagello

Fulmina sobre os que na fuga torpe,
Ou cansão, ou de si expele o Monstro,
Dos roubos só contente; não seu Chéfe,
Ou Capitão, mas Capataz ferino,
Que na frente lhe vai, alli cercado
Dos Cabos da Quadrilha, seus Collegas,
Que mais, e mais instados, pouco, e pouco,
Qual o Baixel das Ondas acoçado,
Das pejadas garupas essa mesma
Apetitosa carga em torno alijão,
Dos combros teus brotando, oh Salamonde,
Invôlto em sangue o ouro já fundido,
Como em Azia, ou America não brota,
E correndo nos Dois, Silveira, e Gallo,
Odio, e medo, a qual delles mais veloce!
Tal outr' ora apertado sobre o Circo
Pelo Rival membrudo o rijo Atleta,
Ora o ferro lhe solta, e ora o manto,
Porque o detenhão; o Leão rugindo
Da juba os torce, esgrime dente, e garra,
E d' encontro na proxima Trinxeira
Apaga ao Gladiador o alento, e o crime.
D' horas não poucas, e de legoas muitas
Se tinha antecipado o duro Imigo
Na sua ignominiosa retirada;
E ao Heroe incessante, q' o presegue,

A fim de lha cortar preciso fôra
Descer desfiladeiros, galgar penhas,
Montes de terra, e carne, regos fundos,
De chuva e sangue, ou brenhas só trilhadas
Do bandido, e da fera; em cuja lida
Mais, e inda mais d' hum dia não reforma
A substancia perdida, tão sómente
Mantendo-se de colera, de raiva!
E muito hávia já, que do E'den Luzo,
Que de seu bafo infecta o novo Sátan,
A quem bate Silveira, o Anjo novo,
D' ambos erão as Raias transgredidas;
Sabe-o o Heroe, e de certeza o sabe,
Que das amigas hostes occupada
Toda a fronteira amiga, a custo summo,
E apenas por milagre póde o Monstro
Escapar-se das mãos do altivo Costa (1),
Para cahir nas de Romana altivo!
Mas não quizera o Heroe, q' outrem lhe roube
Gloria, e prazer da Preza, q' appetece;
Quizera antes talvez menos armada
A Nação brava, a fim de que lhe toque
Do Solo Hespano despejar a Hydra,

(1) O Excellentissimo D. Gregorio de la Cuesta; e logo o Excellentissimo Marquez de la Romana, etc.

Como já do de Lyzia a despejára,
Apôs longos rodeios, marchas longas,
Que Phebo, indo, e revindo, vio ao Luzo,
Dos Tygres tresmalhados somma grande
Prostrando aqui, e alli, e rico espolio
Idemnizando a aspera fadiga
A's laças Legiões, das altas Serras
Já do escabroso Espinho (1) o Heroe descêra
Para a doce Alhariz, e vargens suas,
Donde junto d'Ossent, a poucas milhas
Seu Quartel General depois sentára,
Quando (oh Espanto) o Illustre Brigadeiro
De sabio, e são preceito se recorda,
Q' o suspende; e talvez já progredíra
Mais q' exige a Bravura: » Oh magua acerba!
(De novo então o Heroe comsigo exclama)
Nunca tu, oh valor, oh honra, oh brio
Q' livre não operas; modo, e tempo
Hasde ter d' ostentar todo o teu brilho!
S' além do Hydaspe o intrepido Alexandre
Levou suas impavidas Cohortes,
He porque freio, ou coacção não tinha;
Sem coacção, ou freio o grande Cezar

(1) Serra deste nome, summamente escabrosa, que se estende por tres leguas, entre Chaves, e Monterei, etc.

Aspirou a Senhor do vasto Mundo;
Executando as Ordens q' elle expede,
Malditas Ordens! ó maligno Corso
D' Italia atropelou Vergeis, Campinas,
Rios, Máres varreo de Prussia, e d' Austria!
Porém não mais: se desta (então dispindo
Meia espada) se desta por agora
Escapa o fraco Soult, d' outras o fio
Hiberia lh' açicala! ou quando escape
Dellas tambem, por labio fidedigno,
Por labio, q' acredita, e lingua adjunta
Dos poucos, que dos muitos lhe restárão
Escute o Regio Apostata ou augusto
Idólatra immoral, de que maneira
Ou cedo, ou tarde Portugal se vinga
D' amigos falsos, d' Hospedes protervos,
Que logo, expulsa a mascara, pertendem
Os Povos devorar, beber-lhe o Sangue! »
Findou; e sobre a mão curvando a testa,
Por hum pouco talvez alli recorda
Quanto he preciso encher-se á risca hum Plano,
Que rola sobre a mente ao alto Chefe,
E q' indagar não cumpre ao Subalterno,
Com q' hum pouco a dor sua então mitiga.

A noite s' avançava; e a prima noite (1)
Era aquella, na qual, após d' austera,

Aturada vigilia, os pios Astros,
Silencio impondo á vasta Natureza
Com seu brando reflexo, e sobre os olhos
De suas anodinas dormideiras
O Consolador balsamo vertendo,
Em treguas ao trabalho, parecião
Increpar essas loucas Sentinellas,
Esses Piquetes, Rondas, e Patrulhas,
Que desculpar apenas póde o dia,
E inventadas da crua, enorme Guerra,
Para que do Homem s' acautéle o Homem,
E o descanço lhe roubem! eis Silveira,
Soldado, e Chefe, Commandante, e Amigo,
Refazer manda os Corpos macerados
Com os dois propugnaculos da vida,
A qual mais necessario, o pasto, e o somno:
Soccorro o primo á carne, o outro á alma,
A quem com gratos sonhos lisongeiros
Posto, que momentaneos, mais activos
A fadiga desfaz, mágoas, reprova,
E quasi lhe fornece, Vida nova.

CANTO IV.

ARGUMENTO.

A Silveira, q' em sonhos se lamenta
Do Inimigo q' em parte ha escapado,
Consola o Genio, e alli lho representa
Em Polonia, Austria, Italia derrotado;
O Heroe acorda; e célebre em Memoria
Vai o louro colher dado á Victoria.

DIAS já erão, q' o Varão prudente,
Silveira tão prudente como forte,
Acossando esse resto do Inimigo,
Não uníra huma palpebra com outra,
Ou só a furto a uníra! e fatigado,
Repleto de trabalho, e d' alta gloria,
(O sublimado Heroe, Heroe, mas Homem,
Seu tributo exigindo a Natureza)

Dormir-se agora deixa; mas não dorme
A dor, que lhe ficou, de que s' escapem
Soult cobarde, e os cobardes seus Modelos,
Q' apenas vão achar cordeiros novos,
Novos Tygres serão! e novos prigos,
Quadros novos de pessima Carnagem
Com seu vivo pincel Morfeo lhe pinta:
Eis q' inda da Peninsula a mór parte
Cativa se lh' antolha; de Cadéas,
E de opprobrios cuberto o Manzanares
Co' a famosa Madrid; do fertil Ebro
Ao Guadiana fertil, derramadas
Do Tyranno as Falanges assassinas;
E de Lyzia aos Umbraes, ou perto delles,
Soffregos altiando o duro colo
Para o ouro, que no Téjo lhes ficára,
Victor faminto, e Ney, a cuja Tropa
Talvez Soult destroçado busca unir-se;
Sobre tudo, e peior, se lhe figura
Essa fortuna Cega e desvairada
Soprando inda ao Cruel; e do Danubio
Voltando o feio monstro á semelhança
D' hum tufão, que do mesmo frio Norte
Subito s' ergue; e sobre o Meio-dia
Cahe d' improviso, penhas, e moralhas
Perante si no vortice arrastrando,

E as raizes do tronco revolvendo,
Do abysso a ver o Sol!... q' imagens tristes!
Com ellas ao Heroe s' opprime o peito,
Em sua turbulenta atroz modorra,
E grossa nuvem abafar parece
Seu nobre coração: » ai! (gritou elle)
Porque motivo a cara Patria em prigo,
Sobre a Tropa, que tem, ou, viva ou morta,
Em armas não porá sem q' hum s' exima,
Os Célibes, q' encerra; de tal arte
Que, manente esse prigo, elles não tenhão
Mais utensilio q' hum mosquete, e a espada,
Ou Cargo mais, q' a liberdade, e á guerra?
Mas, não mandar, obdecer me cumpre. »
Nestas, e outras visões, q' mais horrendas
Volver costuma horrenda mão da noite,
Proseguia o Heroe; quando á maneira
D' esse fulgor que subito renasce
Da Sentelha apanhada sobre o Sulphur
Precedida d' hum balsamo animante,
Ouve harmonioza voz chamar Silveira!
Olha elle, e envolvido n' hum profuzo
Clarão nobre, vê digno moço esbelto
Loura friza em anneis por colo, e faces,
Pulcro, e airoso, de subtil cothurno,
Nuas as alvas, luzidias carnes,

O lugar das pudendas só cingido
De purpureo Sayal, e sobre a frente
Brilhante elmo de nitida plumagem,
Grossa lança na mão, alados hombros,
Com escudo no braço, e nelle impressas
As sacrosantas Quinas: » que me queres,
Gentil Joven? » Silveira lhe pergunta:
» Joven sim sou, (responde o grato Nume,
Bem disseste; mas não porque do berço
Eu diste como Vós carreira breve,
Em breve passo á Urna: já lá quando
O Velho Viriato sobre as quentes
Entranhas palpitantes do Novilho
Odio eterno jurava contra o duro
Imperio Usurpador; e quando a Cerva
A Sertorio trazia as embaixadas
De Jove eterno, Moço, qual sou hoje,
Já de Lyzia eu então pizava os Campos.
Quem és logo, (lhe volve o Chéfe insigne),
Tu que do teu sublime aspecto sacro
As trévas dissipaste, em que era envolta,
Inda á pouco, minh' alma atribulada?
O Genio eu sou de Lyzia (elle lhe torna)
Que por ella vigio dia, e noite;
E na pungente dor, de que t' opprimes
D' alto Preceito eu venho confortar-te;

Attende escuta : Chapeado em bronze
Seus segredos recata o mestre Livro,
Onde he lançado o rigido Futuro,
Só franco só patente aos vastos olhos
D' Aquelle q' o lavrou! inda assim mesmo
O esconde, o guarda Penetral remoto,
Com triplicada porta, na qual prendem
(Porque de vossos Similes me sirva,
E á vossa precepção eu m' accommode)
Sete grossos ferrolhos, chaves sete,
Todas d' hum diamante pêrro, e duro:
Mortal algum porvir, ou dos já vindos,
Sondou, ou sondará os seus mysterios
Vedados a nós mesmo aos que gozamos
A face, e o rizo do q' o rayo empunha
Sem medo, ou susto; e apenas nos he dado
Sondar, porq' assim diga, algum vislumbre,
De seus arcanos pela fresta obliqua
Da estricta fechadura!..., mas s' accazo
Do Futuro romper a nevoa densa
Licito nos não he, delle podemos
Julgar com mór criterio; e o que nos Homens
Apenas he provavel conjectura
Entre nós o gráo toma d' evidencia,
Que depois quasi sempre, e a tempo idoneo,
Com o Sello se cunha da verdade:

Só nisso q' ao Preterito respeita,
A nenhum outro Nume nós cedemos,
Podendo retraçallo aos nossos olhos,
Na sua mesma côr, ou n'atitude,
Com que passou na vida; e no que toca
Ao Presente, purgado, e desenvolto
Das vossas imposturas, mal succede,
Seja embora onde for, sem precisarmos
Da delonga de vossas tardas postas,
Ou dos vossos correios, hum instante
Qual he, á nossa vista o representa.
Sabe pois, oh. Silveira, que do Monstro,
Q' assim toldava a tua nobre idéa,
Talvez cançada, e só então cançada,
De soffrello essa Dextra Omnipotente
Chegada eu creio a época ditosa
Em que folgue Natura, e ria o Mundo:
Obra tua, q' a prima desarmaste
Ambição do Tyranno, a salvo pondo
O Principe immortal! Obra d' Ibería,
Que com os seus Exercitos em casa
Batello s' atreveo! e sobre tudo
Obra insigne do bravo, e do constante
Do Bretão nobre, d' Ambas alliado!
D' esse Anglo sem igual, ou d' esse Jorge,
Que no seu Albião firmando a planta,

D' hum pólo a outro pólo abrindo os braços,
E a cabeça entre os Astros, mais que dique,
Mais que barreira ha sido á gula, e ás chammas
Da Corsa alluvião; na lava horrenda
Espeque a Portugal, Escora ao Mundo,
Q' ampara, que sustenta!... Já tu viste
Ao Gallo, que tendia por Egypto
Para d'Asia o expulsar, vir d'Asia a Anglo,
E d' Egypto expulsallo: viste o logo
De Senhor o vão titulo arrogar-se
Em ambas as Americas, Hespana,
E Luza, mas perder primeiro as suas,
Tragadas do Bretão; e tu, oh Lyzia,
Apropriando te a tumida Cayeanna;
E porq' até o prive da esperança
De mais havellas, suffocando o Anglo
Sobre Vasques as miseras reliquias
Da brilhante Marinha, q' a seu auge
Capeto, o Martyr Santo, alçado havia!
» Não, oh Genio (Silveira então o atalha)
Não he nas Salsas Ondas onde eu temo
Ameaços do perfido Inimigo,
Não sobre o vasto pélago, onde o Anglo,
Privativo seu Rei, o dia, e a noite
Co' tubo, q' ao trovão imita os eccos,
D' hum canto do Orbe a outro, o limpa, o varre

De Piratas, ou Corsos, q' hum he tudo,
Bem como com a rude barbatana
Varre os demais aquaticos medrosos
A Balêa feroz, Rainha sua!
He sobre a Terra, he sobre o Continente,
Onde submissa a Europa quasi inteira,
D' immensa força ensuberbece ao monstro,
Além das tramas, q' ardiloso espalha,
Em dobro mais terriveis q' o seu ferro! »
A pezar dessas tramas, dessa força
O Déspota decahe de dia em dia;
(O Nume continúa) os mesmos portos,
Q' ao destemido Inglez cerrára o Gallo,
De novo se franqueião; satisfeito;
E já pago o Bretão Americano
Da Cizânia cruel, q' aos seus o arranca
Nessa fatal Revolução tremenda,
Que depois serve de modelo, e norma
D' outra revolução, q' á França estraga
Em seu justo castigo, tempo longo
Tendo-lhe denegado o seu commercio,
De novo se congraça; confessando
A justiça talvez da melhor Causa;
Confessa-a e se congraça o Turco austero;
Novos Bens acquirindo a seu Lepantho!
Em tanto que de raiva, ou que d' inveja

Murmura, e as Prizões morde, o Velho Occeàno,
Com toda a sua undosa Salsa Prole,
Baltico, Escalda, inutil já ao Belga,
Elbo, Adria, e o mais Egêo, a quem vil jugo
Do Corso, e não o Inglez, Bloquêa, e veda
Perennes mananciaes d' argento, e ouro,
Q' o Commercio lh' abrio nas Cinco Zonas;
E s' acaso tenaz inda s' afferra
O Sarmata aos dolosos pactos Surdos
De Tilcit, e d' Erfurt, não tarda a hora
De Colhêr a seu custo o desengano,
E á sua imitação o Dano, e o Prusso,
Q' inda de seus refolhos não s' emenda!...
Mas o mais bello, e o q' inda tu não sabes,
He que lá desse Tronco immarcessivel,
Que sua Raiz teve, e a terá sempre
No vetusto Bourbão, logo enlaçado
Ao de Lourena (q' arrancar procura
O Drúida em vão) tres furgidas Vergontas
Reverdecem de novo, e a Copa insigne
Ao longe estendem já; tremendo a ella
Hollanda escrava, e Napoles Cativa
Com esse novo Rei, q' atroz, cruento
Não peja de Catholico chamar-se!
Hum já d' elles, João, ou melhor antes
Novo Souwarow, o Lacio prisco

Talando vai, vencido e retalhado
O Moço estulto, q' a dar Leis s' affouta
Sobre a Sabia (1) cultissima Veneza!
Fernando, hum outro Irmão do sacro Cesar,
Como elle pio, junto do Polaco
Lá fere, lá quebranta, lá derruba
Irmão outro do Corso, ímpio como elle!...
Pois viboras de viboras só nascem,
E de Pombos só Pombos se produzem.
Carlos, o sempre fórte, o sempre invicto
Da guerra Mestre insigne, o grande Carlos!...
Mas não; melhor será que por teus olhos,
Tu mesmo vejas o horrido combate!...
Segue-me, vem comigo » disse o Genio;
E sacudindo logo a fórma antiga,
Apenas conservando as niveas azas
Despe tambem Silveira o rude expolio,
Azas toma, e hum com outro d' improviso;
Mais veloz, q' o relampago, e não menos
Fulgente, q' elle, aos ares s' arremessa,
E á Zona Boreal dirige o vôo:
D' arte igual duas Garças, Reaes ambas,
Que, durante a Estação caliginosa,

(1) Quizera que o meu Leitor se lembrasse de que eu escrevia em Junho, e que antes do mez era acabado este Poema, etc.

Deixão seu Clima frigido, e severo,
E em Lyzia vem buscar hum ar mais doce,
Mal que lh' assoma a grata Primavera,
Volvem de novo ao natural seu Norte!
Do velho Portugal as velhas rayas,
Apôs a sua Guia pressurosa,
Passára já o Heroe, e de Galliza
Sobre as vastas Campinas adejava;
Por onde quer que vai, medindo a tudo,
E em tudo achando a piza dolorosa
Dos famintos creis devoradores;
Quando inda por torcidos invios serros,
Inda atrás attentando, a Soult conhece,
E abaixo quer descer, pousar deseja;
Porém o Nume o increpa e avante corre,
Legoas muitas vencendo em cada instante;
Elle os muros lá vê da gram Sevilha,
Inda Carpindo ao infeliz Fernando
A lastimosa a veneranda Junta
Dos Vassallos fieis, vergonha eterna
De Godoy, e de Morla! fresco sangue
Vertendo inda elle vê gloriosos Campos
Do terrifico Baylen; inda mesta
Lá olha duros ferros arrastrando
A Metropole infausta de dois Mundos,
Eis q' hum montão d' estragos, de ruinas

Portentos de valor, e de desgraça
Lh' inculca sobre o sitio deploravel
Onde foi Saragoça! e em torno della
Inda Blak, e Lazan, em sangue, em fogo
Racionaes brutas Rezes victimando
Aos Manes de Reding! o Heroe s' espanta,
E já os altos Pyrineos galgando,
No Solo hião entrar de Gallia infecta,
Quando hum, e outro esvoaça, e mais s' empina;
Como evitando o barbaro terreno,
Q' Altares desacata, Reis degolla
E onde a flor das Nações agrilhoadas
Dispersa geme em lagrimas, ou ferros,
Comtigo oh Prole excelsa, oh Raça invicta
De Lyzia miseranda, Lyzia illusa!...
Ah seus vôos hum e outro sim remonta,
Mas tacito prazer os liga, os prende,
Mesmo contra vontade, olhando absortos
O mimoso Paiz, Vergel contínuo,
E no seu centro a Capital soberba
Onde hum sangue innocente, augusto sangue
De Reis setenta, espadanando em torno,
Olhos vendou d' hum Povo empedrenido,
Para não conhecer nos seus Altares,
Em vez de Jehovah, Baal intruso,
Q' incensa, que perfuma! hum Povo outr' ora

Granel de Bossuets, Sulys, Turenas;
Gremio hoje de Dantons reproduzidos,
Que melhor se dissera enxame, ou grupo
D' insenciveis authômatos Selvagens,
Se tu lá mesmo a Patria, a Vida, o Mundo
Não honrasses por ti, oh Cego illustre,
Guia, e Farol de Cegos!... oh Dellile,
Tu Virgilio Dellile (1) Cysne manso
Entre Abutres do Sena! s' outro tempo
Azas tiveste para ver sem susto
Campos de Phrigia arfando em negro sangue;
Se barreiras do Cáhos tenebroso,
Ou Noite antiga aligero forçando
Brotar viste em seu berço (2) o Sol, e o Mundo!...
Oh! vôo igual retoma, emigra, foge,
Deixa o antro nefando; e em Lyzia affavel,
Bem que em pobre tegurio, busca unir-te
Ao Cantor de Silveira, que t' adora
Orfão de luz, qual tu, qual tu cançado,

---

(1) O Celeberrimo Jacque Dellile, ornamento de nossos dias, tão conhecido pelas suas inimitaveis traducções das Georgicas, e Eneiada de Virgilio, como tambem da Illiada de Homero, e do Paraizo perdido de Milton, além do seu Poema dos Jardins, e outras Obras inapreciaveis, etc.

(2) Allude-se á maravilhosa Versão do Livro VII. do mesmo Paradise host., etc.

E sem pés, q' á maldita Guerra o arrastrem,
Porque percas em breve o novo Amigo!...
Vem, sim vem, inflammado por teu estio
Comtigo emprenderei mais alto Canto
No Solo onde acharás, immune illeso
O Deos de nossos Pais; querida, Amada
Prole dos teus Bourbons! Jardim mais bello,
Q' os q' has traçado, ao menos mais suave,
Senão ao Olho teu, a Olfato, e Ouvido,
Que tu de novo adularás dictando,
Solfa mais grata, á grata Philomela!...
Não, não demores mais, nem mais recordes
Patria insulsa; da minha eu tambem exul,
A' borda lá do golfo impreterivel
Nossos Olhos, em vida já fechados,
Escusar-se-hão (1) d' affine mão q' os Cerre!...
Mas seu rumo seguindo o Par mimoso
Dos etherios Viajantes, eis s' apressa;
A mais, e mais, e quando os Alpes toca,
Seu vôo então declina, as plagas busca,

---

(1) Censurar-se-me-ha talvez por difusa esta digressão: mas na Pessoa do insigne Poeta eu quizera juntamente designado hum sem número de outros bellos, e sãos Espiritos que não sómente em París, mas por toda a França, eu julgo, preservados da mania, ou do contagio commum, etc.

Donde soppra Aquilão, e aos pés já Olha
A maligna Strasburgo, émula em Crimes
Da siccaria Bayona! corre, avança
Até q' a prumo vê debaixo as Ondas
D' esse Rheno fatal, suberbo inchado
Da Confederação, ou dessa liga
Dos Croados Escravos do Tyranno.
Eis logo o Nume as azas equilibra
Equilibra-as Silveira; e ambos pairão
Sobre o Theatro da cruenta guerra,
Entre os Cesares dois, legal espurio,
Sacro, e profano, Angelico, e Demonio!
Silveira (o Genio diz) se por ventura
Ao teu peito angustiava a magoa acerba
De não veres nos Teus idonea força,
Q' arrostrès ao Tyranno, attende, observa
A q' arma o Ceo de novo em teu soccorro,
Vê como (além dos mais cujos triunfos
Eu já t' annunciei) monte enche e vale,
O Exercito lustroso, q' inda ha pouco,
Por leguas destendido, mal cabia
Entre os dois vastos Rios o Inn, e o Iser;
E para quem dalli retrogradando,
Reunido outra vez junto ao Danubio
Curta parece a terra, e pouca a lympha
Da fragosa Moravia, que se préza

Da planta, que fiada veste ao homem,
E da plana Bohemia presumsoza
Co' a massa cristalina, grata as Damas,
Obra do sopro, e que rival do dia
Luz como elle, diafana he qual elle!
Pasma, e olha depois á frente sua
O q' a segundo Exercito equivalle
Carlos, recente Ermínio, e cujo exemplo
Procrêa ao lado seu Heróes sem conto,
Qual Licchenstéin, qual Chastellér, qual Hiller,
Novos Dánns, Laúdons novos, mais Eugenios!
Attende logo essoutra Tropa á vista,
E promptas ambas ao signal primeiro
D' investir, degolar! insana Tropa
Do fero Breno audaz, que não ha muito
Talvez porque teu braço a não defende,
Acaba de passar aquella ponte
Emtumecido por haver entrado
Segunda vez na misera Vienna:...
» Como segunda vez!... (o Heroe o talha)
» Sim (o Genio lhe volve) nem t' assustes
Inda, inda approuve aos Ceos, que suba o crime,
Talvez, porque o despenhem de mais alto
Ao tempo em que remia Arthur o Porto
Ganhava o Monstro a Capital brilhante
Qual sanhuda Serpente, ou Hydra nova,

Construida, amassada sobre o sangue
Dos Marats, dos Pytheôns, dos Robspieres,
Q' huma cabeça apenas olha extincta,
Sente outra renaseer! porém não temas;
Carlos, Perythoo novo, e novo Alcides,
Cortar-lhas vai talvez d' hum golpe extremo,
Mede então huma, e outra, em tudo as mede
Inimiga, e Amiga, e em brio, em garbo,
Em disciplina, em numero, em bravura
Acharás q' o Germão não cede ao Gallo;
Ou s' attendes melhor, ao Gallo iniquo,
Conscripto ao Cadafalso, sobre a face
Notarás o remorso de seus crimes
C' as feias sicatrizes, inda frescas,
Dos golpes que lhe déste ha pouco em Lysia;
E forçada após elle á Tropa escrava,
Que lamenta, e pragueja ir atacar-se
O Irmão com outro Irmão, o Pai co' Filho!
Olha logo ao Germão o rosto ufano
Co' a Virtude, e a Justiça nelle impressas
Preludios da Victoria; promettendo
A' Patria, a Europa, ao Mundo a liberdade,
Que pouco e pouco lavra, e já respira
No soberbo Tyrol, e a brados longos
Lá do remoto Wistula reclama
O denodado Schill improprio a jugo!

Ah! deter-te, Silveira, mais não posso
Nestes sitios; mas grava na memoria
Mez, e hora em que te fallo, nella esculpe
Esta pequena Aldeia Essling chamada,
Com essoutra breve Insula defronte
Qu' In-der-Lobau se diz, e quando hum dia
As ouças outra vez, talvez as ouças
Involvidas em prosperas (1) noticias
Que de prazer te innundem, posto q' ellas
Não bastarão talvez, porque saciem
Teu odio ao Gallo, e teu amor ao Luzo!...
Mas ás Cauzas segundas, commummente
Os Obreiros do Ceo, entregue o fio
Das cousas sublunares, grossa Torre,
Por quatro grandes lustros (2) erigida,
Qualquer que for seu futil alicerce,
Exige ao braço humano hum tempo idoneo
A fim de a demolir:... porém confia,

---

(1) Note-se que a 21 de Maio, segundo me parece, se recolheo para Chaves o Illustrissimo Senhor Silveira; e com muito maior verisemelhança se finge este sonho na vespera, isto he, no proprio dia em que o Exercito Francez passou para a margem esquerda do Danubio, pela ponte, que lhe foi tão funesta.

(2) Desde mil setecentos oitenta e nove eu dato a fatal Revolução, etc.

Nem já mais desfaleças »... inda avante
Seguia o Genio, quando atroz descarga
A Batalha annuncia; eis q' extremece
Co' Marcial estrondo o peito, e a alma
Do destimido Heroe, que denodado
Quer mão lançar da Espada, mas não acha
Espada ou mão! e subito desperta,
Sumindo-se co' dia a noite, e o sonho,
De q' inda longo tempo vivos traços
A Silveira acordado se figurão.
Talvez mais cedo, e mais brilhante ao certo
Por mais alegre, não cruento ou duro,
Mas Creador, pacifico, de novo
Rompeo o novo Sol, e o Chéfe insigne
Fazendo á Tropa a solita resenha,
Bem que na laboriosa rude marcha
Por sertões, e penhascos, impossivel
Sendo a união, mil vezes succedesse
Hum Soldado bater inteiros troços
Do Inimigo em derrota, d' hum só Homem
Não lamentava a perda a Gente illustre:
Victoria, e só Victoria a bella, a digna
Da Musa a transportar além dos évos!
Victoria onde ou extincta, ou posta em fuga
Hoste estranha, d' Indigeno atro sangue
Borrifados os louros se não murchão,

Nem o rizo se compra a pranto acerbo!
Não de louros sómente, mas de rozas,
De murtas, e da meiga sacra Oliva,
Fructos todos da grata Primavera,
Grata ao seu Defensor, que lhos anima,
Em vez de lhos pizar, e d' estragallos,
Croada a Tropa excelsa, ao som festivo
Dos agudos Clarins, e rouco bombo,
Eis já marcha a folgar nos patrios lares:
Precedem-lhe ao caminho, em grossos bandos,
Serranos, e Aldeans á competencia,
Conduzindo ante si os tenros filhos
Com os pomos os mais deliciosos
Nas enramadas cestas; ou primicias
Da nova geração, que lhe produzem
As varias odoriferas Familias,
E a dita obteve de nascer mais tarde
Poupada aos golpes da extorsão maligna,
Ou resto infausto, e misero refugo
Da q' escapou á gula devorante!
A todos agazalha, affaga a todos,
Qual Pai, qual Protector, Silveira eximio,
Segundo Welleslei em rizo, em furia,
Ou Beresford segundo em furia, em rizo!
Até q' á frente das Reaes, das Sacras
Venerandas Insignias perseguidas,

Nunca porém vencidas, junto ao centro
Da Tropa generosa, e Gente illustre,
Por baixo de huma abobeda de vivas,
E flores, por hum chão alcatifado
De junça, e d' espadana, o Heroe triunfante
Vai magestoso entrar na grande Villa
Que por ser a magnifica barreira
Da gram Provincia o nome tem de Chaves;
Onde apôs longa, e improba tarefa,
Por entre a Copa de virentes Palmas,
A' sombra reclinou d' hum Nome eterno!
Welleslei, Beresford, Vassallos dignos
De Jorge, digno Rei de taes Vassallos!
Rei, q' a Neptuno arranca o gram Tridente
Para a lança arrancar inda a Mavorte!
Não sómente Roliça, não Vimeiro,
Não o remido Porto, e Lyzia toda
Com toda a vasta Hiberia dizem, narrão,
Mas confessa, publica o Orbe inteiro;
Q' ao braço invicto da Nação briosa,
Q' o ser vos deo, e á mão profusa, e fertil
Em dons, em Tropa, e no metal sagrado
Que faz, e desfaz Croas, Sceptros muda,
A liberdade principal se deve
» D' ambas as Indias, d' ambas as Hespanhas,
E q' inda sobre Jorge os olhos fita

O resto que no mundo geme escravo!...
Ah! em quanto outra pluma não s' apara
A Voz mais adequada, desculpai-me,
Ao Vate perdoai, q' a par do vosso
Excelso nome o nome cante excelso
De Silveira immortal; ao Patrio Vate,
Q' em coração, em alma se doia
De q' onde os Albuquerques, onde os Cunhas
Berço houverão, não brote, não pulúle
Novo Heroe, cujo Nome lauros novos
A Lyzia oppressa, e desoppressa ajunte!
Sim, Vós mo desculpai: porque da Terra
Milhões de legoas o Occeano abraça,
Não deixa de ser Rio o breve Téjo;
Nem porque Phebo abrange de seus rayos
A vastissima face do Universo,
Marte, e Saturno deixão de ser astros.
E Vós, Alta Regencia esclarecida,
Que do Principe ausente conservando
A Magestade, e o Nome, em nossos peitos,
Dia, e noite adoçais Saudade eterna!
Vós que d' entre Cachópos, novas Scylas,
Carybdes novas co' a procella a prumo,
Berrando os ventos, e bramindo os mares,
Tomar ousaste ó leme á Náo do Estado,
Q' o Supremo, o divino Palinuro

Por Decreto dos Ceos abandonára;
(Pois, não homens, só tanto os Ceos podião!)
Conduzilla soubeste de tal modo,
Que já folga, e respira a salvamento!
Vós, extremada Flor d' hum Sangue heroico,
E hum Brio, que por évos apurárão
Castros, Minas, Menezes, e Noronhas,
Comtigo, oh Mello, e Vós da Curia excelsa,
Bom Salter, bom Forjaz, fiéis Ministros;
Nomes dignos da Muza, á Muza caros,
Não menos que Silveira sabio, e forte!...
Ah! escusai a hum tempo, se cançado
O Estro enfermo não leva os Nomes vossos
Co' os Gamas, co' os Goffredos, onde a Fama
A' mesma Eternidade iguaes os torne!...
S' acaso hum dia os Corvos, que me grasnão,
E q' em meu torno adejão, revoarem;
Ou q' ao Relogio o lugubre Registro
Occulta Mão atraze, e á Vida o volva,
Inda eu vos Cantarei por toda a parte,
» Se a tanto m' ajudar Engenho, e Arte! »

F I M.

Por forte e vençedor, a clara Fama
Me cinge de Carrasco a invicta frente,
E com ruidoza vôz meu nome acclam
Por ver que fiz á força d'unha, e den
Asisco reduzir, em brava Guerra
Quantos Gatos miavão sobre a Terra

GATICANEA,

OU

CRUELISSIMA GUERRA

ENTRE

OS CÃES, E OS GATOS,

DECIDIDA

EM HUMA SANGUINOLENTA BATALHA

NA GRANDE PRAÇA

DA REAL VILLA DE MAFRA.

ESCRITA

POR JOÃO JORGE DE CARVALHO.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1816.

Com Licença.

Vende-se em casa de João Nunes Esteves, na rua da Gloria, N.° 14.

PREFAÇÃO,

E

ARGUMENTO DE TODA A OBRA.

HOmem, ou Mulher, indiscreto, ou sabio Leitor (que tudo póde ser), dá-me attenção, por quanto principío a espivitar a lingua para te contar huma historia.

Era huma vez huma Cigarra, que tendo cantado no Verão, se achava morrendo de fome no Inverno, e se vio obrigada a procurar alguma cousa emprestada em casa da Formiga sua visinha Esta lhe respondeo, que se no Verão tinha cantado, fosse agora dan-

çar, e fechando a porta deixou a coitadinha lutando com a sua miseria. Huma noite que eu me achava discorrendo nas inconstancias da fortuna, me veio ao pensamento a moralidade deste sucesso, e determinava não cantar mais, por não perder o tempo sem proveito; mas huma manhã, que os doces passarinhos por entre a verde rama dos salgueiros, com graciosa melodia, me convidavão a suavizar cantando a minha pena, me lembrei de preparar-te em Verso heroico hum Cephalico remedio, que applicado ás extravagancias do teu miolo, não sómente te recreasse o animo, mas tambem te alliviasse a bolsa. Deo-

me lugar a isto a supposição, em que estou, de que tens o gosto tão estragado, que rejeitando exquisitos, e excellentes manjares, nutres o teu appetite de alimentos grosseiros, e menos sádîos: por isso compuz este palito, com que possas esgaravatar o teu entendimento. E porque te julgo pensativo, e desejoso de saber a causa, que tive de tomar tão extravagante empreza por assumpto dos meus versos, to direi em poucas palavras, pelo gosto que faço de ser breve, e compendioso. Achava-me eu hum dia com certo Amigo meu, homem de singularissima pachorra; convidei-o para jantar. Tinha eu varias borundan-

gas, humas cozidas, outras guizadas. Puz tudo na meza, e antes de nos assentarmos, fomos dar vista a vinte e cinco passaros, que eu tinha em huma gaiola grande; producto lisongeiro de huma caçada, que tinhamos feito. Estavamos ambos admirando a esperteza dos emplumados Orpheos da região Etherea, que esquecidos da perda da liberdade, que tinhão gozado na solidão dos bosques, zombavão das prizões, que lhe tinhamos ordido pelo nosso desenfado; saltando tão contentes de hum em outro pouso, que apenas podiamos perceber na sua desinquietação a diversidade dos seus movimentos. Neste tempo tinhão

entrado, sem que fossem presentidos, huma quadrilha de Gatos, que postos de cilada por de traz de huma janella, que cahe sobre huns telhados, espreitavão o infeliz momento da nossa distracção, e lançando-se de repente no mais precioso da nossa lambança, se empenhavão todos juntos em dar com ella em vazabarrís. Virei-me eu, e com inexplicavel desgosto vi quatro destes galfarros rosnarem com metade de hum cabrito, e saltarem dous de hum armario, hum delles com hum tassalho de presunto, outro com duas murcelas na boca. He inexplicavel a raiva, que tive; e buscando hum varapáo, que a fortuna me deparou

para maior desgraça minha, atirei com elle de rebolão ao meio da turba multa Gatical; pois acertando em lugar de Gato o bojo de huma garrafa, se entornou o precioso licor, que dá vida aos velhos, e contentamento aos moços, e ciscárão sem lesão de perna, nem braço os malditos ladrões do nosso remedio. Ao grande estrondo, que se tinha feito no rápido movimento desta fatal tragedia, virou a cara tambem o meu Amigo para ver a causa de tanta bulha, e observando a grande derrota, que em tão breve tempo tinhão feito os Papistas dos Ratos, se poz a rir, fazendo muita galhofa, tanta do meu enfado, co-

mo da causa delle. Vendo eu hum genio tão pachorrento, não sómente se moderou a minha paixão, mas puz-me tambem a rir, e depois de fazermos cruzes na boca, começámos a moralizar este caso. Neste mesmo tempo sobreveio huma furiosa contenda (não sei se a respeito de espinha, ou osso) entre hum dos taes Rapinantes, e hum Cão muito valente chamado o Carroça de alcunha, por causa de ser inseparavel companheiro de huma, que serve de acarretar agua para casa de seu dono; e foi tão renhida a batalha destes dous valorosos combatentes, que varios apaixonados de hum, e outro partido acodirão com trancas,

espetos, cajados, e outras armas offensivas, e defensivas para alliviar o Cão do pezo, que a desgraça lhe pregou no cachaço. Mas o tal Gatinho, mais destro que hum Sargento, vendo todo o mundo armado contra elle, dando hum salto sobre huma banca, e outro na rua, se poz ao fresco. Tornou o meu Amigo com a sua costumada mansidão, e graça a tocar-me na tecla, dizendo: Optimo assumpto he este, e summamente digno de implorar o auxilio das Musas. Não seja madraço, encha as bochechas de vento para cantar ao som da lyra dourada do refulgente Apollo as prodigiosas acções destes valerosissimos Sol-

dados Incitado eu desta catilena comecei a escrever, e sahio por acaso este Verso:

Dos Gatos, e dos Cães a bruta Guerra.

E foi tão furioso o Estro, com que me picou a Musa, que qual bravo touro espicaçado dos mosquitos que saltando vallados, corre desesperadamente a huma, e outra parte; assim eu fui correndo, e sem saber por onde, ou por que maneira, dei comigo no meio da cruelissima Guerra dos Cães, e Gatos: e foi tão horrisono o estrondo das dentadas, que retumbou nos meus ouvidos, que ainda agora se me arripião os cabellos; e benzendo-me destes sangui-

nolentos inimigos, fico formando mil propositos de nunca mais metter-me em caminhos tão pouco trilhados, por não precipitar-me em despanhadeiros sem remedio. Eis-aqui tens, amigo, ou inimigo Leitor, o argumento desta Obra, o qual eu julguei preciso collocar no seu frontispicio; pois vendo, que cahiste na corriola de fazeres nella a tua despeza, he justo procure satisfazer completamente a tua curiosidade. Ella tendo sido concebida na minha idéa, padeceo o defeito dos partos monstruosos, nascendo já velha na tua esperança, de que foi causa não sómente a demora, que houve nas estampas que lhe devião servir de

adorno, mas tambem o detrimento, que padeci na minha saude. Não presumo ser Poeta de tal marca, que não tenha mil defeitos, que lhe notar; mas juro pelos bigodes do valeroso Maluco não responder-te nem huma palavra a quantas possas proferir em seu desabono; pois tendo sido huma producção unicamente filha do meu desenfado, me não cançarei em a converter objecto das minhas fadigas, e verei com toda a indiffença os furiosos embates da tua crítica arrancar-lhe os cabellos, e cuspir-lhe no rosto, sem que me fação pezo, nem as tuas affrontas, nem as tuas injurias. Tenho por melhor, que te divirtas, e

me deixes, se he que tanto póde merecer a GATICANEA, a qual satisfazendo a tua curiosidade, te facilitará juntamente o caminho de desentranhar alguma galantaria, donde inteiramente se não espera. E porque na minha consciencia julgo, que não offendi, nem sómente n'uma palavra a tua modestia, não te peço perdão de nada, nem tambem que deixes de morder na minha Obra; porque tendo-a eu soltado da mão, nem o teu applauso lhe poderá escurecer os defeitos, nem a tua maledicencia deslustrar a bondade. Contra o parecer de pessoas de bastante crítica deixei de pôr notas Geograficas, e Mythologicas, porque

prevaleceo a razão de não tratar seriamente hum assumpto ridiculo, em que só pertendo mostrar, que na pequenhez do mesmo assumpto póde a fantasia discorrer com galantaria, e novidade. Só em alguns lugares, que julguei indispensaveis, puz algumas; mas tão breves, quanto foi possivel dispollas para intelligencia desta Obra, da qual não espero maior satisfação, que a de contribuir para o teu desenfado, e que em paga desta boa vontade me remuneres o meu trabalho, que todo fica sendo leve, e suave, quando proporcionadamente se gratifica.

Godinho f.

GATICANEA.

CANTO I.

DOs Gatos, e dos Cães a bruta Guerra,
Que as partes inquietou de toda a terra,
Se meu engenho humilde póde tanto,
D'Estro novo ferido alegre canto.

Não Caliope invoco, nem Thalia;
Porém Musa, que seja corredia,
Que em discurso corrente limpo, e razo
Me grimpe na montanha do Parnazo,
Na qual eu possa dar hum forte grito,
Ou tocar rijamente algum apito,
Que estrugindo do Mundo as quatro partes,
Se arvórem para a Guerra os Estandartes.

Concorrão os mais fortes Cães de fila
Sem demora nenhuma á Regia Villa,
Que o nome tem de Mafra, a qual se acclama
Já sobre as azas inclytas da Fama.

Venhão fortes Mastins, e Perdigueiros,
Gozos, Podengos, Galgos, e Rafeiros;
Da mesma sorte os Gatos mais valentes
Venhão para ajudar os combatentes
Da plébe Gatical, que bruta Guerra
Lhe estão movendo os Cães de toda a terra.

Os d'Arabia, da Persia, e do Japão,
De Inglaterra, de França, e Maranhão,
Do Grão Macôco, e fria Noruega,
E da parte Oriental, que o Indo rega.

Venhão milhões dez mil de rabo alçado
Soccorrer o seu povo, que abalado
Se vê nesta raivosa, e brava empreza,
Que assombra toda a vasta redondeza.

Era no mez, que o Sol no Touro entrava,
E que as louras madeixas destoucava,
Quando Phlegon, Pyrois, Eóo, Ethonte,
Em lugar de correr, pastão no monte;
Por quanto o mesmo Sol, como pasmado,

Parece no Zenith estar parado.

Quando a Cigarra canta alegremente,
Sem temer o furor da calma ardente,
A Cabra com o Bode se escornicha,
E sahe de seu buraco a Lagarticha,
Os Lagartos dão voltas, e carreiras,
Entre as velhas, musgosas oliveiras,
E saltando contentes pela selva,
Os Cabritos retoção fresca relva,
E por finalizar a descripção,
Dizer quero, que foi pelo Verão.

Neste tempo o Carroça (1) andando á tuna,
Sem lembrar-se de haver gente gatuna,
Nos cantos da Cozinha procurava
Matar a fome negra, que o matava;
Onde hum Gato malhado, e mui valente,
Com a mesma idéa unicamente
De grangear tambem a sua vida,
A teve desta vez quasi perdida;
Porque o grande Carroça o investio

(1) Nome, que pozerão a hum Cão em Casa do Excellentissimo Senhor Visconde Secretario, por andar sempre acompanhando huma Carroça, que dá agua para a Casa do dito Senhor.

Com furia a mais cruel, que o Mundo vio.

Porém o Gato audaz, como hum Diabo,
Erguendo para o ar o longo rabo,
Dos olhos fogo lança, e em raiva acceza,
Quiz mostrar ao Carroça a barba teza;
E sem muita fadiga, nem cansaço,
Se lhe poz a cavallo no espinhaço;
E sem que nada o mova, ou atropelle,
Lhe estava posto alli trincando a pelle,
Mostrando sacodir-lhe alguma pulga,
Inda que o Mundo agora tal não julga;
Que assim como não serve a fruta podre,
O mesmo he pelle rota para hum odre:
E nem por graça a gente pensa tal,
Que hum Gato obrar quizesse tanto mal
De trincar huma pelle, que podia,
Segundo o grande vulto que fazia,
Da parte occidental té o focinho
Dous almudes levar de azeite, ou vinho:
Nem verosimil he, que hum peito forte
Os bens destrua alheios desta sorte;
Porque tambem ha Gatos muito honrados,
Briosos nas acções, e afidalgados.

No preclaro Ministro (1) se comprova
Não ser isto que eu digo cousa nova;
Pois he Gato tão grande, e tão famoso,
Valente, audaz, soberbo, e magestoso,
Gordo, festivo, sabio, e verdadeiro,
Que seu dono o quinhão lhe faz primeiro;
Precedendo nas honras, que ha na meza,
Por ser agigantado, e ter nobreza
Tão clara, que a vetusta origem della
Nem Portugal a sabe, nem Castella,
Por ser da raça antiga dos Bichanos,
A que adorarão Celtas, e Romanos. (2)

Mas o Gato da Guerra na Cozinha,
Vem de outra geração vil, e mesquinha;
Ou, como o vulgo diz, he d'outra casta,
Por ser tudo roubado quanto gasta.

O mimoso presunto, o bom guizado,

---

(1) Nome de hum Gato de hum Amigo do Author, de grandeza extraordinaria, e que tem dezoito annos de idade.

(2) Entre as infinitas Divindades, que estas antigas Naçoes cegamente adorarão, incluião tambem os Gatos, aos quaes chegarão a render supersticiosos cultos.

Que por descuido encontra mal guardado,
O fisga com destreza, e sem fadiga
O pespega no centro da barriga.

E seguindo o que foi lei natural,
Affirma, tudo deve ser igual,
Sem que se diga meu, nem diga teu,
Como já n'outro tempo aconteceu
Naquella idade de ouro tão gabada,
Que a terra dava pão, sem ser aráda,
Repartindo-se tudo quanto havia,
Sem haver distincção de jerarquia.

E segue tanto á risca esta doutrina,
Dizendo que a razão a determina,
Qué a seis netos, que tem já bem crescidos,
Lha prega vezes mil pelos ouvidos;
Os quaes, desta maneira doutrinados,
São ladrões de alto bordo desmarcados,
Que rondando de noite, e mais de dia,
Cada hum se transforma em huma Arpîa;
Sem que bastem cuidados, e cautélas,
De lhes fechar as portas, e janellas,
Para que elles por artes do Diabo
Não vão tudo encaixar na pá do rabo.

Quaes lobos esfaimados carniceiros,

Os quaes, topando acaso alguns cordeiros,
Os tasquinhão com tal voracidade,
Que nem para constar desta verdade,
Fica sinal de sangue, pelle, ou osso,
Que tudo alli mamou voraz destroço.

Em fim he de ladrões hum povo armado,
Sem que baste a pedrada, nem cajado,
Para tirar-lhe a manha ladronatica,
De que tem os malditos tanta prática.

Mas por serem ladrões desta maneira,
Viráõ anzoes da Villa da Ericeira, (1)
Para que vindo á fisga dos guizados,
Elles fiquem tambem alli fisgados,
E para desenfado dentro em caza
Pagarem tudo á risca, e tudo á raza,
Com grossos varapáos com seus esgalhos,
E fazer-lhes as pelles em frangalhos.

Mas onde vou correndo estulto, e tolo!
Dá voltas por ventura o meu miolo?

---

(1) Esta Villa he maritima. Dista de Mafra huma legoa. He terra de muita pescaria.

Ou seguirei hum erro tão formal,
Que abandone o motivo principal
Da altisonante, heroica, e grave historia
Escrita já nas taboas da memoria?

Minha Musa Gatesga, vem depressa
A metter-me no ponto, em que começa
O famoso Carroça, respeitado,
A vêr-se indignamente agatanhado;
E dá-me esforço tal, que o Mundo espante,
Para que em verso alegre a Guerra cante,
Que entre Gatos, e Cães tem visto o Mundo
Com desabrido estrago furibundo.

De novo o meu assumpto aqui proponho,
Mostrando que não foi hum leve sonho
A batalha cruel, feroz, e ardente,
Na qual hum forte Cão se vio tão quente;
E só depois que o povo lhe acodio,
O Gato inda assanhado lhe fugio.

Finalmente de pelle agatanhada
Com salpicos de sangue matizada,
O Carroça valente, e magestoso,
Da batalha cruel sahio furioso:
E forçado da dôr, e sentimento,
Foi logo dar comsigo no Convento;

E buscando o Maluco, (1) o consultou,
E nesta fraze attento lhe fallou:

Destemido Maluco, valeroso,
Que todo o Mundo acclama por famoso,
Em cujo grande ardor, em cuja raça
Só póde allivio ter minha desgraça,
Por ser de Cães honrados, e valentes,
A patria libertar, e suas gentes,
E darem só por ella a mesma vida,
Quando se vê sem causa combatida.

Eu me chamo o Carroça, e sou Fidalgo,
Como bem pódes ver em hum catalgo,
Que de meus quatro Avós posso mostrar-te,
No qual de mim tu possas informar-te.

Meu pai foi destemido de tal sorte,
Que a mais de tres mil Gatos deo a morte;
E quando pedra, ou páo nos lombos via,
Nunca se ouvio queixar, nunca gania.

---

(1) He hum Cão de disforme grandeza, e ferocissimo dos Religiosos de Mafra.

De meu Avô he claro, e bem sabido,
Chamar-se por mais honra o Atrevido;
Meu Visavô, por grande, e desmarcado,
O Possante das gentes foi chamado.

Minha Mãi se chamava Galatea,
Que todo Mundo acclama á boca chêa,
Pela Cadella mais honrada, e boa,
Que allumiou a luz da tocha Eôa.

Minha Avó se chamou Dona Fineza,
E minha Visavó Dona Lindeza,
O qual Dom tinha vindo em linha recta
Da Princeza, que fora Galga preta,
Cuja antiga prosapia he tão notoria,
Que della havia já clara memoria
No tempo que o valente Malambruno
Girou nos vastos campos de Neptuno.

Por mover-te, Maluco, á compaixão,
Te faço esta brilhante relação,
E venho procurar o teu soccorro,
Porque sei, que não és qualquer Cachorro;
Porém hum Canzarrão muito alentado,
Digno de em prosa, e verso ser cantado.

Meu dono he hum Senhor tão principal,
Que antes de entrar Mourisma em Portugal
Já seus Maiores por diversos modos
Tinhão nome plausivel entre os Godos;
E sendo tão sublime, e preeminente,
Me chega o pão, e carne junto ao dente:
Todos os mais Senhores bons, e gratos,
Mandão pôr-me a lambuge de seus pratos.

O Cõprador, q̃ he homem muito honrado,
Capricha em me tratar com muito agrado;
Elle me fez o Guarda da Despensa,
E deu-me nas ossadas huma tença.

Mas tem desta eleição altos louvores
Da Familia em geral, mais dos Senhores;
Porque inda tendo fome não furtei
Cousa alguma das muitas que encontrei
Por tão diversas partes da Cozinha,
Fosse vacca, ou perû, pato, ou gallinha.

Algumas cousas destas já guizadas,
Outras pelos cabides penduradas,
Que apenas póde haver no Mundo Cão,
Que viva em mais distincta opinião.

Mas sendo Creatura tão honrada,
Chóro ver minha pelle agatanhada
Pelo Gato mais vil, e desgraçado,
Que em barrigas de Gatas foi gerado.

Em fim, grande Maluco, o caso he este
Se bem no teu discurso o comprehendeste;
Acabe de huma vez esta maldita
Geração Gatical, na qual habita
A raiva, a presumpção, a sanha, a furia,
Que faz a nobres Cães tão grande injuria.

Teu nome portentoso, e teu respeito
He tão grande, e sublime em meu conceito,
Que espero vêr por ti desaffrontada
Esta injuria tão grande, e tão damnada;
Por teu agudo dente, bravo, e forte,
Instrumento do susto, e mais da morte.

De dôr forçado aqui no infausto ensaio,
Cahio mortal em terra de hum desmaio:
E qual de azeite o fio delgadinho,
A baba lhe corria do focinho:
E rodando por terra hum largo espaço,
De novo se arranhou pelo espinhaço;
Depois se poz em pé, mas enfiado,
Sem mais poder dizer, ficou pasmado.

Neste tempo o Maluco destemido
Na testa o foi lamber compadecido,
E disse, vendo-o já em seu acordo;
Com tom de voz horrendo, cheio, e gordo:

Eu juro á fé de Cão tomar vingança
Dessa tão grave offensa, sem tardança:
Meu bom Carroça, toma, toma alento,
Que eu juro de vingar o atrevimento
Da Gatical quadrilha tão maldita,
Na qual a ingratidão sómente habita.

E farei tão crueis espalhafatos,
Que sintão meu furor milhões de Gatos,
Ficando desde agora mais famosa,
Mafra pela batalha sanguinosa,
Que vou apresentar-lhe. Não detenho
Nem mais hum só minuto o meu empenho.

Vai-me o Tejo chamar, mais o Arrogante,
O Basbaque, o Casquilho, o Diamante, *
Que estes escolho já por Cães melhores,
Para que sejão meus Embaixadores,
Fazendo em primo loco em meu Conselho,
No caso discorrer o Cão mais velho.

---

* Nomes de Cães de sujeitos Amigos do Author.

Isto o Carroça ouvindo, alvoraçado,
De alegria ladrou, logo arrastado
Lhe foi por cortezia dar hum bejo
Na parte menos limpa, sem ter pejo;
E disse: O' valeroso, e forte Cão,
Dou parabens á tua geração;
Tu serás finalmente o meu remedio,
Os Gatos acabando em duro assedio.
Pelo Mundo ladrando mostrarei,
Que tem o teu querer força de lei;
Que teu furor ousado, e forte dente,
Quando se ouve ranger, põe medo á gente;
Que essa cabeça enorme, e tão felpuda,
Qual a de outro Trifauce, he carrancuda;
Que se no escuro Averno se mostrara,
A barca de Acheronte atraz tornara.

Manifeste cantando os teus louvores
A Fama com clarins, e com tambores,
Que eu não sei, nem me atrevo assás louvar-te,
E menos quando a mesma por cantar-te
Sóbe nas altas grimpas, onde sôa,
Com retumbante voz, que tudo atrôa.

Eu vou chamar os Cães, que tu me ordenas,
E além desses viráõ tres mil dozenas,
Pois do mais leve aceno, que fizeres,

As leis se hão de cumprir, que tu quizeres.

Nisto sem mais dizer prompto marchando,
Vai os cantos de Mafra examinando,
Nos quaes achando os Cães, que pertendia,
As ordens intimava, que trazia.

Elles sem replicar forão correndo,
A's ordens do Maluco obedecendo;
O qual sobre a culatra bem firmado
Lhes falla desta sorte encarniçado:

Vós, generosos Cães, que tendes feito
Tão distinctas acções por meu respeito,
Não só engrandecendo a minha raça,
Mas dobrando-me os joelhos nesta praça,
Agora mais que nunca busco, e quero
Achar no vosso peito amor sincero.

Quero, que quantos Gatos tem o Mundo,
Vão parar desta vez no Averno fundo,
No qual a morte reina, e confusão,
Voltejando na testa de Plutão.

Vá de hum revéz hum povo tão maldito
Ver as tristes cavernas do Cocyto:
Ou minem, ou não minem tudo os Ratos,

Eu não quero no Mundo ver mais Gatos;
Que hum delles se atreveo á torpe acção
De agatanhar o mais valente Cão.

E por mais despertar a furia vossa,
Sabei, que isto se fez ao bom Carroça,
Cuja distincta, e clara fidalguia
Excede a luz do Sol, que fórma o dia.

Elle tem posto em mim certa esperança
De achar no meu valor cruel vingança
De tão indigna affronta; e determino
De hum golpe aniquilar o ardor Gatino:
Mas porque de hum revéz a morte crûa
A brava Gatigal raça destrûa,
Preciso algum soccorro para a Guerra,
Que deve declarar-se em toda a terra;
E querendo que nisto haja Conselho,
He meu gosto, que falle o Cão mais velho.

Então o fusco Tejo, (1) bravo, e forte
A discorrer começa desta sorte:

---

(1) Este Cão chamado Tejo he de cor fusca, ou quasi negro, e he muito raivoso, do qual he dono huma das principaes pessoas da Villa de Mafra.

Grande Maluco, bravo, e destemido,
Eu quero defender o teu partido,
Que essa mesma razão, que te provoca,
A qualquer nobre Cão tambem lhe toca,
E deve ser vingada rijamente
Pela força maior do nosso dente.
Cumpra-se o que desejas, pois he justo
Sirva de lei o teu preceito augusto.

Neste ponto o Casquilho se levanta,
E desprendendo as vozes da garganta,
Disse: O raivoso Tejo tem fallado,
O' famoso Maluco respeitado,
Com eloquencia macha, sabia, e fina;
Mas por arte da madre Celestina
Tambem te mostrarei no meu discurso,
Que em discorrer não sou hum Burro, ou Urso.
Digo que mandes logo sem demora,
Desde o funesto Occaso á roxa Aurora,
Chamar os Cãos, que tem mais valentia;
Por quanto agora sei por além via,
Que a gente Gatical com ardor cego
Quer tirar-nos as tripas do pelego.
O Arrogante, o Basbaque, o Diamante,
Em fraze nada menos elegante,
Tendo ouvido fallar seus Companheiros,
Expoem seu parecer, e muito inteiros

Fizerão pelas barbas juramento
De seguir do Maluco o nobre intento,
E tambem o morrer pela defensa
Da plebe Canzual; e sem detença
Desejão penetrar as bem sabidas
Do Mundo desiguaes sete partidas,
Donde lhe possão vir mil legiões
Dos mais agigantados Canzarrões.

Maluco mui cortez lhes agradece
A vontade, que nelles reconhece;
Passa-lhes instrucções das Embaixadas,
E roteiros lhes deo para as jornadas.

Huns correm para as partes Boreaes,
Outros buscando vão as Orientaes,
Quaes leões furibundos, e rompentes,
Ás ordens do Maluco obedientes,
Não mostrando nenhuma repugnancia,
A pezar do trabalho, ou da distancia.
E quem deixar podera de ir correndo
Ás ordens de animal tão estupendo,
Sendo elle hum Canzarrão tão desmarcado,
Que engole dois Cabritos de hum bocado?
O qual a natureza portentosa
Formou tão singular, que duvidosa
A gente está, se he Elefante, ou Cão,

Ou animal de estranha geração.

Mas neste passo a Musa mais se exalta,
E como cousa douda corre, e salta
Com furor mais ardente, ou mais profundo,
A dar brados insolitos no Mundo.

CANTO II.

TEndo já feito os Cães seu grão Concilio
N'um canto de seu proprio domicilio,
O Ministro o penetra, cuja fama
Abrange quanto Apollo ardente inflamma.

E chamando tambem a Consistorio
A sua gente, a todos faz notorio
O desejo formal, que n'alma encerra
De matar quantos Cães ládrão na terra;
E com discurso forte, e bem tecido
Lhes falla desta sorte embravecido:

Vós nobres, e valentes Companheiros,
Que em morder, e arranhar sois os primeiros,
As mais felpudas pelles, e mais grossas,
De Casquilhos, Malucos, e Carroças,

Sem que desta canalha o feio aspecto
Abrande o vosso ardor alto, e selecto.

Sabei que hoje me foi representado
Pelo distincto, bravo, e bom Malhado (1),
Que o mais vil Cão, que encerra o vasto Mundo,
O accommeteo raivoso, e furibundo;
Mas que elle fez hum salto no costado
Deste louco atrevido, e que trincado
Lhe tinha a dura pelle rija e grossa,
E que o tal Cão se chama o vil Carroça.

Diz, que o cavalgou com força tanta,
Que ferrando-lhe as unhas na garganta,
Lhe procurava abrir bastante entrada,
Para tirar-lhe a lingua da arreigada:
O que tivera feito facilmente,
Se com páos não viera muita gente
Por defender o pessimo Rafeiro,
De que o bravo Malhado fez poleiro.

---

(1) O Gato da contenda na Cozinha, e que foi o motor da Guerra.

Nasceo deste successo já sabido
Nos malditos haver tal alarido,
Tão desabrido ardor, e tanta furia,
Tendo este caso atroz por huma injuria,
Que determinão todos por seu brio
Lançar-nos desta vez no Averno frio,
Fazendo em nossas pelles mais estrago,
Do que fez na Turquia Carlos Mago.

Ha hum certo Maluco nesta terra,
Que maldita soberba n'alma encerra,
E defender procura o Cão maldito,
A quem venceo o grão Malhado invicto;
E procura juntar grandes soccorros,
Não só de bravos Cães, mas de Cachorros,
Para nos acabar em Guerra dura,
O que já no seu peito injusto augura.

Mas julgo que isto fazem de medrosos,
Pelos muitos successos lastimosos,
Que tem da nossa furia experimentado
Desde que a terra aquenta o Sol dourado.

Se por medo não fosse, sem demora
Nos virião tirar as tripas fóra,
E não procurarião desta sorte
Por tão indigno modo a nossa morte.

Assim, valorosissimos Soldados,
Tende promptos os dentes, e aguçados;
Mas se exemplo nos dão estes Doutores,
Mandaremos tambem Embaixadores
A's terras mais remotas e distantes,
Nossas forças unindo fulminantes.

Vá o Remeirinhal (1) para Alemanha,
Parta logo o Pardinho (2) para Hespanha,
O Malhado (3) tambem para Moscovia,
O Amarelinho (4) corra a ver Cracovia,
O Caçador (5) vá logo para a China,
E parta o Derrabado (6) a Salamina.

Outros partão tambem com promptidão
Ás Ilhas de Moloc (2), ou do Japão.
Digão, que do Ministro são mandados,
Procedão em toda a parte como honrados;
Tratem todos os Gatos com respeito,
Que assim de nós faráõ melhor conceito.

(1, 2, 3, 4, 5, 6) Nomes de Gatos de donos conhecidos do Author.

(2) He o verdadeiro nome das Ilhas de Maluco, e significa cabeça de cousa grande.

E recommendo a todos outra vez
Não seja algum de vós tão descortez,
Que torne a investir prato, ou panella,
Lamprêa, franga, sável, ou murcella.

Comei em hora boa o que vos dão,
Pois isto nada cheira a ser ladrão;
Que não faltão Senhores generosos,
Que attentos, desvelados, cuidadosos,
Não mandem, que a lambuge de seus pratos
Se reparta igualmente pelos Gatos.

Conclûo com vos dar as boas idas
A essas Regiões desconhecidas;
A benção de Mafoma vos defenda,
Cujo grande (1) Profeta em nossa Lenda
Tem primeiro lugar. Elle vos traga
Com legiões de Gatos, como praga,
Com que mostrar possamos nesta Guerra
Em Mafra de Cães mortos huma serra.

Oh prudente, discreto, e generoso
Ministro! Grande, invicto, e poderoso,

---

(1) Por ironia.

Magnanimo, sizudo, bravo, e forte,
Cujas proezas a pezar da morte
Ficaráõ pelos bronzes esculpidas,
Ou nas pedras duras embutidas;
(São vozes do fogoso, e bom Malhado
Aos pés do grão Ministro arrodilhado)
Pois com prudencia tanta nos ensinas,
E salvar-nos a todos determinas;
Nós por te obedecer com amor puro,
Romperemos por ti o Inferno escuro.

Levantou-se o Ministro muito airoso,
Com ar de gravidade magestoso,
E desta honrada gente se despede
Contente do favor, que lhes concede.

Já partem os Athletas mais valentes
A buscar pelo Mundo combatentes,
Deixando os patrios láres; pois os chama
A trabalhos infindos honra e fama.

Já o Remeirinhal esbravejando
Vai as serras Alpénas penetrando,
E buscando a alta Saxe, a Franconîa,
Girou quanto ha do Rheno até Hungria;
E do Baltico mar piza as arêas,
Onde na praia vio trinta Balêas.

Em Autriche, Suabia, e na Bourgonha,
Sem que hum ponto seu garbo descomponha,
Juntou poder mui grande, e numeroso
A's ordens do Ministro poderoso.
Embarcão-se nos mares de Alemanha,
De Neptuno a Região inculta, estranha,
Calcando nos ligeiros leves pinhos,
Abrindo pelo mar novos caminhos.

Passou a Armada junto de Bristol,
No mez que o bravo Touro monta o Sol;
Que pelos vastos campos de Neptuno
Tambem sabe girar povo Gatuno.

O Pardinho, que foi correr Hespanha,
Não lhe ficou recanto, nem montanha,
Que não examinasse muito attento,
Por exacto cumprir seu regimento.

Vio Cordova, Granada, e vio Asturias,
De sede, fome, e Sol soffrendo injurias;
Cataluna, Aragão, Andaluzia,
As ordens intimando, que trazia.
E no Reino de Murcia, ou de Leão,
Encontrou hum tremendo Gatarrão,
Tão grande, que ha razão muito bastante
Para se discursar que era Gigante.

Este se offereceo sem mais porfia,
Dizendo, que só elle bastaria
Para doze mil Cães dos mais valentes,
Por ter muito folgados os seus dentes;
E buscando a estrada principal,
Entrão por Badajoz em Portugal.

O Amarelinho a Petersburg passa
Para gente buscar da sua raça:
Esta Cidade he capital da Russia,
Assim como Berlim o he de Prussia.

Estando pouco tempo em Brandembourg,
Se tornou a passar a Petersburg;
Buscou a Região Septentrional,
As aréas pizou do mar Glacial;
Entrou por muitas terras da Tartaria,
Vendo do Mundo inteiro a gente varia.

O Malhado depois de ver Cracovia,
Passou logo tambem para Varsovia,
E depois no terceiro, ou quarto dia
O Ducado buscou de Lithuania.
Pelas margens do Bouge, e do Niepêr,
Sem nunca descançar, nem se deter,
Achou Gatos tão fortes e raivosos,
Que intrepidos, soberbos, valerosos,

Vem promptos, e contentes para a Guerra,
Que a desgraça forjou no fim da terra;
Porque vendo da parte Oriental
O fim de todo o Mundo he Portugal:
De Portugal a terra derradeira
Fica sendo de Cascaes, ou Ericeira;
Que huma legoa será, quando se atalha
Dos campos sanguinosos da batalha.

Os Gatos por Grumetes marinhando
Vem as salgadas ondas apartando,
Sem que do grão Neptuno o aspecto enorme
Em seu grande projecto os desconforme;
Que os grandes corações de honra sedentos
Té parecem zombar dos Elementos.

Na China o nobre, audaz, forte Assanhado
Tudo tem revolvido, e tem minado;
E posto no caminho, chega em fim
A' Cidade famosa de Pekim.

Oitocentos mil Gatos acha nella
De côr cinzenta, branca, e amarella;
De Pekim marchando, todos vão
Para a grande Provincia de Cantão.

Discorrem por Nankim, Chekian, e Fokien,
Leauto i, Xanton, Kiangsi, Hucuang, Suchuen;
Que são, pelo que a historia nos ensina,
Provincias muito grandes lá na China.

Os Chinezes com olhos de toupeiras
Se punhão nas montanhas, e ladeiras,
Para verem correr as enxurradas
De tão numerosissimas Gatadas.

Daqui, seguindo a Persia, todos vão
Buscar a Corte principal de Haspáõ,
A mais famosa, rica, e decantada,
Que allumia do Sol a luz dourada.
Correrão pelas ruas principaes,
Que pelo meio tem largos canaes,
Nos quaes embarcações andão remando,
Que anafins sonorosos vão tocando,
Os corações enchendo de alegria
A pompa, o luzimento, a melodia.

Virão de longe o Paço Imperial
Bem no centro da Praça principal,
Do qual a formosura com grandeza
Excede a quantos ha na redondeza.

Nas suas quatro frentes, ou fachadas
Tem figuras tão bem desempenhadas,
Que só julgallas póde quem regista
A sua perfeição com propria vista.

Transfórma-se alli Jove em gotas de ouro,
Aqui a lyra toca o Pastor louro,
Acolá Daphne amante vai buscando,
Que em loureiro a figura vai mudando.

Em nichos se estão vendo as sabias Musas,
A quem tu, claro Apollo, não recusas,
Em benignas, e gratas influencias
Cabal conhecimento das sciencias.
Clio os peitos accende em alta gloria,
Polymnia dando lustres á memoria,
Eráto mais Terpsichore bailando,
Os tempos, e compassos ajustando.

Para outra parte attenta Urania estava,
Que do Olympo os astros contemplava;
Compunha Euterpe flautas numerosas;
Caliope cantava acções gloriosas;
Melpomene em sublime, e clara historia,
Applaudia Varões d'alta memoria;
Thalia sujeitava a força errada
Da leve fantasia arrebatada.

Para outra parte Cricias, e Nestocles,
Agelades, Alcamenes, Pirgoteles,
Em pedras das mais finas esculpião
Figuras, as quaes vivas parecião.

Mais a diante os Mestres da Pintura
Em lenços cada hum formar procura
Imagens, de que a propria natureza
Ser Mestra verdadeira, e Mãi se préza.

Arîstedes, Protôgenes, e Apelles,
Polydenes, Parrhásio, e Praxitéles,
Todos com seus pinceis de immortal fama
As tintas applicando: Marte inflamma
Os peitos para a Guerra, e tem lançado
O elmo para traz com gesto irado.

As Nayades de cabellos gotejando,
Napéas toscos matos penetrando,
Oreades nos campos divertidas,
Dryades em regatos convertidas.

No mais alto lugar mui bem talhado
Virão o grande Jupiter sagrado
Das mãos raios lançando, e fogo ardente
Nos horrendos Titões de força ingente,
Tão natural, que a gente amedrontada

Parece ouvir o som da trovoada.
Nos lados duas torres se levantão
Em fórma obeliscal, que a vista encantão,
Que de relevo mostrão mil figuras
Gravadas finamente em pedras duras.

Mas ah! que eu me desvio do que devo;
Pois quando de huma Guerra a historia escrevo,
Me dilato em tratar de hum frontispicio;
Dando de meus descuidos claro indicio.

Torna a metter-me, Musa, no caminho,
Se não diráõ, que estou farto de vinho;
Que talhando huns alforges de lã parda,
Me sahe no fim de tudo alguma albarda.

Mas já sinto abrazada a fantasia
Para o assumpto buscar de que fugia:
Digo pois, que o magnanimo Assanhado,
Depois de tantas terras ter andado
Com toda a multidão da sua gente,
Esta Cidade vio grande e florente,
Que em sitio de formoso campo ameno
A banha o Zenderouth (1) claro, e sereno.

---

(1) Nome de hum Rio, que passa junto da refe-

Nella hum Gato encontrou do Imperador,
Por alcunha chamado o Caçador,
Que no Paço Real não só caçava,
Mas tambem os mais Gatos governava.

Este ouvindo a proposta nunca ouvida
Do valente Assanhado, de corrida
Mandou seis Postilhões com seu avizo
Para a Cidade antiga de Taurizo (1).

Alli se resolveo em continente
A raça Gatical mais excellente
Para as ordens cumprir do Caçador,
O qual dos Gatos era Imperador.

Promettem de Taurizo estas Quadrilhas
Fazer as pelles todas em estilhas
A quantos Cães a superficie encerra
Da vasta, immensa, e dilatada terra.

---

rida Cidade, do qual se fórmão muitos canaes pelas ruas principaes della.

(1) Cidade no Imperio da Persia, que n'outro tempo foi Metropoli, e Corte dos Imperadores.

Partem todos de Haspão, e sem demora
Correm a Babylonia, onde agora
A pequena Cidade de Bagdata
Se vê unicamente, a qual retrata
A nossa Santarem. Nisto parou
Huma Corte, que tanto se illustrou
Por maravilha grande em todo o Mundo.
Com desprazer os Gatos mui profundo
Se queixavão do tempo, que impiamente
Com seu rígido braço omnipotente
Destróça, amolga, rompe, e amassa
A pedra, o bronze, a formosura, a graça;
Que o Cão das tres gargantas tudo come,
E o tempo tragador tudo consome.

O tempo sem ser Gato dá unhadas,
As pelles mais felpudas faz pelladas,
E tudo por seu gosto, ou seu recreio,
Faz naufragar nas aguas de Letheio.

Em si mesmo o Ministro o experimentava,
Na sua fresca idade gordo estava,
Inda mais que hum Texugo, e mui contente
Fazia muita festa a toda a gente.

Mas hoje entregue todo a seu cuidado,
Mais pezaroso vive, e mais cançado;

E bem se vê, que os annos, que passarão,
O macîo da pelle lhe mudarão;
Com tudo no valor falta não sente,
Como bem nesta Guerra fez presente.

Mas já razão parece, e cousa idonea,
A partida contar de Babylonia
Dos intrepidos Gatos valerosos,
Que soberbos, ardentes, e raivosos
Partirão pelas tres da madrugada
Desta Cidade antiga, que fundada
Foi por Nembrod em mil com oitocentos
Da creação dos vastos Elementos.

Passarão pela ponte das Dainecas,
Entrando nas vastissimas charnecas
Daquellas tão desertas Regiões,
Habitação de Tigres, e Leões;
Onde encontrando alguns os investirão
Com força a mais cruel, que as gentes virão.
Muitos vendo a quadrilha Gatical,
Nella se arremeçarão por seu mal;
Por quanto os Gatos levantando os rabos,
Raivosos como todos os diabos,
Se portarão com tanta fortaleza,
Que dos Leões fizerão sobremeza,
Servindo de refresco á forte gente,

Que para a Guerra corre diligente.

Pela Cidade de Anna (1) todos passão,
E della para Rhabe se traspassão,
E na grande lagôa, que está fóra,
Só em beber gastarão mais de huma hora,
Por virem sequiosos, e encalmados
Por tão inhabitaveis descampados.

Buscão Taibe, depois vão a Milôa,
Onde ha de agua excellente outra lagôa.
Daqui partindo os bravos combatentes,
Desfazendo nas unhas mil Serpentes,
Pelas vastas charnecas, que passarão,
Para Alépo marchando, se apressarão.

Alguns Aleponezes, ou Piratas
Quizerão affirmar, que havião Gatas
Nesta chusma infinita de Bichanos,
Ou valentes Athletas Gaticanos.

Mas distinguir o sexo pelo vulto,
Só pertender o póde hum povo estulto;

---

(1) He capital da Lybia Deserta. Divide-a pelo meio o rio Eufrates.

Pois ha homem sem barbas, ou barbicas,
Que em lingua Portugueza são maricas;
E mulheres barbadas de maneira,
Que barbas vender podem n'uma feira.
Nos Gatos, e nos Cães do mesmo modo
Se póde equivocar o Mundo todo.

Parece ao longe hum Corço huma gazella,
Ao perto hum Cão parece huma Cadella.
Parece a Gata Gato, o Gato Gata
Nas pelles, e tambem se se retrata;
E pelos miáus, ou logo de repente,
Ninguem distingue o sexo desta gente;
E finalmente ha mais de tres mil annos,
Sejão Gatos, ou Gatas, são Bichanos.
E julgo, que estes taes Aleponezes
Mais tolos inda são, que os Japonezes (1),
Presumindo alcançar, de que eu me espanto,
Cousas, que ao juizo humano excedem tanto.

Demais, que Minos, Rhadamanto, Eáco,
Vendo o ser feminil tão molle, e fraco,

---

(1) Os naturaes da grande Ilha do Japão.

Julgarão por sentença, que não erra,
Que lhes fosse prohibido entrar na Guerra.

E vendo elles tão grande quantidade,
Bem podião julgar, e com verdade,
Não ser cousa diversa deste assumpto,
Tanto povo Gatesgo achar-se junto.

Quando a Mãi de Memnôn acorda o dia,
Que nos braços da noite adormecia,
Mais ligeiros, que o leve pensamento,
Para Antioquía as proas poem ao vento.

Nesta Cidade todos se embarcarão,
Pelas grossas enxarcias se treparão,
Sem temer de Amphitrite altas procellas
As ancoras levantão, largão vélas.
Passão junto de Chypre, e vindo ávante,
Os mares dividindo do Levante,
Deixando atraz o mar Mediterrano,
Entrão em Gibraltar para o Oceano,
Vindo todos assim desta maneira
Desembarcar na Villa da Ericeira.

Desembarcão no dia quatorzeno
Do mez, que o Touro vai no campo ameno
Mugindo espicaçado dos Mosquitos,

E pastão tenras hervas os Cabritos.

O Ministro de tudo já sciente
Foi para os receber com sua gente,
E derão todos juntos taes mianadas,
Que parecião grandes trovoadas.

A gente da Ericeira de medrosa
Dentro em casa se fecha temerosa,
E pelos buraquinhos espreitando
Se lhe está mesmo o sangue congelando.
Mais de trinta milhões serião todos
De figuras diversas, varios modos,
Que depois dos trabalhos, que passarão.
Todos no mesmo dia alli chegarão.

A tudo foi dispondo em batalhões
O Ministro com sabias prevenções;
E logo para Mafra ás trancas dão,
Aonde seus quarteis promptos estão.

Qualquer delles aguça a ferramenta
Para a Guerra cruel, sanguinolenta,
Que pertende cantar enfurecida
Huma Camena alegre, e nunca ouvida.

CANTO III.

JA' de Phaetonte o Pai o carro guia
Para o Zenith celeste aonde ardia,
Dalli calor tão grande á terra manda,
Que se estão vendo de huma; e d'outra banda
Os Cães sem folgo algum, de boca aberta,
Quando da calma o ardor mais os aperta.

Então nas azinheiras forte sôa
O canto da Cigarra, o qual atrôa
A gente, que passando vai suada,
Fazendo o seu caminho pela estrada.

Nesta tal conjuncção indà girando,
Soccorros para a Guerra procurando
Andão os nobres Cães tão destemidos
Em quantas Regiões os tres latidos
Do Tartáreo Cerbéro escuta a gente,
E de Latona doura o filho ardente.

Africa adusta corre o fusco Tejo,
Que de Abissinia os campos pizar vejo,
E na Corte, que nome tem de Axuma,
Lançando do focinho branca escuma,
Propoz a hum tal Podargo, Cão famoso (1),
As ordens do Maluco poderoso.

Este por celebrar esta Embaixada
Chamou huma Cadella derrabada,
Prima de sua Mãi, que por bem feita
Lhe chamavão seus donos a Perfeita,
Nesta palavra *Kian*, que significa
Isto mesmo, que acima dito fica.

Ambos póstos no meio de hum terreiro
Se babavão de ouvir este estrangeiro,
E preguntavão quanto na verdade
Lhe podia servir de novidade,
Da terra tão remota, em que nascera,
E porque taes caminhos emprendera.

Então o fusco Tejo principia,
Attento a discorrer, e assim dizia:
Valeroso Podargo, o teu preceito

---

(1) Nome de hum Cão na Ethiopia.

Gelar a voz me faz dentro no peito;
Pois vejo, que teu gosto se encaminha,
A que eu te dê razão da Patria minha.
E terás por vaidade, ou por vangloria,
Que dos meus naturaes clara memoria
Faça em tua presença; pois he certo,
Que alguem louvar se a si he desconcerto;
Mas por te obedecer, eu me aventuro
A romper do silencio o freio duro.
Eu sou de Portugal, cujo terreno,
Sendo pela extensão muito pequeno,
He tão grande nas forças, que Romanos,
Gentios, Turcos, Mouros, Castelhanos,
Mil vezes de seu braço agigantado
Tem soffrido com dôr grilhão pezado.

Nasci na Regia Mafra, a mais famosa,
Que de Apollo circumda a luz formosa,
Não sómente por sua antiguidade,
Mas tambem pela rara magestade
De seu grande Edificio, que primeiro
Tem lugar entre os mais no Mundo inteiro.

Elle tem quatro frentes, ou fachadas,
Com janellas tão grandes, e rasgadas,
E feitas com tal arte, que por bellas
Hum pórtico parece qualquer dellas.

Em duas ordens postas em redondo
Tão bella perspectiva vão compondo,
Que na primeira vista o pasmo ordena,
Que nem as louve a voz, nem pinte a penna.
Tal comprimento tem qualquer dos lados,
Que os grandes Canzarrões mais alentados,
Vistos d'hum n'outro extremo mais, ou menos,
Cachorrinhos parecem mui pequenos.

No frontispicio a bella arquitectura
Brilha com tão distincta formosura,
Que julgo ser, (e nisto bem me fundo)
Maravilha maior de todo o Mundo.

As ordens tosca Dorica, e Composta,
A Jonica, a Corinthia bem disposta,
Tudo se vê com gosto executado
No gráo mais singular, mais levantado.

Columnas de grandeza portentosa
No pórtico maior a vista goza
Nas tres portas soberbas, que na entrada
A perspectiva formão da fachada.

Mil estatuas de marmores polidos,
O chão todo em xadrez com embutidos,
As torres, que nos lados vão subindo,

Mil sinos pelos ares retinindo,
Que sendo por mão destra alli tocados,
Os minuetes fórmão bem trinados.
Distinguem-se tambem nesta fachada,
Por maravilha grande, e sublimada,
Dois grandes torreões, que na grandeza
Outros não tem a vasta redondeza.

Hum zimborio soberbo, e sumptuoso,
Que na Região Etherea do ventoso,
E sublime Hemisferio vai tocando
As nuvens, que nos ares vão girando.

De festões adornado, e bellas flores
Formadas em diversas lindas cores,
De pedras muito finas, e polidas,
Na Região do vento suspendidas.

O Senhor, que erigio este Edificio,
Nos mesmos torreões do frontispicio
Mandou, que Paço Regio se fizesse,
Que a seu grande poder correspondesse;
No qual respira, sem contradição,
A grandeza de hum Regio coração,
Que a fama ha de cantar com gosto, e gloria,
Em quanto neste Mundo houver memoria.

Huma soberba Praça está pegada
A' frente principal desta fachada,
De excessiva grandeza, e tão formosa,
Que vence a narração do verso, e prosa.

Pertende nella o General potente,
Que a ti me envia, ou manda, Cão valente,
Formar da Guerra o campo, que em verdade
Tem para a nobre acção capacidade;
Na qual se podem ver mui bem formados
Hum milhão de milhões de bons Soldados.

O sitio he muito alegre em todo o anno,
Vê-se de longe o grande mar Oceano,
No qual se perde a vista, ou se termina,
Onde Phebo morrendo a luz inclina.

Hum Senhor mui sublime, e muito Illustre,
Da nobreza maior, portento, e lustre,
Nesta Villa huma Quinta grande, e nobre
Tem, que de bosques fresca sombra cobre.

Magnificos Jardins mui bem lançados,
De soberbas estatuas adornados,
E crystallinas fontes de repuxo
Borrifando de longe o verde buxo;
E logo mais abaixo hum manso rio

Correndo vai com brando murmurîo.

Tem praças, lagos, tanques, e capellas,
E ruas tão formosas, que por ellas
Podem correr cem Cães emparelhados
Dos que do corpo são agigantados.

A todas vai cobrindo fresca rama,
Que nem do Sol penetra a viva flamma.
Mil diversos contentes passarinhos,
Pendurados nos troncos, e raminhos,
Festejão com suave, e doce canto
Da rubicunda Aurora o rosto santo.

Este lugar tão magestoso, e bello
He de hum grande Senhor, que alto desvélo
Lhe poz na sua penetrante idéa
A poderosa mão da sábia Astréa;
Da qual o grão poder a sorte guia,
Té onde em berços d'ouro nasce o dia.

Na formosa Cozinha bem lançada
Do Paço desta Quinta, a desgraçada
Contenda succedeo, que foi motivo
De se abrazar Maluco em fogo activo,
Desejando acabar n'um só momento
A quantos Gatos poem seu rabo ao vento.

Carroça tem por nome o Cão brioso,
Que do Gato soffreo o ardor furioso,
E que buscou no grão Maluco invicto
Vingança a mais cruel deste conflicto.

Este forte Maluco destemido
Nas grandes forças he tão desmedido,
Que nunca as gentes virão no tamanho
Tão desconforme bruto, e tão estranho.
He grande, como hum Touro; e dois Carneiros
Sómente n'uma cêa mama inteiros;
Tem dois palmos, ou mais, qualquer orelha,
Parece hum Leão bravo na gadelha,
A cauda tem dez varas de comprido,
Os montes faz tremer o seu latido.

As portas lá do Inferno o grão Cerbéro
Não guardaria nunca horrendo e fero,
Se primeiro o terrifico Plutão
Soubesse deste grande Canzarrão.

Ainda, preclarissimo Podargo,
Podia em seus louvores ser mais largo;
Porém quero acabar, por não cançar-te,
Quando busco razões para agradar-te.

Então Podargo airoso se levanta,
E com tal discrição, que a tudo espanta,
Lhe agradeceo com ar de gravidade
Noticias de tão grande variedade:
E prometteo de vir com seu estado
Em favor do Maluco respeitado;
E todos n'um só corpo já se união,
E para a Guerra infausta os passos guião
Mais de seiscentos mil, e todos elles
De presença gentil na côr das pelles.
Depois da Nubia vêm todo o districto,
E logo vão cahindo sobre Egypto,
Que em fertil, e formoso campo ameno
Conta duzentas legoas de terreno,
Quando se toma só na longitude,
E cincoenta tambem de latitude,
Que o Nilo tão famoso rega ufano,
Té metter-se no mar Mediterrano.

Depois o fusco Tejo discorria
Por toda aquella vasta Monarquia.
A' Thebaida subio, ao Cairo desce,
Onde o fado cruel lhe forja, ou tece
De amor doces prizões na vista bella
Da mais galante, e singular Cadella,
Que nasceo neste Mundo em campo razo
Desde os berços do Sol té seu occaso.

Era tão corpolenta, e tão felpuda,
Que bem não posso ao som da frauta ruda,
Por mais que a lingoa nisto se desvéle,
Louvar-lhe dignamente a côr da pelle.

Era de cauda longa, e retôrcida,
De pello brando toda revestida,
De peitos larga, grossa de costado,
De focinho bem feito, e bem lançado,
E de cores diversas tão malhada,
Que a todos parecia ser pintada.

Era de huma Princeza Egypciana,
Chamada lá no Cairo Florindana,
A qual só para seu divertimento
Por morada lhe deo seu aposento;
E fosse por doudice, ou por grandeza
Ella a punha comsigo mesmo á meza,
E com a propria mão, com que comia,
Os ossinhos na boca lhe mettia.
De cascaveis trazia gargantilha,
Com que de tal maneira campa, e brilha,
Que em todo o Egypto se não vê Cadella,
Que se atrevesse a competir com ella,
Excedendo no modo, e na figura,
A quantas vão beber na clara, e pura
Corrente do famoso Nilo fundo,

Por obliquos caminhos vagabuudo.

Vendo o preclaro Tejo este prodigio,
Pelo lago jurou, chamado Estygio,
Que neste singular, e grato objecto
Elle empregar devia todo o affecto,
E ficou de maneira transportado,
Que o rabo, o qual trazia levantado,
Sentindo já de amor a bruta Guerra,
Se lhe foi inclinando para a terra.

Folinga (assim s'appellidava ufana
A singular Cadella Egypciana)
Com instincto formal muito estupendo
A causa da tristeza conhecendo
Do destemido Tejo, considera
Ser grande sem-razão mostrar-se féra,
E posta na janella da Princeza
Lhe davão de affeição muita certeza,
Já movendo o seu rabo, já na vista,
A quem não ha Melampo, que resista.

Pelo que o Tejo alegre, e sem violencia
Vendo tanto primor, tanta excellencia,
Tinha comsigo já determinado
Mais não voltar ao patrio ninho amado,
Pelas margens achar do Nilo undoso

Mais bellas, que as do Tejo caudaloso;
Porque Folinga as piza, ou nellas mora,
Por quem respira alli Favonio, e Flora,
Fazendo no fulgor, que reverbera
Brotar flores a fresca Primavera.
Mas o que mais o affecto lhe augmentava,
Era vêr a prudencia, que mostrava
A formosa Folinga; pois he certo,
Que tinha nas acções tanto concerto,
Que nunca a virão rir, e nos latidos
Os chegava a formar tão comedidos,
Que hum bronze desfizera qualquer delles,
Quanto mais aos Heróes de rabo, e pelles.

O seu focinho nunca, inda ladrando,
Se lhe vio descompôr, e praticando
Limpeza tal nos mimos, que reparte,
Quando hia dar os beijos em tal parte,
Que nem leve resquicio lhe ficava
No focinho, da parte que beijava.

Qual Cão pudéra vendo tanto aceio
Seguir livre o caminho donde veio,
Sem derreter-lhe o peito de repente
De Cytherêa o filho em fogo ardente?

De mil cuidados fortes combatido
O respeitavel Tejo destemido,
Pertende declarar-se, a quem lhe ordena
A causa principal da sua pena;
E partindo a correr de rabo alçado,
Vai buscar seu emprego doce, e amado,
A quem com firme amor, com fé inteira
Principia a fallar desta maneira.

Minha Folinga bella, e respeitada
De Oribazos, Dorceos sempre adorada,
De Pamphagus, Melampus, Ichnobates,
Que vivem desde o Rheno até o Eufrates.

Eu te busco, e te sigo; porque vejo,
Que desde o Egypcio Nilo ao claro Tejo
Não ha, nem póde haver outra Cadella
Tão linda, tão perfeita, nem tão bella.

Eu sei, que não mereço hum bem tamanho,
E mais porque neste Paiz me vejo estranho;
Mas sabe, ó grã Folinga Imperial,
Que eu sou Fidalgo, e sou de Portugal
De huma familia antiga, que por todos
Se julga, que existio antes dos Godos.
Pois já quando Alarico tomou Roma,
Huma Cadella foi, chamada Broma,

Que deo principio á nossa raça nobre,
De sangue muito illustre, inda que pobre,
Como refere o grande Clarimundo
Nas Chronicas, que fez de todo o Mundo.

Então Folinga branda, e compassiva
Em frazè singular muito expressiva,
Sentindo já de amor o impulso forte,
A fallar principia desta sorte:

Precláro, heroico Tejo, eú bem conheço
Da tua Fidalguia o alto préço;
Por quanto só de hum claro nascimento
Vem acções de immortal merecimento.
E com ser alta a minha jerarquia,
Conheço pela sã filosofia
Ser de juizo bronco, ou insensato,
Quem a mimos de amor se mostra ingrato.

Então o Tejo ladra de contente
Por tal feitio, que do Cairo a gente
Ficou por algum tempo atordoada
Sem poderem fallar, nem dizer nada.

Voltejando Canificos amores,
Quaes os grandes moscardos entre as flores,
Procuravão de unir em laço estreito

Dous corações, que a natureza feito
Tinha nascer em climas tão distantes,
Para exemplo formal de Cães amantes.
Mas ah, que deste amor tão bem fundado,
Eu vejo, que por lei do injusto fado
Ha de nascer nos braços de huma ausencia
A maior dôr, a mais cruel violencia.

Huma noite serena, em que dormia
No canto de huma grande estribaria
Sobre hum monte de feno recostado
O invencivel Tejo respeitado,
Morfêo, fendendo o ar, á terra desce,
E na fórma de hum Moxo lhe apparece,
E lhe fez conhecer em visão clara
O miseravel mal, a que chegára,
Deixando-se vencer da paixão cega,
Com que a tão louco amor seu peito entrega,
E lhe diz: Bravo Tejo, acorda, attende,
Esse fogo destróe, que amor accende;
Porque abrazado já na chamma delle
Deixas de ser Heróe de rabo, e pelle.

Deixa de amor a falsa, e vil quimera,
E busca o grão Maluco, o qual te espera;
Vê que hum valente peito he fraco em tudo,
Quando de amor não vence o ferro agudo,

E quem, quando elle nasce, o não sugiga,
Depois vencer não póde nesta briga;
Pois dá maior fadiga, e mais trabalho,
Vencello, que arrancar-se algum carvalho,
Que arraigado na terra desafia
De Boreas furibundo a valentia.

Se queres, que te cinja a fresca rama
Do louro verde, e que te cante a fama,
Dos teus passados segue o claro exemplo,
Que da fama no grande, eterno Templo,
Qualquer gravado tem seu claro nome
Em bronzes, a que o tempo não consome.

Nisto se esconde o Moxo, e já raiava,
E de flores os campos esmaltava,
No termo horizontal a roxa Aurora,
Por quem respira Pan, Pomona, e Flora.

O Tejo se levanta, e transportado
Da visão, que Morfêo lhe tinha dado,
Logo no seu discurso determina
Resistir á paixão de amor ferina,
Vencendo pela honra, e pela fama
O fogo que seu peito amante inflamma.

Busca logo o Podargo, e n'um momento,
Procurando cumprir seu regimento,
Animado outra vez do ardor primeiro,
Juntou no Cairo só mais de hum milheiro
De rabudos Athletas, peregrinos,
Não só agigantados, mas ferinos,
E todos a correr de rabo alçado
Vem por cumprir as leis do injusto fado.

Sabido por Folinga linda, e bella,
Que o influxo fatal da sua estrella
Lhe tinha decretado por violencia
Do Tejo esclarecido a dura ausencia,
No seu peito sentio tão grande pena,
Neste lance cruel, que amor lhe ordena,
Que ás mãos de atroz, e lívida tristeza,
Com grande sentimento da Princeza,
De rabuge morreo, ou de gafeira,
Conforme a relação mais verdadeira,
N'uma manhã de nevoa muito fria,
Quando tudo no Cairo inda dormia.
A Princeza com grande pranto, e mágoa,
Junto á margem do Nilo perto d'agoa,
A mandou enterrar, e juntamente
Levantar-lhe hum padrão, que regiamente
A todos declarasse quem jazia
Tão perto da mesma agoa corredia.

Partido tinha o Tejo, e a mais Quadrilha
A ver de Alexandria a maravilha
Naquella alta Columna portentosa,
Que por eterna fama, gloriosa
Pompeo levantou para memoria
Do seu grande poder, da sua gloria.
E pela natural curiosidade
Virão as outras cousas da Cidade,
Da qual trinta mil Cães dos mais valentes
Se lhe vêm sujeitar muito contentes,
E jurão pela Estyge Acheronlina
A gente consumir brava, e gatina;
E logo vêm buscando a brava tropa
A parte Occidental da grande Europa.

O Casquilho tambem por outra parte,
Seguindo o influxo bellico de Marte,
As terras penetrou d'Arabia, e China,
Da Media, do Mogol, de Cochinchina;
Propondo do Maluco as embaixadas
Em terras tão remotas, e apartadas;
Encontrando por sitios tão distantes,
Destemidos Mastins, e Cães gigantes,
De mais de oitenta varas de comprido,
Que os montes abalava o seu latido:
A todos ponderava, que era justo
Seu povo soccorrer com braço augusto,

Que a raça Gatical brava, e maldita
Pertendia juntar força infinita,
Para nos Cães mostrar com bravo ensaio
Em cada agudo dente hum fero raio.

E que no grão Carroça o mais vil Gato
Tinha feito hum tyranno espalhafato,
Sendo hum Cão muito honrado, e muito nobre,
Inda que neste tempo estava pobre,
Andando já descalço pela lama,
Fazendo em terra fria a sua cama.

Mas isto na melhor opinião
Parece nelle ser moderação;
Pois não se póde crer tanta nobreza
Tal desperdicio faça da limpeza,
A não ser por motivo transcendente
A' comprehensão vulgar de toda a gente.

Nelle o tal Gato fez tão impio estrago,
Que as furias renovava de Carthago,
Quando o grande Annibal Carthaginense
Depois que Ausonia altiva opprime, e vence,
Nos Romanos matança fez tão brava,
Que o Tibre em roxo sangue a côr mudava.

Esta razão bastava, Cães famosos,
Para que vossos dentes poderosos,
Se apromptem n'um momento para a Guerra,
Que a discordia teceo no fim da terra.

De cauda retorcida vai Diamante
Girando muito airoso, e roçagante,
E quasi sem parar, e de corrida,
Os passos leva a Roma esclarecida,
E bem junto das fontes do Frascate
Hum Molosso encontrou d'hum Alfaiate.
Este o conduz por baixo de sucapa
A's Cozinhas, que tem em Roma o Papa,
Para nellas fallar a hum tal Rabudo,
De valor singular, inda que mudo.

Este os Cães convidando mais forçosos,
Astutos, destemidos, e briosos,
Se formão trinta mil n'um só momento,
E vêm ligeiros mais que o pensamento,
Cheios d'hum alto ardor nobre, e ferino,
Seguindo as leis fataes do seu destino.

Mil Cidades, e Villas vão passando,
O sangue pelas vêas congelando;
Pois da fatal tragedia amedrontadas;
As aves sem voar ficão paradas,

E suspendendo o curso o Guadina,
Assombro causa á gente Castelhana,
Por ver tanta canalha esganiçada
Nesta Guerra cruel tão empenhada.

Tambem o plecarissimo Basbaque
Deo comsigo no Cabo de Fartaque,
E na Arabia Feliz muito contente
Mostrava seu designio á sua gente;
E passando á Deserta, e mais Petrêa,
Com entranhavel gosto se recrêa,
Pelos costumes ver extravagantes
Em terras tão remotas, e distantes,
Inda que em todas ellas sempre vê
Todos os Cães andar pelo seu pé,
E não em sege, ou coche, o que esperava,
Pelo que em Portugal se lhe contava.
Na capital Herache grande, e forte,
Vio Cães de outra figura, e de outra sorte,
De focinho revolto, e taes feições,
Que o Basbaque julgou serem Leões,
Hum chamado das gentes o Melanto,
A tudo punha medo, a tudo espanto.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Outros muitos Heróes esclarecidos,
Taes como o singular, feroz Mordente,

E mais outro Farrusco seu parente.

Qualquer delles contente logo aguça,
Cheio d alto furor sua dentuça,
Para nesta infernal, cruel batalha,
Fazer de cada dente huma navalha.

Dois milheiros de Cães Basbaque toma,
E para darem graças a Mafoma,
Todos a Meca vão por linha recta
Ao sitio, onde nasceo este Profeta;
Dalli vão por seu pé para Medina,
E depois vão parar na Palestina.
E por ficar-lhe já pouco distante,
Entrarão pelos mares de Levante,
Abrindo novos surcos, e caminhos
Nos campos de Nereo, como Golfinhos.

Tambem em Portugal o Arrogante
He justo, que em meu verso agora eu cante;
Pois qual raio veloz fende o caminho,
Que de Mafra por Coimbra passa ao Minho.
Vio Cramos, Amarante, e Guimarães,
Por Braga ao Porto vai, a Scalhães.

Depois n'uma manhã muito orvalhada
Outro rumo buscou, segue outra estrada;

E buscando do Sol o nascimento,
Na Guarda (1) poem gostoso o pensamento,
E descendo huma legoa para o Norte,
Manso o Mondego vio, que grata sorte
Lhe deo origem nobre, grande, e bella,
Na Serra, que seu nome tem da Estrella.

Achou em suas aguas tal recreio,
Que serem suspeitou as do Letheio;
Pois vai na vista dellas esquecendo
Os ossos, que elle em Mafra andou roendo,
Seguido já de cinco, ou seis milheiros
De Sabujos, Podengos, e Rafeiros.

Logo deixando as terras Boreaes,
Carrega para a parte das Austraes,
Corre a Castello-branco, volta á Idanha, (2)

---

(1) Cidade na Provincia da Beira Alta.

(2) Esta Villa da Idanha foi antigamente huma grande Cidade chamada Igedita, como se infere de varios Escriptores, e de muitas Inscripções antigas. Fica em huma pequena eminencia, de que nascem vastas planicies, com muitos, e grandes lugares, que geralmente se chamão Campos da Idanha.

E com sagacidade, modo, e manha,
No seu campo formou hum Regimento
De Cães de singular atrevimento.

Dalli os passos muda, e se encaminha
Para a formosa Villa de Alpedrinha,
E pelas sete, ou doze da manhã,
A Villa vai buscar da Covilhã.

Corre a Penamacor, vai a Monsanto,
Onde hum Cão encontrou de muito espanto,
Por tal grossura ter cada quadril,
Como o bojo de hum pote, ou de hum barril;
E por ficar-lhe perto, e bem defronte,
Deo comsigo na Villa de Belmonte.

Voltão para o Poente, e vão correndo
Para o grande lugar do Tortozendo,
E no passar da Serra com motim,
Entrarão por Luriga, e Valezim; (*)

(*) São Villas que ficão na passagem, que se faz pela Serra da Estrella, indo de Coimbra para a Covilhã.

E palmilhando a pé tantos caminhos,
Para Coimbra apontão seus focinhos.

E porque a fome a todos apertava,
N'uma varzea, em que o gado então pastava,
Quatrocentas Ovelhas, e dez Vaccas
Tomarão sem dinheiro, e fazem facas
Dos dentes aguçados, que trazião,
Os quaes tambem de garfos lhe servião.

Acabão de almoçar, e em reboliços
Vão para o lugarejo dos Cortiços,
E descem para a ponte da Murcella,
A qual mandou fazer hum Dom Fruella,
Ainda que confutão dez modernos
A tal opinião em mil quadernos.

A gente da Murcella está pasmada
De ver tanta canalha alvoraçada;
Mas só pelo temer, que tem da morte
Lhe concedem seguro passaporte.

Já quando do Zenith o Sol traspassa,
Passarão n'um lugar chamado Algaça,
E logo com fadiga, e com trabalho
Subirão pela Serra do Carvalho;
E tornando a montar grandes oiteiros,

Descerão pela encosta dos Palheiros; (1)
Hum pouco mais abaixo com socego
Passão as claras aguas do Mondego,
Onde todos com gosto, e alegremente
Beberão bem no meio da corrente.

Sobem pela Portella da Cobiça,
E tornão a descer para a Carriça,
Onde se ordena tudo em batalhões
Com discretas, e sábias prevenções,
Por entrarem com fórma respeitosa
N'uma Cidade tal, e tão famosa;
Na qual o singular, nobre Arrogante
As tretas aprendendo de estudante,
Usou de tal destreza, e tal bondade,
Que quantos Cães havia na Cidade
Se ajuntão sem demora n'um só dia,
Por lhe fazerem todos companhia.

Passando na Couraça (2) de Lisboa,

---

(1) Hum sitio chamado os Palheiros, onde todos que vem da Beira Alta para Coimbra, passão o Mondego, huma legoa para cima da mesma Cidade, e se passa em barcas.

(2) Huma rua de Coimbra.

Sente huma bulha tal, que o ar atrôa,
De tres Estudantões, que argumentavão
Sobre ser certo, ou não se os Cães fallavão
No tempo dos antigos Affonsinhos,
E se terião caras, ou focinhos.

Para desenganar tanto patóla,
O nobre Cão se enfeita, a cauda enróla,
E com gosto dos Cães, e das Cadellas,
Estas vozes formou claras, e bellas;
Mas na lingua da moda, ou na Franceza,
Que hoje não vale nada a Portugueza. (1)

Vous êtes sots Messieurs les Etudiants,
Et des ânes jolis, et fort galants,
En doutant que les Chiens fort bien parloient
En autre temps Latin et Polonois.
Si bien qu'aujourd'hui les Chiens et Chiennes
Parlent toutes les langues hors l'Italienne,
Que pour être plus douce a nôtre gosier,
Nous ne pouvons fort bien la prononcer.

Et dans les anciennes Republiques

(1) Por ironia.

Ils aprenoient aussi la Rhetorique,
Ils étoient mis au rang des immortels,
Quand Anubis étoit sur les autels.

Je vous assure encore, mes chers amis,
Que a malicia Franceza eu aprendi
De huma Cachorra linda, gorda, e mansa,
Que hum certo Franchismant trouxe de França.

Piensen en esto Ustês lo que quisieren
Conforme los juicios que tuvieren,
Pero es cierto que oy hablo, e que hablaré
Hasta la lengua que hablan en Salé.

No solo bau bau bau los Canes hazen
A los pobres que palos grandes trazen,
Come dicano tutti i Marroquini,
E cosí l'Albanesi, e l'Argelini,
Volendo forse al Mondo demonstrare,
Quanto bene sapemo noi parlare.

Melhor do que fallavão os Carneiros,
Ovelhas, e Raposas nos oiteiros,
Quando tudo fallava, que foi quando
Hum burro pelo ar andou voando;
E nasceo em París, ou em Castella
Com azas de pavão huma Cadella,

Indo quanta canalha o Mundo habita
A ver cousa tão rara, e tão bonita,
Como refere o grande Brandimborço
Nas viagens, que fez andando a corço.
Mas desta maravilha celebrada
Eu vejo que Vossês não sabem nada,
Duvidando por falta de memoria
De huma verdade tal, que por notoria
Será cantada ao som da lyra d'ouro
Pelo Pastor d'Admeto branco, e louro.

Qualquer dos tres estatua immovel resta,
Como se de Medusa visse a testa,
Cercada de cobrinhas, que fazia
Em pedra converter qualquer que a via,
Por ouvirem fallar desta maneira
Este eloquente Cão lingua estrangeira.

Depois seguindo o Cão sua derrota,
Com toda a mais canalha corre, ou trota;
E junto do Mondego manso, e frio,
Marchando todos vão com garbo, e brio.

Passou a Tropa toda ao Pedecão, (1)

(1) He nome de hum Lugar, que fica junto ao rio para baixo de Coimbra meia legoa.

E logo a Formozelhe, e São Varão,
Passão depois á Villa de Pereira,
E logo sem parar vão á Figueira,
Voltão para Tentugal, mais Sandelgas,
Por cima de viçosas, frescas relvas.

E deixando Coimbra para o Norte,
Animados das furias de Mavorte,
Vem mais de dez milheiros de Soldados
De rabos retorcidos levantados.

E vêm com tanto ardor, e tal desvélo,
Que inda, que o Sol lhe queime, ou creste o pelo
Por alcançar das honras a coróa,
Não temem igneo ardor da tocha Eôa.

Quando beijava a noite ó rabo ao dia,
A' Cidade chegarão de Leiria,
E logo sem demora esta canalha
Vem para a nobre Villa da Batalha,
Por Alcobaça, e Cadaval marchando,
A Régia Mafra todos vão buscando.

E supposto que o Sol lhe embarga os passos
Crestando-lhes mui bem os espinhaços,
Cubertos de suor, mais de poeira,
Não deixão de marchar sempre á carreira,

Que a sede, fome, poeira, calma, ou frio,
Póde menos que a fama, honra, e brio.
Huns inda bem a Mafra não chegavão,
Já outros lá no mar desembarcavão,
Os quaes Maluco recebeo contente,
E jurou na presença desta gente
De mais Gatos matar neste combate,
Que desde o Tejo Apollo até Ternate,
Aquenta, e faz suar o pelo brando,
Quando no ardor do Sol se estão babando.

Crudiſſima Guerra que houve enbre os Caens, e Gatos, na Grande Praça da Real Villa de Maſra.

CANTO IV.

JA' da Guerra maior, que o Mundo admira,
A cantar principio ao som da lyra,
Do refulgente, intonso, e louro Apollo,
E me hão de ouvir de hum pólo em outro pólo.

Incha, Musa, teu rosto, e toma alento;
Revolva a terra, e mar teu pensamento,
Arquêa a sobrancelha, a voz levanta,
E dos Gatos, e Cães a Guerra canta.

Mas já mover-se eu sinto o meu miôlo,
Qual move a leve palha bravo Eólo;
Hum estro furibundo vêm ferir-me,
A Musa piedosa quiz ouvir-me.

Attendão-me os mortaes, que eu já começo
A vomitar em verso o grande excesso,
Com que os valentes Cães, e fortes Gatos

Obrarão tão crueis espalhafatos.

A maquina do Mundo estremeceo,
Cubrirão nuvens pardas todo o Ceo,
Quando estes destemidos combatentes
Mostrarão toda a furia dos seus dentes.

Vendo o grande Maluco a gente forte
Já resoluta a ver o rosto á morte,
Esta falla lhe fez, que por violenta,
Da raiva o vivo ardor lhes accrescenta.

Dai-me attenção, amantes Camaradas,
Antes que o estrondo sôe das dentadas,
A fama vossos feitos já publîca,
Desde onde nasce o Sol té onde fica,
Suspendendo o seu curso bipartido
Nos braços de Amphitrite adormecido.
E se provas tão fortes tendes dado
Do vosso bravo ardor tão desmarcado,
Hoje por singular, diverso modo,
Deveis encher de espanto o Mundo todo,
Arreganhando os dentes por tal arte,
Que trema de assombrado o fero Marte.

Fôra loucura em mim, ou desvario,
Lembrar-vos vossa honra, e vosso brio;

Ella vos grita agora, elle vos chama
A' batalha maior, que o Mundo acclama.

Lá no sublime Ethereo, e claro Monte
O fogoso Pyrois, o bravo Ethonte,
Por ver o nosso ardor estão parados,
E tremem os dois pólos de assombrados.

Eia, Amigos, e bravos Companheiros,
Que nos confins do Mundo derradeiros
Ides acções obrar, que por vangloria
Se hão de escrever no Templo da Memoria.
Os feros inimigos estais vendo
De aspecto furibundo, e vulto horrendo,
Que fiados nas unhas, e nos dentes,
Desprezão atrevidos nossas gentes;
Mas eu protesto, e juro á fé de Cão
Lançallos nas cavernas de Plutão;
Por quanto já distinguo pelo faro,
Que hoje temos por nós hum dia claro.

Venhão trinta milhões de feros Gatos,
E bailem de prazer todos os Ratos,
Por quanto desta vez com garras duras
Nós vamos confundir-lhe as sepulturas,
Que vem a ser no centro das barrigas
Dessas quadrilhas brutas inimigas.

Por lei impreterivel do meu gosto,
Ordeno, que este Exercito disposto
Em quatro linhas seja de batalha,
E que para a peleja esta canalha
Se arrange, e se disponha em continente,
Antes que a luz do Sol mais nos aquente.

Haja attenção nos flancos da vanguarda,
Para livrar de insulto a retaguarda;
E por se lhes tomar as retiradas,
Hajão muitas, e grandes emboscadas.

Vão trinta batalhões para a Ribeira,
Outros vão para a Porta d'Abrunheira;
Tomem-lhe cem mil Cães esses caminhos,
Do Codeçal, Morgeira, e Gonçalvinhos. (*)

E quando alguns plotões queirão marchando
As de Villadiogo ir já tomando,
As sentinellas ladrem rijamente,

(*) Todos estes são Lugares junto da Real Villa de Mafra, tirando a Porta da Abrunheira, a qual fica na Tapada, e por ella entrão Suas Magestades, quando vão áquella terra.

Para álerta se pôr toda a mais gente,
Para que esta cruel perseguição
Ao Reino vá parar da Confusão.

Para Mestres de Campo, e Marechaes
Escolho os Canzarrões mais principaes,
O Casquilho, o Basbaque, o Diamante,
O fusco Tejo, o intrepido Arrogante.
A todos altamente recommendo,
Que se lembrem da honra, e vão fazendo,
E dispondo estas cousas de tal sorte,
Que nenhum Gato escape aqui da morte.

Disse, e dando tres voltas em redondo,
As tropas em tal forma foi dispondo,
Que antes de hum quarto de hora ser passado,
Em campo estava tudo já formado.

Quiz tambem, que as nações se dividissem,
Para que humas com outras competissem;
E que tambem alli se governassem
Pelos seus Coroneis, para que obrassem,
Só pela emulação, acções de modo,
Que as devesse applaudir o Mundo todo.

Não sei que mais fizesse Menestheu,
Filho do celeberrimo Petheu,

Que o mais famoso foi que teve a Terra,
Em ordenar as tropas para a Guerra.

Neste tempo o Ministro bravo, e forte
Tinha disposto as cousas de tal sorte,
Que cem milhões de Gatos valerosos,
Soberbos, arrogantes, e raivosos,
Tinha formado em batalhões; e logo
Lançando pelas ventas fumo, e fogo,
Este discurso fez, que de Megera
Os queixos fez tremer medonha, e fera:

Oh vós, bravos Athletas destemidos,
Ouvi da minha voz os alaridos,
Se desde os berços donde nasce o dia
A Mafra o duro fado hoje vos guia,
He só para que deis huma alta prova
De valor nesta Guerra brava, e nova.

Eu não vos lembro agora as vezes, quando
Mil focinhos de Cães agatanhando,
As pelles em frangalhos lhes ficavão,
Depois que vossos dentes lhas trincavão.

Já sei que sois ardentes, e ferinos,
Impávidos, astutos, e malignos,
E que fogo lançando pelas ventas,

Mostrais as destemidas ferramentas,
Que milhares de Cães tem destroçado
Com forte coração, valor ousado.
E sómente vos lembro, que a victoria
Vos dará neste Mundo fama, e gloria;
E na futura idade, por lembrança,
A vossa singular perseverança
Será nos bronzes duros entalhada,
Ou de algum novo Orpheo mui bem cantada.

Fazer saltos ás guélas de improviso,
He muito mais seguro, e mais preciso,
Ou no meio dos lombos, e cachaços,
Ou na parte central dos espinhaços.

E quando de huma vez o dente atolle,
O não desentranhar da carne molle,
Sem que morto, ou vencido caia em terra,
Quem de tão longe vem fazer-nos guerra.

O modo de miar não he seguro,
O callar, e morder he que procuro;
E só trincando sempre he desculpado
Rumiar alguma cousa encarniçado.
E quando algum de vós, como de estallo,
Por destro no saltar fique a cavallo,
Atolle as unhas logo, os dentes finque,

E sem interrupção a carne trinque,
Com furia tão cruel, raiva tão forte,
Que não escape o seu contrario á morte.

Disse; e arvorando o rabo, corre, e vôa,
E logo hum rumor grande o ar atrôa;
E fazendo o sinal de parte a parte,
Despregão seu poder Bellona, e Marte.

Já principia a ríspida peleja,
E já nuvens de fumo se despeja
Dos narizes dos bravos combatentes,
E do ranger horrifico dos dentes
Sôa lá muito ao longe hum mudo estrondo,
Que a maquina do Mundo descompondo,
Se vão os elementos alterando,
Huns com outros discordes pelejando.
Do grande estrondo o ar todo se altera,
Os eixos tremem da celeste esfera,
Fogem de medo os leves passarinhos
Buscando o grato asylo dos seus ninhos.

Sylvestres Faunos, gratas Panopeas,
Driades, Hamadrydes, Napeas,
Satyros, Semicápros, e Sylvanos,
Que nos bosques morais ha tantos annos.

Pedi aos grandes Deoses do alto Olympo
Me dêm tão alto estylo puro e limpo,
Que retumbe por todo este Universo
O canto nunca ouvido no meu verso.

Maluco, aquelle Heróe feroz Biscaneo,
Terror do bravo povo Gaticaneo,
Já com medonho aspecto se apresenta
Dos esquadrões na frente; e qual tormenta
Do sibilante Nóto, ou Eolo horrendo,
Que tudo vai nos ares desfazendo,
Da mesma sorte corre, como hum raio,
A fazer de seus dentes bravo ensaio.

Já sôa o grande estrondo das dentadas,
Já se vem pelles mil esfrangalhadas,
Já de Gatos se vem muitos milheiros
Saltarem destemidos, e ligeiros
Em cima dos cachaços, e dos lombos
Dos contrarios, que vão rolando a tombos.

Este successo infausto, e desabrido,
Tivera os fortes Cães esmorecido,
Se o General Maluco não mandasse,
Que de Cães dois milheiros abocasse
Naquella carga infesta, negra, ou parda,
Que já os Cães trazião como albarda.

Vendo o cauto Ministro este incidente,
Ordena sem demora á sua gente,
Que outra nuvem de Gatos se lançasse,
E com unhas, e dentes afferrasse
Naquelles, que os invictos Cavalleiros
Perseguião raivosos, e ligeiros.

Então dos Cães o medo se apodéra,
Vendo o rosto de Alecto, e de Megéra;
Que o medo he natural entre viventes,
E muitas vezes dóma Heróes valentes;
Porque o susto de ver a morte fria,
Até dos Cães abranda a valentia.

Algumas vezes fogem de hum calháo;
Outras de hum retorcido varapáo,
Por quanto o seu instincto lhes ensina,
Que o fugir do perigo he medicina.

Já corre por alli de monte a monte
O licor de que filho foi Orionte;
Que o medo correr faz rios de ourina
Da gente Canzual, mais da Gatina.

Mas inda que lhes rompão seu costado,
Ou lhes fação as tripas em picado,
Não deixarão de obrar acções do lote,

Que nem Roldão as fez, nem Dom Queixote,
Otus, Clytius, Typhon, Anteo, Orontes,
Ephialte, Eurytus, Polybótes, Brontes,
Agritus, Asterius, Ajas, e Thauano,
Com todos os mais filhos de Titano. (*)

Se o grande Polyphemo alli se achára,
Menos de suas forças se gabára,
Que cem mil Polyphemos então vendo
Naquella grande Praça combatendo,
A sua carrançuda cara, enorme,
Horrivel, pavorosa, e desconforme,
Que punha tanto medo a Galatêa
Pelo temor ficára inda mais fêa.

De novo a dura Guerra se enfurece,
A terra nos seus eixos estremece;
He tudo confusão, tudo alarido,
Tudo se vê nas mortes confundido.

(*) Gigantes, filhos da Terra, e de Titanno, de cem braças cada hum, e de forças tão desmarcadas, que arrojando montes sobre montes, intentarão escalar o mesmo Ceo, e lançar delle a Jupiter.

Hum Gato de tres varas bem puxadas,
D'unhas farpantes, duras, e aguçadas,
Natural da Bahia, ou Pernambuco,
Hum salto fez em cima do Maluco,
E nelle se afferrou de tal maneira,
Que lhe trincou a pelle toda inteira.

Vendo o Carroça o General ferido,
Quasi que dava tudo por perdido;
Mas fazendo das tripas coração,
E invocando o terrifico Plutão,
No rabo se filou daquelle bruto
Com valor tão soberbo e resoluto,
Que á força de trincar á termos veio
De lhe cortar o rabo pelo meio.

Não foi maior a raiva de Tereo, (1)

---

(1) Tereo, Rei de Thracia, foi casado com Progne, filha de Pandião, Rei de Athenas; e sabendo esta, que o dito Tereo tinha abusado de sua Irmã Philomena, o convidou a hum banquete, e lhe deo a comer seu proprio filho Itys, tendo reservado delle sómente a cabeça; e pegando nella no fim do banquete, a lançou á cara de Tereo, que cheio de cólera as quiz matar; mas ellas invocando os Deoses, forão transformadas, Progne em Andorinha, e Philomena em Rouxinol.

Quando Progne Itys a comer lhe deo;
Que a do Pernambucano forte e ousado,
Quando se vio de rabo alli cortado.

As unhas desafferra, e hum salto faz;
Mais destro do que Argante, (2) ou Ferrabraz,
Em cima do Carroça, e furioso
Fez nelle estrago horrendo e lastimoso,
Sacando-lhe dos lombos tão roliços
Carne capaz de encher trinta chouriços.

Vendo-se o grão Muluco despegado
Daquelle raivosissimo Soldado,
Das forças pôde usar, que a natureza
Lhe deo correspondentes á grandeza.

Do raio ardente o impulso prompto imita,
Quando o trovão ruidoso o precipita,
E no Pernambucano se arremeça,
Mais veloz do que a bala de huma peça.

Quiz o Gato pagar-se na desforra;
Porém logo de medo as calças borra,

---

(1) Famoso Paladino do Poema de Tasso.

Quando sentio, que os bofes lhe trincava
Do Maluco a dentuça ruda, e brava;
E valer-se da força quer primeiro
O valente, e raivoso Brasileiro.
Mas cedendo á violencia manifesta,
Que já o seu esforço lhe não presta
Dando de olhos mortaes claros indicios
De tributar a Clotho sacrificios,
E de buscar a barca de Charonte,
Por descobrir, e ver novo Horizonte.

Já lhe cahe a cabeça para hum lado,
Do Cão terrivelmente abocanhado,
E perde a vida amada o mais valente
Gatesgo Heróe, que vio no Mundo a gente

Mas não contente o grão Maluco invicto
Da gloria, que ganhou neste conflicto,
Qual o raio veloz, que os ares fende,
Nos inimigos cahe, que mata, ou rende.

De cada torquezada o bruto horrendo
Matava cinco, ou seis, sempre correndo,
Dos olhos fogo lança encarniçado,
Que Marte só de o ver ficou pasmado;
Mas hum Gato d'Hespanha, ou Dinamarca
No feitio Leão de grande marca,

No Basbaque saltou, e n'um momento
Lhe poz, já rota a pelle, a carne ao vento.
De unhas farpantes sendo penetrado,
Corria o forte Cão desesperado;
Porém tendo o ganir por vilania,
Ninguem ganir o Cão valente ouvia.

Foi tão cruel o Gato nesta briga,
Que lhe vazou as tripas da barriga,
E perdeo o Maluco o mòr Soldado,
Que em ventres de Cadellas foi gerado.
Aquelle, que de terras tão remotas,
De Cães soube juntar tão grandes frotas,
Na flor da sua idade perde a vida,
Digna de eterna fama esclarecida.

Mas o Tejo raivoso o despicou,
No maldito Hespanhol se arremeçou,
E lhe roeo nos ossos de tal sorte,
Que o despojou da vida para a morte.

Coberto de suor, mais de poeira,
De huma fileira dá n'outra fileira,
Por ver a disciplina se conserva
Na grande, e Canical bruta caterva;
O Maluco soberbo, cujo nome
Já o tempo voraz o não consome.

Não se examinem já cousas antigas
A respeito de mortes, nem de brigas;
Porque estas na verdade são de modo,
Que as ha de celebrar o Mundo todo.

Toda a gente de Mafra está pasmada
De ver Guerra tão forte, e tão damnada;
Julgão castigo ser alto, e superno,
Ou que as furias soltava todo o Inferno.

Todos sentindo a bulha das dentadas,
Com janellas, e portas bem trancadas,
Das casas a sahir não se animavão,
E com afflictos ais o ar coalhavão.

Os Padres do Convento esmorecidos,
Com oculos mui grandes, e compridos,
Andavão nos terrassos todos juntos,
Sem animo, e sem côr, como defuntos,
Vendo de Cães, e Gatos sem piedade,
Tão excessiva, e grande mortandade.
Houve tal, que affirmou, que inda supposto,
Que annos seiscentos mil este composto
Se visse presistir do Mundo errante,
Se não veria Guerra similhante,
Na qual serras de mortos se estão vendo,
Todos fervente sangue inda vertendo.

Mas o Padre Geral pasmado ouvindo
Os guinchos, que no ar vão retinindo,
Julgou que se encontravão porta aberta,
Tinhão todos os Padres morte certa,
Por ser cousa impossivel moralmente
Resistir a tão forte, e brava gente.

E por este motivo n'um momento
Mandou trancar as portas do Convento,
E foi muito precisa esta cautela,
Por quanto certamente a não ser ella
Podião sobrevir damnos maiores
Da parte dos horrendos Contendores.

O Grão Carroça em toda esta peleja
Quasi que a Ferrabrás não tinha inveja,
E dava mais tremendas torquezadas,
Do que golpes fizerão as espadas,
Alta clara, Baptizo, e Durindana, (*)
Entre gente Turquesca, ou Mauritana.

(*) Espadas, a primeira de Oliveiros, a segunda de Ferrabrás, a terceira de Roldão, heróes fabulosos do tempo de Carlos Magno, dos quaes se devem reputar por patranhas as acções, que delles se contão.

Muses préparez-lui votre plus riche offrande
Sur sa téte placez l'immortelle guirlande
Dont nous le couronnons; gravai seu nome
Em bronzes, a que o tempo não consome.

O Nadante soberbo, (1) que de hum salto
Mergulha trinta braças no mar alto,
E sem que dous minutos se detenha,
Traz pezos como pedras de huma azenha,
Na grandeza de feitos singulares,
Na conta póde entrar dos doze Pares,
Os quaes descabeçarão n'um só dia
Trezentas mil cabeças na Turquia,
Como conta Zambumba, Author Francez,
A paginas tres mil e cento e tres.
De outra parte o valente, e bom Casquilho
Achando hum Gatarrão, como hum novilho,
Lhe trincou de tal modo a pelle dura,
Que a lançou de hum revéz na sepultura;
E todos os mais Cães acções obravão,
Que as de Alcides feroz atraz deixavão.

---

(1) He hum Cão d'agua de casta especialissima, e muito grande.

Diamante já provas tinha dado
De forte Capitão, e bom Soldado,
E mais Gatos matou elle sómente,
Do que sardinhas tem comido a gente.

Desde que os pescadores com cuidado
As redes vão lançar no mar salgado;
O que não tinha feito tanto a salvo,
Que não andasse já na testa calvo,
De muitas torquezadas Gaticanas,
De algumas bravas tropas Mauritanas.

Vendo o Ministro o grande estrago horrendo,
Que os Cães por entre os Gatos vão fazendo,
Temeo com bem razão damnos maiores,
Se do campo ficassem vencedores;
E miou de tal sorte, que dos lados
Se destacarão logo alguns Soldados,
E promptos vão correndo á desfilada
Com a cauda nos ares levantada,
Para saberem todos o motivo
De hum modo de miar tão expressivo.

Elles ficão de o ver sobresaltados,
Vendo que os olhos tinha avinagrados,
E se lhe estava lendo no focinho
O seu mortal, e triste descaminho,

Seguindo aquelle axioma justamente,
Que diz do coração, que nunca mente.

Porém como a prudencia lhe não falta,
Ordena, que de salto na mais alta
Parte dos Cães se lancem, e ligeiros
Mostrassem ser honrados Cavalleiros.

Elles que bem conhecem, que a obediencia
Merece entre as mais cousas preferencia,
Quaes entre o gado os lobos mais famintos,
Ou Raposa sagaz por entre os pintos,
Que degollão, destroção, chupão, rapão,
E lhe bebem o sangue, e a carne papão:

Da mesma sorte os destemidos Gatos
Vão entre os Cães fazendo espalhafatos,
Vencendo no valor, que o Mundo espanta,
De Thebas o alto Heróe, (1) que a fama canta,
Mostrando cada qual por força e arte,
Na furia ser Briareo, no valor Marte.

O caçador de Haspão sem muito abalo
N'um Farrusco saltou, e de cavallo,

(1) Hercules.

Das unhas tão fataes fazendo esporas,
Andou de picaria algumas horas:
Até que já nas forças mal segura
Lhe cahe esta infeliz cavalgadura,
E de focinho em terra amortecido
O tributo pagou de haver nascido.

Hum Gato muito grande de Inglaterra
Fez cousas inauditas nesta Guerra,
Mais de tres mil focinhos despegou,
De donde a natureza os encaixou.
Hum Pardo natural de Gibraltar
Seis mil rabos tirou do seu lugar,
Voando pelos ares cento a cento,
Como palhas, as quaes revolve o vento.
Matou alguns trezentos hum Mafrense,
Vazou trinta barrigas hum Chinense,
Cortou dez mil orelhas hum Russiano,
Dois mil lombos rompeo hum Castelhano,
Sacou trezentos bofes hum Mourisco,
Hum Persa dez mil buchos fez em sisco,
Que do Ministro sendo doutrinados,
Parecião leões desesperados.

Hum Gato de Nankin altivo, e horrendo,
Ora as unhas ferrando, ora mordendo,
Trinta mil Cães matou dos mais ferinos,

E fez outros diversos desatinos;
E não parando aqui a sua furia,
Intentou commetter a grande injuria
De se lançar em cima do Maluco,
E sugar-lhe dos lombos algum succo;
Mas tomando-o de geito o Cão valente,
O arremessou tão longe, que da gente
Foi visto, miaos tristes inda dando,
Na Região Ethérea andar voando;
E lá onde Neptuno as praias banha,
Já morto foi cahir com força estranha,
Na ponta de hum calháo inda molhado
D'uma vaga, que fez o mar salgado.
Assim á força grande, é desmarcada,
Mil vezes de hum revéz fica esmagada,
Que morre, onde nasce a presumpção,
Como a deste tremendo Gatarrão,
Que quando en las fuerças mas blasona,
Do que Milon valiente de Cretona,
Quiso su triste, cruda, y mala suerte,
Su locura pagasse con la muerte,
Quedando alli deshecho en uno instante,
Quien juzgava en las fuerças ser gigante.

Aquelle grão Podargo, nobre, e ousado,
Que já fica em meus versos encaixado,
Encontrando na Guerra o Malhadinho,

Lhe deo quatro dentadas no focinho:
Logo voltando atraz hum pouco espaço,
Lhe fez n'uma mostarda o espinhaço,
Reduzindo a picado o Cão maldito
Hum Gato do tamanho de hum Cabrito.

Mas o grande Ministro o cavalgou,
E do pelego os bofes lhe trincou,
Perdendo n'um momento a luz do dia,
Hum Cão de tão distincta valentia.

Hum destemido Ethiope rabudo,
Mui grosso de barriga, e muito ossudo,
Vendo o Remeirinhal esbravejando,
Se foi por junto delle prolongando;
E mettendo-lhe os dentes no cachaço,
O lançou de arremesso n'um terrasso,
Qual palha leve, que do bravo Nóto
He lançada n'um sitio mui remóto.

Esmagado ficou o triste Gato
Junto de quatro Leigos, e hum Donato,
Que de alto contemplavão, e de poleiro,
Desta guerra o successo derradeiro.

Huns inda agonizando aqui perneão,
Outros de tripas fóra acolá meão;

Muitos sem rabo vão inda mordendo,
Outros já sem focinho andão correndo.
Não foi mais lastimosa em tanto estrago,
A destruição de Troia, ou de Carthago.

Muitos Heróes em huma só ferida
Recebem mil dentadas, e mordida
A pelle tinhão muitos por tal modo,
Que hum crivo parecia o corpo todo.

Mas constantes intrepidos guerreiros,
Tiverão sempre os animos inteiros,
Mostrando nas dentadas derradeiras
Ainda mais valor, que nas primeiras,
Pertendendo por timbre, ou por vangloria
De seus feitos deixar clara memoria,
Que no Mundo co'dedo se apontasse,
Em quanto a Aurora as flores borrifasse
Das lagrimas, que chora, quando rindo,
Do claro dia as portas vem abrindo.

Impaciente o Ministro determina
Juncar de Cães já mortos a campina,
E tal carniçaria faz entre elles,
Que muitos já despidos, e sem pelles,
Corrião sem acordo de maneira,
Que morrião na força da carreira,

Em que firmavão pé seus companheiros,
Para dalli saltarem mais ligeiros,
Inventando a braveza deste dia
Mortes sem dôr, valor com tyrannia.

Ambos os Generaes obrarão tanto,
Que necessita a penna no meu canto
Ainda mais valor para narrallo,
Do que elles para obrar. Póde julgallo
Quem com juizo experto considera,
Que estes bravos Heróes da raça fera,
Pela honra sómente pelejavão,
E que sem ella a vida desprezavão.

Mostrando cada qual no ardor insano
Ainda mais valor, que o grão Thebano,
Que Orlando, Rhodamonte, e que Rogeiro, (*)
Cujos feitos applaude o Mundo inteiro.
Infinitos Heróes muito alentados,
Dos de rabo atraz dependurados,
Se ferem com braveza tal, e tanta,
Que chegão a lançar pela garganta
Os bofes já desfeitos, e delidos,

(*) Famosos Paladinos.

Ficando elles nos campos estendidos.

Encontra o General o grão Carroça,
E vendo os muitos Gatos, que destroça,
Lhe deo os parabens do nobre, e ousado
Exemplo do valor, que tinha dado;
A que não respondeo palavra alguma,
Pois lançando das ventas branca escuma,
Hia veloz seguindo o seu caminho,
Qual no mais crespo mar leve Golfinho.

Em cor de sangue as pelles são mudadas,
E vião-se as campinas alastradas
De corpos, que por terra vão rodando,
Ainda mortalmente palpitando.

Marte cruel, que estrago tanto viste,
Porque a tão grande mal não acodiste?
Ah mil raios te prégue no costado,
O poderoso Jove, de ira armado,
E te chamusque as barbas hum corisco,
Ou te converta o corpo todo em sisco.

Que peito póde ouvir sem magoa, e pena
Esta tão triste, e lastimosa scena,
Sem que da dôr forçado lhe não fique
Cada olho convertido n'um lambique,

Por onde o coração soltando os laços,
Não saia todo feito em mil pedaços?
Não ha filhos por pais, nem pais por filhos,
Morrem Gatos, e Cães, como novilhos,
He tudo confusão, que a vista enleia,
De que as gentes não tem nenhuma idéa.

A victoria se achava duvidosa
Nesta cruel batalha sanguinosa,
Que os Gatos neste esforço derradeiro
Cobrirão de Cães mortos o terreiro.

Vião-se entranhas quentes palpitando,
Corações pelo chão inda fumando,
Pernas sem dono, figados, e baços,
Focinheiras, cabeças, lombos, braços,
O sangue ás enxurradas se vertia,
A terra mar Vermelho parecia.

Vendo o Maluco a grande resistencia
Da multidão Gatesga, e a contingencia
Da final conclusão desta contenda,
Soltando da garganta a voz tremenda,
Desta maneira anîma a força interna
Das infinitas tropas, que governa:

Se houver tão fraco, vil, e máo Soldado,

Que hum passo retroceda, e deshonrado,
Par'onde o rabo tem, volte o focinho,
Minha pelle n'um odre para o vinho
Seja feita, e meu corpo n'um carvão,
Se eu não lhe arrancar fóra o coração.

Já me enfastia ver demora tanta,
Resistencia tão grande me atarantа;
Meu forte coração tanta ousadia
Já não póde soffrer. Mas neste dia
Em cinza me converta hum basilisco,
Se os Gatos todos eu não faço em sisco.

Participem-se a todas as Nações
Estas minhas finaes resoluções;
Muito bem entendido, e bem notado,
Que incorrerá em pena, ou desagrado
De meu augusto nome venerando,
Quem deixar de fazer o que lhes mando.

Eia, valentes, bravos Companheiros;
Mostrai que honrados sois, e Cavalleiros,
E tereis, se alcançais hoje a victoria,
Lugar no excelso Templo da Memoria.

De boca em boca este discurso vôa,
E de orelha em orelha se apregôa,

Os cabellos nos lombos se arripião:
Huns ladrão de huma parte, e d'outra mião.
Soltão-se os fados máos e temerosos,
Nos ares sôão gritos espantosos.

A hum certo sinal tudo se move,
E com tão vivo ardor, que o grande Jove
Deo na cadeira cinco, ou seis cuadas,
E lhe tremerão ambas as queixadas.

A fouce roçadoura empunha a Morte,
Sua dentuça arreganhou Mavorte,
E deo hum berro tal, que d'Oste a Leste
Estremeceo a maquina celeste.

E Phebo vezes tres no Ceo suspende
A carroça veloz, que os ares fende,
Por ver com attenção, e com socego,
Em que parava ardor tão bruto, e cego.

Partem todos correndo de repente,
E qual de hum grande rio a grossa enchente,
Que leva, rapa, e lambe quanto apanha,
Assim de huma maneira muito estranha,
Os lambazões universaes dos pratos
De repellão se lanção sobre os Gatos,
Com força tão cruel, e tão notoria,

Que já se não duvîda da victoria.

Vio Maluco o Ministro, que de hum lado,
Como bom General, e bom Soldado,
Com vozes, e com obras animava
As tropas Gaticaes, que governava.

E qual pàssaro leve, que voando
A região do ar vai penetrando,
Assim o Cão voando de hum só jacto,
Cahio como huma torre sobre o Gato,
Que sem poder valer-se, ou revirar-se,
Nem miar levemente, e nem queixar-se,
Nas garras deste bruto perde a vida,
Digna de ser nos annos mais comprida.

Chorai, Gatos, chorai a morte dura
Do vosso General com magoa pura;
No triendrá pesadumbre, aunque muera,
Si con pena llorais rabiosa, y fiera,
Llenos de desplacer, de magoa pura,
Su lastimoso fin, su muerte dura.

Chorai, pois vedes já prostrado em terra,
Por despojo fatal da bruta Guerra,
O mais famoso Heróe, que bravo, e mudo
Soffreo de rijo dente o estrago rudo.

Por hum valente Cão foi feito em lixo;
E vendo o claro Sol com rosto fixo,
Este successo infausto, e desastrado,
Tres vezes lá no Ceo ficou pasmado.
Enchei de ternos miáos os leves ares,
Com berros publicai vossos pezares;
E por mostrar da dôr claros conceitos,
Rasgai com vossas unhas vossos peitos.

Elevéz à sa cendre un monument célébre,
Soupiréz, gemisséz dans ce lieu funébre,
Que ás mãos da fera Parca endurecida
O vosso General perdeo a vida.

Os grandes Gatarrões mais esforçados
Nisto se hão de tornar; que os duros fados,
Fazendo á triste vida brava guerra,
No fim della convertem tudo em terra.

Grandes, pequenos, fracos, fortes, mudos,
Berradores, pellados, ou felpudos,
Ou por máo coração, ou por capricho,
A morte os faz iguaes, e tudo he lixo.
A vida tão gostosa, e desejada,
Sempre com dôr, e desprazer deixada,
Que entre mil sobresaltos se consome,
Porque o tempo voraz a gasta, e come!

De que te aproveitou, Ministro honrado,
Seres cá neste Mundo tão gabado,
Se Clotho desabrida, acerba, e dura,
De tal sorte mudou tua figura,
Que se em vida teu vulto a Fama enfaxa,
Hoje nem para armar huma borracha
A tua pelle serve! Hum Cão valente
Em sisco a converteo inteiramente!

Ah maldita mil vezes seja a Guerra,
Que tantos males causa sobre a terra,
As Provincias devasta, inquieta os mares
No medonho bum bum, que fere os ares,
Forjado na medonha gruta Etnéa
Pelo esposo (1) da bella Cytheréa! (2)

E na campanha ao som destemperado
Dos tambores, o misero Soldado
Envolto em sangue, e pó a vida amada
Perde nos fios da luzente espada,
Que seu fatal destino lhe decreta,

---

(1) Vulcano.
(2) Venus.

Que ao som da caixa rouca, ou da trombeta,
Como altivo guerreiro, egregio, e forte,
Tenha as ultimas exequias da morte.
E nas grandes cozinhas lageadas,
Obrigados de pessimas dentadas
De alguns bravos Athletas Gaticanos,
Muitos Heróes de rabo, extremos damnos
Soffrem de tripas fóra agonizando
Na terra sem acordo affocinhando,
E sem se despedirem de seu dono,
Da morte vão cahir no eterno somno!

Fazendo sem alforge esta jornada,
Que sempre faz violenta a vida amada,
Por certa propensão da nossa idéa,
A ter por cousa má a morte fêa.
Ou por ter negra a boca, a barba esquálida,
Ou pela côr que tem, terrena, e pállida.
E causa tanta dôr com seus máos tratos,
Que até della se espantão Cães, e Gatos.

Tantos Heróes, que fresca, e verde rama,
Na cabeça lhe poz o Tempo, e a Fama,
Forão da morte estrago, e neste dia
Reduzidos á terra, ou cinza fria!

Assim tantos Briaréos, e Adamastores,
De forças desmarcadas, superiores,
Polyfemos, ou Hercules Thebanos,
Vão sentir os extremos desenganos,
Que o tempo fugitivo, vario, e leve,
Em tudo com seu dedo a morte escreve.

Elle os bronzes gasta, e move, e altera
Os eixos da celeste, azul Esfera,
Elle correndo igual com passo lento,
Tudo reduz a pó, que leva o vento.

Mas tu, Ministro grande, bravo, e forte,
Que fugir não podeste ás leis da morte,
Inda que te matou hum Cão perverso,
Eterno has de ficar neste meu verso;
Porque na força delle, se eu bem noto,
Poder nenhum terá a mão de Clotho.

De phalange em phalange o medo applica
Hum panico terror, vendo que fica
Já morto o General, e neste aperto,
Começa tudo a ser hum desconcerto.

De mais a mais Maluco desejando
De concluir a Guerra, vai matando,
Com forças tão crueis, e desmarcadas,

Que doze, ou dezaseis de tres dentadas
Mil vezes derribou; e parecia,
Pelas cousas medonhas, que fazia,
E raiva desmedida, que mostrava,
Que de cada cabello lhe espirrava
Hum Ethna, hum Vesuvio, hum Mongibello,
Sendo furia infernal cada cabello.

De guélas cavernudas, boca aberta,
Os Gatos de tal sorte bravo aperta,
Que dez mil vidas, que cada hum tivera,
Outras tantas por força alli perdera.

He cada dente seu mortal corisco,
He cada olho farpado basilisco,
He cada falla sua hum trovão forte,
He cada garra lança atroz da morte.
Serras de Gatos mortos se estão vendo,
Outros de tristes miáos o ar enchendo,
Outros ainda o rabo levantando
Estão na fria terra affocinhando.

De Gatos mortos cem milhões se viáo,
Entre os quaes muitos Cães tambem jaziáo,
Que por mais que valentes se mostrarão,
Vinte e cinco milhões alli pagarão
A' triste, e carrancuda Libitina

O tributo que a lei lhe determina.

Porém Maluco, certo da victoria,
Não consentio ficasse por memoria
Nenhum com vida, e todos finalmente
Soffrem com dôr dos Cães o impulso ardente.

Quem quer que vio a nunca vista Guerra,
Desde que o mar he mar, e a terra he terra,
A seus filhos, e netos a retrate,
Pintando as circumstancias do combate,
Para que além do estrondo dos meus versos,
Que pelo Mundo se hão de ver dispersos,
Possa tambem passar por tradição,
Indo de geração em geração;
E nas orelhas da futura gente
De alta Fama o clarim completamente
A todos dê distincta, e clara idéa
Da causa da immortal Gaticanéa.

Por mostrar-se o Maluco agradecido
A's distinctas acções do nunca ouvido
Esforço, de que tinhão provas dado
Tão valentes Heróes de rabo alçado,
Hum banquete quiz dar-lhe com grandeza,
Servindo a mesma Praça alli de meza;
E trinta batalhões da melhor gente

Mandou que dessem logo, e de repente,
Sobre quantos rebanhos encontrassem
Nas convisinhas terras, e buscassem
Carneiros, Vaccas, Porcos, e Cabritos,
Do Gradil, da Morgeira, e mais districtos,
O que todos fizerão de maneira,
Que não ficou nos campos rez inteira.

Todos correndo vem muito cançados,
Com tassalhos na boca atravessados,
Que o General mandou lançar em terra
Só para os Marechaes, Cabos de Guerra.
E para a baixa plebe tambem manda
Se acarretassem de huma, e de outra banda
Cem mil cavallos mortos, que se acharão,
E todos mui contentes se fartarão,
Sem que o Gozo mais vil neste desbulho
Vasio lhe ficasse o seu bandulho,
E não visse no fim deste destroço
A barriga mais grossa, que o pescoço.

Maluco deo mil saltos de contente,
O mesmo fez tambem toda a mais gente;
E fizerão tal bulha alvoraçados,
Que de medo os Lagartos espantados
Se mettem nos buracos, e as Doninhas
Andavão a correr por entre as vinhas,

Temendo a Canical bruta caterva,
Tudo que come pão, mastiga herva,
Revelando-se alli este segredo,
De que só quem não come, não tem medo.

Então o bravo Heróe a voz desata
Da cavernuda boca, a qual retrata
A do Trifauce horrendo, e pavoroso,
Que as portas infernaes do tenebroso
Reino da Confusão defende, e guarda,
E quanto vida tem, devora, ou carda.

E posto bem no meio do Terreiro,
Firmado nos dois quartos do trazeiro,
E de focinho erguido, e alta a frente,
Desta maneira falla a toda a gente:

Valentes Companheiros, Povo amado,
Que de remotos Climas trouxe o fado
Só para aniquillardes neste dia
A gente Gatical, que arranha, e mia,
O que já não faráõ, porque defuntos
Os vejo nessa Praça todos juntos.

Mil parabens vos dou do valor forte,
Com que vós desprezando a mesma morte,
Derribastes por terra a levantada

Soberba desta gente endiabrada.

Já comer podereis espinha, ou osso,
Sem haver quem vos salte no pescoço,
Nem vos trinque a pelle no costado,
Quando lambeis hum prato engordurado.
Já não dareis boléos pelas calçadas,
Impellidos de barbaras dentadas
De infinitos Bichanos, que em magotes
Apostavão romper vossos pellotes,
Inda que sempre forão rechaçados
Por vossos dentes fortes e aguçados,
Fazendo-os em picado, ou convertendo
Em sisco de seu vulto o aspecto horrendo,
Mostrando cada qual por seu feitio
De Alcides o valor, de Marte o brio.

Anubis (1) vos conceda magestoso
Muitos bens nesta vida, e cuidadoso
Vos livre de rabuge, e de gafeira,
Passando alegremente a vida inteira
Livres de pontapés, e de máos tratos,
De pobre caçador, donos ingratos.

---

(1) Os Egypcios adoravão esta Divindade na figura de hum Cão.

De novo aqui vos louvo a raiva nobre,
Qu' inda em vossos focinhos se descobre,
E bem podeis contar na fé que tenho
Por vosso galardão meu desempenho;
Pois farei por vos dar prazer em tudo
Nas leis da gratidão gostoso estudo.
E tu, Carroça invicto, grande, e honrado
Que foste indignamente injuriado,
Já poderás contente, e com socego
Revolver sem temor o teu pelego;
Pois não só vês aniquillado em terra,
Quem te fez na Cozinha bruta guerra,
Mas toda a vil Gatesga geração
Em pedaços desfeita pelo chão;
O que tudo se deve na verdade
A' nossa singular ferocidade,
A qual será cantada em todo o Mundo,
Em quanto der sardinha o mar profundo,
E forem lambuçados os Ferreiros
Do mesmo pó, que suja os Carvoeiros.

Todos agradecidos se mostrarão
A's discretas palavras, que escutarão
Do bravo General, e por cortejo,
Lhe forão todos elles dar hum bejo
Na parte occidental, que está mettida
Debaixo da bandeira retorcida.

Depois disto Maluco os Cães assoma,
Para renderem graças a Mafoma,
E de Anubis adorão todos juntos
Em pedras esculpidos mil transumptos;
E logo as longas caudas enrolando,
Da victoria se vão congratulando.

Depois alguns buscando vão seus lares,
Onde a gárrula Fama lhe ergue altares;
Outros em Portugal contentes ficão,
E satisfeitos em caçar se applicão
Coelhos, Lebres, Lobos, Javalizes,
Veados, Gamos, Corças, e Perdizes,
E todos os mais generos de caça,
Porque nada do Mundo os embaraça.

E todos coroados de carrasco,
E de giestas tecidas com verbasco,
Naquella grande Praça magestosa
Vista alegre formavão, e belicosa;
Porém o General principalmente
De grinalda maior adorna a frente,
Merecendo por seus honrados feitos
Da loquaz Fama applausos mais perfeitos.

Ella que inda com vozes peregrinas
Celebra as Pallas, Junos, Proserpinas,

Os Alcides, Typhéos, Mercurios; Brontes,
Os Neptunos, Atlantes, com Phaetontes,
Só pelas suas obras singulares,
Pelas quaes lhe erigio no Mundo altares.

Com mais razão de hum pólo a outro pólo,
E em tudo o mais que illustra o flavo Apollo,
Os Heróes, que eu proponho, irá cantando,
Pois vencerão valentes, mais que Orlando,
Na grandeza de feitos soberanos,
Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

F I M.

Estampa primeira no frontispicio antes do titulo da obra. Estampa segunda no principio do primeiro Canto. Estampa terceira, que representa o frontispicio de Mafra, no principio do quarto Canto.

Francisco Antonio Martins Bastos,
nascido em Lisboa a 10 de Agosto de 1799.

Inscripções, epitaphios não exijo
Trophéos fallazes de horrida soberba.

A Pisca. Cant. 6. pag. 75.

AS
ESTAÇÕES DO ANNO,

POEMA

COMPOSTO, E ILLUSTRADO COM ALGUMAS NOTAS

POR

FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS.

Fortunatus et ille, Deos qui novit agrestes
Virg. Georg. L. II. Vers. 493.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA. 1833.

Com Licença.

PROLOGO.

O apreço, que o Respeitavel Publico fez do meu primeiro ensaio neste genero de Litteratura, (1) a que me tenho applicado, me deixou assaz obrigado, para lhe dar o agradecimento de modo, que ficasse certo, de que eu me gloriava tanto de lhe agradar, quanto não poupava occasião de lhe mostrar quanto desejo.

Mas de que maneira o poderia eu fazer, senão apparecendo com alguma nova Producção? Bem sei que isto he difficultoso; e os sabios, os finos, e apurados talentos tem lançado mão dos melhores assumptos, para se coroarem com os louros da Invenção, deixando aos fieis Interpretes o poder colher as palmas, que lhes pertencem, se conseguem fazer huma traducção, com que supprão na Patria Lingua a falta daquelle original, que o Mundo inveja.

---

(1) A *Pesca*, Poema impresso em Lisboa em 1831.

Tal he o Poema das *Estações do Anno*, que, dando hum tão excellente assumpto para hum Poema Descriptivo, até hoje estamos privados de huma Obra completa, em que vejamos tratada esta materia; contentando-nos em admirar ao Immortal *Tompson* na traducção; que d'elle vemos.

Tinha eu já com todos admirado a *Primavera* do nosso erudíto, e grande Poeta, o Senhor Doutor *Antonio Feliciano de Castilho*; mas não se deliberou até agora aquelle sublime Engenho a tratar das outras partes restantes do Anno, e dar huma Obra inteira de seus Periodos.

Vendo tratadas as *Estações do Dia* em hum Poemeto, de que gostei, tive desejo de vêr o mesmo assumpto tratado por *Zacarias*, célebre Alemão, que eruditissimamente desempenhou o fim, que se propoz. Quiz vêr as *Estações do Anno*, e encontrei a Primavera de *Kleist* desanimado para continuar as outras partes do Anno, por vêr que tão profundamente as tratára *Tompson*. E em fim vendo que nada apparecia completo neste genero em verso, nem em prosa, consultei o meu amigo verdadeiro, e sincero Mentor, o Senhor José Maria da Costa e Silva, que por todos me respondêo, que

nada original tinhamos sobre *Estações do Anno*, quando lhe manifestei o designio de emprehender este trabalho, no tempo, em que impunha a ultima lima ao meu Poema a *Pesca*.

Elle me louvou muito os desejos, e instigou a acabállo, e fazer imprimir, visto não haver quem ainda apparecesse original sobre esta materia. Como posso fazer isso! Se á vista de *Tompson*, larga a penna *Kleist!* E que farei eu em Portugal á vista da *Primavera* do Senhor Doutor Castilho! Finalmente, persuadido das razões, que sabiamente me ponderou, me determinei a escrever, e publicar hum assumpto entre nós novo, e até em hum genero de Poesia quasi nascente, (1) lisongeando-me com a gloria de Inventor. Conheço bem quão apoucados são os meus conhecimentos, e he fraco o meu talento, e não he esta a primeira vez que o digo; mas acaso deverei por isso, temendo Críticas, ou esperando que outro co-

(1) O primeiro Poema Descriptivo he o Passeio do Senhor J. M. da Costa e Silva, Obra digna de seu A. O 2.° a Meditação de J. A. de Macedo. O 3.° as Georgicas Portuguezas do Senhor Luiz Mouzinho da Silva e Albuquerque.

lha esta palma, deixar de tributar á minha Patria os devidos obsequios, que ella de mim com tanto direito exige? Não. Todos os homens tem differentes inclinações. e, segundo ellas se determinão aos diversos objectos, para que propendem. Muitos (menos os Portuguezes) tem tratado das *Estações do Anno*, e huns melhor, do que outros; mas nem por isso os mais inferiores deixárão de ser tidos como amantes das Letras, nem suas Obras deixão ainda hoje de se lêrem. Em Portugal tem havido homens fecundissimos, que tem subido ao cume do Templo da Memoria as Acções Heroicas mais distinctas; Naufragios, Conquistas, Edificações, Destruições, Virtudes, Vicios, Amôres, etc., Campos, etc. etc. Mas nisto nem todos levão a palma. Hum mesmo assumpto tratado por dous Autores he sempre desigual. Quanto differem os Lusiadas de Camões, e o Oriente de J. A. de Macedo? Da mesma sorte, depois de mim pode vir quem escreva muito melhor as *Estações*, de que terei muito gosto, por ser hum objecto, por que tenho paixão. Resta-me agora fallar dos Autores, que escrevêrão sobre o assumpto, que me propuz, os quaes vi depois de ter completa a presente Obra, sem que d'elles

me servisse em caso algum, o que he evidente, se se confrontarem.

O primeiro Poema sobre as *Estações*, que appareceu na Europa, foi escripto em Hespanhol por Grazian, com o titulo de — Selva del año. — Esta Obra he quasi illegivel, não só pela má economia da composição, mas pela barbaridade do estilo o mais extravagante, e ridiculo, que pode imaginarse. (1)

---

(1) Aquelles, a quem parecer este juizo demasiado rigoroso, lêião esta passagem do 2.° Canto, e decidão, pois todo o Poema he escripto no mesmo gosto.

Despues que en el Celeste amphiteatro
El ginete del Dia
Sobre Flegonte toreó valiente
Al luminoso Toro,
Vibrando por Rejones rayos de ouro;
Aplaudindo sus suertes,
El hermoso espectaculo de Estrellas,
Turba de Damas bellas,
Que a gozar de su talle aliégre mora
En cima los balcones de la Aurora,
Despues que en singular metamorphosi
Con talones de plumas
Y con cresta de fuego
A la gran multitud de astros lucientes,

Seguio se *Tompson*: este Poeta, homem

Gallinas de los Campos Celestiales,
Presidió Gallo el boquirrubio Febo
Entre los Pollos del Tindario huevo.

He preciso confessar que só na cabeça de hum Hespanhol podia o frenesi das Thauromachias figurar o Ceo como huma Praça de Touros, e o Dia como hum Cavalleiro toureando o Signo de Tauro, para divertir as Estrellas! Mas só o A. podia ajuntar a estas ridiculas, e extravagantes metaphoras outras mais ridiculas, e extravagantes, quaes são; figurar o Sol como hum Gallo, e os Astros como Gallinhas! A tal ponto tinha chegado naquelle Seculo a depravação do gosto, e a mania das agudezas, e conceitos! Este mesmo *Grazian* he Autor de huma Obra intitulada « *Agudeza, y Arte de ingenio.* » que he huma Arte de escrever em prosa, e verso, fundada nos principios mais absurdos, e apoiada em exemplos máos, e bons confundidos entre si, e applicados da maneira mais repugnante.

Não se infira porem d'aqui que eu desprezo a Poesia Hespanhola; se rio dos disparates de hum *Grazian*, e de hum *Villamediana*, conheço-a muito bem, para ter na devida consideração os sublimes Escriptos de *Garcillasso*, de *Herrera*, de *Rioja*, de *Francisco de la Torre*, de *Fr. Luiz de Leon*, de *Villegas*; e entre os modernos de *Quintana*, de *Cadalso*, de *Melendes*, de *Yriarte*, e de tantos outros, que tem dado honra á aquella opulentissima Litteratura.

erudito, engenho fecundo, e optimo Versificador, ganhou a palma da Poesia Descriptiva; e o titulo de Pintor da Natureza, que lhe dérão os seus Compatriotas, tem sido confirmado pela opinião geral dos Críticos das Nações Estrangeiras. Os rasgos do seu pincel são energicos, e variados, como o seu assumpto. Com a mesma facilidade desenha hum Jardim de Italia, e huma paizagem da Zona tórrida; huma Chorea de Nymphas colhendo flôres n'hum prado, e hum desgraçado morrendo entre a neve no meio das sombras de huma noite de Inverno. D'esta Obra se pode dizer com Dellile (1) *Les bons ouvrages sont ceux qu' on lit avec plaisir; les excellents ouvrages sont ceux qu' on relit avec transport; c'est l'effet de ces phisionomies qui, aprés avoir frappé par leur beauté vous rapellent, et vous attachent par des graces secrètes, et par d'heureuses proportions, qui avaient echappé au premier coup d'œil.* O mesmo Padre J. A. de Macedo, fallando d'este illustre Inglez, diz, que no seu Poema ha tanto de formosura, e varie-

(1) Dellile na Traducção de Virg. Not. 7. ao Cant. 1.°

dade de quadros, como ha na mesma Natureza, que elle pinta. (1)

Saint Lambert em França foi seu imitador, e ás vezes seu copista; seu estilo he Poetico, sua Versificação harmoniosa, e seus Episodios bem escolhidos; porem he menos grandioso, e menos energico, que o Poeta Inglez.

Mr. *Roucher*, Autor do Poema *dos Mezes*, cujo assumpto he o mesmo das Estações, tem menos graça, que *Saint Lambert;* os seus Versos são ás vezes duros, a sua linguagem pouco correcta; o desejo de transportar para a Poesia Franceza as figuras, e expressões Orientaes dos Livros Poeticos da Biblia, foi parte para alguns Criticos o accusarem de turgido, e de affectado; não pode com tudo negar-se, que em Roucher havia hum grande talento Poetico, muita imaginação, e colorido. A morte d'este Poeta foi, como a de Chenier, hum dos crimes da Revolução.

O grande Lyrico Alemão, *Cramer*, publicou quatro bellissimas Odes sobre as Es-

---

(1) J. A. de Macedo no Prologo ao seu Poema Newton.

tações. Os curiosos poderaõ vê-las traduzidas no Quinto Volume das Obras completas de Francisco Manoel, e são dignas da celebridade de seu Autor.

A Primavera de *Kleist*, em quem já fallei, hum dos Heroes da Escóla de Frederico, e hum dos ornamentos do Parnaso Germanico, faz sentir, que elle abandonasse a empreza de cantar as outras *Estações*. Seu estilo he Poetico, suas descripções variadas, os seus hexametros nada inferiores aos da Messíada de Klopstoch; e toda esta composição respira aquella sensibilidade, e enthusiasmo da virtude, que caracteriza todos os Escriptos d'este grande Homem.

Fiz as diligencias para obter de Hespanha o novo Poema das *Estações*, composto no Idioma d'aquelle Reino por D. Joseph Moor, y Fuentes, mas até agora ainda o não tenho. Alguns trechos d'elle, que vierão escriptos nos Papeis Publicos, me dérão d'elle huma idéa vantajosa.

A' vista por tanto de todos estes Autores, que depois (como disse) de compôr este meu Poema vi, só me appliquei a emendá-lo, não me servindo de lugar algum dos mencionados AA.; e sendo retocado, em quanto a alguma cousa de versificação pe-

AS ESTAÇÕES DO ANNO.

CANTO PRIMEIRO.

PRIMAVERA.

Das margens do áureo Tejo aonde outr'hora
A Pesca celebrei, e as Nymphas bellas, (1)
Aos cultos venho campos deleitaveis,
Onde em prazeres a alma desafoga
Os trabalhos da vida com doçura.
Cybele, Mãy fecunda d'Altos Deoses, (2)
Que aos homens o sustento grata prestas,
Que ao Mundo patentêas dons divinos,
Que no prado risonho, e campo ameno
Teu Reino perpetúas sempiterno;
Em meu auxilio vem, tu dá soccorro,
Para que, teus louvores, dignamente
Cantando do Anno as Estações, te cante
Sempre diversas, mas formosas sempre; (3)
Presta-me os sons da Mantuana avena
Sublime, e delicada, com que os bosques

De Lysia, Patria minha, que amo, e préso
Escutem não de Cysne a voz sonora,
Mas de rouca Cigarra a verdadeira,
Que em seu paterno ninho nasce, e morre.
Ditoso se ventura tal consigo!
Irmã querida, parte de minha alma,
Escuta o rouco som de flauta agreste
Com desregrado canto modulada.
Domesticos cuidados por hum pouco
Deixa, ouve a minha Musa: os tenros filhos
Depois, e o terno Esposo afaga meiga,
Que doce accento suave, e mavioso
Na alma prazer alegre já desperta,
Que do campo a doçura ama innocente;
E pois sei que te aprazes, que te encantas
Comigo deste genero de vida,
Desde já minha Lyra attenta escuta.
Vós ó Phaunos capripedes, vós Nymphas (4)
Das Florestas, tecei vossas Choreas,
A fronte me enramai de verdes louros.
Tu, Padre Baccho, o thyrso pampinoso (5)
Tu me empresta, e a canora Lyra rege (6)
Das Bacchantes ao som de accentos graves:
Repleto da virtude, que possues,
Correrei a cortina delicada,
Que a linda Primavera encantadora
Estende sobre a rica Natureza,
Em quanto os invernosos dias passão,
E derrama nos prados lindas flores
De hum Zephiro assentada sobre as azas.
Logo o Verão calmoso, quando estivo
Nos ardentes ginetes cavalgando,
De sua aljava de ouro penetrantes

Setas dardeja, que as entranhas abrem
Da terra sequiosa, e a Campina
Amarella se torna; já pendentes
As maduras espigas de sua haste
Se vêm; tingem-se os pomos de incarnado;
Outros tomão do fogo a côr ardente.
Do Outono tractarei, que sobre as Nuvens
Fecundas, espalhando a Cornu-cópia
Já desce, já se vê por toda a parte
Do Agrícola as fadigas compensando.
Cantarei o Inverno, feio, e triste,
E de flocões de neve carregado,
Reanimando os campos exhauridos,
Afugentando os tetricos contagios,
E com seus aguaceiros conduzindo
Os thesouros da força, e da saude.
Incomparavel Tompson, que teu vôo (7)
Ergues tão alto, que ninguem te iguala;
Se tímido abrio mão da empreza sua
Kleist, engenho profundo, que intentava (8)
Cantar tão grave assumpto; se te invejão,
Se alcançar tua gloria em vão pretendem
Talentos tão sublimes, elevados,
Que de Cysnes as pennas brancas vestem;
Que fazer poderei eu, a quem negão
Divina inspiração as doutas Musas?
Se teu nome engrandece a fama tua,
Fique embora o meu nome envolto em trevas:
Já que entro neste trilho temerario,
Tua penna me presta por hum pouco,
Que, inda que para o ornato faltão côres;
Com ella traçarei do Quadro o esboço.
E tu, tambem Castilho, que mavioso, (9)

Digno rival de Tompson te mostraste
Em tua Primavera tão vistosa,
Que, quando a vê, Natura admira, e pasma;
Presta-me a Lyra, que sonora pulsas;
E á borda desta fonte reclinado,
Debaixo desta faia umbrosa, e antiga,
Oução os bosques, e risonhos prados
Resoar de meu Barbyton as chordas;
Faze que minha rouca voz se escute
Nesses cumes ethereos, e colinas,
Que embalsamão suavissimos perfumes,
Que as flores odoriferas exhalão.
E vós ouvi, Pastores, recebei-me
Entre vossa innocente companhia.
Nos campos a risonha Primavera,
Já prolonga o matiz do verde manto.
De grande gala as arvores se vestem,
Suas mimosas tranças enlaçando
Com flores odoriferas, formosas;
Dos prados, já as altas, neves fogem,
Lugar á branda relva concedendo,
De milhões de boninas esmaltada
Pela Mão Liberal da Natureza,
Imitando do Ceo brilhantes Astros.
Por gozar deste ameno Paraiso,
Que a Benefica Mão do Omnipotente
Dos humanos a bem, creou no Mundo;
Almeno, de Lucinda chara Esposa
Acompanhado, o campo habita alegre.
Alli entre delicias mil vivendo,
Dos Anjos a innocente vida imitão.
Quando a Aurora c'os rozeos dedos abre
Hum dia a porta lucida do Oriente,

Ao seu Jardim fragante descem ambos,
Onde Almeno a Lucinda a voz dirige.
Ah! quão bella a Cecem alli se mostra,
Que a candura apresenta da virtude!
Olha como se eleva o rôxo Lirio,
Entre aquellas Saudades, que o rodeião!
De purpura se adorna, que não trajão
Reis Poderosos, Arbitros do Mundo!
O Girasol hi surge, Aguia das flores,
Que, seguindo co' a vista o carro a Phebo,
He symbolo do Sol, do Sol figura!
Com a sua confunde a côr do ouro!
Do jardim lá no fundo ao dextro lado
Se está vendo o fragante, o lindo Cravo,
De suave perfume enchendo os ares.
Olha este almiscarado, este amarello!
He lindo o Cravo Principe; côr lacre
O Mantuano; he formoso, e raro o verde.
Muito são das Roseiras namorados,
Que de encantos se vestem, e de adornos
Em seu throno espinhoso sustentadas,
Que enfeitão recortadas lindas folhas!
Que dôce riso abrir os faz mimosos,
A que responde a Rosa rubicunda
Com graça tanta, que em amor desfeita,
Parece quer pagar-lhe seus favores;
Ih as pétalas fazendo descoradas,
Das outras Flores vendo altos ciumes,
Entre desmaios mil fenece a Rosa,
Que o Jardim c'os despojos alcatifa,
Onde lhe abre a Saudade a sepultura,
E a Perpetua seu véo lhe lança rôxo.
A Alexandrina vês, vês a Hollandeza,

Rainunculos diversos este lado
Do Jardim formoseão; e Azareiros
Ó muro de formosas flores vestem
Por annos dilatados prolongadas:
Do Jacintho a flor vês, em que mudado
O Moço foi, de quem conserva o nome.
Mui lindo he o azul, e o procelano.
Dos Jasmins, Mogoim muito me encanta;
Muito me agrada o branco delicado,
A Perpetua dourada multiplica
Em Abril a belleza sempiterna,
Até do Ser Divino ornando as Aras.
Das Flores a Rainha vês Tulipa,
Que as mais em brilhantismo excede, e esmalte:
Sua purpurea flor por dias doze
Em seu throno magnifico sustenta.
A Anemona Oriental de azul, ou rôxo,
Além brilhando vês nesse canteiro,
Que Amor-perfeito adorna, e outras Flores,
Que os olhos lisongeão tão vistosas.
A Hera trepadeira, a Madre-silva,
Legacão; e o Martyrio, que do Eterno
Insondaveis segredos symbolisa.
Esta rua vejamos, que verdeja
Co' a Murta sacra a Venus, vivaz Buxo,
Alecrim, e Alfazema!... escuta os choros
Dos matisados, lindos passarinhos.
Ouve da Philomela o triste canto,
Que minha alma sensivel internece!
De que accentos magnificos se serve,
Com que exprimir deseja a dôr antiga,
Quando com mão cruel Tereu a lingua
Lhe arranca, porque o crime cale infando,

Que contra a pudicicia comettera!
Olha de Pintacilgos lindos bandos,
Formando encantadores seus gorgeios
Da faia entre os ráminhos mais occultos:
Como de tronco em tronco vão voando,
Das azas vivas amostrando as côres!
Oh! Como a triste Rola me compunge,
Que os males, que nos cercão, me recorda;
Eu do Melro a cantiga alegre escuto;
E o Cochixo, que o nome seu repete,
Que as Aves tambem fallão, me faz certo.
De azul ferrete as lindas azas abre
A Andorinha, que vôa sempre inquieta,
Para o ninho, que em clima forma estranho,
Nos ares já mil circulos traçando,
Vai no bico as palhinhas, vai o barro
Alegre conduzindo, e diligente,
Onde os Ovos depondo, nova prole
A's patrias Regiões leva fecunda.
Olha naquelle lago cristallino,
Onde a lympha em marmoreo tanque pura
Da Cascata, com arte vem cahindo!
Como bebendo immensas Avezinhas
Voltejão delle em torno assim contentes!
Outras lá na planice as ricas perlas,
Que a rôxa Aurora em lagrimas derrama,
Roubão á linda flor, que enriquecida
Dellas, com as Estrellas competia.
Mas já o Sol agora tudo queima.
Deste tanque de peixes nos sentemos
Junto, daqui seus brincos nos divirtão.
Sobem do tanque á flor, do tanque ao fundo
Descem contínuos, rapidos nadando.

Que lindas tem as côres, as escamas
D'azul, purpura, e ouro matizadas!
Como a chegada nossa admirão tanto!
De nós alguma cousa pedir querem...
De pão as migalhinhas tu lhe deita,
Que da choupana nossa aqui trouxeste,
Para o frugal almoço ambos tomarmos.
Como loucos parecem, como nadão,
Como a purpurea bôca alargão todos,
As boiantes migalhas apanhando!
O tanque de formosas flores vejo,
Lucinda, rodeado, que a mim novas
São: e da Natureza á dextra devem
Sabia a cultura só co' nascimento.
Que innumeros prodigios apresenta (10)
Das flores, que estás vendo, a mais pequena!
Como o germen envolto na semente
Por meio da raiz se desenvolve,
Que, de vêas servindo lactêas, tirão
Da planta o chylo, que nutrir a deve!
Como a seve ascendendo nutre os ramos,
Desenvolve as raizes descendendo,
Delles tirando o succo em quanto he dia,
A humidade do ar durante a noite,
E girando nas vêas, nas arterias,
Faz, que a planta vegete, faz que nutra.
Querido Esposo, as plantas tambem nutrem,
Tambem de vêas, e de arterias vivem?
O Sabio Creador lhes dêo a vida,
A sensação, amores, e consorcios:
Em breve termo neste botão vejas
Te rogo maravilhas estupendas.
O Calix, que a flor cobre, contem hymen,

Que a flor cobre em botão, rasga-se abrindo.
Aos sexuaes orgãos a corolla logo,
Immediato tegúmen, formosura
Dá, e belleza á flor quanta possue;
Petalas, ou lençóes da linda Venus,
Sabios Naturalistas a nomeão.
Da corolla o appendice Nectario,
Para o mel segregar, para conte-lo
Proprio á flor accessivo se nomêa.
Dalli proficua a Abelha o nectar bebe,
Que converte depois em doces favos,
Os estames, do alburneo nascer julgão,
Que filetes, e antheras tem por onde
Os estames se contão delicados:
O fecundante pó alli contido
Por membrana finissima he mimosa:
O Pistilo he tambem orgão femineo,
Que á creação destina o Ser Supremo:
Com elle o estame junto dão fecunda
A's plantas geração prodigiosa.
Observas deste modo, ó chara Esposa,
Como nesta pequena flor dispersa
Deste tanque na borda sem cultura
Reune a Natureza maravilhas,
Que o seu Eterno Creador lhe déra?
« Oh! Lucinda, Lucinda, aqui paremos
« Neste ameno lugar delicioso,
« Aqui jámais de Apollo entrarão raios;
« Orion; nem de noite as tempestades,
« Nem de dia levanta furiosas:
« A' sombra desta faia aqui sentados,
« Para nós a comida tu prepára,
« E sobre a verde relva a mesa estende.

« E depois de comer ao Deos Eterno
« Bem he que as graças nossas tributemos.
—Começarei acaso, eu a primeira,
Em lagrimas banhada, diz Lucinda,
—Oh! Esposo por quem a pena imposta
—Dos humanos ao genero o mal trouxe?
—Mas, se tu mandas que eu a ti sujeita
—Por culpa tão fatal, assim o cumpra;
—A Lyra tua affina, e tu começa
—As chordas percutindo em tom sonoro
—As Canções ensinar-me, que Divinas
—Cantar costumas em Psalterio grave.
—O magnifico quadro de Natura
—Em repetir não cesse eternos Cantos;
—A Aurora, que nascer vi das douradas
—Portas sahindo do Oriente louve
—Ao Arbitro dos Orbes Soberano:
—Nuvens, que vos fendeis do Sol á vista;
—Fugitivas Estrellas matutinas,
—Ao fulgido clarão do Astro brilhante
—Entoai vossos Cantos, louvai sempre
—A Soberana Mão, por quem movidas
—Rodaes em vossas orbitas eternas:
—Sombrios bosques, tristes valles fundos,
—Altos montes, penedos, rochas duras,
—De idades muitas, velhas, carcomidas:
—Serpejantes arroyos argentinos,
—Que brincaes pelos campos inquietos,
—Detende as lindas serpes enganosas,
—Que de aljofar escamas ornão puro,
—E louvai do Universo ao Ser Supremo.
—Cantai, ó Avezinhas innocentes
—Cantos ao Senhor Vosso de alegria.

—Aqui, Natura, te convido, e chamo,
—Para que do meu bem Amado Almeno
—Junta, com o que possues em riquezas,
—Nossas preces ao Ente levantemos,
—Que de tal arte o Mundo de prodigios
—Sómente co' a vontade creou sua.
—E tu oh! charo Almeno, terno Esposo,
—De minha alma metade, vida minha,
—Ao Ceo comigo as tuas mãos levanta,
—E de louvor com hymnos os bens nossos
—Reverente agradece com modestia.
Disse: e em terra os joelhos seus dobrando,
No Ceo os olhos fitão respeitosos.
Da Primavera assim a Estação passão
Longe da Côrte nos rizonhos campos,
Almeno com Lucinda, esposa terna,
Que de Amor Hymineu juntou c'os laços,
Que na Côrte forjára em bellos dias.
Eis n'huma tarde Almeno assim lhe falla:
« Não he mais que a Cidade o campo amavel?
« Acaso aqui, Lucinda, hes perturbada
« Logo que a manhã rompe pelas seges,
« Que ás vezes o impostor vão conduzindo
« Da casa onde perdêra os bens, e fundos, (11)
« Que avaro Pai, de usura á força juntos,
« Ferrolhados tivera até á morte?
« Magistrado venal, cruel, injusto,
« De cujas mãos depende a sorte humana?
« Dos da cavalhariça ouves Criados
« A rustica harmonia, ou os seus brados?
« Perturbão as serventes teu socego
« Com elogios vãos, falsos, pedindo
« As horas determines ao Almoço?

« Ou quando ao toucador sentar te queres?
« Neste sitio o rumor dos carros ouves
« Tão importuno antes que nasça o dia?
« Não tens visitas das amigas tuas!
« De amigas... bem não digo; acaso amigas
« Erão ellas, Lucinda? Não bem sabes...
« Tu então ignoravas innocente
« O mal, que taes mulheres te buscavão...
« A lisonja jámais seu peito deixa.
= De que bellezas, dizem, de que encantos
=Vos adornou benigna a Natureza?...
=Que bellos negros olhos, e cabellos
=Decorão vossa fronte tão vistosa;
=A neve a branca côr em vos vêr perde;
=A Rosa já sem graça desfallece,
=E de vergonha cheia sobre a terra,
=Confusa suas petalas derrama
=Nos orvalhos envoltas matutinos.
« Oh! condição perversa; detestavel,
« Que a innocencia ao perigo assim conduzes!
« Mas que felices dias já gozamos
« Nestes campos, Lucinda, encantadores,
« Quando formosa vai a Primavera
« Sobre as azas dos Zephiros voando,
« De Flora encantadora acompanhada,
« A quem mil Nymphas seguem com cestinhos
« De mimosas capellas, e de flores,
« Qne mais bellas, mais lindas cria o Prado!
« Lá quando rosea Aurora rociada
« De Apollo a vinda tão saudosa chora,
« Sobre as flores vertendo ricas perlas,
« E do Oriente as cortinas sacudindo,
« Ao Sol formoso as portas abre de ouro;

« Os glomerões de nuvens, e altas torres
« A' vista sua com respeito fogem;
« Das Camponezas se ouve o doce canto,
« E a sonora das aves melodia.
« Então na relva morbida sentado,
« O pensamento ao Ceo, e os olhos subo.
—Oh! não mais, terno Almeno, não prosigas;
—Minha alma penetrar vejo sensivel
—Da Natureza olhando o quadro bello.
Disse, e sobre a verdosa relva pára,
Ao Esposo volvendo os lindos olhos;
« As faces banhão lagrimas em rios,
« Quando levanto as mãos ao Ser Supremo,
« De tantos bens humilde dando as graças,
« De quantos males sou por ti já livre.
« Nas Estatuas repara primorosas,
« Que com arte, e saber Artista eximio
« Dos Varões esculpio mais affamados
« Por armas, e por letras Lusitanos,
« A quem da fama o brado nunca cessa
« Fazer ao Ceo subir, fazer ao Mundo
« Da virtude valôr, e sapiencia
« Os dotes conhecer, que os adornárão.
« O que a Corôa cinge, e tem o Sceptro,
« Manoel he invicto, esse Monarcha
« Excelso, que o Oceano insulta ondoso,
« Seus Cabos, Enseadas, e Recostos
« Sem temor devassando, sem receio
« Por mares, que a ninguem fôrão notorios,
« Dos que a remota Idade menciona,
« De riquezas enchendo o Luso Reino,
« De louros immortaes colhendo a gloria.
« Vasco da Gama vê o astuto Nauta,

« A quem comette o Rey tamanha empreza
« Elle o Estandarte beija, que recebe,
« De voltar, ou morrer já promettendo.
« Logo sulcando os mares, vai ufano
« A novo Mundo novas Leis impondo,
« Que sujeitas abração essas gentes,
« Que do Oriente as terras tem, e os mares:
« Obedece Neptuno sujeitando
« A empolada cerviz ás Ordens suas,
« He Pacheco fortissimo, esse Achilles
« Lusitano, que de alta gloria enrama
« Sua Cabeça, e cobre-se de louros,
« Soccorro de Cochim ao Rey prestando
« Dos seus, que faz espanto com tão poucos;
« Fabula parecendo antes sonhada,
« Do que verdade, o que obra o nobre peito,
« Com que os Reis de Vipur, e Tanor bate.
« Do Çamori não teme as grandes forças,
« Que por mar, e por terra o desafião.
« Vem esse Rey potente, mas ferido
« Em seu mesmo andor vai, porque soubesse,
« Que não ha contra o Luso resistencia,
« Que no Campo se ostenta bravo Marte.
« Venenos, e traições arma debalde,
« Com que a chólera mais ao Leão accende:
« Barcas lança de fogo, com que a Armada
« Parece desta vez abraza, e queima.
« Mas lá fugindo vai, e destroçado
« Em cása recolher-se furioso.
« Mas de tantos serviços tem por paga,
« O que, do Rey a lado já viera
« C'o Pallio sobranceiro, triumphante,
« Dura prizão soffrer, e dura morte,

« Da indigencia nos braços, e da fome
« Em Santo hospicio, aonde a vida acaba
« Em leito misero o Varão illustre.
« He, esse outro o temido Almeida bravo,
« Que com Real insignia tem primeiro
« Das Indias o Governo, e todo o mando.
« Com Lourenço, seu filho entra em Quiloa,
« Que de incendios, estragos, mortes duras,
« Com que o valôr apure, faz theatro.
« Do Throno o Rey depôem, que ahi governa;
« Em seu lugar elege outro Monarcha,
« Que, a seu contento, faz o que elle ordena.
« Em Mombaça devastão inimigos,
« Que das Indias os mares infestavão.
« A cinzas reduzindo-a pôem por terra
« Mombaça desgraçada neste dia.
« Chaul, e Dio ao chão tambem iguala;
« De Calecut espalha a grande frota.
« Mas o Deos das vinganças lhe prepara
« Castigo á deshumana atrocidade
« Com que as míseras gentes elle trata,
« Que das armas á força conquistára;
« Nas mãos dos Cafres brutos, e selvagens
« Deixando em fim a vida preciosa,
« Em desertas arêas sepultados
« Sem gloria alguma os restos seus, sem pompa. (12)
« Dilatada sería, e longa a historia
« De Albuquerque, que hi vês cantar façanhas.
« Como a infeliz Ormuz, como Malaca
« Com brio tal conquista, e valôr tanto'
« Como a furiosa Gôa vezes duas
« Invade com valôr nunca pensado,
« Em Politica, e em Armas dextro sempre

« O jugo no Oriente impondo Luso,
« Das gentes té amor alto acquistando,
« O invencivel Heroe, que vai da fama
« Do Artico ao Polo Antarctico nas azas!
« Quantas vezes traições, quantas vilezas
« Nos seus experimenta, que a pilhagem
« Só desejão, só querem por Victorias!
« Resiste o coração constante a tudo,
« Inveja té causando nos Gentios,
« Que respeitosos o ouvem, e obedecem!
« Não conto o caso horrendo, que pratica
« Barbaro, quando quer impôr silencio
« A's paixões, que ardem, e aos desejos fortes,
« Que Amôr dos Lusos n'alma cruel atêa.
« Soares, e Sequeira são os outros;
« Menezes, Mascarenhas, e Sampaio;
« Heytor, Cunha, Noronha, e o forte Castro,
« Cujo valôr em Dio causa assombro,
« Cuja memoria eterna sempre vôa,
« Em quanto alumiar o Mundo Apollo.
« Esse vês, cuja fronte verdes louros
« No Pindo Portuguez com fama, e gloria
« De estranhos com inveja assim corôão:
« He o illustre Camões, o nosso Homero, (13)
« Que todos esses canta em plectro de ouro
« Em sons divinos dantes não pulsados;
« Dos Lusos o valôr ao Ceo subindo
« Da eternidade em bronzes o gravando.
« Mas, que desgraça!.. a sorte miseranda
« De quem tão alto sobe illustres feitos
« Em toda a parte segue o Cantor digno,
« Que ao Mundo todo invejas, e respeito
« E a todas as Nações da Europa causa!

« Da fome, e da miseria perseguido
« O que d'antes predisse lhe acontece.
« *A baixo estado vir humilde, escuro*, (*)
« *Morrer nos Hospitaes em pobres leitos.*
« As Estrangeiras Musas o engrandecem;
« Alto aos Ceos elevar Sepulchro querem
« Os Britanos, e Gallos juntamente,
« Onde os Ossos descancem de quem tanto
« A Patria sua amou ingrata sempre,
« Suas Obras beijando respeitosos,
« Quando lêm, quando admirão com inveja.
« Esse, que observas carrancudo, e torvo,
« Suas Obras mordendo, e devorando,
« De tudo maldizendo petulante
« Sem razão, sem criterio, e sem verdade;
« He hum Zoilo terrivel, que se eleva
« Das nuvens a si mesmo muito acima:
« E piza de Camões divino, piza
« De todos honra, gloria, saber, tudo;
« Tudo o monstro abocanha vil, horrendo,
« Nas cavernas bramindo do desprezo,
« Que faz de suas Obras todo o Mundo.
« Hi tens Garção, Bocage, e tens Filinto, (14)
« Que em ninho estranho morre desejado
« Dos seus, que seu saber assim conhecem:
« Vês Silvio, a quem Melpomene, e Thalia (15)
« Calliope, e Polymnia em magas formas
« Enramão de laureis a altiva frente,
« Que a Lusitana Scena assim decora

(*) Versos de Camões. Lusiad. Cant. 10. Est. 23.

« Que os sentidos eleva extasiados,
« Se Isabel, o Passeio, e outras Obras,
« Com que a Lusa enriquece Poesia,
« São de homens sabios lidas, e admiradas.
« Todos maldiz o Zoilo depravado.
Assim os dous Consortes se entretinhão,
De huma Santa alegria transportados,
De floresta em floresta passeando,
Bellezas novas, novos quadros vendo.
« Vamos, Almeno diz, o Sol dardeja
« Vibrantes raios; com que a terra abraza,
« A' sombra descançar daquella choça,
« Em quanto do calôr não passa a força.
« Já da Cigarra o canto escuto rouco, (16)
« Que o jornaleiro á refeição convida.
Nisto da chara Esposa o braço toma,
E pelo bosque escuro caminhando,
A cada passo attento, immovel fica,
Quando das Avesinhas ouve o Canto.
D'esta sorte á Cabana se aproximão,
E sobre a verde felpa descançados,
Aos fatigados membros dão repouso.
Dá ao longe signal da Igreja o sino: (17)
Lucinda diligente se levanta,
Apollo no Zenith tocar já vendo,
Onde breve repouso dar costuma
Aos cançados igni-vomos Ethontes
Em suores de vivo fogo ardendo,
Que rápida a carreira lhes causára:
Os olhos, e narizes em faiscas
Sobre a terra abrazados se desfazem;
Alli o auri-comado só esperão
Cocheiro radiante, que lhes solte

As preciosas redeas diamantinas,
O coche conduzindo pela Esphera,
Até que no Oceano o precipite,
E lá, nos Thetios braços em carinhos
Suave a noite passe repousado.
Lucinda, huma delgada saia veste;
Seus cabellos compõem, suas mãos lava,
E a frugal refeição prepara logo.
A Servente a Cabrinha traz, que ordenha
Em limpa, e transparente porcellana,
Onde o pão, que abobóra, alvo mistura
Em lento fogo, em quanto as hervas colhe,
Que da saude ao bem são proveitosas.
Alli do Cabritinho a tenra carne
Se coze com presunto Lamecense;
Com brazido ateado n'outra parte
Se tosta de hum Carneiro gorda perna;
E já na celladeira a repolhuda
Alface, com cebolla, e pimpinella
C'o saboroso paio misturada,
Apetitosa o gosto desafia.
Já hum pratinho adornão as cerejas,
Que são de coral fino rubicundas;
D'ellas junto não falta o queijo fresco,
Que há pouco de fazer Lucinda acaba.
Hum joven Pastorzinho vem da Adega
O balsamo trazendo delicioso
Por lustros dous guardado com recato,
Que a tristeza dos animos desterra,
E esquecer faz da vida o mal penoso.
Já tudo preparado, vai Lucinda
O Esposo procurar, que, recostado
Sobre a morbida relva, dorme ainda.

« Querido Esposo meu, amado Almeno,
« Surge, desperta do pesado somno,
« A que te convidou canto das Aves,
« E d'esta relva a placida frescura:
« Vem, pois nosso jantar já sobre a meza
« Tão frugal acharás, como desejas.
Assim dizendo, pelo braço o toma,
Que inda os olhos esfrega bocejando.
—Ah! feliz aquelle homem, (volve Almeno)
—A quem fados benignos concedêrão
—Os verdes campos habitar comtigo;
—Que reconhece os campesinos Deoses!
—Ah! Lucinda, quem te ama, sempre venha
—Para onde folgas de viver; mel dôce
—Lhe corra sempre; o balsamo cheiroso
—O aspero espinheiro lhe produza!
Com taes ditos na face os dôces beijos
Vai, de carmim formosas, imprimindo.
Lá dentro na choupana retirados
A' meza os dous Consortes se assentavão;
Alli, em quanto comem só divertem
A vista nos sombrios arvoredos,
Onde cantão milhares de Avesinhas;
Em torno brinca Zephiro da casa,
O calor mitigando ao Sol ardente.
Debruçada a parreira do telhado,
Como que namorada observa, e nota
Dos dous os galanteios innocentes,
Murmurando hum arroyo com inveja,
Da porta o limiar lambendo, corre
Rapido, entre a verdura serpejando.
Não falta c'os Pintinhos a Gallinha,
Que a migalha de pão na terra apanha,

E em roda, pipilando, implumes comem.
Dos joelhos de Almeno, o seu Rafeiro
Jámais tira o focinho: os olhos fita,
Porque seu bemfeitor nelle conhece,
A elle fidelidade sempre guarda.
De quando em quando Almeno os olhos volve
Ao mar, algumas vezes cristal puro,
Outras, embravecido, e furibundo:
Agora alli a Pesca só diverte
Com seus tão innocentes attractivos
As almas, que descanção dos trabalhos,
Que as Cidades produzem enfadonhos.
Quantas vezes Almeno, a pescar desce
Da querida Lucinda em companhia!
Muito não tardará, que sobre a margem
Os esposos se vêjão ternos juntos.
Os mais simples discursos, quando comem,
Servem mais de avivar-lhes o appetite,
Pois só campestres são, só são honestos;
Da cultura só tractão, só dos campos,
De si, do seu casal, dos gados tractão.
Depois que se refazem dos manjares,
Suas mãos ao Eterno erguem humildes,
Tacito o coração nelles só falla.
Depois que assim rendidas são as graças,
Almeno a Lyra sua vai tocando,
Debaixo da parreira, que dá sombra
Da choupana á pequena, e curta entrada.
Cantos são pastoris os, que na Lyra
Campestre vai dizendo sonorosa.
De Josino os Amôres, e de Elvira,
Que pranto ao campo, ao prado, ás flores mesmas
Com diluvios de lagrimas trouxera,

Canta; e de Alfeno angustias, e desgraças,
Té succumbir da morte ao golpe extremo:
De Adonis bello canta o desastroso
Fim, que chora a formosa Cytherea:
Os amôres de Agrario, e Dynamene
No dôce plectro canta; e de Alicuto
Com Lemnoria amada encantadora.
Entre tanto, Lucinda nas fadigas
Da casa diligente anda empregada;
A comida reparte aqui aos servos,
Que dos Bois tem cuidado, aos camponezes
Rapazes, que as Ovelhas arrebanhão;
Agora as raparigas vem, que o leite
Da retezada teta duas vezes
Deprimem cada dia ao pingue gado.
Cada qual se retira mui contente;
No cestinho a comida vai ao campo
Transportada levando de alegria,
Sobre seus Amos bençãos mil lançando.
Então, por fim, Lucinda o seu amado
Almeno buscar vai, que adormecido
Debaixo de parreira está sombria;
De raminho em raminho as Avesinhas
Cantando o somno seu lisongeavão;
Do arbusto as verdes folhas debruçadas
De encantos o cobrião suaves, puros.
« Oh! que santo prazer enche a minha alma!
« Ditosa, diz, mil vezes me confesso,
« Em Almeno tomar por meu Consorte!
« Ah! quantos desprazeres a impostura
« Me causou dos perjuros meus amantes!
« Ah! cantar posso alegre o meu triumpho
« Nestes bosques amenos, onde asylo

« Achou seguro, e eterno a sã Virtude!
Do cestinho a costura então tirando,
Junto do amado Esposo ella se assenta.
Os olhos com brandura ao Ceo volvendo,
Suaves cantilenas já mistura
Das aves co' as cantigas maviosas,
Que de hum, e outro lado volitando
Sobem, descem, descansão, saltão, fogem.
Não se calla a cigarra hum só momento,
Insecto descuidado do futuro,
Do Sol intenso pela força ardente.
Ao som desperta Almeno dos accentos
Modulosos, que solta assim Lucinda.
« Dôce, e bella Lucinda, cujas vozes
« Do somno despertárão teu Almeno,
« Que, junto a ti descança, oh! linda Esposa.
« Na sombra vê daquella arvore as horas...
« Penso, se não me engano, quatro serem...
— Até mesmo o Relogio teu deixaste...
—Nada a vontade preza te deteve
—De quanto na Cidade possuias!
—Que animo generoso, que desprezo!
« Os Ladrões, minha Bella, aqui verias
« Do valôr attrahidos das riquezas,
« Se thesouro a choupana fôra nossa;
« O bem então, que nós aqui gozâmos.
« Hum mal se tornaria mais perfeito
« Como o, de que escapamos retirados.
« Próvida a Natureza, e rica sempre
« Nada aos homens denega necessario:
« Esses enfeites vãos, e vãos adornos
« Que ás precisões ajunta o homem louco,
« Nada servem á vida, nada valem,

« E nutrindo a soberba, a invéja atição,
« Algozes mui crueis da humana especie,
« Quem sincero a Virtude ama, detesta
« O que de alimentar os vicios serve.
« A tarde a passear já nos convida;
« Ao longo vamos pois deste Ribeiro,
« Que assim até ao mar sereno corre.
« Talvez a sua rede os Pescadores
« No fundo vão deitar do manso rio;
« Saborosos os peixes compraremos:
« Depois pelo Jardim faremos volta.
A' praia se encaminhão desta sorte,
Onde já Pescadores diligentes,
Estão em seus Officios occupados:
Alli a grande rede de bons Peixes
Já carregada chega, com que folgão,
Com que muito os de terra se divertem.
Que graciosos risos, que contendas
Innocentes, que brincos sobre as margens
C'os Pescadores formão lindas Jovens!
Sobre a praia caldeiras huns arvorão,
Levantadas do chão por longas varas;
Outros o lume accendem fervorosos.
A cebola, o tomate, a verde salsa,
E alho na cassarola já refoga
Com presteza a estouvada, e louca moça,
Por quem matreiro galgo já fareja.
O Peixe o Pescador na praia lava,
Que escama, e em cellas mette em postas feito;
Co' a pressa entorna a Moça agua fervendo,
Que os sentidos lhe rouba Amor tyranno,
E delle arrebatar-se deixa louca.
Na lisa praia a mesa se colloca;

Do tacho em roda, todos vão comendo,
Alegres rindo com prazer, com gosto;
Alli de Baccho o sancto licor bebem,
Que espuma das borrachas ergue altiva.
Depois disto, Alicuto com Agrario
Suas flautas affinão tão diversas:
Ecchi-sonos os montes longe fallão
As sonoras cantigas repetindo;
Na praia as ondas brandas escutando
O natural furor depõem, esquecem.
Cada hum de seu canto quer a palma,
Sem que nenhum alcance alli triumpho.
Cantando o Pescador das ondas frias
C'o Pastor á porfia, namorados
Ambos das Bellas, suas gentilezas,
E formosura louvão assombrosa:
Cada qual elevar pertende a sua,
Diversos elementos comparando,
Onde divinas vivem, onde habitão
Terrestres, e maritimas Deidades.
De cantar em fim cansão sem alentos,
E já do Téjo as Nymphas, co' as dos bosques
Altamente entre si contendem juntas;
E no mar Galathea vencedora,
He de aljofar, e perlas corôada;
Nos bosques seus louvores Delia escuta,
Que de flores enrama a linda frente,
Mas não fica a Sentença proferida
Dos hymnos sobre o merito sublime.
« Mas, eis lá para o grande lago Apollo
« Os ginetes conduz, que vão cançados
« As aguas procurando do Oceano.
« Repara como brilha o Sol, Lucinda,

« Nos vidros das janellas da Cidade
« Onde nós habitámos... são espelhos
« Onde outros tantos Sóes se reproduzem.
« Olha como se enfia nestes bosques
« A sua luz já languida, e cadente!
« Que aspecto novo os velhos troncos formão,
« Mostrando-se massiço bronze antigo!
« Vê o nosso Jardim delicioso,
« Como o ar embalsama de perfumes,
« Que das flores, que fechão, e abrem, sahem!
Já as Arvores de côr de lucto vestem,
E em si mesmas recolhem suas graças,
A Natureza toda em fim já chora,
Quando o Astro brilhante a desampara,
Que alem precipitar se vê no Oceano,
Por de novo á manhã surgir ao Mundo.
Como o horizonte bronzeado fulge,
Quando Thetis estende os niveos braços,
Do Amante o collo fulgido abraçando,
Que ao rutilo salão conduz de estrellas
Brilhantes, e Planetas adornado!
Agora finalmente vem a Lua
Posse tomar da abobada Celeste,
De Estrellas infinitas rodeada.
Vê como seu escuro manto a noite,
Dos horisontes lança sobre a terra!
Serpentes argentinas, são os rios;
Diamantes, e aljofar, a argentina
Superficie do mar sereno bordão,
Quando de Delia a luz reflecte nella.
Como immensos barquinhos hi navegão,
Que alta fogueira erguendo em bravas pinhas
Com refulgente luz o peixe seguem,

Que sagaz Pescador astuto fisga,
E no barco saltando vivo o lança.
Na praia divertidos outros pescão;
Daqui o Pescador a rede bate
Sobre o puro cristal com grande força;
Do sacco a bôca apertão além outros;
Por longo cabo á praia vem atada
Com muito peixe a rede, que se rompe:
Os prateados peixes vão fugindo
Que das malhas escapão luzidios,
Quaes da noite phosforicos insectos,
E n'agua mergulhando á vista fogem,
Quaes no Ceo os Cometas, que reluzem
Os espaços cortando luminosos
Fugindo logo rapidos aos olhos.
Aqui descanço á Lyra com socego
Concede Musa; pois a noite ao somno,
Já de cantar cançado, me convida.
Do Ralo o canto escuto, e de estridentes
Azas louras o Grillo, que nas covas,
Solitarios, dos montes vivem fundas;
Na estagnada lagôa as Rãas coaxando,
Pelos ares luzindo os Pyrilampos,
Do Rouxinol o canto mavioso,
Dos Astros a carreira rutilante,
Que motivos ao somno dão tranquillo,
De quem os vãos cuidados da riqueza
Cobiça não desperta, nem desejo!
Oh! que dôce o murmurio de hum arroyo,
Que de hum rochedo brota, debruçado
Das pontas de hum Salgueiro do aureo Téjo,
Que lambe a verde felpa, e esconde o corpo
Das Tagides nos braços de alva neve!

Lugar delicioso, e dôce asylo
Aqui Natura mostra-me, e depára,
Onde a serena noite em molle somno
Quieto passe! Oh! dôce, amavel vida!
Oh! campos deleitosos! A virtude
Em vós refugio tem! Em vós habita! (18)
Só bebe em aurea taça por mão sua
Esse divino nectar, que fagueira
Com surriso dá meiga aos que Natura
Adorão, suas leis respeitão, e amão,
E das Musas vivendo no regaço,
Sobem ao Ceo Heróes, Monarchas sobem;
Varões de gloria dignos, de renome;
E do crime aterrando o vil imperio,
Descem ao fundo Averno improbos monstros.

Fim do Canto Primeiro.

CANTO SEGUNDO.

E S T I O.

« Agora, antes que Phebo o carro suba
« Do lucido Oriente ás portas de ouro,
« Da Aurora abertas pelos rôxos dedos,
« Já respira Natura os dons divinos,
« Que o Pay da luz, da vida luminoso,
« Pelo Universo espalha com assombro;
« Já as languidas estrellas vão fugindo
« Ao plaustro escuro pálidas atadas,
« Que a triste Noite em fim do Mundo tira,
« E de Delia as argenteas pontas brilhão
« Com menos resplendor, e com luz menos.
« Já se vê o Pastor vir bocejando
« A porta da choupana abrir pequena,
« E para o Ceo voltado, das estrellas
« A carreira medir, contando as horas,
« E, levantando a voz, nos altos montes,
« Campestres escutar deixa cantigas.
« Nesta verdosa felpa aqui sentados,
« Neste lugar ameno da frescura
« Gozemos, que offerece a manhã clara.

« Mui variado o quadro he já nos campos!
« As manhãs já, Lucinda, são calmosas;
« Não apparece o Dia tão fulgente
« Como na variegada Primavera;
« Certos vapôres vagos do horizonte
« Sobem, e se condensão, quando a Aurora
« Annuncia de Apollo a clara vinda,
« E não póde tirar o pardo manto,
« Que estendido se vê pela athmosphera,
« Mas de brilhantes perlas grande copia
« Do Sol derrama a Filha, e verte, e chora
« Na Campina, que ha pouco se esmaltava
« De lindas flores, verdes arvoredos,
« Cheia ora de lucidas espigas,
« Dons, que aos humanos, alma Ceres, gratos (1)
« Com profusão assim concedes tanta.
« Digna de altos encomios te não fazes
« Estação bemfazeja, que o sustento
« Em abundante profusão nos prestas!
« Tu, que chamas benefica o Colono,
« Para que o flavo trigo colher venha,
« Que nas Eiras alegre vê gostoso,
« De seus trabalhos, e fadigas premio,
« Que amiga lhe offereces dadivosa;
« Que o celeiro prepare para o Inverno
« Esteril, desabrido, e carrancudo
« Convidas com amavel, dôce acceno,
« Quando os atros chuveiros não permittem,
« Demasiados frios não concedem
« Sahir de seus curraes o gado triste,
« E no prado pascer a branda relva
« Em alta neve, e gelo sepultada!
« Diffunde-se o prazer em toda a parte,

« Quando o Estio da aljava de ouro ardentes,
« E penetrantes flexas vai tirando
« Com que as imas da terra passa entranhas,
« Que grandes bôcas abre sequiosa,
« A's nuvens acenando aridas, chuvas
« Sobre ella secca entornem abundantes:
« Sobre ardentes cavallos então monta,
« E as Campinas, que dantes verdejavão
« Visita, e com seu fogo a côr lhes mudá.
« Encarnada a Maçã então se mostra;
« Outra a côr tem de fogo; as saborosas
« Pyramides pendentes são dos ramos,
« Onde avezinha com desvélo canta,
« Do pomo o dôce succo c' o biquinho
« Delicado tirando diligente.
« A Ginja garrafal, com a de sacco
« Lautas mezas adornão rubicundas,
« A fructa que em Damasco nasce, e cresce,
« Pomos no nosso clima dá formosos,
« A's fructas o caminho abrindo ledo.
« Ameixa, Abrunho, Alperxe, e os dôces Figos,
« Saborear-nos correm á porfia.
« Amo da Persia o deleitozo pomo
« Mais que todas as fructas, e a Laranja
« Que de ouro rico globo á nossa vista
« Se mostra, e dôce nectar dá ao gosto.
« O Melão, Melancia, o de Uvas cacho
« Da purpura rival, que bello quadro
« Aos sentidos offerta sobre a mesa,
« Que na relva estendemos, oh! Lucinda!
« Quanto mais que as viandas nessas mesas
« Com exquisitos môlhos preparadas,
« Que o gosto lisongeão momentaneo,

" A saude arruinão, as doenças
" Ao estomago causão, e que a vida,
" Que tão breve se passa, em fim acabão;
" Quanto mais, que tudo isso as fructas valem,
" Depois da tenra carne de hum Cordeiro
" Nós comermos assada em brando lume,
" E das Uvas bebermos dôce nectar!
" Ainda as flores nos calyces continhão
" Seus fragrantes perfumes delicados;
" Inda a pétala a Rosa não abríra,
" Nem as flores mimosas acordárão
" Nos braços da somnifera Papoula
" Gozando o somno lento recostadas;
" Trémula a Borboleta não libava
" Nas flores rociadas dôce nectar;
" Ainda a branca Aurora, do Oriente
" Fechava as portas de ouro ao fulvo Apollo,
" No horisonte estendendo o roseo manto,
" Que ao amado offerece, que das ondas
" Frio surge de neve, quando os braços
" Da querida, e formosa Thetis deixa:
" Só nos bosques Diana abre caminho, (2)
" De sua luz cadente ao clarão frouxo,
" (A quem Estrellas mil pálidas seguem)
" Por onde namorado o Pastor triste
" Suas mágoas aos montes diz, e aos valles;
" Quando aqui recostado já, Lucinda,
" Junto jazia desta antiga faia.
" Que lembranças me occorrem da Cidade,
" (Onde por nossos campos suspirava)
" Neste sitio tranquillo, e socegado!
" Acordar-me parece de hum vão sonho!
" Inda a cabeça tenho perturbada

« C'o estrondoso ruido, que hi não falta,
« Semelhante á procella sussurrosa.
« Alli se ouvem bramidos, que não cessão,
« Carruagens, berlindas, seges, carros,
« Cavallos, Bois, e Bestas carregadas
« Parar fazendo o Povo a cada passo.
« Que novidades sempre ahi se agitão;...
« Que dosordens, incendios, que tumultos,
« Que pancadas, prizões, desgraças, tudo!!!..
« Não mais, não mais, Lucinda, teus ouvidos
« D'esta sorte se offendão, Deos não queira
« Taes novas escutando luctuosas!!
« Como, oh! campestre vida, és dôce, e amavel!!!
« Como aquelle regato vai correndo
« Entre aquellas pedrinhas murmurando!
« Como revolve brando lá do centro
« Os buzios mil-pintados, e as conchinhas,
« Que a branca margem buscão fugitivos
« Por á lava escapar, que vem descendo,
« Formando a cada lado bellas alas:
« Entumecido corre com mais força;
« D'aqui, d'alli brincando vai com ellas,
« A flórida campina atravessando;
« D'arvores as folhinhas delicadas,
« Que dos brandos raminhos vão cahindo
« De perolas nas finas ondas leva,
« E no fundo rochedo em fim se occulta.
« Canoros passarinhos matizados
« Choro agradavel formão neste bosque,
« E entre as escuras, densas folhas gozão
« Da ternura os dulcissimos prazeres:
« O Rouxinol encanta meus sentidos
« Com sua dôce, e terna melodia,

« Corações ensinando a serem brandos,
« Com acentos melli-fluos, e suaves.
« Suas forças excede o Pintacilgo,
« Ave tão pequenina como linda
« Pelo raro matiz, de que se adorna,
« Que Lysia mais formosa não conhece;
« Como a garganta lhe incha delicada
« O diverso gorgeio, que varía!
« Quando igualar das outras quer o canto,
« Perde o seu natural, que logo toma!
« Entre elles o Pardal, ave damninha
« A través vôa, guincha, e nunca pára:
« No bico o flavo trigo traz contente,
« Que ao ávido Colono a furto rouba
« D'Eira, que visitar tem por costume.
« Cantos, bosques, jardins, tudo despreza,
« Só quer viver nas tocas c'os filhinhos,
« Muralhas habitar, que outr'hora fôrão
« Elevados Palacios, e altas Torres,
« Onde tanto a vaidade se nutríra.
« Tanto da pena o medo os máos aterra!
« Que vejo! as Aves fogem de repente!
« Pavidos emmudecem Passarinhos!
« Que esquadrão admiravel sobre o tanque
« De mil Pombos diviso! Vem lascivos
« Os amôres buscando luxuriosos.
« De hum varre a cauda branca çuja terra, (3)
« Que a aza ligeira abate já rendido
« D'amorosas finezas da consorte,
« E, arrulhando soberbo, emplumado elmo
« Levanta, e já no campo outro combate
« Procura, entre beijinhos mil travado;
« De outros altos ciumes os obrigão

« A no campo lidarem muito tempo,
« Aarrancando-se a coma cruelmente
« Cada qual por gozar d'amor doçura.
« C'os Cães vem os criados para a caça.
« Como depressa fogem debandados
« Os amantes aligeros, lascivos!
« Como os carinhos amorosos deixão!
« Como os prazeres são do Mundo breves!
« Como ficais vingadas, Avezinhas!
« Já no Horizonte o Sol, alma do Mundo,
« Raiando vem; a Aurora as portas lhe abre,
« Que tem de rico aljofar guarnecidas.
« Da noite o manto negro se desprega,
« Que destendido pelo Ceo se via,
« As rutilas Estrellas nelle envoltas
« Em carreira veloz o Occaso buscão,
« O carro a Delia palida seguindo, (4)
« Que pouco a pouco perde, e em fim de todo,
« Quanto esplendor o claro Irmão lhe empresta.
« Revive agora toda a Natureza
« De Phebo á vista pura, e rutilante. (5)
« As flores os seus calyces expandem,
« D'onde exhalão magnificos perfumes.
« A pudibunda Rosa sem receio
« Suas coradas petalas des-cerra,
« Que aljofares estillão preciosos,
« D'ellas risonho o prado se namora,
« E, quando as cahir deixa, se matiza.
« O Lyrio, a Violeta, a Cecem, branca
« No Jardim seu lugar formoso occupão.
« Alli verás, Lucinda, me approximo
« Muitas vezes; contemplo estes lugares
« Onde a virtude alentos altos cobra

« Nos objectos, que as flores symbolisão :
« Alli a Natureza vive, e reina,
« Em qualquer flor fulgura, em qualquer folha;
« D'alli ao Ser Supremo elevo a idéa
« Em respeitosos extasis profundos.
« Mas, que acentos, Lucinda, escuto dôces,
« Que minha alma transportão admirada!
« Que o Zephiro respire brando attende....
—A Ti, ó Deos Immenso, os Ceos adorão,
—Que obra são do Poder Teu Infinito; (6)
—A Ti, de nossos campos vão perfumes,
—Que grata a Natureza, em honra Tua,
—Humilde, e respeitosa Te offerece;
—Os corações Inclina a Teus preceitos,
—Da vaidade os Apparta, que os rodeia;
—Da nossa terra os fructos Abençôa,
—Que com Mão Liberal nos concedeste;
—O tenro Cordeirinho em sacrificio
—Será prompto immolado nos Altares,
—Que a Teu Poder Benefico erigimos.
—Oh! Tu, que só Attendes os humildes,
—Para Quem o Monarcha, o Sabio, e o Grande
—He pó, que o vento espalha, ou verme abjecto.
« Emmudecêo, Lucinda, a voz divina,
« Que n'aquelle vivente assim ditoso
« Com celeste harmonia se escutava.
« As arvores não vias se inclinavão
« Quando os divinos sons soltava dôces?
« Do tanque á borda as aguas vi subindo
« Vinhão, por escutar a melodia
« De sua voz Angelica, sonora!
« Talvez que Anachoreta seja Santo,
« Neste suave asylo retirado!

« D'este dia o trabalho meditemos,
« A que dar-nos, Lucinda, precisamos;
« Os campos visitar vou sem detença,
« Antes que ao Meio-dia aperte a calma:
« Então os Bois beber á sombra devem,
« E o Agrícola ás lidas dar descanço
« Sobre a verdosa relva aos lassos membros.
« Por cumprir de bom Amo e'os deveres,
« Determinar as ordens vou ao campo.
—Companheira fiel terás comtigo,
—Charo Esposo, adorado bem querido:
—Não me despraz a caça de Avezinhas,
—Que assolar vem, aligeros corsarios,
—Das nossas Messes lucidas espigas:
—O Coelho, o Veado, e a veloz Lebre,
—Excellente manjar nos dão na meza.
—Colhidas frescas fructas trouxe há pouco,
—Com que saborear o gosto podes;
—Pão quente, o fresco leite, e a doce nata,
—Almoço me parece campesino,
—Que preparado neste cesto trago.
Sobre a macia felpa a frugal meza
Poem, onde ambos refazem suas forças:
De verdura as cadeiras são mimosa,
De diversas boninas matizadas:
Copada faia antiga o docel forma
Contra os de Hipperionio ardentes raios,
Que nunca nesta Sala penetrárão.
De huma escarpada rocha vem brotando
Hum cristallino arroyo de aguá pura,
Que ás vezes, lá se esconde entre as pedrinhas,
Outras sahe em ribeiro murmurando.
Saltão d'aqui, d'alli, as Avezinhas,

Que incautas vão cahir no occulto laço,
Que astuto rapazinho armou traquinas.
  Do prado lá no fundo a Lavadeira
Se vê, que a roupa bate sobre as pedras,
Que menos, que seus gritos longe sôão;
A' porfia, humas outras vituperão,
Mas logo (de mulher caracter) mudão;
E do pichel bebendo vão sem ordem.
  Alli se ouvem dos gados os mugidos,
Que do ribeiro em torno ruminando
Sobre a relva descanção do trabalho,
Que violento os opprime, abate, e affrouxa.
  A' sombra de hum vallado o Pastor lento,
Ao cajado se encosta tortuoso:
Leva a bilha á cabeça a Moça agreste,
A quem o rude camponez corteja.
« Tua Mãi, rapariga, não vi hoje,
« Talvez, foi ao Casal, bella Marilia;
« Por quem de amôres ardo nestes campos!
« Os Bois, vi, teu Irmão metter no jugo,
« O carro conduzindo de nosso Amo,
« A' quinta lá de cima dos Olmeiros,
« Talvez Fava carregue; Deos o queira....
« Nem aqui tenho feno para o gado.
—Nada sei responder; só me parece....
« Não; a mim só parece, rapariga,
« Que a Leandro se volvem teus olhares
« Desde o dia, que veio á nossa Aldêa;
« Por elle a mim desprezas d'esse tempo
« Para cá, Pastorinha, a quem amava;
« Mas.... talvez se eu quizer... mesmo na Feira,
« Quando fôr dos amigos, que o rodeião
« Acompanhado; ahi mesmo o não temo;...

« Ou aqui n'algum monte... olha, oh! Marilia,
« Talvez lhe custe cara a tal idéa. (7)
—Esses cuidados deixa, meu Josino
Lhe diz a Camponeza com surrizo.
—Levar a casa o cantaro mé apresso,
—Por mim nossa Ama espera impaciente;
—Não esquece Marilia os teus favores,
—Jozino amado, prenda de minha alma:
—Do coração no fundo está gravado
—Com letras de ouro de Jozino o nome.
Salta de gosto o rustico, bebendo
Pela antiga cabaça o licor puro,
Com que Baccho lhe apaga os duros males.
Neste tempo Lucinda pelas Eiras
Trabalhar os Ceifeiros vê ardentes;
Huns em suor banhados desfallecem,
No Campo semi-mortos estirados:
Lucinda c'o famoso Baccho acóde,
Que da grande borracha elle propina,
E esforçado ao trabalho vigoroso
Se lança, qual Leão, de novo armado
Da fouce, que derruba a loura espiga
A hum, e outro lado sem descanço,
A's Pastoras cantando agrestes hymnos
Amorosos, alegres, deleitaveis.
Outros ao lado a fouce repousando
Deixão, e sobre o braço recostados
Estão adormecidos nas Seáras;
Mas o rapaz travesso a palha sêcca
Ao nariz applicando-lhe, o desperta;
Julga o homem ser moscas, em si bate
Desesperado: a fouce na mão toma;
Com agua a sêde mitigando, volve-

Diligente ao trabalho começado.
Acolá das Abelhas os cortiços
Os homens vão roubar, que não sustentão:
Em cerrado esquadrão ellas resistem,
Mas nada lhe aproveita o seu esforço.
Com festins da colmêa em torno alegres
Os mancebos, e as moças se aproximão,
Coberto o rosto, e as mãos em grossas luvas
Mettidas, porque as Donas as não firão,
Dos que pertendem Arcenaes odoros
De assalto expoliar os roubadores;
Ao trabalho se cingem proveitoso,
Nas mãos com fachos de alecrim accesos,
Que ao cortiço sobpõe, com que as Abelhas
Sussurrando, e fugindo, o fundo buscão,
E da porta o caminho antigo tomão:
Já sahindo em montões, pelas giestas,
E rosmaninho pousão odoroso;
E, subidas das arvores nos ramos,
Zumbidoras se escutão com sussurro
De seu roubo queixar-se, mas debalde;
Que tudo vão se torna, por guardarem
O que outros mais possantes comer querem,
Que de suas colmeias as expulsão.
Sempre á força do braço a razão cede!
Já dentro dos cortiços os Pastores
Crueis os dôces favos vão roubando
Das Zumbintes trabalho diligente;
A longos sorvos huns o mel fragante
Chupão dos amarellos favos; outros
Em vasos espremendo vão os meles
Liquidos, que juntando á fresca nata,
Gracejando, e comendo vão alegres.

Vezes muitas Lucinda assim se encontra,
Sempre de seu Consorte acompanhada,
E pondo em deslembrança a Côrte, e o fausto,
Só da vida do Campo se contenta;
São seu regalo os rusticos prazeres,
Que aos prazeres da Pesca ás vezes junta,
Quando na lisa praia com Almeno,
Com anzol deita a linha ao peixe incauto,
Que apenas he ferido, signal dando
Com rápidos, tortuosos movimentos,
No cestinho, que traz, deita apressada;
A lubricosa Enguia, qual Serpente,
O collo eleva, enrosca, e desenrosca
O corpo, dando nós, e fustigando
Da bella as niveas mãos, e os torneados
Braços de neve pura mui formosos.
N'hum barquinho outras vezes vai seu lanço,
Com seu Esposo no profundo Téjo
Deitar, quando sereno o vê de estanho.
As amigas convida nestas tardes,
Que tão amenas são, tão deleitosas:
Convida Almeno os seus amigos lenes,
Que nestes sitios acha companheiros;
Amigos, que a Cidade populosa
Pelo campo trocárão innocente;
Homens, a quem viver apraz tranquillos,
Da Natureza Arcanos prescrutando,
Das Musas ao consorcio devolutos,
Aos campos ensinando dôces cantos,
Aos bosques, ás florestas, e aos Pastores,
Agradão com seus versos, versos de ouro,
Que os applausos merecem repetidos.
Então alli se vê no largo Rio

Tudo quanto prazer, gosto respira:
Musica, sonorosos instrumentos, (8)
Que o azulado campo manso, e puro
Na carreira detêm arrebatada.
Revolvem-se do centro as brancas Nymphas
Do Téjo, que estes brincos já corôão
De capellas de aljofares mimosas.
Muitas vezes no lago vão banhar-se
Os Esposos amantes fortunados.
A' porfia as Choréas vem saltando
De bellas Camponezas, gentís Moças,
Que na praia as conchinhas escolhendo,
E os matizados buzios retorcidos,
Que á praia pequeninos chegão raros,
Aos dous os offerecem com ternura.
Descem á praia bandos de Pastoras,
De nas aguas os corpos desejosas
Cristallinos banhar da côr de neve;
De ouro os fios esparzem lindos, bellos,
Que das espaldas fluctuando, pendem;
No cristal claro, e puro as plantas tocão,
E gritos de alegria dando, o corpo
Em fim mettem, que raios fulminantes
Crueis de amôr despedem aos humanos;
Fere-se terno o coração de vê-las;
De amôres preoccupão se os sentidos,
E, que desejar mais não tem o Mundo
Tão formoso este quadro, e bello julga.
No largo os moços nadão divertidos,
Em agua não, em vivos fogos mersos.
De quando em quando os olhos inquietos
A's Nymphas volvem bellas, e serenas.
Ditinhos engraçados dizem, cantão,

Quaes Serêas nas aguas cristallinas,
De encanto as moças cheias, de attractivos.
De cortiça outros barcos leves deitão,
Que no azulado campo vão boiando,
Sem rumo, sem destino, nem governo..
A' praia o cão felpudo traz comsigo
Hum amigo de Almeno mui prezado:
Alli sortes fazendo, e ligeirezas,
Ao fundo o bruto vai buscar as pedras;
E ao longe os Patos divisando n'agua,
Apóz elles nadando vai ligeiro,
Atrôa-se o ar c'os gritos do espantado
Grande aquatico bando espavorido,
Que da agua a superficie com as azas
Vai ligeiro açoitando, alem fugindo.
Na arêa cóvas fazem os meninos,
Outros altos Castellos ahi levantão
De feios Caranguejos povoados.
Oh! vida encantadora campesina, (9)
Para mim, mais que tudo hes estimavel!
Os cuidados em ti, por ti se perdem!
Em ti o mesmo mal parece dôce!
Ditoso o que te goza com proveito,
Sem que jámais a tua perda chore!
Ditosos lavradores, vossa vida
Em mim desperta a inveja com desejo
De entre vós acabar os breves dias,
Que me outhorgue o Author da Natureza.
Elle estes dons prepara aos homens justos,
Esta santa delicia, este ocio santo,
Dando ao dôce trabalho puro alivio,
Que ás nossas fracas forças proporciona
Pela regra infeliz do nosso nada.

Ah! quando taciturno aqui deparo,
Nestes amenos campos, nestes bosques
Escuros, retirado o meu socego,
O plácido socego aos lassos membros,
Que sobre a verde relva deito molle!
O canto de Avesinhas me recreia:
Quando declina o dia, e o Sol cadente
Avisando me está do fim da vida
Pela futura noite annunciado:
No Ceo os olhos fitos, as Estrellas,
Esses adamantinos, vastos orbes,
Seu curso dirigindo sem mudança,
Inalteravel sempre, e sempre o mesmo,
De argumento me servem invencivel
Da Poderosa Mão, que tudo Rege,
E a Quem toda a razão sujeita vive!
Oh! Ceo! Oh! Ceo! ampara a minha Musa,
Que por esses espaços luminosos,
Divagando, se perde a cada passo:
Pela razão guiada Mestra sua
Só confessa, que Existes, só Te adora!
Mas eis que vem Lucinda, e seu Esposo
Alegre á casa dos Bichinhos leva, (10)
Que a importante seda fabricando
Estão, que aos homens lucro tanto prestão,
Se pelo mar, se pela terra firme,
De huns Reynos a outros Reynos a transportão.
Então alli se vê o cuidadoso
Verme artista, que a Seda diligente,
Que em seus usos converte a humana especie,
Tece em oval casulo, donde surge
De novo em Borboleta transformado,
O que hoje rastejando pela terra,

Humilde da Amoreira as folhas pasce,
De que esperta moçoila as tenras vendo,
Lhe offerece, que prompto elle devora;
Dos males, que o affligem, ella aparta
As causas para longe tão nocivas,
Porque a morrer não venha o util bichinho.
De Alecrim, de Giesta, e outros arbustos,
Copados arvoredos, onde suba,
Lhe pôem, porque os casulos alli forme,
Onde sepulto em vida o insecto morre,
Que de novo surgir deve formoso,
Nova forma adquirindo mui diversa,
Na brilhante metamorphose rara,
Em que o mudou o Autor da Natureza.
D'aqui, d'alli subindo os altos ramos,
Cabeceando, procura onde comece
A seu breve jazigo lugar proprio:
Outros entre a floresta densa, e escura,
Que vão da casa ao tecto alto subindo,
No meio as finas têas desenvolvem.
De huns a outros raminhos já prendendo,
Porque o trabalho seu, sem mais tropeços,
No tempo completar vejão marcado,
Que sábia a Natureza lhes prescreve.
Alli larva imbecil por dias poucos
Se contem, que depois vistoso corpo
Enverga de pintadas Borboletas,
Que rugindo co'as niveas azas lindas,
Da femea o macho se aproxima, e logo
Dos amores gozando dons suaves,
Fecundadas sementes depositão,
Que no futuro nova prole infinda
No tempo desenvolvem do costume.

Já Phlegon, e Pyrois flammi-spirantes,
C'os dous outros fogosos companheiros,
Escumando, e nitrindo o aureo coche
Do rutillante Apollo, ao fundo lago
Fervidos inclinavão do Oceano:
O Ceo sem nuvens mostra-se sereno,
E pelos bosques Zephiro assoprando,
De quem mimosas flores se namorão,
Exquisitos dos calyces perfumes
Exhalando suaves pelos campos,
Do Olmo as argenteas folhas brando move;
As arvores cortejo respeitoso
De Flora ao Esposo aligero, e suave
Co' as nutantes cabeças lhe rendião;
Nas fontes Avesinhas lindos bandos
Por beber formão, sequiosas, lympha.
De flauta rude ao som o Pastor canta
De sua Amada as gentilezas bella,
A que trinando as Aves acompanhão.
Quando de bellas Damas companhia
Lustrosa ao campo passear ameno
Vem, de nobres mancebos pelo braço;
Lisongeiro espectaculo amostrando
Agradavel aos olhos, e formoso,
Para Almeno, e Lucinda, dirigindo
Os passos, vôão, apressados correm.
No meigo rosto de Lucinda o beijo
Imprimem amoroso as bellas Damas;
De alegria signaes, de prazer mostrão,
Pela ventura todos, pela sorte
De Lucinda feliz nos doces campos.
De Almeno a sorte invejão os Mancebos,
Que entre os braços apertão transportados.

Depois que mil amplexos cessão ternos,
Ternos carinhos, beijos suaves; faces
Delicadas, e roseas se banhavão
Com lagrimas saudosas de alegria.
Para a mesa Lucinda os convidára,
Que debaixo de umbrosa, escura Faia
Armão do campo sobre a verde felpa;
Da Perdiz, onde o corpo delicado,
E da pingue Galinha assada o gosto
Apetitoso do manjar provoca;
Frescos ovos cosidos com alface
Magnifica salada offerecião,
Onde do Paio as rodas bem cortadas,
Fino gosto ao banquete assim campestre
Dão excellente com regalo extremo:
Do licor generoso vem da Adega,
A Baccho consagrado, os picheis grandes,
Que aos circumstantes da alegria fazem,
E do prazer sentir altos transportes,
Que não sentem os tristes, que chorando
Seu influxo divino não conhecem.
De sazonados fructos saborosos
A lauta meza se carrega frescos;
A purpurea Uva, ou roxa, ou côr de cêra,
Melão cheiroso, e dôce Melancia,
E o Pomo Persico formoso comem (11)
Todos; e ás fructas elogios tecem.
« Deliciosos os dias aqui passo
« Da alegria no centro, e dos prazeres,
A's amigas Lucinda diz serena;
« Dos verdes campos gozo com socego,
« Onde em descanço vivo sempiterno;
« Almeno taes prazeres, taes venturas

« Preciosas me alcançou, e deleitaveis;
« Da inconstante fortuna aqui eu zombo,
« De Almeno á sombra, que respeito, e adoro.
D'estes prazeres gozão os campestres
Esposos em seus campos deleitosos;
D'estes serenos dias eu gozava,
No meio da alegria satisfeito,
Que offerece a mimosa Natureza
Com singular desvélo nestes sitios;
Quando subito escuto alto sussurro (12)
Da gente, que a montanha desampara;
Pelos montes fugindo todos correm
Das Serras para os cumes elevados,
E para o mar os olhos todos fitão,
Que em grossos nevoeiros já se envolve
De glomerões de nuvens sulfurosas,
Que medonho canhão forte vomita:
Muito ao longe o trovão troando, trôa
Como o raio das nuvens desferido,
Esquinas derrubando ás altas Torres,
Que ao venerando Tejo as portas guardão,
Com ruido espantoso, e nunca visto.
Echo surdo a bombarda pavorosa
Faz nos visinhos montes com estrondo,
Que os ouvidos quebranta amedrentados.
Longo bosque de Náos boya nas ondas,
Pavilhão Marcial alli tremula
Dos Vasos nos traquetes retezados;
D'aqui, d'alli o apito já sibila,
Com que mais o Argonauta se enraivece,
E com furor cruel faz mais estragos.
Neptuno até então placido, e brando,
Agora a revolver começa as aguas,

Que em vagas vão rolando encapelladas
Na verde-mar escura superficie,
Que das Náos as soberbas quilhas abrem.
Do negro Occaso o rijo vento assopra
Nos madeiros inchando as pandas vélas,
Tricolôr galhardete despregando
Adorno da soberba Capitania.
Tremem da Côrte as ruas abaladas
Pelo forte ruido das carretas,
Que a Artilheria grossa já transportão;
Das Trombetas ao rouco som medonho
Veloz Cavallaria vai correndo;
Vão Tambores batendo fortemente,
Que as columnas de Marte reanimão;
Férreas cannas mortíferas reluzem
Do rapido clarão, que brilha, e mata;
Bayoneta assacalada, e Chuço forte,
Velha Catana, ferrugenta Espada,
Da Plebe neste dia as dextras armão.
Tal he a confusão, tal he o espanto
Que de todos no peito se diffunde!!
Eis apparece, eis surge hum velho honrado,
Que na Peninsular servíra guerra;
E soltando gemidos, suspirando,
Taes cousas recordava assim dizendo:
" Oh! gloria Lusitana decantada
" No Mundo inteiro outr'ora, e florescente!
" Qu' ao Mundo davas leis, lançando o jugo
" Ao apartado Ganges, Indo rico;
" Vio Gôa, Ormuz, Malaca, o Indostão víra
" Espantosas Conquistas n'outros tempos:
" Vio de João Primeiro a Lybia adusta
" Com temor, sobresalto o duro ferro;

« Abrio Henrique os mares, novos Mundos
« A Portugal trazendo de riquezas;
« Manoel vê da Aurora a rôxa entrada;
« Abrindo do Oriente as portas de ouro,
« De Neptuno domou a força ingente,
« Levando em duvidosas quilhas, Sancto
« De Deos o Nome ao berço onde o Sol nasce,
« Ao negro occaso, ao Mundo inteiro. Oh! Lusos!
« Que timidez diviso em vós! Acaso
« Estes mesmos não são que ha dias poucos
« Em seu curral mettemos com vergonha!
« Acaso devassar assim comettem
« Do Téjo a entrada ha tanto tempo illeza!
Acaba de fallar em pranto envolto;
De lagrimas a terra enchendo amargas,
Quando da paz o grito se levanta,
Entre os Gallos, e Lusos celebrada;
E esquecidos os odios pertinazes,
Volve a Lysia o socego, e o susto foge.
Nisto as palmas batendo de contente
No campo o Lavrador colhe o descanço,
E nos seus aposentos ledo fica;
Já na fonte o Rebanho bebe junto;
Dos Pastores as flautas já resoão
Pelos montes, e bosques, de alegria:
As Choreas dançando pelos prados,
De louros, e roseiras com capellas,
Suas frontes corôão, e de myrtho;
Renovão jogos seus, e antigos brincos
As formosas donzellas c'os Pastores:
O successo huns aos outros vão contando,
Que lastimão amargo os mais prudentes
Antigos anciãos, velhos caducos,

Que nos agrestes tractos longos annos
Da Paz dourada á sombra recolhêrão
Os preciosos fructos socegados.
Mas, eis de São João as Festas chegão,
Tanto no Mundo inteiro celebradas,
Que até do Paganismo nas remotas
Regiões se venerão respeitosas.
Delia a clara, argentina luz espalha,
Que do Irmão emprestada recebêra;
Seguindo o Astro lucidas estrellas,
De Amantes companheiros desvelados.
Derrama-se o prazer em todo o campo,
Que allumião fogueiras crepitantes,
Ao Ceo o brilhantismo seu roubando.
Em torno, lindos moços, e formosas
Pastoras vão dançando, de instrumentos
Ao som campestres, sonorosos, dôces;
De mimosas Corôas na cabeça,
Ornadas sua fronte bella cingem;
Nas mãos de flores os Palmitos verdes
Tem de rubras Cerejas, e de Ginjas,
De Alfazema, e Alecrim, de Buxo, e Murta
Còm arte concertados primorosa.
Os ares de artificio os fogos enchem;
Estrondosos crepitão os foguetes,
No chão a bomba estoura, as bixas correm
De fogo pela terra serpejando.
Dos Mancebos os braços enlaçados,
Gostosas as Donzellas, e bizarras,
D'hymnos enchendo alegres puros ares
Verdosos os Jardins bellos passeão,
Que com cantos retumbão dos Pastores.
Em outeiros o Vate a Musa invoca (13)

Para o verso glozar, que esperta a Dama
De improviso apresenta sem demora:
Elle a imaginação apura, e a Arte
Apura ás vezes, esfregando a fronte:
E, qual o Rouxinol, que não desiste,
Se he do competidor desafiado,
Todo por agradar se esmera á Deosa,
Que sem piedade o obriga além das forças.
Já pela meia noite impacientes,
Em casa sortes, ovos, e outras cousas,
Que ao futuro descobrem os arcanos,
As donzellas preparão, que seus Noivos
Conhecer, de casar antes desejão;
Navios dizem vêr, espadas núas,
Grandes Quintas, Palacios adornados,
Casaes pobres, choupanas desgraçadas;
Tudo em fim alli vêm, que vir ao Mundo
A velha as capacita ha de sem falta.
O riso c'o temor, prazer, e medo
Desta sorte alternados se misturão.
Já de Touros, na tarde deste dia, (14)
Combate se annuncia mui vistoso;
Para elle se convidão lindos Moços,
Que pelo braço as Damas hi conduzem.
Dá do Divertimento signal certo (15)
Nos ares a girandola estourando;
Mostra-se venerando o Magistrado
Em rico Camarote de alto preço.
De Guiné a Caterva, de esquisitos
Ridiculos vestidos pela Praça
Seu gyro dá em roda mui vistosa;
Mortos de rizo os Pretos todos deixão.
Do fundo pela porta o Cavalleiro,

De Capinhas, e d'Homens de forcado
Rodeado, fazer vem seus cortejos,
E avançar, recuar fazendo o Bruto,
Em que soberbo monta, lá dirige
Ao Digno Magistrado com respeito
As venias, que devidas são do estylo;
E a Praça no ginete rodeando,
Fazendo ao Povo venia se retira.
Da Magistral Tribuna, os Homens ficão
De forcado debaixo, e á caixa junto,
Que com guizos infindos trouxe a Mula
De rojões, e garroxas, farpas cheia.
De capa, e volta o Neto alli vestido
A cavallo se vê, na mão co' a Vara.
Eis de novo em Ginete o Cavalleiro
Vem diverso montado, e bem defronte
Do corro se colloca, que já se abre.
Ao Cavalleiro investe o bravo Touro,
Que elle c'o rojão fere, e se retira.
Bufando, o meio occupa o Boi da Praça,
Que co' as vozes attonito do Povo,
Na terra escava louco, mas Capinhas,
Mais que a seta velozes, mais que o vento,
Trajando á Hespanhola bons vestidos,
Fóscas fazem-lhe mil, fazem mil gestos,
E para o Cavalleiro o desafião,
Que c'o rojão o fere, se elle o investe.
Accomette os Capinhas furioso,
Em ira ardendo o Bruto enraivecido;
Do Touro não podendo com a força
Sua purpurea capa lhe oppõe rica:
Mais, e mais se embravece o forte bruto;
Na Praça as capas largão, e ás trincheiras

Os Capinhas fugindo vão quaes gamos,
Depois de ao ar subir, descer á terra,
Da Praça o chão pizar com tombos cento.
Aqui o Cavalleiro o estribo perde,
Alli cahe-lhe o chapéo; precipitado
Além na Praça jaz: sem mais demora
A pé, *a pé* o Povo todo clama.
Já na mão com vermelha capa, o Touro
A pé o Cavalleiro investe, e mata
Entre acclamações mil, entre mil palmas.
Sahe outro Boi depois de morto aquelle,
Mil sortes os Capinhas lhe offerecem
Que aos trambulhões no chão vão rebolando;
De forcado Homens vão que o Boi agarrão,
E para dentro o levão, onde o deixão.
Corre ainda outro Touro o Cavalleiro,
Com garbo, promptidão, com bizarria:
Retira-se, e os Capinhas se divertem,
E com elle brincando estão na Praça;
Nas mãos tendo garroxas duas juntas,
Ou farpas duas, pelo bruto chamão,
E sem alma lhas cravão, se elle os busca;
Exasperado o Boi, em furia ardendo,
Das bombas os estallos presentindo,
Urrando corre, e brame, e freme, escuma
Com desespero o Touro embravecido,
E nas trincheiras salta atropellando
Circunstantes gostosos do combate.
Burburinho hi se eleva até ás Nuvens,
Ouvem-se das Mulheres altos gritos
Aqui perna, alli braço ter quebrado
Em lastimoso pranto alguns se escutão.
Em chólera fervendo á Praça desce

Irado, embravecido alfim o Touro;
Cães lanção-lhe de fila, que as orelhas
Lhe afferrão, e parar no curso fazem.
A espada o matador, fazendo sortes
Do Boi no peito embebe quando o investe,
E sem animo o Bruto cahe por terra.
Enchem os intervallos lindas Danças.
Pelos Pretos, que em burros velhos montão,
Que aos trambulhões rebolão, farpeados
Tambem miseros Bois são infelices.
A desgraça destina de hum Boi mocho
A sorte, que rapazes correr devem.
Se juizo tivera o miseravel,
Elle ás mãos o perdêra dos travessos,
Que toda a sorte inventão de diabruras,
Com que o Touro enlouquecem, e exasperão.
Capillés, limonadas, bolachinhas;
As queijadas de Cintra a linda moça
Canora apregoando, e outras cousas
Rapazes, e mulheres por bons preços
Da Praça á porta vendem mui contentes.
Dias assim felices se passavão
Nos deleitaveis campos tão amenos,
Quando raiando a Aurora refulgente,
Lucinda o campo atravessar observa
Do Altissimo hum Ministro, acompanhado
De Pastores por turba silenciosa,
Que com respeito seguem os seus passos,
E lá a hum alto monte se dirigem,
De campainha ao som sacri-soante.
Por seu Esposo, chama diligente
Lucinda, que adorar venha ao Deos Vivo;
Elle prompto chegou, e pôe por terra

Reverente os joelhos, e acompanha,
Do enfermo a casa, com Lucinda amada
O Sagrado Viatico, devoto.
Alli entravão todos com respeito,
Quando odoroso cheiro se diffunde
Suave em toda a parte, e delicado,
Que do leito sahia pobre, e humilde
Onde Velho ancião jaz virtuoso.
Colloca o Sacerdote em pequena Ara
O Viatico Sanctissimo, e Divino,
Que, de ouro com thuribulos mui ricos,
Anjos por terra incensão respeitosos:
De animaes differentes, pelles formão
Dessa choupana o adorno aonde habita
Ha mais de hum Seculo, o virtuoso Velho,
Da innocencia nos braços reclinado.
De pequenos Pastores da choupana
A' baixa porta a chusma se apinhava,
Tristes, e lacrimosos já chorando
Do Velho a perda, inconsolaveis todos.
Dos Anjos alternado com respostas
Sanctas, o Sacerdote administrava
Dos Ceos o Deos, em Pão Sacramentado.
Te Deum Celestial se ouve na Casa,
Quando recebe o Velho a Deos Supremo;
E já sua Alma em fim com Deos unida,
Em Angelicos choros vai sentada,
As regiões ethereas dividindo,
Do Mundo abandonando os vão enganos,
Té no lucido Empyreo collocar-se.
Assombra-se o Ministro dos Altares
Vendo do Justo a morte preciosa;
Chorão os olhos de alegria; todos

Sobre a terra as mãos crusão reverentes,
E no Ceo tendo os olhos fictos, nuvens
Abrir rutilas vião, onde os Choros
De multidão Celeste o Velho acatão.
Extasiado o Pastor do Deos Eterno,
Nestas expressões rompe de ternura:
« Author Supremo do Universo Mundo,
« Que essa innocente Vida assim Recebes,
« Que para Ti Creaste em Sanctidade,
« Nestes bosques vivendo, nestes campos;
« Ah! Permitte, que nós hi o sigâmos,
« Da Virtude a vereda sancta, e pura
« Impavidos trilhando, sem receio
« Nos campos onde reina, onde respira
« Da innocencia o fulgor, o brilhantismo.
« Já o Cadaver Sancto beijão todos,
« Sobre a terra estirado dura, e fria;
« Beijai, filhinhos meus; vós vereis junto
« No Ceo hum dia com sua Alma Sancta,
« Deste Justo o Cadaver, que ora vedes.
« Delle junto hum Cypreste aqui plantemos,
« Que do Sepulchro o sitio a todos marque,
« Que em signal de respeito aqui abrimos.
« Nelle eterna memoria gravaremos,
« Que aos Pósteros, e ao Mundo patenteie,
« Que premio á sã Virtude o Ceo concede.
« Delle em torno nascer vereis fragantes
« Rôxo Lyrio, Açucena branca, e Flores,
« Que a pureza, e innocencia symbolisão.
« Dest'arte falla o Sacerdote Sancto,
« De todos na presença, que o escutavão,
« E á sepultura o Corpo dão do Justo.

Fim do Canto Segundo.

CANTO TERCEIRO.

OUTONO.

Não me falhou the aqui, Celeste Musa,
No suave trabalho o teu influxo,
D'os campos teus correr, chara Cybele;
De, os Jardins visitar, e os lindos prados
Risonhos, onde moras dôce, e grata,
Sempre aos homens benefica, que empregão
Sua vida innocente em ledos campos,
Entre prazeres mil, que suavisão,
Que as mágoas da existencia nos adoção
Nos males, que nos cercão, nos rodeião,
Victimas nos Altares immoladas
Das mais vivas paixões, crueis, tyrannas,
Que os corações nos róem, despedação
Entre sustos, e medos pavorosos,
Que do Mundo nos causa o infeliz tracto.
Muito mais nessas Côrtes populosas,
Onde falta o equilibrio da harmonia,
Que embellece os amenos, dôces campos,
Em que assento a innocencia poz eterno.
Não pertendo cantar vãs, loucas guerras,

Varões assignalados em crueza,
Conquistadores barbaros, que o livre,
Innocente Idiota lá do centro
Do prazer, do socego desentranhão,
Roubando á Natureza os seus direitos;
Vendendo como escravos outros homens,
Que por Natura livres são como elles,
De tal sorte, só dignos por nascerem
Da Libia nos Sertões aridos onde
A cutis queima Apollo aos habitantes,
A quem Negros, Cachorros appellidão;
E já grossas cadêas, o pescoço
Embaração do pobre triste Negro,
Daquelles por mãos pias só lançadas,
Que arrostando da Morte, e de Neptuno
A desmedida força, o Mundo correm
Por mares nunca dantes navegados. (*)
Longe de mim, taes Cantos fujão, Musa,
Que desde o sevo Achilles até hoje, (1)
De atormentar o Mundo não descanção.
Cantemos só prazeres, só delicias,
Que nos campos suaves se desfructão.
Quanto mais grato he vêr, hindo a Pastora
Entre dôces Jardins, flores mimosas
Com delicada mão colhendo nivea;
Ou mil vezes, chegando o fino linho
Aos preciosos rubins, que a formosura
De sua linda bôca formão bella;
Que vêr torrentes sanginosas, campos
E prados innundando deleitosos,
Onde só viver deve a paz tranquilla?

(*) Verso de Camões, Lusiad. Cant. I. Est. 1.ª

Eia, o gosto sintâmos já, Cybele;
De vêr, como entornando a Cornucopia
Pelos campos o Outono vai fecundo,
Dos fructos na abundancia, na delicia
Do ávido Lavrador, grato producto,
Com que os trabalhos seus em fim mitiga
Próvida a Natureza bemfazeja.
E, porque descrever melhor o quadro
Possa brilhante, aqui deste alto outeiro,
E junto desta fonte cristallina,
Ao som da flauta rustica meus cantos
Pelos montes se escutem, pelos valles,
Que de fructos o Outono, já maduros,
Uberrimo, tem cheios, duplicados.
A Noite, que no berço dorme lenta,
De Papoulas ornado, e Dormideiras,
Já da Aurora obrigada, tira o manto,
Que sobre os horisontes desdobrára,
De Estrellas recamado luminosas:
Das Curujas nocturnas tristes cantos,
Que alta noite miando nos telhados,
Aos dormentes mortaes o somno tirão,
E os solitarios Mochos com seus pios,
Que terror n'alma inspirão assustada
Do caminhante, que na relva estende
Fatigados os membros do cançaço,
Do dia á vista em fim rutila fogem.
Do Oceano no fundo os Theteos braços
Apollo, constrangido, deixa niveos,
E da manhã as Horas seus Ginetes
De prompto lhe aparelhão cuidadosas;
E as rédeas diamantinas saccudindo
Aos Ethontes fogosos, em seu coche,

As portas vai sahindo do Oriente,
Que de ouro se revestem magestosas,
D'altos montes os cumes elevados
Dourando c'os primeiros lentos raios.
D'aqui, d'alli as Aves, já cantando,
De raminho, em raminho leves saltão,
Com seus vôos cortando os densos ares:
Murmurando os arroyos pelos prados
Vão, por entre as hervinhas docemente
De beber dando ao gado, que desperto
De manhã, pelos campos dôces pasce:
Branca Ovelha a Pastora segue bella,
Que com doçura afaga, a si chegando;
Do Pastor as cantigas ternas sôão
Nos Outeiros, nos Valles, e nos Montes,
A quem echo responde sem segredo;
Brincando os Cabritinhos lindos saltos
Dos rochedos baixando dão ligeiros;
De variadas côres o Lagarto
Da cóva á porta o Sol experto encara,
Dos cantos admirado dos Pastores;
Pois té da Poesia os mesmos brutos
Os harmoniosos sons ouvem divinos!
Oh! Outonal formosa madrugada,
Que, posto humida sejas dos orvalhos,
Não cedes ás do Estio em formosura,
Ou da jucunda, e linda Primavera!
Então já do fuzil a mão se lança,
Companheiro fiel nos densos matos,
Que o almoço, o jantar, ou cêa, ás vezes,
Para seu dono adquire curioso.
Já o Rafeiro corre, que nos bosques
A veloz Lebre, ou a ligeira Corsa,

Ou Cervo corredor, latindo mata.
D'aqui o Caçador grande borracha
Do licôr enche santo, que dá vida;
C'o Pão de milho nos alforges mette,
Onde está já a Perdiz, gordos Pombinhos,
Em papeis embrulhados pela Esposa,
Que cêdo madrugára antes da Aurora,
Adeos dizendo com ternura branda
Ao charo Esposo, que ao Ginete chega;
Elle rindo, Adeos diz, cavalga, e parte.
Movendo os cães as caudas vão diante, (2)
Sem saber o que façáo co' alegria,
Atráz voltão latindo, e uivos dando,
Do Cavallo ao pescoço vão subindo,
Que com soberba arreda galhardia,
Atráz c'o pé no ar detendo o passo,
E logo as crinas encrespando, marcha,
De fogo, de furor altivo cheio,
Tremer fazendo a terra c'o galope.
Da Choupana a Moçoila á porta munge,
Para o almoço, da Cordeira o leite,
Onde a sôpa abobóra de pão branco;
Outras vezes do cesto saborosos,
E mui frescos, maduros fructos tira,
Da manhã c'os orvalhos rociados,
Lucinda, que aos Creados seus presenta,
Que da casa se occupão no serviço.
Já o Boi sahe mugindo vagaroso,
Com lentos, tardos passos caminhando,
Que logo para o jugo he conduzido
Pelo Carreiro, que alto vai cantigas
Pastoris entoando divertidas,
Com que ao som do chocalho o gado anima;

Farejando o Molosso vai diante
C'o manso Cordeirinho já brincando,
E todos á Cidade se dirigem.
Do estridente eixo o echo o som repete,
Que dos Cazaes sahir faz os visinhos;
C'o Carreiro travando mil discursos,
Todos querem da Côrte alguma cousa;
De nada satisfeita a Moça fica,
Do que da outra vez elle trouxera;
E do licôr de Baccho longos tragos
O Moço de hum pichel bebendo, parte,
Com longa vara os Bois alto chamando.
Visitar suas Vinhas vai Lucinda
De formosas Moçoilas, que a rodeião,
Seguida, a quem belleza com encantos
Déra proficua a Natureza em dote,
As quaes para a Vindima na mão levão
O Cestinho de Vime bem tecido;
E do cortante ferro armadas correm
Os cachos nas Videiras decepando.
Co' a nivea delicada mão arredão
A folha, que loureja quasi sêcca,
E a Uva moscatel da côr da cêra,
Aromatica provão deliciosa:
A arintha co' a formosa juntamente,
E a tália nos cestinhos já coneertão,
Que de verdeaes figos excellentes
Por cima cobrem com parreiras verdes.
Pera cabaça, co' a bujarda, e d'agua, (3)
Com a Pera Rainha, e Corni-cabra,
A Maçã Berrozinha, co' a Melapio
O Cazeiro em cabazes grandes mette
De fitas, e de canas dobradiças

Com arte concertadas, com bom gosto;
E sobre o manso Asninho pondo a carga,
De novo c'os vestidos seus melhores
Vem preparado, c'o presente bello,
Que a sua Ama offerece mui contente.
Dos Lagares o cheiro sahe do mosto,
Que debaixo dos pés pisado espirra;
Seu balsamo exhalando vai das dornas
Por Moços feitorado vigorosos,
Que noite, e dia passão empregados
Dos campestres trabalhos no mais bello,
Mais agradavel, suave, e deleitoso,
Da recompensa na esperança certa,
De no licôr de Baccho, que ora pisão,
Seus males mitigar c'o dôce nectar.
Como agradavel he pois neste tempo
O Campo noite, e dia aos Lavradores,
Quando Natura assim seus dons reparte!
Chega á porta da Adega o Vinhateiro
Mád do todo; os fatos vem molhados
Do nectar, que dos cachos sahe viscoso;
Para o Lagar chegando, o cesto atira
Com alegre sorriso, de uvas cheio;
Os outros alternados vão seguindo
Os passos do primeiro diligentes,
E do Tonel, de quando em quando o Baccho
Antigo vão bebendo respeitoso,
Que da Adêga no fundo tem assento
N'hum canto escuro, pois de Apollo os raios
Mortalmente aborrece o Deos do Vinho.
De Bacalháo não falta alli a posta, (4)
Da brôa inseparavel sempre amigo,
Do velho, duro Queijo ampla talhada.

De huma Pipa a cabeça nunca deixa,
Que o Tanoeiro cançado já do malho
Sobre os arcos bater por meia hora,
Ou pesada segure de aço fino (5)
Levantar duas vezes, quando muito,
Visita sem parar hum só momento.
« Muito hoje faz calôr, Senhora minha,
Diz o Mestre (do rosto o suor limpando)
« Muito a ferrugem á garganta sêcca
« Se péga d'estes ferreos arcos velhos!
—Sim, responde Lucinda graciosa,
—Mas de Baccho ao suor resiste a força.
O que ella diz, cortez escuta, e logo
Furada cana introduzindo á Pipa,
Em quanto pode bebe, depois larga.
D'aqui cantando alegre vai o Mestre,
Que pouco se demora, que não volte.
Onde breve descanço teve o Queijo,
Que d'esta vez seu fim vê para sempre,
O Carreiro apressado vem correndo
A' Pipa, que se esgota em breve espaço;
A ninguem se recusa o dôce nectar
De Baccho; á farta alli quantos vem bebem!
Alguns bagaço com robustas forças
Lá dentro espremem com pesada vara;
Huns na Viola tocão, danção outros
Do Lagar dentro ao som de altas cantigas,
Respondendo a Moçoila namorada
Do amante á vista alli já sem rebuço.
Tambem canta os amôres o Mancebo
De suas longes terras apartado,
Recorda da Cachopa os sentimentos,
E á Pipa convertido lá do canto,

Sem cessar do pichel a longos sorvos
Propina, de chorar em vez saudoso.
Porque o vinho a tristeza lhe desterre.
Dobra-se o regosijo, se Lucinda,
Que adorão respeitosos, que venerão,
Com sua vista seus prazeres honra.
D'esta sorte entretida a vida passa,
Dôces prazeres na Vindima alegre
C'os criados Lucinda seus, que preza,
A' sombra recolhida das procellas,
Que nas Côrtes, quaes vagas nos rochedos,
Impetuosas com ruido bramem loucas;
Quantas vezes Apollo do Oriente
Sahíra de ouro as portas marchetadas
Das matutinas perolas, que a Aurora
Engastára co' as roseas mãos divinas;
Quantas ao negro Occaso levar víra,
E sepultar no Oceano o Delio Carro,
Sem que o prazer murchasse campesino,
Que huma vez em sua alma tem entrada!
Hum d'estes dias Phebo lá voltava
Seu carro ardente ao lago Neptunino,
Quando eis que Franciscano pobre Frade (6)
Comprimenteiro, e humilde a ella chega,
Para o Convento seu pedindo a esmola,
Como tem de costume seu Marido,
Ao Seraphico dar todos os annos;
O Cordão lhe apresenta santo, e bento,
E da manga reliquias vai tirando,
Que ella já com respeito acceita, e beija;
Os moços do Lagar já vem sahindo,
Quaes formigas, se grão no campo vírão,
Que para a cóva em roda juntas puchão,

Assim ao Padre os moços todos cercão,
Cada qual o lugar quer ter primeiro,
E humilhados contínhas todos pedem,
Que elle prompto do sacco alegre tira,
E por elles reparte charidoso.
Com charidade igual tambem seu odre,
Que cheio seja, pede, de bom vinho,
Inda que velho seja não importa,
Por não ficar azedo nas vasilhas,
Que se arruinão, se contem vinagre.
Não recusa Lucinda ao peditorio
Do Seraphico Filho de Francisco,
E não só manda encher hum, mas dous odres,
Que guardados lhe roga o Padre sejão
Lá junto do Tonel na Adega sua;
E, pois distante fica do Convento,
E a noite em trévas já envolve o Mundo,
N'alguma casa, em palhas, que elle durma,
Conceda por mercê, e por esmola,
Da pobreza acudindo ao lance extremo.
O que pede Lucinda com bondade
Promette cumprirá sem mais demora;
Lança-lhe o Padre a benção virtuoso,
Por venturas do Ceo chamando immensas,
Que a casa de Lucinda sempre inundem;
E da frugal merenda vai comendo,
Que Lucinda na Adêga preparára:
De beber vinho o Padre não se esquece,
A virtude, e o vigor do velho Baccho
De louvar não cessando precioso.
No Convento reprova o que se bebe,
De misturas, e de agua adulterado,
Que doenças faz tantas, tantos males.

Mas eis que já da Caça vem Almeno
Trazendo as redes de Aves carregadas,
E pela Adêga entrando, vê o Frade
As graças dando a Deos do beneficio,
Que da mão de Lucinda recebêra.
A elle Almeno apressado se encaminha,
E reverente a mão lhe beija sacra,
E os actos todos de Lucinda imita.
Depois que sobre a mesa pôem a caça,
A Perdiz, os Coelhos, Gallinholas
Das redes tira, e algumas Aves vivas
Mostra a Lucinda, que em gaiolas trouxe;
E que o Fuzil mortífero da Casa
Ao canto pôem, os Cães dos laços solta,
E da caça os trabalhos, e fadigas
Longas conta nos bosques, e nos mattos,
Sopportando do Sol o ardor intenso,
Sem de agua fontes encontrar nenhumas,
Da borracha valendo-se somente:
Como o Furão perdêra, diz magoado,
N'huma Cóva hum Coelho perseguindo;
Que todo o dia alli cavou debalde,
Pois cruel bicho cré que alli o come;
Que de hum tiro matára hum Cão acaso
Perdigueiro, de estima, e grande preço;
Os rasgões, que no corpo tem do matto,
Diligente a Lucinda, e ao Padre mostra;
Como o Ginete seu aos lobos tira
Com insano trabalho tambem conta;
E amaldiçoando a caça, vezes cento
Bosques desamparar promete, e jura.
O Padre ao aposento pelo braço,
Onde naquella noite ficar deve,

Respeitoso tomando se dirige,
E tudo approva, quanto fez Lucinda.
Entretido com elle alli conversa;
Que seu manto deponha lhe insta, e roga;
O Padre o satisfaz de bom agrado,
Depois pela fazenda passeando,
Com elle da serena noite goza
Aprazivel o fresco, que respira
Por entre as folhas Zephiro suave.
Das Estrellas então o brilhantismo,
E perpetua carreira dão assumpto,
Para que altas materias se discutão,
E não menos do mar certo o refluxo,
E regular influxo a certas horas.
Como se desenvolve tenra a planta,
Que d'antes na semente está contida:
Sabios discursos formão sobre o Eterno
Ser Supremo, Architecto do Universo;
Da união da nossa alma com o corpo;
Da electrica materia, e aereos fogos:
E de outras cousas raras, e excellentes,
Sobre a relva sentados tambem tratão.
Almeno, no que vêmos, os Decretos
Eternos são cumpridos sem fallencia;
Baixando a voz hum pouco, o Padre disse;
Natura a conhecer nossa alma eleva
Esse Ser Soberano, que dos Astros
Rutilantes acima tem seu Throno,
Que de Estrellas se esmalta refulgentes;
Mas de Misericordia por impulso,
E dos homens salvar altos desejos,
Dos Ceos á Terra baixa em forma humana,
E a Si s'aniquilando, entre homens Vive,

No Evangelho fundando a Lei mais Santa;
Que não he para os Grandes, e Soberbos,
Homens brutaes, hyrcanos, que agrilhôão
Com rijos ferros a razão, que geme,
Que geme em vão aos pés da tyrannia,
Com que o pobre, a viuva, e orphão vexão;
Mas para os que respeitão a virtude,
E só d'ella as veredas trilhão santas,
Como vós, que viveis nos dôces campos,
Da alegria nos braços, dos prazeres,
Que innocentes aos homens dá Natura,
Do Ser Supremo as Leis cumprindo sabias.
Nisto a Religião se encerra Santa,
Nisto se adora hum Deos, e se respeita,
Nisto se cumpre a Lei por Elle dada
No Synai, rubricada no Calvario
Pelo Sangue de Christo Precioso.
Não a acredita nisto o vão Soberbo;
Que hum Deos se forma a si na phantasia;
Dos homens homenagens quer, e cultos!
Miseravel d'aquelle, que lh'os nega!
O Mundo abandonei, deixei o Mundo, (7)
Este Habito vestindo da Pobreza,
Porque não sei á falsa Hypocrisia
Render honrosos cultos, nem os crimes,
Que tanto o Salvador nos reprehende s
C'os trages mascarar da sã Virtude;
Porque do Fanatismo o collo pizo,
D'esse monstro por Deos tão detestado,
Nem rendo incensos a pollutas aras;
Eis o crime fatal, por que me arrojão
Ao negro abysmo de crueis desgostos,
Dos crimes os Idolatras nefandos,

A quem eu dei de mão por toda a vida.
Ditoso Almeno, d'elles qual serpente
Com tua chara Esposa longe foge.
Disse, e o rosto de lagrimas orvalha.
Do alto cume o Pastor na Flauta canta
Os louvores de Deos suave, e brando:
Responde a Pastorinha com doçura,
Que os bosques enche c'os encantos magos,
Que sua voz divina espalha meiga,
Os regatos detendo na carreira,
Que a campina atravessão murmurando,
Que atráz as costas voltão namorados,
Os campos trasbordando por seguí-la.
Occulto o Rouxinol ouvir nos montes,
E prados seus ternissimos queixumes
Faz, com dôces accentos compassivos,
Que a alma elevão, transportão de ternura,
A quem só responder sabem os echos,
Que os mudos sons ao vivo repercutem,
Quando acabado tem o passarinho,
Que de novo se esforça, e a cantar se ouve,
Outro pensando, ás magoas lhe responde,
Até que a voz cançado em fim abate.
Das ondas o murmurio sonoroso,
Que nas praias se deitão, se espriguição
Com brandura, os ouvidos lisongêa.
Maritimas cantigas pelos barcos,
Que as aguas luminosas vão c'os remos
D'aqui, d'alli cortando, se ouvem lindas:
Electricas centelhas são os Peixes,
Que ás mãos o Pescador apanha vivos.
Assim o mais da noite em ledos jogos
Os dous Consortes passão divertidos;

Nos ledos, dôces campos os mancebos
Das Donzellas os braços tomão lindas,
Nas florestas passeando deleitosas:
Aqui de prendas jogos apraziveis,
E innocentes divertem seus cuidados;
Outras vezes na relva com pedrinhas
Muitos jogos inventão campesinos,
Suaves, brandos risos só se escutão
Das Aves compassar os magos cantos,
E da alegria as vozes misturadas
Os ares encantar serenos, puros.
Quando lá vem Alcino charo amigo
De Almeno, e de Lucinda há longos tempos:
Na mão Beliza de ouro traz a Lyra,
Que pulsa docemente sonorosa;
E ao Ceo subindo em sons divinos canta
Dos campos a doçura encantadores
A' cultura louvores altos forma,
E agricolas cuidosos sobe ás Nuvens,
E a utilidade faz sentir campestre
Dos ouvintes nos animos alegres.
De prazer, de alegria recebidos
Depois são na choupana dos Esposos
Os hospedes illustres com transportes.
De Belmiro noticias dão, das Nymphas,
E sôa o nome de Eucharis formosa
De todos aos ouvidos agradavel;
Os momentos recordão dôces, quando
Elles os ledos brincos lá nas margens
Do Téjo tão saudoso exercitavão;
Alcino, que a Canôa existe affirma,
Onde pescar costuma de continuo
Belmiro, a taes prazeres sempre affeito,

Sem que a intrepidez sua nunca affrouxe;
E já Almeno convida, e lhe assignala
Dia certo, em que a Pesca servir ha de
Para todos, de grande regosijo.
Tambem Alcino charo, diz Almeno,
Hoje huma Feira temos nestes sitios,
Que em memoria se faz, com grande Festa,
De Sancta Martha aqui mui venerada,
E, de muitos lugares convem Povo
Festejar esta Sancta mui devoto,
Com leilões, jogos, cargos, cavalhadas,
A grande Romaria he mui vistosa!
Para o Sermão o Padre se convida,
Para cantar as Damas se offerecem,
E já dalli partindo para a Aldêa,
Vão com grande alegria os bellos ranchos.
Huns, Arias cantão, outros, Instrumentos
Harmoniosos tocão, danção outros.
Mostra-se a estrada Paraizo ameno,
Onde respira da primeva idade
A doçura, o prazer, e a innocencia.
Inda a noite o crepusculo sombrio
Dos montes não tirára, nem a terra
Bem se deixava vêr, inda coberta
Pelo triste, nocturno manto escuro.
Só brilhante no Ceo Venus formosa
Se via allumiando o vasto campo
Celeste, que atravessa com seu facho,
A entrada preparando, que de Apollo
Não tarda visitada em breve seja;
Qual Batedor ligeiro, que diante
Do Supremo Monarcha vai correndo,
Do Povo a multidão grande apartando,

Porque largo caminho dê por onde
Aureo coche veloz, correndo passe,
Na mão archote acceso conduzindo;
Da mesma sorte Venus as Estrellas
Do alto Ceo affugenta luminosas.
Pouco, e pouco nascendo vem o Dia:
Altos Castellos sobem do horizonte,
Escondendo as Estrellas fugitivas,
Que em carreira precipite se lanção
Lá para o grande lago do Oceano,
Por Apollo accordar, que inda nos braços
Da branca Thetis placidos carinhos
Goza, ao morbido seio entre doçuras
E prazeres suaves recostado.
As horas sem descanço cuidadosas
Erguendo-se, os Ethontes, que vomitão
Ardentes fogos, promptas apparelhão.
A rôxa Aurora os braços estendendo
De aljofar rociados matutino
Já do Ceo as cortinas, e sanefas
Da triste noite rasga escuras, negras,
E do Oriente as portas de ouro adorna
De fina côr purpurea com esmaltes
Daquelle azul celeste primoroso,
Que em vão trabalha por fingir com arte
Delicado o pincel de habil Artista;
E só do Capitão auri-comado,
A vinda alegre espera impaciente,
Nos Ceos chorosa, e nas campinas rindo.
Lá, em seu carro, o Sol vem radiante
Milhões de settas de ouro despedindo;
A seus lados as rodas fumegando,
Dos abrazados eixos fogos vibrão,

Do Mundo allumiando a redondeza
Té do Oceano vêr o mais profundo.
A Natureza toda já risonha,
A' vista se compõem do Astro brilhante,
E seus divinos dons por toda a parte
Copiosos derrama em abundancia.
Destes altos Outeiros a Cidade
Encantada se vê de immensos fogos,
Que assim o Sol emprega nas vidraças
Das soberbas janellas, que decorão
Seus altos edificios elevados;
Já se escuta do sino o tanger sacro,
Que da alta Torre os ares fere longe;
Do Povo a multidão ao Templo Santo
Convida para orar Religiosa.
De Tambores, e Pifanos os toques
Se escutão militares, bellicosos,
Que furor n'alma accendem dos Mavorcios
Alumnos, que por armas, fama, e gloria,
Riquezas, e saber, grandezas, tudo,
Vencer se póde, julgão, sem talento.
Alfandegas mui ricas se divisão
Do rio sobre as margens levantadas;
O claro espelho está, em que o Ceo claro
Vestindo azul formoso, se vê bello,
D'innumeros baixeis c'o pezo curvo:
Grossos moitões daqui guinchar se escutão,
Que grandes fardos guindão numerosos;
A gente por costume vai gritando
Com que o trabalho brando faz de duro.
Carrega o Mariola sobre os hombros
Desmesurado o pezo com que geme,
Que para os Armazens conduz depressa:

Altos ganidos cão lança ferido
Da pizadura grande que recebe,
Se debaixo dos pés do Moço fica,
Que mais que hum Boi fortissimo carrega.
No pequenino bote a bella Dama
De multidão seguida de criadas,
Ricamente toldado, lépida entra.
Depois na liza praia socegada
O delicado corpo n'agua mette, (8)
Entre dôces risinhos, que namorão
Felices os Barqueiros, por tal sorte;
Do fundo as conchas por miudo conta,
Do feio Caranguejo teme o morso;
E as aguas, que subir ao niveo collo,
E beijar as espádoas querem bellas,
Co' as mãos aparta meigas, desdenhando
Do Elemento a ousadia, que não cessa.
Ao barco em fim já sóbe, e já se veste;
Finos licôres bebe primorosos.
De ouro os molhados fios pelos hombros
Ondeados voltêão c'os amores,
Que entre os anneis as setas finas prendem.
Daqui Lucinda, e Almeno, e todos descem,
Proseguindo o caminho dilatado,
A' feira se dirigem mui contentes.
Carreiro aqui encontrão, que mil pragas
Em vão, desesperado, lança ao vento,
Porque fazer não póde, com que o mosto
Nas pipas de ferver acabe inquieto;
Sua vida maldiz, maldiz o tracto,
C'os Bois se afflige, que do carro tira,
E pertinaz na teima sempre insiste,
Querer do vinho a força, que se eleva

Aos ares em columna alta subindo,
De hum foeiro abater c'os grandes golpes.
Para elle Almeno chega com agrado,
Sangrar depressa o casco logo manda,
Que de prompto obedece a tal remedio.
Ao chão lança o Carreiro o seu barrete
D'alegria os signaes mostrando extrema,
No carro os Bois mettendo, vai contente,
E, agradecido a Almeno, com transporte,
Do vinho lhe offerece, que trazia
Para beber na estrada solitaria.
Almeno a bôca leva á tal cabaça,
Que bebe faz menção com grande gosto,
Approva-lhe do vinho as excellencias;
Diz-lhe nunca bebêra em sua vida
Tão generoso como aquelle nectar.
Retira-se depois mui satisfeito,
E com termos campestres agradece,
Pelos Bois, o Carreiro seus chamando.
Eis da Feira no campo dão entrada.
Mui vistoso arrayal alli se mostra
De diversas fazendas bem sortido:
De Ourives taboleta alli se via,
De riquissimas joyas adornada;
Adamantino annel já quer Lucinda,
De ouro Beliza quer brilhante fita,
De pérolas collar, e ricos brincos
De rubins ás orelhas quer pendentes:
Almeno, e Alcino tudo pagão logo,
Ledas as Damas, sàtisfeitas ficão.
Ao lugar vai Almeno onde de linho
Se vende o fino panno, que elle compra
De casa para arranjo da familia.

Só comprar nos convem estas Alfaias
E, não ouro, Lucinda, ou diamantes,
Disse, e com rizo o braço á Esposa toma,
Da Feira o resto divertidos vendo.
Cintrã Saloya, o cesto das Queijadas
Offerece ao Ranchinho, que lhe compra.
Dalli com grandes vozes hum Saloyo,
Frescos queijos diz tem, optimo vinho.
Camarões, e sallada, e peixe frito,
Lagostas, Caranguejos, frescas Ostras,
De molho Mexilhão, mil outras cousas
Réles tasca vendendo está barato.
Sagaz Pelotiqueiro travessuras,
Ao dinheiro armadilhas, faz immensas;
Camera Optica mostra em alto banco
Sentado o Charlatão mentindo em tudo;
O Elixir da vida, que he remedio
Universal de todas as doenças,
Impostor estrangeiro bem destrado
Inculca, e de Colonia agua cheirosa.
Correndo a Feira os Ursos bailarinos
Nas costas c'os macacos dançã leves,
Peloticas fazendo, habilidades,
Que rude Camponez chama feitiços.
Pipias o rapaz traquinas sopra;
Outro faz soar alto o plumbeo apito,
Que os ouvidos retine atordoados;
De berimbáo armado a todos vence
Da Cidade o garoto, que apparece,
De belbutinea veste, de encarnado
Carapuço, e colete bom de seda,
Toda a sorte fazendo de figuras.
Rouca gaitinha o tenro infante emboca

Sem cessar pela Feira em toda a parte.
Tambor desentoado co' a de folles
Impertinente gaita vai tocando (9)
Gallego industrioso, que Hespanhola
De castanheta armada traz comsigo,
Dançando n'hum só pé diversas chulas,
Esmóla aos Portuguezes flagitando.
Da perna pelo meio curta saia,
Gibão de Çaragoça debruado
De mui largas azues fitas, e laços,
Alamares, cordões, e outros enfeites,
A bella Castelhana encarniçada
Pelo ardente calôr do rubro Baccho
Gentil se adorna, moça primorosa,
A quem a espaços cabisbaixo lança
Vivos olhares Camponez esperto.
Capillé, limonada, alma sangria,
Rapaz descalço, e çujo tambem vende,
Com que do vinho a ira alguns abrandão,
Que aos tombos pela feira vão cahindo;
Pelo rabinho bebem de hum cavallo
De vidro, outros de hum gato a cauda chupão,
E alegres divertidos todos bebem
Estes das Feiras sordidos licôres.
Enxovalhada a Preta Cosinheira
Do Mexilhão se vê embriagada,
Dos Pretos na caterva desenvolta.
Aqui no chão os copos, nas esquinas
Acolá, já se quebrão numerosos;
Altos gritos os Pretos levantando
Do pessimo zabumba ao som terrivel,
De Benedicto o Nicho levão Santo
Pelo campo dos gritos atroado,

Que a beijar aos Festeiros dão devotos.
Rouqueja a velha cana enormemente,
Que hum Negro bebedo com força toca;
Macaquices as Negras, carantonhas,
Visagens, gritos, sons terriveis, brados
E os Pretos pelo campo dão alegres.
Ninguem dentro se vê do Santo Templo,
Que lumes infinitos brilhar fazem;
Sómente, com as contas algum Velho
Alli em Oração está profunda.
Enchem pintados jarros mui fragrantes,
E delicadas flores, que decorão
O do Altissimo Throno Magestoso,
E o Sagrado Lugar, com seus perfumes
De prazer, e respeito Angelico enchem.
Da Festa á Missa os Sinos já repicão,
Os Musicos se affinão instrumentos,
O Gaiteiro da Igreja em roda gyra,
De foguetes girandolas os ares
Mui rapidas dividem, que annuncião,
Que vai ter seu principio a Sacra Festa.
O Rustico rumor alli não falha,
Que Baccho forte alenta, e reanima;
Dos foguetes as canas os rapazes
Montes subindo, e aos valles descendendo,
Mui alegres apanhão, mui contentes,
Quando da Santa o Andor vai pelo campo.
Formosos Anjos de vistosas flores
Ornados, e vestidos ricamente
De azul celeste, e branco; na cabeça,
De pedras engastados capacetes
De ouro fino; das costas pendem-lhe azas
De côres variadas, e mimosas,

De finas, exquisitas, raras pennas;
Nas mãos de flores os cestinhos levão,
Que pelo campo espargem, de Espadana,
D'Alecrim tapisado, e Rosmaninho.
Do Senhor os Louvores vão cantando
Alternados c'os Padres juntamente.
Sua Ordem segue a Irmandade rica,
Que a Festa ordena Religiosa, e Santa:
Sua argentina Cruz leva diante
Entre Cereaes formosos luminada,
Desta materia feitos com riqueza:
Atraz segue-se o Andor de Martha Santa;
De aureos cordões, de brincos, diamantes,
Broxes, affogadores, e outras peças
Mui ricas de mulher, se vê a Imagem,
E de vestidos bellos mui decentes
Vai decorada a Virgem Santa, e Pura.
Os Irmãos seus brandões levão de cêra
Accesos, caminhando em alas duas.
Em terra o Camponez põe os joelhos,
Da cabeça o barrete ao chão atira,
E no peito batendo vai com força,
Com que a terra abalada se estremece,
E a contricção inveja ao Penitente;
Deixão outros os grandes copos, deixão
Por minutos o peixe frito, a carne
Na taberna, e outras cousas, que se comem,
E as lagrimas, que Baccho em fim excita,
Mui pungentes derramão com soluços.
Dest'arte a Procissão em roda a Feira
Visita, e para o Templo se recolhe,
Onde a Solemne Missa já começa.
No ar novas girandolas estourão,

Os sinos repicando, longe sôão,
De gente a Ermida apinha-se infinita,
A' porta de cajado os homens ficão,
Das vozes o alarido o riso excita,
E d'Instrumentos Musicos discordes
Os sons tão enfadonhos aos ouvidos.
Ao Pulpito o Orador, que está no campo,
Sobe, orando eloquente o seu Discurso,
Que os Camponezes ignorantes louvão,
Sem a attenção prestar, que lhe he devida.
Quando o Pulpito desce, affervorados
De carne ao Pregador grande talhada
Alegres offerecem com louvores,
E do grande pichel a cada passo
Visita Bacchanal-vai recebendo.
Em fim, novos Foguetes dão de Festa
Signal de que findára a Santa Missa,
Porque os da Elevação do Sacramento
O Devoto se esquece de atirá-los.
Todos da Igreja sahem de suores
Copiosos molhados; com bom vinho
Os calôres apagão generoso.
De Almeno a sede, de Lucinda, e Alcino,
E da linda Beliza, devorante,
O Melão refrigera, e a Melancia.
Grande Borracha as Camponezas bellas
De hum lado, e de outro puxão diligentes,
Que ao rustico amador offertão gratas.
Enramados de louro triumphantes
Carros alli vistosos apparecem,
De mascarados cheios mui diversos,
Que sem ordem tocando os Instrumentos,
O riso promover em todos fazem.

Em Ginetes de pasta Cavalleiros
Com mascaras horrendas sobre o rosto,
De vestidos ridiculos ornados,
Innocentes Pombinhos, Rolas, Patos, (10)
E outras Aves traspassão cruelmente
Com duras lanças, settas aguçadas.
D'aqui Lucinda aparta a vista, e a Almeno
Roga, e Beliza a Alcino, que as retirem
D'este lugar terrivel, cruel tanto,
Que bem podem o fogo vêr de casa,
Que para a noite prompto alli se mostra.
Almeno ao que Lucinda pede annue;
De boamente Alcino convem nisto,
E d'alli despedidos, seus caminhos
Diversos cada qual já vai tomando,
De prazer, de alegria todos cheios,
E em seus antigos lares o repouso
Das fadigas tomar vão deleitavel.
Em casa as Uvas, que guardar se devem,
Que do Natal nos dias se appetecem,
Vai Lucinda as melhores reservando,
Que do tecto da casa vão pendendo.
Quando subito hum moço sem alento
Apressurado corre, e vem fugindo.
O que seja perguntão anciosos:
O Rapaz toma alento, e principia
Das desordens noticias dando tristes, (11)
Que no arrayal succedem sanguinosas:
Que dos montes descêrão os Labrêgos,
Altas rixas movendo muito antigas
No peito contra os miseros Camponios,
Que a Festa alli fizerão do costume;
Que a Viola quebrando ao que tocava,

As Gaitas aos Gallegos já rompendo,
Desfeitos em pedaços os Tambores,
De Cajados armando-se mui grossos,
Nas pontas aguçadas choupas tendo;
Os luzidos punhaes, buidas facas
Por todo o campo tirão, com que a morte
Aos miseraveis levão camponezes;
Que fogem Beliguins, foge a Policia,
Fortes c'os fracos, fracos c'os valentes.
« De que infortunios taes a Providencia
« Nos livrou, diz Lucinda transportada!
« O coração presago me dizia,
« Que de tal Festa o fim a ser funesto
« Sem duvida viria, pois no Mundo
Sempre aos gostos succedem desprazeres:
« Nem té nos dôces campos a innocencia,
« Qual em seu Throno a linda rosa espinhos,
« Jámais de encontrar deixa, em que se afflija!

CANTO QUARTO.

INVERNO.

Completos, sacra Diva, meus desejos
Na temeraria empreza alfim observo
Das Estações cantar em verso humilde,
Pois que a meu estro rude a Natureza
Os dons nega divinos, que concede
Aos outros liberal em copia tanta;
A essas Aguias, que os vôos altaneiros
Da terra erguendo, ao Ceo em sonoroso
Plectro, este vasto assumpto vão subindo.
Apenas meu rasteiro, e escuro canto
Nos ouvidos rouqueija dos Pastores,
Que felices habitão nas campinas,
A quem estas fadigas, meus desvellos,
Sómente se dirigem fervorosos.
Não canto de interesse, nem de premio
Jámais algum movido; só me obriga
Dos estudos o amôr, que tanto prézo,
Que minha alma recreião, que alimentão;
Do saber a doçura em aurea taça
De sapiencia bebendo por mão Sacra,

Que em minha alma derrama os dons Divinos,
Vou por todos os dias pouco a pouco;
E d'ella os fructos repartindo gratos
Por meus Patricios vou, e á Patria amada,
De amisade signal sincero mostro.
Cante-se a parte derradeira do anno;
Já que tu dás impulso á minha Lyra.
Não só na Primavera deliciosa,
Não só no Estio cálido, e sereno,
Não só no Outono fertil, e abundante;
Mas tambem no chuvoso, e pardo Inverno
He o campo agradavel, deleitoso:
Ou seja de manhã, quando já nelle
O frio caramelo alveja, e cobre
Os cumes das montanhas, pende em redes
Pelos troncos das arvores, e fecha
Com pyramides lucidas as portas
Da pobre choça do Pastor humilde,
Ou de algum Nobre a entrada do Palacio:
Ou pelo meio dia esperguiçado
Ao Sol o Lavrador na terra dura,
Ou á noite seus gados recolhendo,
Que sobre molles palhas já descanção,
Sempre tem suas graças, e bellezas,
Sempre o campo he fecundo em raridades,
Sempre quem as procura sabe achá-las.
Cybele, vem do Ceo, e tu reparte
Comigo os dons divinos, que possues,
Porque ultimo trabalho ora descante
Do frio Inverno, de gelada coma,
Os rigorosos dias, que são breves,
E as alongadas noites fastidiosas,
Para quem empregar não sabe o tempo.

Mil prazeres, delicias mil encontro
Nesta aspera Estação de rigor tanto;
E se até aqui cantava só prazeres,
E dôces mimos, placidas delicias
Das outras Quadras tão risonhas, ora
O Inverno cantarei, se me permittes,
Que utilidade, e graças lhe não faltão
Do Sabio, e do Poeta aos olhos lynces;
Nem meu pincel o pintará co' as côres
Tão escuras, tão feias, que lhe applicão
Os, que só da Cidade a vida estimão.
A gente Cortezã já deixa o Campo,
Onde dias amenos desfructára,
Socegados ficando os Lavradores,
Que assiduos seus trabalhos continuão.
Só Lucinda, e Almeno dos prazeres
Campestres alli gozão pelo Inverno,
Que a robusta saude lhe vigorão.
Ao som de altos Nordestes seccos, frios
A clara Aurora o dia traz formoso;
De nitido celeste azul se mostra
A Athmosphera no Inverno rutilante;
Ao Astro pirguiçoso em frouxo brilho
De Thetis os amplexos deixar custa,
E o estellante berço, que lhe aquentão
Os Planetas em roda luminosos:
Sem vergonha surgindo de Natura,
Que por elle anciosa ha tanto espera,
Não traz vermelha a face, como d'antes,
Na manhã regelada de alta neve;
Mas só em derretê-la divertido
Então parece que se emprega Apollo.
Já não tens Avesinhas, que te espreitem,

Para entoar seus cantos maviosos,
Nem o prado risonho se reveste,
Para em verdoso leito receber-te;
Queimárão a campina os teus ardores,
Nada já tem agora, que offertar-te:
As arvores despidas de folhame
Vegetaes esqueletos representão, (1)
Que já as galas, que Abril lhes dêu, rasgárão
Em dispensar comtigo tantas honras;
Com que brinques no Campo, não encontras,
Que de neve coberto se vê branca.
Assim dizia transportado todo
Sentado eu junto de hum palreiro arroyo,
Que serpe de cristal se figurava
No mover tortuoso, desinquieto;
Aqui se esconde, álem prompto apparece
Da horta nos canteiros passeando,
E correndo abundante, os lava, e rega.
As plantas o Cazeiro vai por ordem
Em Canteiros dispondo mais pequenos,
D'onde as tira depois, e n'outra parte
Da horta lugar lhe busca accommodado
Para que alli se arreiguem, vinguem, cresção.
As arvores enxerta, e as Vides poda;
Alporca no Jardim raros Craveiros;
Das flores as cebolas, e as raizes
Do Rainunculo á terra já confia,
Que com pequeno sacho move branda.
Geme a nora, que o Touro vagaroso
Voltêa lentamente descuidado,
Que o Caseiro desperta a grandes brados,
E do aguilhão sentir o duro bico
Com dureza lhe faz cruel, insana,

De urros enchendo o valle o forte bruto.
Trepando o Caracol vai pelos muros,
E da hortaliça os olhos tenros pasce,
Co' a baba as folhas argentando verdes;
Com diligencia a Velha prompta o apanha
Para remedio, e no cestinho aguarda
Babuginoso o insecto de virtude.
Lá foge a Lagartixa pintadinha,
Do traquinas rapaz, da miseranda
Perseguidor constante, e seu tyranno,
Que destróe, em pedaços desfaz, corta
A innocente mísera alimaria.
Vagando o gado, muge pelos montes,
E valles de pastagem despovoados;
Aqui alguma hervinha de hum vallado
A' borda, ou de hum regato, que a sustenta,
Faminto, vai comendo com vontade;
Acolá, de hum ribeiro á margem bebe,
Triste ao ar a cabeça levantando.
Balando segue a May o Cordeirinho;
Pelos rochedos a Cabrinha salta,
E vai ligeira o armento procurando.
Do Sol goza o Pastor delicioso:
Ora a sombra não busca, nem frescura
Do escuro, e dôce bosque já lhe agrada.
Sobre a terra sentado vai comendo
Dura brôa, borraxa despejando
Do vinho, que da adega traz do Amo:
Outras vezes de cannas, ou de vimes
Dobradiços, gaiolas vai tecendo,
Onde mette avezinhas, que apanhára
C'o biquinho a azeitona debicando
Incautas mui contentes na Oliveira.

Pocinhos os Meninos Camponezes
Com delicada mão na terra cavão,
Onde agua depositão, com que engenhos
Artificiosos movem, que fizerão,
Imitando da azenha os movimentos.
Em fervido carrinho outros o campo,
E a planice atravessão em corridas,
Os membros agitando inda mimosos,
Que de vigor immenso depois fórmão.
Os jogos da argolinha, outros emprehendem;
Da bola, do pião, e outros muitos
Pelo campo exercitão divertidos,
Assim ao frio intenso resistindo.
A Moça lavandeira com a roupa
Ao rio vai de neve enregelado,
Onde a septuagenaria velha encontra,
Que seus trapos no gelo frio lava:
Alto os trémulos queixos, raros dentes
Alli c'o frio bate, mas robusta
Da saude o vigor perfeito goza,
D'aguardente o frasquinho propinando.
No campo o Lavrador a terra corta;
Vastas campinas c'o arado curvo
De fundos abre sulcos mui direitos
Do futuro onde provido a semente
Da flava Ceres lança, que alimento
Aos homens grata presta, porque a vida
Sobre a terra mantenhão trabalhosa,
De tantos males, de fadigas cheia.
Ao som da flauta ás rezes vai cantando
Em campestre harmonia rudes versos;
Outras ao gado brada vagaroso,
Que do aguilhão ferido a estrada toma,

E os sulcos vai abrindo destinados.
Mas neste tempo o ar se vai toldando,
Pouco, e pouco crescendo o rijo vento.
Desampara a Gallinha c'os filhinhos,
O campo, que esgravata cuidadosa;
Aos curraes corre o gado fugitivo,
Seus Bois o Lavrador do arado tira,
Solitaria a Campina toda fica.
Sobre os altos Pinheiros desferido
O furibundo raio lampejante,
Feitos pedaços os despersa ao longe,
Pelos ares das arvores voando
Vão as fundas raizes arrancadas;
Alto o bosque sussurra pavoroso
Dos ventos combatido, e açoitado;
Infesto turbilhão abala os montes,
Como leves arbustos, tenras plantas;
De saraiva o chuveiro cahe terrivel;
De refulgentes raios o Ceo todo
Se desfaz, co' as arêas numerados.
Milhares de Baixeis no mar perdidos
Já sem remedio ter mostrão-se; a gente
Gritos ao Ceo levanta, mas debalde,
Pois soccorrer o mal ninguem se atreve.
Aqui da morte a imagem se vê triste;
Ora ás nuvens as ondas empoladas
Os levantão, e quasi o Ceo lhes mostrão;
Ora do salso mar fundas arêas
As quilhas abaladas tocão negras;
Impetuoso o vento os mastros quebra,
As vélas em retalhos são cortadas.
Pela praia os cadaveres rolando
A' discripção das aguas vão em montes.

A' praia corre Almeno compassivo,
Remedio procurando a tantos males,
Sem que fazer atine em taes perigos.
De huma onda negra a ponta embravecida,
Hum vulto á praia lança, que de humano,
Entre o rolo, se mostra na figura.
De arêa em ondas vai Almeno, e d'agúa,
Mui grossa corda pela cinta atando,
Subpondo á vaga o corpo resoluto,
O seu enorme pezo grande espera:
Com força o corpo agarra desmedida,
E entre os braços o aperta agonizante.
Almeno mádido das frias ondas,
De hum homem põem na praia semi-morto
O corpo, que das aguas hi trouxera.
Com bebidas, Lucinda, corre á pressa,
Cujo Alcool a Almeno o vigor torna.
Do miseravel toma o corpo em braços,
Que de vinho em lençóes envolve quente,
Do fumo Mexicano uso fazendo, (2)
Por maquina applicado, que guardada
Para isto sempre tem, sempre conserva,
A vida restitue ao que já morto
Nas ondas se julgava, sem remedio.
Destroçado correndo vem os mares
Já perdido batel nas grossas ondas;
Da gente a vozeria alta se escuta,
Que grossas cordas mostra, longos cabos,
Aos de terra acenando com gemidos
Nos cabos peguem, pelo barco puxem,
Que sem remedio em fim se vai ao fundo.
Tres vezes clama a gente, mas depressa
Sem que auxilio, ou remedio possão dar-lhe

As ondas a soçobrão impoladas
Em seu seio engolindo os mareantes.
Mas eis que n'hum penhasco mariscoso
Gentil Dama arremeça o mar tyranno:
Que a belleza despreza, e a formosura,
Que podera feliz tornar hum Reino,
Se possui-la alcançára o seu Regente.
Em lagrimas, suspiros, e soluços
Se desfaz a rival do bello Dia,
Nas sombras eclipsada da atra morte.
Inda no mar nadando seu amante
Vê co' as ondas luctar, co' a dura morte,
Delle os olhos não tira a bella Dama,
Que em lagrimas desfeita auxilio pede,
Que elle em vão lhe promette por acenos,
Té que involto no mar á vista foge
Da infeliz, que lamenta a sorte dura,
Sobre a penha exhalando em ais a vida.
Oh! Ceo, suspende, diz gritando, Almeno,
Oh! Ceo, suspende teu furor hum pouco;
Não queiras essa vida preciosa
Inda ao Mundo roubar, essa belleza,
Que invéja a Delia, e ao claro Cinthyo inspira, (3)
Pasto fazer de ondas crueis, insanas!
Isto diz, quando o mar bradando forte
Contra o rochedo a espuma ao cume erguendo
Em negra vaga involve a Dama bella,
Sem soccorrida ser de humano auxilio.
Com a preza ufano o mar de longe grita,
Nos abysmos sepulchro á Dama abrindo;
De Almeno o coração de dôr se parte,
Deste successo á vista lamentavel.
Entre tanto a procella continúa,

As aguas sussurrando do cavado
Rochedo, com medonho estrondo cahem;
Retumba amedrontado o fundo valle
Das tumidas torrentes, que o invadem,
E do rouco trovão, que longe trôa,
Nos montes rebombando pavoroso.
Ao longe fuzilar se vê o Olympo,
Entre as nuvens, de raios carregadas,
Milhões de brutos, as Torrentes, mortos,
Aos campestres serviços necessarios,
E da vida ao sustento, levão, uteis.
Da cabana o Pastor a entrada fecha,
E para o fogo ardente se encaminha,
Que no rasteiro lar Pastora acceso
Tem noite, e dia, por da neve á força
Resistir grande, e ao frio rigoroso.
Com o Esposo Lucinda neste tempo,
Que a tempestade observa temerosa,
Para hum grande Salão entra da Casa,
Que do clarão lampeja alumiado,
Onde paineis soberbos de pintura,
Magestosos, antigos, ricos quadros,
Varões mostrão ao vivo mui distinctos,
Que á Patria, e ao Rey serviços relevantes
N'outro tempo fizerão valerósos.
Aqui, Lucinda, vês tambem no Inverno (4)
O campo he aprazivel, deleitoso!
Aqui gozar podemos livremente
Dilatados prazeres vendo a Historia
Destes fortes Varões, Reis estremados,
Que este Reino illustrárão n'outros tempos,
Com sublimes victorias desmedidas,
Que Sabios nos regêrão, governárão

Sempre de Astréa co' a indobrada Vara.
Tambem aqui das Estações do Anno
Temos os bellos quadros excellentes,
Que ao vivo nos retratão as bellezas
Do campo, que innocente desfructamos.
Aqui a Primavera se apresenta
De mui ricos vestidos adornada,
Pelo campo formosa passeando.
A' sombra da floresta já da calma,
Onde os raios de Apollo não penetrão,
De Flora acompanhada, alli descança,
Que tambem de grinaldas bem tecidas
Vem, de mimosas flores coroada.
Zephiro o brando Esposo as niveas azas
Nos Jardins dôce move com brandura,
As flores namorando delicadas,
Que rociadas de Aljofar matutino
Risonhas o acolhem com agrados.
Junto da clara fonte, ou do ribeiro,
Que manso corre alli, as vês sentadas
Em mimosa alcatifa de boninas.
Que ar tão puro respira então nos bosques,
Que povoão canoros passarinhos!
As flores as Estrellas desafião
No brilhantismo seu, na fórma sua!
Os campos se renovão, se revestem
De suas delicadas, finas gallas.
O Estio agora observa neste quadro
Maravilhoso; Ceres no seu carro
Das Elensinas Virgens pelos campos
Vai tirada; na mão tendo por Sceptro
A Fouce, os Lavradores á cultura
Das terras já convida diligente.

Não tem Apollo força, com que impida,
Que os campos atravesse, que visite
A seára abundante, que laureja,
De maduras espigas coroada.
Rainha da cultura ahi se mostra,
No gesto Soberano, nos mandados,
Que gratos são aos homens, são á vida.
He o almo Estio aquelle Cavalleiro,
Que fogoso ginete alli montando,
Da aljava de ouro finas settas tira
De mui ardentes raios, que dardeja
A' terra, que abre bôcas sequiosa,
Do calôr pela força, pela ardencia.
A vista sua, os fructos a côr mudão,
E maduros das arvores já pendem,
Convidando os humanos, a que gostem
Seu sabôr, e doçura primorosas.
Nas eiras os Agrícolas se occupão,
A atar do trigo os feixes, que nos carros
Estridentes conduzem aos lugares
Onde o pezado Touro aos pés o calca;
Outros fogosas Egoas mui ligeiras
Em debulhar o trigo occupão fortes.
Que Choreas, que Cantos de harmonia
No campo então se escutão dia, e noite!
Aqui o Outono vês a Cornucopia
De flores, e de fructos desejados,
Sobre a terra entornando tão profusa;
As nuvens, porque chorão, ajuntando,
Que as terras fertilisem, que fecundem.
Que figura gentil elle apresenta
De hum homem já maduro, e sazonado,
De authoridade cheio, e de prudencia!

O rosto virtuoso, e bemfazejo
Alegre tem jucundo, e magestoso
Os premios repartindo aos Camponezes
Vai, que ao merecimento elle conforma
De cada hum segundo as lidas suas,
Mas contentes da sorte todos ficão.
He este, que ahi vês, ancião, o Inverno
Encanecido; as cãs brancas lhe descem
Sobre o curvado peito de regelo,
Frio, já pelo tempo descarnado.
Alli da alta fogueira sempre junto
O verás noite, e dia em brandas pelles
Mettido, de bom vinho propinando
Longos tragos; o espeto na fornalha
Do immundo bruto, a tenra carne passa,
Que a vizinha desperta desejosa
C'o cheiro, que recende da cabana,
Que de innumeros Evos elle habita.
Alli a Velha, as fabulas, os contos
Das fadas, magos, bruxas, feiticeiras
A's raparigas conta, que trabalhão,
Quando a formiga provida descança,
A que a Velha allusão faz nestas noites.
Homens o rosto voltão de assustados
Do que ella conta; de outras os cabellos
São de susto irriçados, fogem outras,
Que ouvir não podem tão medonhas cousas:
O Velho grita, a Velha as ameaça,
E só em escutar achão remedio.
Aqui das Estações Lucinda os Quadros
Estão ao natural bem debuxados.
Ellas todos os annos vem formosas,
Alternadas ao Mundo sem fallencia;

Ellas vão sim, mas voltão sempre novas,
O homem foge misero, e não volve.
Quantas vezes, Lucinda, nestes Quadros,
Dos humanos contemplo a triste sorte!
Mas entra nesta Sala, onde batalhas
Crueis, navegações, e fortes guerras
Por capricho mantidas, innundado
Tem o Mundo de sangue em largos rios.
Que vezes emudeço extasiado,
De lagrimas torrentes derramando,
Que lenitivo são á grande mágoa
Com que isto vejo, e minha pena adoção
Sómente os poucos livros, que possuo,
Companheiros fieis, que jámais deixo
Pelos melhores bens, que tem o Mundo;
He meu recreio o conversar c'os mortos.
Idéas sem rebuço conferimos
Sobre Estados, Nações, Reinos, Paizes;
Elles me ensinão divisões do Globo;
Rios, montes, outeiros, fundos valles
De repente me mostrão sem trabalho;
O animal, vegetal reino descubro;
De vagar suas paginas folheio:
Então do campo estudo as raridades;
De vêr pasmo assombrado huma folhinha,
Que de flor já cahíra, que adornava;
Sua côr, cheiro, graça, e formosura,
Todo me encanto, todo me arrebato,
Ante os sentidos tendo alli presente.
Hum verme, hum vil insecto á minha vista
Tenho alli quando quero, ou necessito,
Como forte hum Leão, ou Leopardo,
Panthera, ou Elephante monstruoso.

Do Reino mineral tenho as riquezas,
Que Rey nenhum possue no Universo,
Que c'os olhos encara da alma o sabio;
Alli valor não tem o diamante,
Co' a areia se confunde o mais fino ouro.
A mim os Ceos se abatem, e as Estrellas
Rutilantes, que brilhão hi formosas,
Com o seu péso em minhas mãos sustento;
Os phenomenos vêjo de Natura,
Sem do quarto sahir, ou dar hum passo.
Minh'alma então se eleva ao alto Throno,
Que o Sempiterno Soberano Rege.
Eterna Magestade, a quem adoro,
Então no meu transporte assim eu digo:
Tu, que dispostas tens por ser dos homens
Tão raras maravilhas, adorado,
Portentosas na ordem do Universo,
Que Creaste, que Reges Absoluto,
Sem que jámais errar hum só instante,
Ou alterar-se eu vêja Lei alguma,
Que Sabio lhe Imposeste, lhe Ordenaste,
Por que razão altivo se conspira
Contra o Ceo, contra Ti o triste humano,
Que se eleva qual flor, que nasce, e morre,
N'hum momento do berço á sepultura
He logo sem demora conduzido!
Porque sanguineas guerras, crueis pugnas
Vêjo, de tanto sangue, e vidas tantas
Não evitar-se a lacrimosa perda?
D'aqui vêjo Philosophos insanos
Argumentos tirando do mal mesmo,
Para males peiores se inventarem,
Com que o genero humano se destrua.

Outros só tem por firmes as Doutrinas,
Que no interesse sólida tem base,
Visões, e mais visões só apregôão,
Que rustico acredita miserando!
Mas oh! Biblia Sagrada! oh Livro Santo!
Que es por hum Deus dictado ao Universo!
De assombro tu me deixas admirado
Ao vêr no teu Exordio estas Palavras
=*No principio Creou DEUS Ceo, e Terra:* (5)
E d'alli té ao fim te adoro, e bêjo!
Nesses quadros de horror, de sangue cheios,
Os mais crueis combates vês terriveis
D'esses Conquistadores, que na tuba
Da Epica Poesia Heróes se chamão.
Como o emplumado Chefe o Campo corre,
Que a terra faz tremer, quando o ginete
A hum, e outro lado volta altivo.
Que crueldades tantas, tantas mortes
Dos homens a vaidade, e furor leva
No Campo, em toda a parte confundido!
Cobertos de Cadaveres vês Campos
Dilatados, e Valles fundos, onde
A Parca inexoravel lança a fouce.
Contra os filhos os Pais insanos correm,
Os filhos contra os Pais armas levantão.
As guerreiras phalanges abrazadas
De vãos ciumes correm com denodo,
De seus Chefes brutaes seguindo o exemplo.
De settas, dardos os diluvios descem,
Quaes raios, que serpêjão n' Atmosphera
Por fogos luminada em noite escura.
As vidas centenares de homens deixão
Nos sanguinosos campos d'atra morte.

Canhão d'aqui rebomba allumiando
Os ares, que se densão ecclipsados
Por negras, feias nuvens sulphurosas,
Que quando passão só, no Campo mostrão
Horror, morte, ruina, espanto, medo.
Cabeças vão sem dono, braços, pernas,
Pelos ares voando alem das nuvens.
Dos feridos os brados hi se escutão;
D'agonisantes os gemidos ferem
Da dura penha o coração mais duro.
O fuzil vês mortífero carrega,
Apressado o Esquadrão, que sobrevive,
Que aos outros enraivado aponta, atira.
Eis sobre elle diluvio vem de ballas;
Já juncada a campina está de mortos,
A quem os vivos roubão diligentes.
D'aqui retira os olhos, chara Esposa!
Nest'outra Sala vês da Natureza (6)
Brilhante os Elementos nestes quadros.
Neste painel a Terra vês de flores,
E de arvores ornado verdejantes;
De montes elevados, e de brutos
De toda a especie raros, admiraveis.
Alli repleta a vês de minas ricas,
Onde os thesouros seus os homens buscão.
D'onde o sustento próvida a Natura
Aos viventes, qual Mãi fecunda presta.
D'alli na mão semente aos homens mostra,
E nella desenvolve seus mysterios,
Se ávidos a cultivão diligentes.
Em seus braços o Agrícola recebe;
Das fadigas suor brando, e suave,
Com doçura lhe limpa, e recompensa

Os trabalhos, profusa, que tivera,
C'os dôces pomos, sazonados fructos.
Por os gados manter, que são precisos
Aos traficos campestres, e á lavoura,
De verdes pastos enche os longos prados,
Empinados outeiros, e altos montes;
E de seu corpo as veias fecundantes,
Em borbulhantes fontes, ella mostra
Patentes aos mortaes, e aos brutos todos.
Seu seio retalhado em fundas covas
O ambicioso procura das riquezas,
Todo ao cuidado entregue de altos cofres.
Que animaes vês innumeros a terra
De todos Mãi commum assim povôão?
De carne hum monte, o Elephante, d'Asia,
E de Africa os Paizes estuosos
Habita: o Leopardo, Onça, Panthera,
Feroz Leão, Rhinocerote iroso,
E outros mil desmedidos, feros brutos.
O Cavallo formoso vês da Europa,
Arrogante, soberbo, em brio ardendo:
De ouro o fino teliz, a rica sella,
Onde vistoso monta o Cavalleiro,
O bravo General, e o Rei Potente
O Ginete adereça, e aureo freio.
O vagaroso Boi, Jumento humilde,
Que á cultura uteis são, e necessarios
Por cargas volumosas transportarem,
E infindos outros vês nesse amplo quadro.
Est'outro quadro o Ar puro, e sereno
Representa de plumas adornado
De Aves muitas, insectos, leves pennas
De roda em symetria assim dispostas.

D'elle a vida depende dos terrestres,
E volateis viventes, que povôão
Do Mundo a superficie, e o Ceo immenso.
Nesta figura o vês, que representa
De mui finas ornado, e brancas azas
Hum ligeiro, veloz, lindo mancebo,
Que voando do Ceo pelos espaços,
Sobre a terra c'os sopros alimenta
Os animaes, as arvores, e as ondas
Humas vezes suave, e brando move,
Outras áspero agita, açoita, arranca,
E o vasto Orbe vasio nunca deixa.
Como com delicada mão concerta,
Da Aurora ao despontar serena, e pura
Da linda Primavera encantadora
As magas tranças de ouro preciosas!
Como na face o meigo beijo imprime
A' bella, que em doçura se converte!
Que immensos Passarinhos no seu collo,
E em seu seio pintados vão cantando,
Os campos de harmonia enchendo simples!
Vês, encapella as ondas brandamente,
Que lá no pégo existem, morão fundo!
Como escorregar faz pelo azul campo,
Que Doris banha, os Vasos mais pezados,
Nos madeiros fazendo força tanta,
Que as vélas lhe offerecem, lhe desdobrão!
Com que desdem aquella fonte brinca,
Movendo a toda a parte a lympha pura,
Que o ar toca, e com dôce sopro agita!
Do Iris não representa as variadas,
E lindas sete côres entre as nuvens!
Do quadro vês no fundo horridos ventos

De terrivel aspecto, feio, e torvo,
Em negras, densas nuvens grossas prezos,
Té que os soltar Decreto Eterno Mande.
De Prometheo o fogo, que roubado
Fôra, sublime alli se eleva ardendo;
Usos tem mil diversos, infinitos,
Incognitos segredos, que não sabem
Té hoje decifrar os homens doutos;
Mas de alimento ás arvores, e á terra
Muito aproveita, e aos animaes he util.
O Etna arder vês perpetuo neste quadro,
E notaveis Vesuvios outros muitos,
Que de lavas enchendo a terra outr'hora,
Reinos, e altas Côrtes ruinárão.
No Ceo tambem electricos os fogos
Se accendem, que rutilão fulgorosos;
E a Terra, com seu facho, todo fogo
O Sol aquenta, nutre, e perpetua.
Do dia a luz á noite o fogo supre;
Por fazer os manjares, e outras cousas
A' vida pertencentes, serve o lume.
Alimenta, e destróe em fim o fogo
Dos humanos os bens, e as vidas mesmo.
De chammas abrazado este Mancebo,
Que por cabellos tem ardentes raios,
Na mão Ustorio espelho refulgente,
E despido, em suores vai banhado
A toda a parte os fogos despedindo,
Lá do quadro no meio vês brilhando;
De igni-pedes ginetes conduzido,
Em fulgoroso carro a Terra corre;
A's nuvens sobe, e ao mar irado desce.
Neste quadro de perolas, e aljofar,

Lucinda, retractadas vês as Aguas,
Onde milhões de aquaticos viventes
No vasto pélago nadando habitão.
Co' a agua fertiliza arida a Terra,
Quando o Outono do fim já se aproxima,
Quando á Charrua o Agrícola pezada
Os tardos, vagarosos Bois submette,
Da terra levantando as grandes leivas,
E profundos abrindo novos sulcos.
Com ella o Caminhante o pulmão sêcco
Refrigera, encalmado pelo Estio;
Sem ella util o gado triste morre:
Com ella as arvores, as plantas nascem,
E formosas vegetão, fructificão.
Por ella immensos mares navegando,
Avaro o Mercador grossos thesouros
Do mais fino ouro, e rica prata ajúnta.
Com mil conquistas o soberbo Imperio,
D'antes mísera terra, o collo eleva,
Impias ao Universo Leis dictando,
A' força promulgadas de cruezas,
Quando do mar azul estrada os homens
O Mundo devassando, affoutos abrem.
Vês o vasto Oceano vai cingindo
Do Mundo a redondeza prodigiosa?
Que numerosos filhos se lhe aggregão,
Que de seu seio a terra alli arroja?
Como vão serpejando em todo o Mundo
Das aguas as correntes abundantes!
Como os rios murmurão, os regatos,
E entre a relva se escuta o manso arroyo!
Que curioso quadro huma lagôa,
Que he pelas Rãs povoada, assim se mostra!

O gado alli beber dos montes desce,
E de roda na verde relva junto,
Ou pasce, ou lasso á sombra de arvoredos
Hi se deita tranquillo, e socegado.
Fóra d'agua a cabeça as Rãs deitando
De huma folha ao mover brando, apressadas
No lago precipitão-se medrozas.
Os Deoses vês Campestres nesta Sala,
Que retabulos ornão tão soberbos.
O Capri-pede Pan, hi vês cornuto,
Em Lupercal as honras recebendo,
Que gratos lhe tributão os humanos:
Alli as Nymphas tens, a quem amára,
Que Echo, Syringe, e Pythes se nomêão,
Por quem dos bosques arde o Deos, e morre.
A Deosa vês triforme, que Dyctina
De sua amada Nympha assim se chama.
Pelos montes a casta Deosa corre,
Sem temor, do Oceano pelas filhas,
Bellas Nymphas seguida sem receio.
Mas em Latmos visita o Pastor charo,
Com quem suaves noites ella passa,
De amôr nos dôces laços entretida.
O filho de Aristeo em Cervo muda,
Porque lavar a víra em clara fonte,
Onde beber o mísero deseja
De amôr a longos tragos a doçura,
Que da Dea a belleza n'alma entorna
Do infeliz, que Diana adora bella.
O Mancebo Pastor de Admeto louro (7)
Vês que ora enche de luz o vasto Mundo;
Authoridade tanta emfim depondo,
Não desdenha servir o cargo humilde,

Dos rebanhos guardar nos verdes campos,
Que ao som da sua Lyra alegres sôão.
Jo, que Vacca foi, e vagabunda, (8)
De Juno por ciume a terra corre,
Da mosca c'o ferrão cruel picada,
Nos campos tem seus cultos, seus louvores.
Em Touro vês a Jupiter mudado,
Que os Ceos governa eterno, e poderoso,
Da mão largando o raio, que de espanto,
E de horror enche o Ceo, a Terra, e o Inferno;
Da bella Europa por gozar formoza,
Amorosos encantos, e delicias,
Espumosos passando longos mares.
Alli o moço Adonis, que formoso (9)
As Estrellas excede, as mesmas flores,
E por cujos carinhos chora a Deosa;
Junto d'aquelle rio vês sentar-se,
Brancas guardando Ovelhas neste prado.
Olha como a formosa Cypria perlas
Sobre a flor chora, em que mudado o tinha,
Do lindo moço a dura sorte, vendo
O caso horrivel, detestavel morte,
Que de seus braços niveos o arrancára.
Olha o lindo Narciso á fonte junto (10)
Da Nayade attractivos admirando,
Que no fundo jazer occulta pensa
De sua mesma forma namorado!
De Castilho o pincel achou Narciso
Formoso, delicado, fino, austero,
Singular em virtude, nobre todo,
Porque os amôres seus, metamorphose,
Morte, sepulcro, lagrimas, ternura
Ao vivo descreyesse em versos de ouro,

Sem invejar de Achilles a memoria
Na Cythara Smyrnina descantado.
Diversas outras cousas a Lucinda
Gostoso mostra Almeno com cuidado,
As Historias contando, que são proprias,
E por bem entender-se necessarias.
Mas já o Sol cadente do Oceano
Lá para o vasto pego se encaminha,
De nuvens rodeado espessas, densas;
De quando em quando o rosto radiante
D'entre ellas vai deitando sobre a terra,
Que de chuva, e de neve embranquecida,
Fino espelho se mostra cristallino,
Onde as nuvens correr se vêm ligeiras
Humas de outras seguidas mui velozes.
Já escuros os bosques, e tristonhos
De aljofares parecem derretidos
Cobertos, que destillão sobre a terra:
Apanhá-los rapaz lá vai travesso,
Que salta pelas neves mui contente,
Pedaços recolhendo brancos, frios,
Que de estranha grandeza em altos globos
Forma no chão rolando muito tempo,
Que depois de escarpada rocha lança;
O Povo atemoriza a grande mole,
Que não desfaz enxada de aço fino,
Té que do ardente Estio os dias venhão.
O Iris multi-color já no Horisonte (11)
Variado apparece, mensageiro
Do futuro prazer; serenidade
Por onde passa ponte tem segura,
Com que a vista se encanta desejosa,
Quando das nuvens azuladas fulge

Esbranquiçado Apollo pelos frios,
Que a tremer no Zodiaco o obrigão.
Mostrão-se em fogo ardendo ao longe as casas,
Quando contrario o Sol dá nas vidraças:
Alvejão das Aldêas, e Lugares,
Dos Casaes as paredes branqueadas.
Os Patos, e as Galinhas c'os filhinhos
Pelo campo apressados vão correndo,
E da casa buscando o antigo asylo.
Do jugo o Lavrador tira os Novilhos,
Que a pezar do aguilhão, a lentos passos
Ao palheiro recolhem-se tardios.
Cantando as raparigas a Azeitona (12)
Apanhar, lá contentes vem, e alegres,
Rusticas cantilenas entoando.
De curtas saias, grossas, pés descalços,
Desgrenhado o cabello, a forte moça
Mui desembaraçada se apresenta;
E no Lagar entrando, o pão de milho,
C'os alhos quente no azeite mette,
Que manjar saboroso lhe offerece.
Lança sobre os mortaes o negro manto
A longa noite; de Ebano no carro
Deitada, de marfim, e de azeviche
Marchetado com arte, denegrido,
Caminha lenta, por Corujas, Mochos,
E outras aves nocturnas conduzida.
De papoulas fastões, de dormideiras
He o vehiculo ornado somnolento.
Sua argentina luz esconde Delia;
As lucidas Estrellas não são vistas;
Densas trévas o Mundo todo envolvem.
No Horisonte o relampago fuzila,

Que estrondoso trovão medonho segue,
D'esta Deosa a chegada festejando.
O negro mar de longe brame, e bate
Contra os altos penedos escarpados.
De quando em quando o afflicto Nauta se ouve
Disparar do cavado bronze o tiro,
Porque em auxilio seu da terra venhão.
Parece então que o mar tambem troveja,
Quando das ondas fulge azul o raio,
A que os echos respondem com espanto.
Todo o animal da noite se recolhe,
Que no campo pastava pelo dia.
Sua candêa a velha diligente
Em casa da visinha accende, e amiga,
Que, de contas na mão, do fogo junto
Em peles se aquecia rebuçada.
De Castanhas magustos, ou bolotas (13)
Altas fogueiras accendendo fazem,
De que folgão contentes de alegria
Rapazes, e moçoilas mui formosas,
E com gritos a casa enchendo, formão
Lindo quadro campestre divertido.
Do animal grunhidor o pingue lombo
Vai assando Lucinda para Almeno,
Que com grande pichel lá vem da Adega,
E ao lume divertido em fim se assenta,
Das Criadas ouvindo antigos contos, (14)
Na tarefa occupada cada huma.
O licôr santo alli todos bebendo
Estão com alegria desusada;
De Baccho os dôces hymnos vão cantando;
Dos Pastorís amores desgraçados
As bellas moças cantão desalinhos.

Tambem tempera Almeno a Viola sua,
Lucinda o acompanha nas cantigas,
Que todas aos louvores se dirigem
Do Deos, que beneficios lhes outorga,
E ao Camponez concede Bemfazejo.
Da Agricultura cantão elogios,
Do ávido Lavrador Canções campestres;
O curso das Estrellas, e dos Astros,
Que os furacões de vento, e tempestades
Ruinosas ás campinas trazem ferteis.
De Abril então recordão os prazeres,
Que no campo se gozão com doçura,
E do Maio formoso os bellos dias,
Que entre os jardins se passão, ahi lembrão;
Da ceifa os ledos jogos, e os folguedos,
Então recordão do calmoso Estio.
Agora alegres Baccho propinando,
Que produzio o Outono dadivoso
No carrancudo Inverno na choupana,
Encerrados estão mui divertidos,
E ás doenças crueis adeos dizendo,
Da saude o vigor robustos gozão.
Aqui meu Canto findo já, Cybele;
Não me enrouquece a voz cantar o campo,
Ou campestres prazeres agradaveis;
Mas desgosta-me vêr não tenha exemplo
Em Portuguez Cantor, que me ensinasse
Das Estações o estylo em Patria Lingua,
Aos estranhos tal gloria permittindo,
Lusos havendo Genios peregrinos
Nas Artes, nas Sciencias distinguidos,
Assombrosos talentos, que competem
Em gloria co' a Romana, e Grega avena,

Que o divino Camões, grande Filinto,
Bocage sonoroso, e outros Vates,
Qua a Patria tanto illustrão, honrão tanto,
Com raridade imitem, ou transcendão,
Mas que desamparado o campo deixão,
Que dos homens louvor merece digno,
Muito mais dos que aos Ceos com seus escriptos
Sobem, e á eternidade monumentos,
Que jámais consumir o tempo pode.
Nosso sustento a elle só devemos
Do Agricultor c'os braços incansaveis.
Do Reino a Agricultura he Mãi fecunda;
Sem ella Estado algum jámais prospera:
Huma arvore he o Reino, e ella o tronco,
Que dos homens regado ser precisa;
E não maior serviço faz no campo
Avido o Lavrador, se o curvo arado
Da terra nas entranhas cuidadoso
Em seu tempo introduz, que quem em casa
Vai campestres preceitos escrevendo,
Que são ao Lavrador, que são á Patria
Honrosos testemunhos, e os mais gratos.
Invocai as Campestres Divindades
No Patrio Solo Lusitano nadas;
As estranhas deixai; honrosas nossas
São, e muito mais inda que as alhêas.
Cultura o fertil campo Lusitano
Bem merece de letras, e de arado;
Se ficar infructifero, esta culpa
Só a nós se attribue pela falta
De aparar nossas pennas ociosas,
Por este celebrar tão bello assumpto.
Se atrevido o caminho não arado

De algum Luso Cultor emprehendi rude,
O exemplo meu segui, e meus defeitos
Nascidos perdoai do fraco engenho,
Com que me dota avara a Natureza.

Fim do quarto, e ultimo Canto.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO.

1.

A Pesca celebrei, e as Nymphas bellas, (Pagina 1

Alludo ao Poema em seis Cantos intitulado = a Pesca = impresso em Lisboa a 3 de Setembro de 1831 na Officina Regia, primeira producção, que dei á luz, e que foi mui favoravelmente recebida pelos meus Compatriotas.

2.

Cybele, Mãy fecunda d'Altos Deoses, (Ibid.

Cybele, Esposa de Saturno, Mãy de Jupiter, Juno, Neptuno, e da maior parte dos Deoses Superiores. Tambem he conhecida pelos nomes de Rhea, Opis, Tellus, etc. figura-se como huma Matrona respeitavel, tendo na cabeça huma Corôa guarnecida de Torres, e sentada em hum carro puxado por Leões: seus Sacerdotes erão os Curetes. Os Romanos celebravão em honra desta Deosa huma Festa, que se denominava = *Lavatio*. = Não tomo a meu cargo decidir, se a Mithologia deve, como querem os Modernos, ser banida dos Poemas Epicos, ou entrar nelles, conforme o voto de Boileau, e dos Crí-

ticos mais antigos. Parece-me porém necessario que ella sirva de Meravilhoso na Poesia *Descriptiva*, e *Didactica;* porque sem este adorno, as Obras deste genero terião mais ar de *Tractados em verso*, que de verdadeiros Poemas. O exemplo de *Dellile*, e *Darwin* me parece neste caso decisivo.

3.

Sempre diversas, mas formosas sempre; (Pag. 1

Deu o Author do Universo na diversidade de todas as Obras da Natureza, tal formosura, e magestade a tudo quanto creou, unida com a utilidade, que tão bella, e engraçada he huma madrugada na risonha Primavera, enriquecida da harmonia dos Passarinhos, como he necessaria huma noite tenebrosa pelo rigoroso Inverno, allumiada de relampagos, e atroada com o ruido dos trovões: porque os fins do Eterno são sempre tendentes á conservação da sua Obra, e proveito das Creaturas, e são sempre os mesmos.

4.

Vós ó Phaunos capripedes, vós Nymphas (Pag. 2

Os Phaunos erão huns Deoses, ou Semideoses rusticos, que habitavão nos campos, e nos bosques, e erão filhos de Phauno, filho de Pico, Rei dos Latinos, por quem foi introduzido na Italia o Culto dos Numes da Grecia: representavão-se em figura de Homens com pés de Cabra, e cornos na cabeça: tinhão a seu cargo proteger a Agricultura.

5.

Tu, Padre Baccho, o thyrso pampinoso (Pag. 2

Baccho, filho de Jupiter, e de Semele, filha de Cadmo, Rei de Thebas. He o Deos do vinho de que foi o inventor; he tambem conhecido pelos nomes de Dionysio, Evan, Hyié, Liber, Bromio, etc.

6.

Tu me empresta, e a canora Lyra rege (Ibid.
Das Bacchantes.....

As Bacchantes erão mulheres, que celebravão os mysterios de Baccho nas Festas Bacchanaes. Estas Sacerdotizas corrião com os cabellos desgrenhados, e thyrsos nas mãos, ou tochas accesas, atroando os ares, com os gritos de Evan, Evohé! Nos nossos tempos não faltão Bacchantes; a differença está, em que em lugar de correrem pelas ruas, fazem barulho em casa, e em vez de gritar = Evohé! = vomitão improperios contra os maridos, e visinhas.

7.

Incomparavel Tompson, que teu vôo (Pag. 3

Tompson, célebre Poeta Escocez, Author do melhor Poema sobre as Estações, que até agora se conhece. As suas outras Obras são = a Britannia, Poema =; a = Liberdade, Poema em tres Cantos =; o = Castello da Indolencia, Poema allegorico em

dois Cantos =; a = Sophonisba = Agammenon = Eduardo, e Leonor = Tancredo, e Segismunda, Tragedias; algumas Poesias de menos momento, formando tudo quatro volumes.

8.

Kleist, engenho profundo, que intentava (Pag. 3

O Major Kleist foi hum dos mais distinctos Poetas de Alemanha, e hum dos mais bravos Officiaes do grande Frederico. He Author de hum Poema intitulado = a *Primavera* =, o primeiro que appareceo em hexametros depois da Messiada de *Klopstock*, de bellos Idilios; de hum Poema Romantico, intitulado = *Cicides* e *Paches* =; de alguns Contos, e outros Escriptos, todos marcados com o cunho do genio. Este Poeta combateo, e morreo como Heróe na célebre batalha de *Kunesdorff*.

9.

E tu, tambem Castilho, que mavioso, (Ibid.

O Senhor Doutor Antonio Feliciano de Castilho, hum dos Homens, que fazem hoje mais honra á nossa Poesia, pelos seus Poemetos á *Primavera*, e sobre tudo, pelo seu Poema de *Echo*, e *Narciso*, a mais bella das suas producções. Sería para desejar, que este amenissimo Engenho, se deliberasse a cantar as outras *Quadras*, dando-nos hum Poema completo sobre as *Estações*.

10.

Que innumeros prodigios apresenta (Pag. 8

Sendo muitos os Escriptores de Historia Natural, e não me determinando a copiar aqui suas idéas para esclarecer este lugar, julguei mais acertado remetter os Leitores curiosos á leitura do Jardim Botanico de *Darwin*, traduzido do Inglez pelo Doutor *Vicente Pedro Nolasco da Cunha* em verso Portuguez, onde, e nas suas bellissimas Notas poderão satisfazer seu desejo, e curiosidade, e recrear sua alma com o que existe de mais excellente em verso sobre este assumpto.

11.

«Da casa onde perdêra os bens, e fundos, (Pag. 11

Da casa dos Jogos, das Assembléas, e casa da Prostituição, onde se desmoraliza a Mocidade, principalmente Lisbonense, e se destróem as melhores casas, que os antigos com tantos suores adquirírão, acabando finalmente estas desgraçadas victimas de suas paixões, humas mendigando o sustento, outras morrendo em leitos de acerbissimas dôres, ás vezes n'hum Hospital; não fallando naquelles, que ignominiosamente vão parar a huma forca, gallés, etc. e isto por falta da boa educação, que tanto em nossos dias se tem despresado!

12.

« Sem gloria alguma os restos seus, sem pompa. (P. 15

Aqui porá da Turca Armada dura
Os soberbos, e prosperos tropheos,
Comigo de seus damnos o ameaça
A estruida Quiloa com Mombaça.
Cam. Lus. Cant. V. Est. 45.

13.

« He o illustre Camões, o nosso Homero, (Pag. 16

Camões foi na verdade o Homem, que mais serviços fez á Litteratura Portugueza, e á Nação, cujos feitos são mais conhecidos pelos seus Versos, que pelos nossos ruins Historiadores, que fóra do Reino ninguem lê. Camões creou entre nós a linguagem Poetica, segregada do Dialecto prosaico, com que andava misturada nas Obras de Ferreira, e Bernardes; foi o primeiro, que em nossa lingua fez Versos, que taes podessem chamar-se. Profundamente versado em todo o saber do seu tempo, elle soube fundir a Erudição na Poesia sem pedantismo, nem affectação. E, como senão bastassem os trabalhos por que o fizerão passar os seus contemporaneos, e o abandono, com que pereceo no Hospital, se levantou em nossos tempos hum Escrevinhador, tão invejoso, como desprovido de talentos, e gosto, que pertendeu offuscar a sua gloria firmada sobre a admiração universal de dous Seculos. Mas apezar delle, e de suas malignas diatribes, que passárão do

berço para a tumba, foi nesta mesma época, que a gloria, e a fama de Camões se vírão mais realçadas! Hum Poema consagrado á sua morte; duas Traducções Inglezas dos Lusiadas; diversos Escriptos de Críticos Francezes sobre o merito de suas Obras; a magnifica Edição dos Lusiadas pelo Morgado Mattheus; mais tres Edições novas, e huma subscripção para se lhe elevar hum Monumento, quantas, e quaes energicas respostas aos sarcasmos do seu Zoilo!

14.

« Hi tens Garção, Bocage, e tens Filinto, (P. 17

Este verso recorda tres nomes bem charos aos amadores da Poesia Portugueza. Garção, que restaurou entre nós o bom gosto com sua doutrina, e exemplos, e que se immortalisou com o pequeno número de Poesias, que delle andão impressas, sendo tanto para desejar que haja algum zeloso da gloria Portugueza, que dê á luz a Collecção completa dos seus Escriptos, que dizem, existe na Livraria da Casa de Vimioso, assim como a *Eneida*, e a *Merope* de Mafei, traduzidas, e commentadas por *Candido Lusitano*. Bocage, que aperfeiçoou a nossa versificação, que alguns Poetas, aliàs de merito, parece haverem hoje tomado a empreza de fazer retrogradar. Francisco Manoel, o unico Poeta nosso, que póde igualar-se a Camões, e o mais fecundo, sublime, e engraçado Lyrico da Europa, e cuja riqueza, e louçania de linguagem, e properidade de expressões o tornão hum objecto de estudo para quantos tentarem escrever bem em nossa lingua! *Quando in-*

veniemus pares? Estes tres homens forão igualmente alvo da mordacidade do Zoilo de Camões: supponho que se vivessem, não lhes pezaria nada disso!

15.

« Vês Silvio, a quem Melpomene, e Thalia (Pag. 17

Em nada inferior a estes existe hoje o Senhor José Maria da Costa e Silva, cujo nome basta para lhe tecer o mais completo Elogio. A Scena Portugueza tantas vezes decorada com suas Obras, tem feito chegar entre nós ao maior apuro o gosto da Poesia Dramatica, tanto pelo bom gosto da Composição, como pela riqueza da Linguagem, e venustidade de verificação. Só o titulo de Poeta Dramatico bastava para coroar o nome, que nos outros ramos da Poesia lhe tributão sinceros os que se honrão de o conhecer. Quem lê o *Passeio*, e se não transporta! Quem a *Heroina de Aragão*, e se não encanta! Huma nova Obra, com que se immortalisará a Quinta do Alfeite, a qual compõe agora, e de que eu já vi cinco Cantos, ou seis, talvez lhe teça a Corôa de Principe dos Romanticos Portuguezes. Oxalá amasse a nossa Patria as bellas Letras, que então admiraria Portugal as producções deste ameno genio, guardadas até hoje, e talvez nunca dadas á luz por falta de quem aprecie o merecimento! Se França ou Inglaterra merecesse hum tal Patricio, não aconteceria assim: mas a sorte dos bons Portuguezes, não exceptua pessoa alguma!

16.

« Já da Cigarra o Canto escuto rouco, (Pag. 18
« Que o jornaleiro á refeição convida.

Sic ubi procera pendens ex arbore rauco
Messores arguta vocat stridore Cicada.
Vaniere. Præd. Rust. L. 7.

17.

Dá ao longe signal da Igreja o sino: (Ibid.

He o melhor costume possivel aquelle, que nos campos se observa ácerca das horas da comida, o que muito contribue para a conservação da saude. Não acontece assim nas Cidades, onde quasi em todas as casas se janta á noite, cêa de madrugada, e almoça de tarde. As Ordens Monasticas, que nascêrão no campo ainda conservão aquelle costume antigo.

18.

Oh! campos deleitosos! a Virtude
Em vós refugio tem! Em vós habita! (Pag. 28

O' Rus, quando ego te aspiciam! quandoque licebit
Nunc veterum libris, nunc somno, et inertibus horis
Ducere solicitæ jucunda oblivia vitæ?
Horat. Lib. 2. Sat. 6. V. 60.

NOTAS AO CANTO SEGUNDO.

1.

« Dons, que aos humanos, alma Ceres, gratos (P. 30

Ceres, filha de Saturno, e de Cybele, ensinou aos homens a cultivar a Terra, e a semear o Trigo, o que a fez acclamar Deosa da Agricultura: representava-se como huma Matrona de grande seio, coroada de Espigas, e tendo na mão hum ramo de Papoulas por ser planta de grande fertilidade; ou com duas creanças ao peito, para mostrar, que ella he Ama do genero humano. Collocão-na sobre hum carro puxado por Serpentes, ou Dragões alados, com huma tocha na mão, como para buscar sua filha Proserpina, que Plutão lhe roubára.

2.

« Só nos bosques Diana abre caminho, (Pag. 32

Diana, filha de Jupiter, e de Latona, nasceo com Apollo seu Irmão na Ilha de Delos. Obteve de Jupiter a graça de guardar perpetua virgindade, mas isto he tão difficil de conseguir, que lá lhe chegou a maré do Carvoeiro com a vista de Endymião. He a Deosa da Caça, dos Bosques, e das Montanhas. Pintão-na armada de arco, e settas, montada em hum Veado, e acompanhada de dous formosos Galgos. Poeticamente se toma pela Lua, e por isso lhe encampão huma meia Lua no toucado, e lhe dão

hum véo bordado de Estrellas. Chama-se igualmente Hecate, Lucina, Callisto, Bubastrix, etc.

3.

« De hum varre a branca cauda a çuja terra, (P. 34.

..... querulo tum gutture flammas,
Explicat, et rostro petit oscula, datque vicissim.
Tum levibus duram, simulata percitus ira,
Increpitat pennis, et amico verberat ictu,
Sæpe solum verrens ala pendente rotatur,
Sæpe gemit, teneroque Procus blanditur amore.
Queis tandem victa illecebris si Fœmina cedat,
Casta ineunt pariter stabili connubia partu.
Vaniere. Præd. Rust. Lib. 13.

4.

« O carro a Delia pallida seguindo, (Pag. 35

Delia, sobrenome de Diana, que designa ser nascida em Delos, Ilha do mar Egeo: por carro de Delia, entende-se a Lua.

5.

« De Phebo á vista pura, e rutilante. (Ibid.

Phebo he nome de Apollo, que ordinariamente se usa quando este se toma pelo Sol.

6.

—Que obra são do Poder Teu Infinito; (Pag. 36

Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum. Psalm. 18.

7.

« Talvez lhe custe cara a tal idéa. (Pag. 39

Toda esta falla de rustico aqui, e as de outros individuos no corpo do Poema, procurei fossem proprias das pessoas, que nelle fallão. O Poeta, que tem restricta obrigação de imitar a Natureza, não deve esquecer os preceitos de Horacio; e Quintiliano querendo deixar na sua Arte alguma cousa boa, diz = *Naturam intueamur, eam sequamur*, unico dos seus preceitos, que julgo necessario. Nem cause admiração ás pessoas de gosto delicado empregar eu palavras baixas, e humildes discursos nesta Obra. Ella não he huma Epopéa (e quando o fosse não faltão exemplos) he hum Poema Descriptivo, onde a Natureza deve brilhar com todo o seu ornato singélo. Ameaçar o Camponez o seu Rival, he costume ordinario entre esta Gente dos nossos campos: eu tenho visto por ciumes, e por outras cousas de nenhum momento as maiores desordens, e mesmo assassinios, maiormente nas Feiras, no fim da Missa, ou outros actos, em que os rusticos se juntão, sem que haja forças humanas, que os possão accommodar, nem o respeito do Braço Judicial, que muitas vezes com o vigor perdido, busca na fugida poder evitar a morte.

8.

Musica, sonorosos instrumentos, (Pag. 42

He na verdade o quadro mais formoso vêr huma familia nos sitios da Outrabanda quando n'huma tarde serena vai pescar, ou passear ao Téjo, levando no Barco explendida merenda, que vai servir-se n'alguma quinta á margem do Rio, por exemplo, no Alfeite, no Outeiro, ou hum pouco pela terra dentro, como na grande, e aprasivel quinta dos Dominicos no sitio da Piedade, termo de Almada, para o que então servem muito os burrinhos: quasi sempre acompanha n'este divertimento hum concerto de Musica vocal, e instrumental! Acontecia isto frequentes vezes nos tempos dourados de Portugal, principalmente em Festas de Igreja, Cirios, Romarias, etc. bens que acabárão, *et quorum pars magna fui!* Hoje são desertos, e tristes os lugares, que formão estes — *Campos ubi Troja fuit!*

9.

Oh! vida encantadora campesina, (Pag. 43

Non aliia est sceleris magis expers vita, beato
Quamquæ rure piis agitur longæva colonis,
Ambitione procul, miseraque cupidine lucri.
Hinc hominum patrem, Mundi Deus Author agrestes
Edidit inter opes; retro labentibus annis,
Aurea siqua dedit mortali sæcula genti,
Agricolis fluxere viris; atque illius ævi
Siqua relicta manent vestigia, rure supersunt:

Floret ubi Sacra Religio, Cultusque Supremi
Numinis; unanimes ubi cernitur inter amicos
Nuda fides; hostes inter placabilis ira.
Hic tenui victu, studioque laboris aluntur,
Justitia, et Pietas: irritant oppida luxum,
Luxus avaritiam, scelus hæc prorumpit in omne.
Vaniere. Præd. Rust. L. 7.

10.

Alegre á casa dos Bichinhos leva, (Pag. 44

Não póde assaz lamentar-se o descuido, que tem havido no nosso Paiz sobre a creação dos Bichos da Seda, que tantas riquezas accumula em outros Reinos, e se faz hum objecto digno da maior attenção. Não duvidamos que hum Monarcha tão amigo do seu Povo, como hum D. Joseph I, e hum Ministro tão desvellado pelos interesses do seu Rei, e da sua Patria, como hum Marquez de Pombal, não fizesse quanto he possivel para estabelecer no Reino de Portugal hum Ramo de Agricultura como este, tão interessante.

11.

E o Pomo Persico formoso comem (Pag. 47

O Pecego.

E o Pomo, que da Patria Persia veio
Melhor tornado no terreno alheio.
Cam. Lusiad. Cant. 9. Est. 58.

Sería esta mudança devida á cultura, ou á in-

fluencia do clima? A qualidade venenosa attribuida ao Pecego em seu terreno natal sería attributo delle, ou o mal que produzia estava na disposição do estomago daquelles Povos! Quando Carlos III fundou a Carolina com familias Alemães, estas colhião as cebolas albarrãs, para, conforme o uso do seu Paiz, as comerem em sallada; e esta planta, que lá era para elles inocua, produzia no novo Domicilio a morte, ou pelo menos, graves enfermidades em quantos a comêrão. Neste caso parece, que influia o clima; mas se o Pecego na Persia produzisse ruins effeitos nos Europeos, he crivel que elles se occupassem em transplantar para a sua Patria, e aclimar nella hum Pomo, que os matava?

12.

Quando subito escuto alto sussurro (Pag. 48.

Depois de bloquear o Porto de Lisboa, forçou a entrada do Téjo huma Armada Franceza no dia 11 de Julho de 1831, pelas duas horas e meia, ou tres da tarde, com o que se atemorisou o Povo desta Capital, que tal não esperava, isto he, a Plebe. Os Francezes, conseguidos os seus fins, continuárão a tractar como d'antes os Portuguezes com Politica. Os ajustes do Tractado podem vêr-se nas Gazetas desses dias.

13.

Em Outeiros o Vate a Musa invoca (Pag. 52

Como he provavel que este Poema chegue algum

dia ás mãos de Estrangeiros pouco instruidos de nossos costumes, para que se não enganem com o sentido deste Verso, e pensem, que eu disse, que os Poetas andavão versejando pelos montes, como as Bacchantes andavão pelas cumiadas do Cytheron, será bom deixar-lhe aqui explicado o que são, ou para melhor dizer, o que erão os Outeiros em Portugal. Outeiros chamavão-se certos ajuntamentos de Poetas, que em algumas funcções, *verbi gratia*, na eleição de huma Abbadeça, nos annos de alguma Freira, ou Recolhida apaixonada de algum delles, pela alta noite se propunhão a discorrer de improviso sobre qualquer assumpto, ou Mote, que se lhes dava. A estas funcções concorrião as Pessoas mais qualificadas da Côrte, porque nunca alli se transgredião as raias da decencia, e a Poesia, e as Letras estavão então em tanto apreço em Lisboa, como hoje o Vinho, Pai de desordens, especialmente em animos mal creados; e como reinavão os bons costumes, a plebe que não era insolente, e desaforada como agora, longe de intrometterse nestes concursos, se retirava delles com respeito. Hoje, pelas razões expostas, hum Outeiro sería a causa de hum tumulto, que daria em ultimo resultado huma numerosa Colonia para povoar as Cadêas, com grande prazer dos Carcereiros. Ainda hoje lembrão com saudade a nossos Velhos os Outeiros célebres do Convento de Chelas, quando alli estava a Marqueza de Alorna, e suas filhas, cuja belleza, e talentos chamavão a obsequia-las os melhores Engenhos da Côrte; era alli, que o Garção, e o Quita, Domingos Pires Monteiro Bandeira, Secretario da Mesa da Consciencia, os Desembargadores Do-

mingos Monteiro de Albuquerque, e José Ferreira Barroco, Mattos, e o Padre Macedo, (não o zoilo dos nossos dias) Domingos Maximiano Torres, e o grande Francisco Manoel, hião, duas vezes por semana, fazer alarde de seus talentos, e disputar a palma de improvisar. O apreço do improviso foi gradualmente decahindo á proporção que hia decahindo o gosto das Bellas Letras, e progredindo a ignorancia, e com ella perdendo-se a estima dos prazeres honestos. Hum unico homem fez por algum tempo reviver o Improviso, e este foi Bocage, cujo raro talento neste genero assombrou a todos os, que tiverão a fortuna de ouvi-lo. Este Poeta com justiça, tão celebrado, teve a felicidade de viver n'huma Epocha em que havia quem fosse capaz de conhece-lo, e de lhe fazer justiça.

14.

Já de Touros, na tarde deste dia, (Pag. 52

O furor pelos combates de Touros he huma enfermidade moral, que os Mouros deixárão na Peninsula, e de que Hespanhoes, e Portuguezes não mostrão disposições de curar-se, apezar de por isso os Estrangeiros os apodarem de Barbaros; e de muitos Escriptores Nacionaes os haverem disso severamente reprehendido. O piedoso Fr. Luiz de Souza declama com toda a energia da eloquencia contra este atroz divertimento, que elle acha opposto a toda a boa Moral, e ao Espirito do Evangelho, que nos ensina a mansidão, e a piedade; e de certo nada parece mais contrario a estas Maximas, que divertir-se hum Povo em vêr atormentar, e despedaçar animaes

innocentes pela mão de homens, e ás vezes homens pelo furor dos animaes, e he bem natural, que houvesse menos homicidios, se aquelles, que os perpetrão se não habilitassem para derramar o sangue humano, vendo tão frequentemente derramar o sangue dos brutos. O judicioso *Quevedo* na sua Epistola ao Conde de Olivares, igualmente condemna os combates de Touros nos seguintes versos:

Gineta, y cañas son contagio Moro,
Restituyan-se justas, y torneos,
Y hagan paces las capas con el Toro.

15.

Dá do Divertimento signal certo (Pag. 52

O Padre Vaniere no seu elegante Poema = o Predio Rustico = nos deixou a seguinte descripção de hum Combate de Touros.

Nonne vides ut Ibera paret gens fortia bello
Pectora, Taurorum cursus, instructaque festas
Prælia concelebrans veteri de more, per urbes?
Namque ubi consedere viri, pictisque sub armis
Egregius stetit in medio bellator arena,
Tela solo defixa tenens; jactata per auras
Impavido Taurus petit irritamina cornu.
Demissis ad terram oculis, dum pronus in hostem
Irruit, objectam contra nec respicit hastam
Ferri aciem petit imprudens; et vulneris author
Ipse sui, fracto demittit in ossa cerebro,
Præcipiti tantum nocet acrior ira duello!

Sunt qui bina feri Bovis inter cornua, pellem
Inpingunt oculis piceatam, et luminis orbum
Sanguineis urgent stimulis impune juvencum,
Ille caput quatit, et risum tollente corona,
Huc, illuc incertus abit, cœloque requirit
Arrecta cervice diem, dumque irrita jactat
Cornua, et in ventum vires effundit inanes,
Usque novis foditur telis, totumque pererrat
Purpureo signans sanguinis vestigine, circum.
Nunc ab equo pugna qui nobiliore lacessit
Terribiles ira Tauros, nec fraude, nec ullis
Utitur insidiis; animo, viridique juventa
Fretus, equum citat, et pugnæ preludit, in arctos
Quadrupedem flectens orbes: tum provocat hostem,
Qui cum carceribus præceps irupit, et ictum
Jam stricto propior cornu, meditatur, habenam
Flectit eques celerem, gyroque elapsus euntem
Impetit, longa Taurum ferit impiger hasta.
Ille dolore ferox sequitur per aperta volantem
Equora quadrupedem; sed idonea tempora captans
Instat eques, vulnusque ferens lethale, juvencum
Sternit humi, victorque virum conversus in ora
Laude sua fruitur tacitus, plausuque faventum.

Vaniere. Præd. Rust. L. 16.

AO CANTO TERCEIRO.

1.

Que desde o sevo Achilles até hoje, (Pag. 59

Achilles, filho de Peleu, Rei de Thessalia, e de Thetis, filha do Oceano, he o Heróe da Iliada de Homero. Fez grandes proezas no cerco de Troya, e entre innumeraveis inimigos, que alli matou, foi hum delles o grande Heitor, o mais valente dos Troyanos. Havendo-se porém namorado de Polixena, filha de Priamo, Rei de Troya, foi ao templo de Apollo Thymbreo para a receber por Esposa. Páris, Irmão da Princeza, desejoso de vingar a morte de seu irmão Heitor, escondido detraz da Estatua do Nume, o matou com huma setta, ferindo-o no calcanhar, unica parte por onde Achilles não era invulneravel.

2.

Movendo os cães as caudas vão diante, (Pag. 62

Talibus instructus monitis Venator, opacos
Manè petit, tellus albet dum roscida, saltus.
Prævius it loro Catulus devinctus, odora
Rimetur, qui nare feram, et vestigia nactus
Certa pedum, late gressus, caudaque trementi
Admoneat Dominum, neque jam dubitanter oberrat,
Compressa sed voce petat ramosa latentis
Tecta Feræ.

Vaniere. Præd. Rust. L. 16.

3.

Pera cabaça, co' a bujarda, e d'agua, (Pag. 63

Ainda que aqui ponho os nomes de alguns fructos, que pareceu desconhecidos, com tudo elles são authorisados, e vem no Indiculo Universal. Tal questão não me importa decidir; conforme as diversas regiões, são differentes os nomes de certas cousas. Huma especie ha de Uvas, que nos sitios da Outrabanda do Téjo se chama = Tália =; talvez os homens instruidos a desconheção pelo nome, mas nenhum rustico se engana com ella; e homens Sabios, que possuem Quintas, não lhe dão outro, posto que talvez o saibão. O mesmo acontece com as hervas, flores, plantas, etc. medicinaes, que para o vulgo tem diversos nomes dos que lhe dão os Botanicos, etc. quanto a mim sigo o = *Si volet usus* = como diz Horacio na Arte Poetica.

4.

De Bacalháo não falta alli a posta, (Pag. 64

Neste tempo chamão-se Tanoeiros para concertar o vasilhame das Adegas, e nos Armazens de retem o que serve para as tiradas dos vinhos, que vem dos Lavradores: he neste tempo que elles tem mais, que fazer, do que em qualquer outro do Anno, por isso os donos do trabalho para os contentar não lhe faltão com vinho, e petisco, para o que costumão pôr sobre huma cabeça de pipa, ou casco huma posta de Bacalháo crú, ou cozido, e ás vezes assado, pão,

e grande pichel de vinho velho; em partes he huma caneca de páo. Elles durante o trabalho contão diversas petas, ditos galantes, novellas, contos de velhas, bruxas, etc.; e de quando em quando vão, como se diz, molhar a palavra: não só elles, mas Carreiros, Fragateiros, que chegão, ou partem; os Catraeiros, que conduzem os donos da fazenda, em fim quantos servem, ou vão a casa, fazem de ordinario o mesmo; e se o dono he poupado, não lhe faltão pragas, e ás vezes não o querem servir.

5.

Ou pesada segure de aço fino. (Pag. 65

Julgo ter certa ferramenta de Tanoeiro este nome da palavra Latina = Securis = Machadinha = pela semelhança, e uso de cortar, e lavrar madeira para pipas, barrís, toneis, etc. Contão os Mestres deste Officio que não tendo aquella peça nome, passára hum Rei por onde estavão trabalhando huns Tanoeiros, a quem o Monarcha disse = Segura, bebedo = ao que respondêo hum (talvez o maior) que agradecia a ElRei a graça de dar nome ao tal instrumento. Cada qual escolha a opinião, que lhe parecer.

6.

Quando eis que Franciscano pobre Frade. (Pag. 66

Parece que nos campos pozerão seu Throno as Virtudes á porfia. A caridade alli entre a gente camponeza acha abrigo certo. Os Religiosos Mendican-

tes no tempo da colheita pelos Lavradores juntão as cousas mais necessarias para a vida, como são o Trigo, o Milho, o Vinho, Azeite, Legumes, Alhos, Cebolas, etc. Redobra-se nestes dias o prazer dos Agrícolas com a vinda d'estes homens tão odiados de certas pessoas, a huns pedem Contas, a outros Reliquias, confessão-se com elles, e elles promptos a tudo satisfazem; e ficão tão contentes aquelles Povos, que nunca julgão fazer-lhe falta o que dérão para sustentar os que outros chamão *ociosos, e mandriões!*

7.

O Mundo abandonei, deixei o Mundo. (Pag. 70

Por todo o discurso do Frade se vê que elle deixára o Seculo pela depravação dos homens, com quem vivia; e falla em geral dos crimes, e atrocidades dos homens, e não em particular, por não cahir na culpa da murmuração.

8.

O delicado corpo n'agua mette. (Pag. 76

De todos os remedios, que a impostura Medica tem inventado para curar a quem não está doente, nenhum podia ser mais grato ás Senhoras, que os Banhos do mar. Elles lhes fornecem pretextos para sahirem de casa, e fallar com liberdade aos amantes, de passar hum, ou dous mezes fóra da Terra em continuados divertimentos, etc. Ora he preciso con-

fessar que he este o unico caso, em que a doença tem vantagem sobre a saude.

9.

Impertinente gaita vai tocando. (Pag. 79

Estou certo de que este Verso não terá approvação de hum dos meus Mestres, que tinha a gaita de folles com acompanhamento de tambor, pela Musica mais deliciosa do Mundo. Estando este Poema acabado em 11 de Novembro de 1831 já na mão do Senhor José Maria da Costa e Silva, para o rever, apparecêo em Maio de 1832 o seu estimado Poema = *A Heroina de Aragão.* = He facil de vêr que não foi copiada a descripção d'esta Feira, nem da Festividade, que são originaes: alem de que a sua he muito superior a esta, e elle não approvaria que eu fosse seu Plagiario.

10.

Innocentes Pombinhos, Rolas, Patos. (Pag. 83

Se as Camaras, e Ministros Territoriaes tivessem cuidado com a Moral Publica, e zêlo pelos bons costumes, deverião prohibir rigorosamente nos seus districtos estas corridas de Patos, e outras Aves, que tendem a desmoralisar o Povo, tornando-o malfazejo, e embotando-lhe o sentimento precioso da sensibilidade pelo costume da effusão de sangue: deverião igualmente os Parochos levantar a voz contra estes divertimentos ferozes, e ridiculos, que bem examina-

dos, todos tem principio em antigas superstições, e restos do Paganismo.

11.

Das desordens noticias dando tristes. (Pag. 83

Estas desordens, e tumultos, tão frequentes em nossas Feiras, provão claramente que a civilisação entre nós apenas tem penetrado as primeiras camadas da Sociedade, jazendo o resto em vergonhosa barbarez. Os moradores de huma Aldeia são inimigos natos dos moradores de outra Aldeia visinha, e reciprocamente se afrontão com epitetos, e alcunhas ridiculas, e d'aqui nascem odios interminaveis, porque se transmittem de Pais a filhos. Em Vialonga, proximo a Lisboa, ha huma Freguezia, que abrange tres Lugarejos; os Selvagens, que os habitão, são tão inimigos, que para se não juntarem huns com outros, tem a Igreja repartida em tres lugares distinctos, em que assistem á Missa, ficando huns na Capella Mór, outros no Corpo da Igreja, e outros debaixo do Choro, sem que algum destes ternos soffra entre si individuo de outro. Estes odios herdados dos nossos rusticos, e huma brutalidade, que elles chamão = valentia = faz que concorrão ás Feiras, e outros ajuntamentos, para renhir com os seus adversarios, nascendo daqui pancadas, feridas, e mortes, como disse em outro lugar. Taes são os fructos da ignorancia dos Povos, que tantos Politicos insensatos recommendão como meios de os governar, e ter sujeitos; mas se a ignorancia produzisse a submissão, e a Paz interna dos Estados, quem mais ignorante que os Turcos, e os Mouros da Barberia? E com tu-

do onde nos aponta a Historia mais repetidas turbulencias, e revoluçõe? Mais Sultões, e Beis assassinados? Desenganemo-nos; o que em si he hum mal, não pode produzir bem algum; logo bem nenhum pode produzir a ignorancia, que não só he hum mal, mas o maior de todos os males!

NOTAS AO CANTO QUARTO.

1.

Vegetaes esqueletos representão. (Pag. 88

Arbres depouillés de verdure
Malhereux cadavres des Bois.

J. B. Rousseau.

2.

Do fumo Mexicano uso fazendo. (Pag. 92

A idéa da Poesia traz comsigo quasi sempre a da ficção, e por isso penso que as pessoas, ás mãos de quem este Poema do meu amigo irá parar, ignorando a maior parte dellas a Medicina, não duvidarião tomar este Verso como devendo passar com privilegio de licença Poetica: mas para que se lhe faça mais justiça, he necessario que fiquem sabendo (aquelles, que ignorão) que o fumo do *Tabaco* (fumo Mexicano, de que o Poeta falla) introduzido pelas aberturas naturaes, especialmente pelo *anus* em grande quantidade, tem desde época mui remota sido considerado como hum dos meios de chamar á vida as pessoas afogadas: e huma Sociedade, qae se estabelecêo em Amsterdam nomeada no Seculo passado para soccorrer os afogados, he este o primeiro meio, que aconselha nas suas instrucções: seja-me licito fallar assim, tem-se resuscitado immensidade

de pessoas, que muitas horas se conservárão afogadas, e debaixo da agua. Muitas são as obras, que apregoão esta verdade. (Do Illustrissimo Senhor Doutor João Januario Vianna de Rezende.)

3.

..... Ao claro Cinthyo inspira. (Pag. 93

Sobrenome de Apollo, que lhe foi dado em razão do Templo, que tinha no monte Cinthyo, onde os antigos lhe celebravão festas primorosas.

Cum canerem Reges, et prœlia Cynthius aurem
Vellit, et admonuit.

Virg. Eclog. 6. v. 3.

4.

Aqui, Lucinda, vês tambem no Inverno
O campo he aprazivel, deleitoso! (Pag. 94

Entre os muitos prestimos, que o Jesuita Dois-sin, excellente Poeta Latino, encontra na gravura, he hum d'elles o representar em suas Estampas aos amadores do campo as bellezas delle, quando o máo tempo, ou a enfermidade lhes prohibe sahir de casa. Presumo que os Leitores lerão com gosto estes lindos Versos, que serão, julgo, novos para quasi todos pela raridade da Obra, de que fazem parte.

Nunc scalptas rerum effigies, tenuique papyro
Impressas relegens, veterum monumenta virorum

Quæ tenuis passim decorabant atria villæ,
Aureis ad muros clavis affixa decenter,
Ordine quoque suo, et vitri munimine tecta;
Nam, quamvis prudens rerum, ac subtilis amator,
Peniculi multi faceret, cœlique labores,
Sculpturæ tamen ante alias ardebat amore,
Quæ plura afferret spatio simulacra minori,
Et statuas posset, posset supplere tabellas.
Mane novo flores ibat visurus amicos,
Rursus invisebat flores, cum fervidus æstu
Sol medium Cœli cursu transcenderet axem:
Denique noctivagos cum Luna accenderet ignes,
Tunc iterum ad flores, iterum revolabat in hortos,
Ast idem, affixum lecto si dira Podagra,
Aut laterum dolor, aut tussis retineret anhela,
Quippe epulis quondam exactæ, noctesque, diesque
Tot gravia attulerant ægreis incommoda membris,
Multiplices florum species, quas scalpserat ipse
Afferri sibi curabat, calthamque rubentem,
Liliaque, et Violam, et ferrugineos Hyacinthos,
Et sic ingrati fallebat tœdia lecti,
Spectando fictos, naturæ imitamina, flores,
Quos neque lædit hyems, nec prægravat auster aquosus,
Nec rapidi exurit metuenda potentia Solis:
Ast etiam immortale decus per frigora servant
Cum toto Boreas miscet færa prœlia cœlo,
Et flatu horribili nemorum populatus honores.

Doissin. Scalpt. L. 3.

5.

No principio creou DEUS Ceo, e Terra: (Pag. 100

In principio creavit DEUS Cœlum, et Terram.

Genesis Cap. 1. v. 1.

6.

Nest'outra Sala vês da Natureza
Brilhante os Elementos nestes quadros. (Pag. 101

Ainda que o A. aqui conserva o nome de *Elementos* á Agua, Terra, Ar, e ao Fogo, deve-se observar que só o faz assim por melhor se accommodar isto á Poesia, e saber que esta sua Producção ha de tambem vir a ser lida por pessoas, que talvez só desta sorte a entendão. Não devendo esta obra entrar no número d'aquellas, que tractão de investigações tão subtís, como as que dizem respeito ao estudo de Physica, e de Chymica, deve permittir-se este modo de expressar-se conforme á Philosophia antiga: comtudo o A. conhece perfeitamente qual he o estado actual dos conhecimentos humanos ácerca deste objecto; sabe que só se pode chamar *Elemento* áquillo, em cuja composição fosse indispensavel não entrar mais que huma ordem de molleculas simplices, cujo corpo unido a outros podesse dar principio a novos seres; sabe que os pertendidos *Elementos*, se não todos, pelo menos tres, tem sido decompostos; e convem com os Chymicos modernos que

este termo se deve riscar da linguagem scientifica, e substituir-se-lhe o de *Corpos Elementares*, que será dado a esses, que, bem que a nossa imaginação nos conduza a reconhecer como compostos, comtudo os meios, que temos ao nosso alcance, não fôrão ainda sufficientes para assim o provar; e o numero d'estes, bem longe de ser de quatro, sóbe hoje a 56, os quaes não enumero por evitar prolixidade. Entretanto não deixarei de notar que elle pode augmentar, ou diminuir com os progressos ulteriores da Sciencia, visto que para o futuro podemos achar, como he de esperar, novos corpos, cuja composição se ignore, e vir ao mesmo tempo a conhecer a composição, que hoje ignoramos d'esses, que possuimos.
(Do Illustrissimo Senhor Doutor Vianna de Rezende.)

7.

O Mancebo Pastor de Admeto louro. (Pag. 106

Apollo. Havendo Jupiter fulminado Phaetonte, que mal regendo o carro do Sol, hía abrazando o Mundo, Apollo, Pai de Phaetonte, querendo vingar a morte do Filho, traspassou com as suas settas os Cyclopes, que havião forjado os raios: tão antigo he o pagarem os pequenos o mal, que fazem os grandes! Jupiter indignado contra Apollo o desterrou do Ceo. O Numen banido das moradas Celestes, e sujeito a todas as privações da Humanidade, se assoldadou com Admeto, para lhe guardar os gados. Vivendo entre os Pastores, começou a ensinar-lhes as Sciencias, e as Artes, e aquelle Paiz se hía assim tornando a imagem do Elysio; Jupiter, e os mais Deo-

ses invejando tanta ventura nos homens, levantárão a excommunhão a Apollo, e o restituírão de novo ao Olympo.

8.

Io, que Vacca foi, e vagabunda. (Pag. 107

Io, filha do Rio Peneo, havia-se consagrado ao culto de Diana. Jupiter se namorou da sua belleza, e perseguindo-a em hum bosque, lhe embargou a fuga, cercando-a com huma densa nevoa, e assim pode satisfazer com ella a sua paixão. Juno desconfiada d'aquelle repentino nevoeiro, descêo á terra, Jupiter persentindo-a, transformou Io em Vacca. Juno lh'a pedio, e entregou a Argos, Pastor, que tinha cem olhos, e que continuamente a vigiava. Mercurio por mandado de Jupiter matou a Argos, livrando assim a Nympha, que tornada á sua figura, foi adorada no Egypto com o nome de Isis. Esta Fabula foi apontada por Camões neste Verso:

Io foi Vacca, Jupiter foi Touro.

Ecloga 6.

9.

Alli o moço Adonis, que formoso. (Ibid.

Adonis, filho de Myrra, e de seu Pai Cyniras, Rei de Chypre, foi hum mancebo tão formoso, que Venus perdidamente o amava. Sendo morto por hum Javalí, foi tal a magoa de Venus, que Jupiter o resuscitou.

10.

Olha o lindo Narciso á fonte junto. (Pag. 107

Narciso foi filho da Nympha Liriope. Sua Mãi consultando a Tyresias sobre o fado do menino, lhe respondêo o Vate que viveria longo tempo, se não se visse. Foi amado de diversas Nymphas, e a todas desprezou, e em especial por Eccho, que se consumio de magoa. Vendo-se Narciso em huma fonte, se namorou tanto da sua imagem, que alli perecêo. Os Deoses o transformárão na flor do seu nome.

11.

O Iris multi-cor já no Horisonte. (Pag. 108

Iris, filha de Thaumante, e de Electra, era a mensageira dos Deoses, e particularmente de Juno.

12.

Cantando as raparigas a Azeitona. (Pag. 109

He o trabalho ultimo do campo a colheita do Azeite. Posto que seja no Iuverno que se apanha, e móe a azeitona, não deixa de ser bem agradavel então o campo, e tanto como nas outras Quadras. De manhã pelo rigor do frio, e da neve, vadeando poças de agua gelada, quebrando o caramello, vão cantando as moças munidas das varas de varejar azeitona, e de cestos para a recolher, depois de ter comi-

do ao almoço huma assorda de alho, ou hum bocado de pão de milho quente molhado em azeite novo, e huma pouca de agua-pé, outras vezes as suas papas de milho com mel. No apanho da azeitona as acompanhão varios mancebos para as ajudar no trabalho, os quaes comem, e bebem, e muito se divertem na companhia de suas amadas. Depois de passarem no campo todo o dia, os moços curiosos da caça, muitas vezes recolhem boa cêa de Perdizes, Lebres, Coelhos, etc. Voltão á noite para casa de seus amos, e no lagar, junto ao fogo enxugão os boreis, de que se vestem, comem a — *tiborna* — que he hum manjar muito estimado então no campo (de que muitas pessoas delicadas gostão) feita de pão de milho fervendo, e penetrada pelo azeite, que sahe feito até fazer-se em huma sopa, á qual ajuntão muitos alhos, e usão de agua-pé em lugar de vinho para acompanhar esta iguaria, para elles mais deliciosa, do que os manjares das mais exquisitas mesas dos Sybaritas.

13.

De Castanhas magustos, ou bolotas. (Pag. 110

Dão os nossos Provincianos o nome de *Magusto* a huma assada de Castanhas, ou bolotas, em algumas partes, como no Alemtejo. Juntão-se para isto no dia 1.° de Novembro, e outros dias as familias de amizade, e parentesco, e fazendo grandes fogueiras de lenha, que deixão arder até ao fim, depois de apagado o fogo, naquelle borralho lanção quantidade destes fructos, que alli fazem assar, e depois de mil transportes de prazer, ditos engraçados, saltos

dos mininos, as tirão para fóra, e com grande gosto comem, bebendo em cima o generoso licôr puro, que tantos louvores alcança ao alto Douro, e outros lugares, onde em Portugal em tanta copia se cria. Meninos, mancebos, moças, Damas, e tudo quanto o campo então habita destas innocentes, e até muito illustres Pessoas, amão tanto este manjar, que até na Côrte em dia de *Todos os Santos* suspirão por elle, e delle com saudade fallão.

14.

Das Criadas ouvindo antigos contos. (Pag. 110

Ainda entre nós se conservão mil prejuizos ácerca de bruxas, feiticeiras, sonhos, fadas, magias, encantamentos, e outras cousas bebidas com o leite de nossas Mãis, e Amas, que transmittindo taes prejuizos ás crianças, estas depois de adultas os passão a outras, e assim vão de Pais a filhos, sem que acabem. Comtudo este mal he sem comparação menor, que as doutrinas do presente Seculo, que arruinão, e lanção por terra a Moral dos homens, e a Sancta Religião de Jesus Christo tanto enxovalhão. Eu, que não dou crédito aos primeiros, não posso olhar sem horror para os segundos. Vejo crianças fallando em materias anti-Religiosas, que parecem huns arguentes n'humas Conclusões publicas; vejo homens faltos de instrucção, Misteres de Officios, etc. lendo, e prégando doutrinas infernaes bebidas em livros, que elles não entendem, isto com grave prejuizo da Moral publica. No campo as moças á luz da candeia fiando, tecendo, fazendo meia, escamizando o milho,

escolhendo o trigo, o feijão, e outros legumes, etc. nas enfadonhas noites do Inverno, com huma Santa Velha á sua testa, de cuja bôca pendem, como Dido da de Eneas, estão alli esquecidas de todo o Mundo, e muitas vezes aquellas petas involvem sua moralidade, que não deixa de ser proveitosa, ensinando a fugir d'aquelles perigos, que acontecêrão (dizem as velhas) n'outro tempo, e seguir a estrada da virtude, etc. Não só moças, mas rapazes, e homens escutão estas fabulas, e não vejo que tenhão dado tanto trabalho aos Governos, para reprimirem seus excessos, nem que os Patibulos vergassem com seu peso tão a miude, como os Sabichões, e Philosofos, de qne acima fallo.

FIM DAS NOTAS.

AO SENHOR MAURICIO JOSE' SENDIM,

RETRATANDO O AUTHOR DO POEMA

AS ESTAÇÕES DO ANNO.

SONETO.

Do tempo devorante a fouce dura
Não póde destruir, lançar por terra,
Do Author da Natureza as Obras; erra
Seus golpes, e rebate-os a Pintura.

A belleza do Ceo, a formosura
Do Mundo o Pincel fino, a dura guerra,
E a tão amada Paz que em DEOS se encerra,
A's Leis do Fado rouba, e á sombra escura.

Se só tem os Poetas, e os Pintores
D'eternisar as cousas liberdade,
Não temo já da Morte átros horrores.

Viverás em meus Versos, rubras flores
Te coroão, Sendim, na Eternidade,
Serás na Lyra célebre, e eu nas côres.

AO MESMO SENHOR.

SONETO.

Do Parnaso o furor em mim se atêa;
Apollo inspira, e as Musas com imperio,
Ao Vate escreva mandão do Pierio
De Sendim a virtude não alhêa.

Seu Pincel fino os olhos lisongêa,
Se o azulado pinta Campo Etherio;
Se de hum DEOS elevado algum Mysterio,
Se põe de Reis ao lado a Sábia Astrêa.

Oh! Arte Divinal! Sacra Pintura!
Das mãos da Natureza, tu sahiste,
Creador descrevendo, e Creatura!

Se do Tempo ao furor não permittiste
Os Heróes sepultar em sombra escura,
Em Sendim mais realce conseguiste!

O D E.

Já Nuvens transcendeste, aos Ceos subindo
De Silvio (*) na Sublime, Immortal Penna;
Do renome no Templo te coroão
Da Immortal Fama os Louros.

Da Natureza o Quadro portentoso,
Em Teu Pincel encontra o forte Escudo,
Com que ás garras arranques de Saturno
De primor Obras suas.

Não procures, Sendim, ser em meus Versos
Elogiado; hum Cisne canta Luso,
Luso que em Portugal com fama, e gloria
De Cisne o Nome alcança.

Não julgues adular-te; não procuro
Merecimento alçar com vil lisonja:
A gratidão me impelle, ordenão Musas
Teu Nome eterno seja.

(*) Na bellissima Ode, que o Senhor José Maria da Costa e Silva lhe fez quando o retratou no seu excellente Poema = Heroina de Aragão. =

Hum Vate retratando ao Mundo ostentas
O muito Amor, que ás Musas votas doutas;
Ellas em plectro de ouro teus Louvores
Sobre os Astros collocão;

E onde Raphaeis, e Angelos morão,
Nas Ethereas Moradas, por tal Arte
Assento te destinão glorioso,
E ao Vate, a quem retratas.

Do Author.

Ao A. deste Poema dirigio o Senhor José Maria da Costa e Silva a seguinte

EPISTOLA.

Poesia, e Religião nascêrão juntas
Do primitivo Mundo em aureos dias.
Os singélos Mortaes, todos Pastores,
Em derredor das aras se juntavam
De hum Louro, ou Cedro, ou de hum Carvalho á sombra,
E ao Senhor do Universo offereciam
Grato louvor em magestosos Hymnos.
Preceitos de Moral em verso expunham
Os antigos Poetas, e isto explicam
As engenhosas Fabulas, que pintam
Orpheo co' a Lyra humanisando as Feras:
Feras eram os barbaros Selvagens
Sem costumes, sem Leys, sem Culto, ou Artes,
Vivendo do Arco pelos densos bosques,
E que o Canto dos Vates reduzíra
A' civilisação! Mas quando os vicios
A Humana Sociedade corromperam,
Quando a Ambição armou de ferro, e fogo
O braço de fataes Conquistadores,
Que em devastarem o terreno alheio,
Sua gloria pozeram, a Poesia
Tambem degenerou; então na Lyra
Soáram nomes de crueis verdugos
Da triste Humanidade, e foram Numes

Com os nomes de Jupiter, de Marte,
De Osiris, de Lieu quantos perversos
Com seus crimes a Terra enxovalharam.
Deo altares o Mundo á incasta Venus,
E á dissoluta Flora: Incestos, Roubos,
Adulterios, traições, crueis vinganças
A legenda dos Deoses composeram.
Creu-se indole divina a Tyrannia,
E as Mays Carthaginezas applacavam
Dos Filhinhos c' o sangue o atroz Saturno.
Veio a Revelação banir da Terra
Horridos cultos, barbaros costumes,
E dos templos Pagãos sobre as ruinas
Os Templos do DEOS Vivo se erigíram!
Porém do Norte os Barbaros Guerreiros
Com fervor abraçando o novo Culto,
Seus ferozes costumes conserváram;
Vivos na fé, prováram-na co' a espada,
Por DEOS, e pela Amada combatiam.
Com despojos de bellicas rapinas
Opulentos Mosteiros levantáram!
O Juizo de DEOS se conhecia
No exito d'hum Duelo! desairoso
Era o Saber, e o cultivar os Campos
Triste mister de Escravos!... que fariam
Desta barbara idade os rudes Vates?
Cantar armas, amores, Cavalleiros
Vencedores em justas, e torneios.
Da Illustração a Estrella alfim na Europa
Sua luz difundio! e o Christianismo,
Puro como sahio das Mãos do Eterno,
Magestoso reinou! do Entendimento
Foi pouco a pouco as trevas desbastando.

A sãa Phylosophia, as Artes bellas,
E uteis Sciencias, repulindo os Povos,
De ventura, e prazeres os cercaram.
Da primitiva gloria então lembrados
Maravilhas de DEOS cantáram Vates,
E o saber se explicou co' a voz das Musas.
Então Tompson do Thamiza nas margens,
Das Estações o quadro colorindo,
Nos fez vêr mais formosa a Primavera
De lindas flores revestindo os Campos;
O Estio em carro ardente derramando
Benefico calôr, que as ondeantes
Messes trocava n'hum Oceano de ouro;
O pomifero Outono, que convida
Das Cidades os tristes Moradores
Nos Campos a buscar prazer, saude.
O enregelado Inverno preparando
Com rigor apparente os bens futuros.
Cantor da Natureza o proclamaram
Da culta Europa os Povos, e o seu genio
Do assumpto ao pezo fraquear não soube.
Tu ousaste seguir a esteira sua,
Como Aguia nova, que da Mãy no trilho
Ensaia as azas, e remonta ás Nuvens!
Se grande o arrojo foi, jámais nas Artes
Hum espirito timido consegue
Colher as palmas, que cultiva a Gloria.
Poucos Alumnos numerou thegora
Na Patria nossa a Descriptiva Musa,
Segue-a, e poucos rivaes hão de afrontar-te,
Segue-a, e por premio alcançarás no Pindo,
De util Poeta o respeitavel nome.

AO MEU POEMA = *A PESCA.* =

O D E.

Foi dado aos Cysnes das nascentes Eras
Rasgar á Natureza o véo Sagrado;
Virgens flores colher n'alva do Mundo
Apenas germinadas.

Ricos desse verdor da adolescencia,
Que a Natureza a abrir lhes debuxára,
O bejo a quanto em flor tinha o seu gremio,
Inteiro deflorárão.

Breve, breve se usou o genial viço,
E o mimoso prestigio alfim se evade,
O gosto affez-se ao Bello, e já não sente
As graças já sentidas.

Mais terna sobre a lamina homicida
Coube á Phenicia Esposa hum pincel mago;
Hum ai, como o primeiro, já não custa
Huma segunda Elisa!

Ardão Jerusalens, ruão Dardanias,
Volvão Homeros, resuscitem Tassos,
Da Iliada o prestigio nunca move
A maga novidade.

Tal he a Ley do gosto, ó Natureza,
Que em vão Genios altivos reluctárão,
Não déste ao Bello duas Primaveras,
Segunda infancia ás graças.

Breve, de flor em flor se foi despindo
O mimoso Vergel da Era das Graças,
E alfim nos resta só da Aurora do Estro
A saudosa tarde.

O Romantico, o Mago, o Fabuloso,
Mal no berço dos Seculos brilhárão:
Fervia o Genio no abundoso assumpto,
Hoje esteril deflagra.

O Homem estava ao pé da Natureza,
Era grande o Heróe, e grande o Vate;
Formava a Phantasia o sentimento
Do Original sublime.

Toda a Grecia era hum hymno, huma Poesia;
O Sol, o Ar, o Ceo, tudo inspirava,
Aqui Nymphas, alli Heróes, ou Numes,
Paiz nato da Fabula!

Roma tinha inda gosto, e sentimento:
A Harpa Ausonia inda achava a Regia lagrima;
Sob huns Ceos de Romance inda fluia
O Tybre suas aguas.

Forão-se as Nymphas, forão-se os Amores,
A Magia, o Romance, o Genio, e as Fadas,
Foi-se o prestigio, o Sec'lo não tem flores,
O Mundo não tem alma.

Que he da Tempe, a Cythera, a Idalia, a Gnido,
Pelas auras dos Divos bafejadas?
Que he d'hum Ajax, Peleo, Jason, Tancredo,
Que o estro agora abrazem?

Phantasias da infancia do Universo,
O' flores da Era de famosos Vates!
A nossa sem verdor já te não sente
O delirar formoso!

Que resta? algumas frondes esquecidas
N'hum Campo, que ceifou a Antiguidade,
Ou desfolhadas flores, já deciduas
De mimosas grinaldas!

Cysne de Mantua, Trovador do Ismeno
O genio da Epopeia inda recordão,
Mas findárão co' as Eras fabulosas
Os Heróes, e as Graças.

No luxo germinal da Natureza,
Rude mão colhe afflux grupos, e flores;
Na despida Estação sagaz Botanico,
Nem o germen encontra!

Tarde pois, ó Filindo, em Estro absorto
Epicos ermos fecundar intentas;
Sem assumpto, que o erga, Era que o preze
O genio se desmaia.

Faltão-te as Didos, faltão-te os Tancredos,
O Paiz do Romance, Era das Fadas;
Não te julgo qual és, vejo o que fôras
Nessas idades aureas.

Teu genio cria o nada em existencia,
No puro imaginoso ousas milagres;
D'ávidos germens desenvolves flores
Em huma quadra ingrata.

A Noite, que entre as vagas revoltosas,
Sumio do mar Threno a frota Dardana
Mais ruidosa não foi, não foi mais atra
Do que essa do teu quadro.

A Aurora, que luzio no Campo Ausonio
Da triste Siloé nos iguaes plainos,
Não tinha o mago-Róscio, as rozas virgens
Que tu hi debuxaste.

Mas ai! não cabe o Epico ao meu Seculo
Embora altivo ardor teu quadro exalse,
E crie a-peito no adejo implume
A aza nova da Aguia.

Morreu, morreu c'os Sec'los a Epopeia;
Tu, mal tentas das cinzas revocalla,
Fulge o mago Pincel, as côres fulgem,
E o quadro se desmaia!

Feliz, quem rouba ao Pindo tantas flores,
Que Epicos louros, já ninguem reparte,
Nem póde o genio teu do tempo a culpa
Redemir no teu quadro.

Na Senda ao Cysne Ismenio, na Era de Ilion
Ao do Tybre nas Epochas de Ouctavio,
Voáras, se ares d'Ida, e Ceos d'Ausonia
Assim te bafejassem.

Estando já este Poema quasi impresso, me brindou com esta mimosa Peça de Poesia, hum rico, e ameno engenho, que faz honra ao nosso Seculo, elogiando aquelle Poema. Não a dou á luz por amor proprio, mas sim por se não perder huma Producção tão digna de seu Illustre Author.

CATALOGO

De algumas das Illustres Pessoas, que subscrevêrão para a presente Obra, cujo número não vai completo, por não ter á mão todas as Listas, nas quaes existe hum grande número, que farei imprimir na 2.ª Edição, que espero não tardará, visto a grande Assignatura que tem concorrido para a primeira: os que pude haver por ora são os seguintes:

Os Illustrissimos Senhores

Agostinho Antonio da Costa e Silva.
Albino Antonio de Moraes e Castro.
Anonymo.
Anonymo.
Anonymo.
Antonio de Almeida Viveiros.
Antonio Alvares de Carvalho.
Antonio Alves.
Antonio Ayres de Carvalho.
Antonio Ayres Guerreiro Collaço.
Antonio Caetano Mendes (Conego).
Antonio Clemente Xavier de Oliveira (Conego).
Antonio Esteves Costa. (Excellentissimo).
Antonio Felix da Cunha.
Antonio Germano da Veiga.
Antonio Herculano de Figueiredo Cortilé.
Antonio Ignacio da Silva.

Antonio Joaquim Gomes de Oliveira.
Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto.
Antonio Joaquim de Salgueiros Torres.
Antonio José de Faria Guião (Dr.)
Antonio José de Lima Leitão (Dr.)
Antonio José Nunes.
Antonio José dos Reis.
Antonio Manoel de Abreu.
Antonio Manoel Lopes de Carvalho.
Antonio Marcellino Pereira Bastos.
Antonio Maria de Couto.
Antonio Maria Lopes da Silva.
Antonio Maria de Sá e Abreu.
Antonio Maximo de Aguiar.
Antonio Mendes Duarte.
Antonio Pedro de Alcantara Sá Lopes.
Antonio Pereira Collaço.
Antonio Pereira Lima.
Antonio Pinto Coelho Soares de Moura.
Antonio da Rocha Guimarães.
Antonio Silvestre da Cunha.
Arcebispo de Lacedemonia (Excellentissimo).
Balthazar de S. Mamede.
Caetano Procopio Godinho de Vasconcellos.
Camillo Dias Leal.
Cardeal Patriarcha (Eminentissimo).
Carlos Honorio de Gouvêa Durão.
Clemente Antonio Rangel.
Clemente Eleutherio Amado.
Conde de Basto (Excellentissimo).
Cypriano João de Almeida e Silva.
Diogo Maria de Abreu Vasconcellos Pimentel do Wabo.

Diogo de Mascaranhas Valdez.
Diogo de Napoles (D).
Diogo Vieira Tovar de Albuquerque.
Domingos de Alvim (Fr.)
Domingos Augusto Xavier da Costa.
Domingos Manoel Annes Coutinho.
Eduardo Sergio dos Reis.
Eleutherio José Pimentel.
Feliciano Paes de Vasconcellos.
Fernando de Magalhães e Avellar.
Filippe José da Silva Laudal.
Filippe Neri da Conceição (Fr.)
Fortunato Antonio da Silva Guimarães.
Francisco de Assís Gomes Pinheiro.
Francisco Bonifacio da Costa.
Francisco Januario de Pimentel.
Francisco José de Almeida.
Francisco José Barbosa Pereira Couceira Marreco.
Francisco José de Brito.
Francisco José Ferreira (Padre).
Francisco José Vieira.
Francisco Maria Borges Chichorro Bacellar.
Francisco Maria Grojó.
Francisco Mendes da Cunha (Padre).
Francisco do Patrocinio Madeira (Dr. Fr.)
Francisco de Paula Gomes Rollo.
Francisco da Rainha dos Anjos (Fr.)
Francisco Revez Duarte (Dr.).
Francisco da Silva Martens Ferraz.
Francisco de Sousa e Andrade.
Gaspar Casimiro dos Santos Cruz.
Gaspar José Antas Coelho.
Gerardo Felix da Motta Serveira.

Germano Valentim de Andrade e Castro.
Guilherme José da Graça.
Henrique Henriques de Brito e Oliveira.
Herculano Maria de Mesquita.
Hygino Feliciano de Moraes.
Ignacio José de Miranda.
Jacintho Antonio Nobre Pereira.
João Antonio da Costa.
João Antonio de Foyos.
João Baptista Verde. (2 Exemplares).
João de S. Boaventura (Fr.)
João Calvette de Ataide.
João Christovão de Seixas.
João Cordeiro de Moraes.
João Felix da Costa.
João de Figueiredo.
João Gomes de Oliveira.
João Hermano Borg.
João Januario Vianna de Resende (Dr.)
João José de Mascarenhas e Silva.
João Manoel Soares da Cruz.
João Manoel de Sousa Formes.
João Marcello de Magalhães.
João Maria Salazar.
João Miguel de Sequeira.
João Moreira Dias.
João Paulo Cordeiro.
João Rodrigues Palma.
João Rodrigues de Sequeira Lima (Conego).
João Theodoro dos Santos Cruz.
João Urbano de Oliveira Wildens.
João Vicente de Abreu.
Joaquim Barbosa da Cruz.

Joaquim Brandão e Castro.
Joaquim Cardoso.
Joaquim de Campos (Padre).
Joaquim Gomes Alves.
Joaquim Guilherme da Costa Posser.
Joaquim José da Luz.
Joaquim José dos Reis.
Joaquim Maximo do Espirito Santo (Padre).
Joaquim Monteiro Torres.
Joaquim Pedro da Silva.
Joaquim Rodrigues Pereira Malhó.
José de Santo Agostinho (Fr.)
José Augusto da Cruz Neto (Padre).
José Bento Vieira Serzedello.
José Bernardo d'Azevedo (Conego).
José Bersane Leite.
José Carlos da Costa Pereira.
José Constantino de Sousa e Andrade (Prior).
José Diogo Mascarenhas Neto.
José Fernandes de Macedo.
José Ferreira Leal da Cruz.
José Joaquim Farto.
José Joaquim Carneiro de Carvalho.
José Joaquim Lamprêa (Fr.).
José Lourenço da Luz.
José Manoel de Casal Guerreiro.
José Maria Bernardino da Costa.
José de Mattos.
José Miguel Rosado (Fr.)
José Moreira Dias.
José Pinto da Costa (Prior).
José Ribeiro Saraiva.
José Teixeira Pinto Chaves Cabral.

José Vicente Caldeira do Casal Ribeiro.
José Victorino de Seixas e Vasconcellos.
Julio Cezar de Sá (Fr.).
Justiniano Augusto Corrêa Vidigal.
Lourenço José Vivas.
Luiz Antonio Soares.
Luiz de Santa Margarida de Cortona (Fr.).
Luiz de Santa Umbellina Pinto (Fr.).
Manoel Antonio de Sousa.
Manoel do Cenaculo (Fr).
Manoel Corrêa de Faria (Dr.).
Manoel Francisco Polycarpo.
Manoel Gomes da Silva.
Manoel Gonsalves Ferreira.
Manoel Joaquim de Aguiar.
Manoel José de Arriaga Brun da Silveira.
Manoel José dos Santos.
Manoel Licio da Costa.
Manoel Ludovino da Costa Seremenho.
Manoel do Loreto Leitão (D.)
Manoel Maria Cardoso.
Manoel de Oliveira e Costa.
Manoel Pedro Rangel.
Manoel de Santa Rita (Fr.)
Manoel dos Santos Cruz (Dr.)
Manoel dos Santos Tinoco.
Manoel de Sousa.
Marcellino Ferreira Queirós.
Marcellino José Gonçalves.
Margarida Carolina de Castro (D.)
Marquez Monteiro Mór.
Mathias José de Oliveira Leite.
Mathias José Telles da Silva.

Miguel Gomes Dias.
Miguel José da Luz.
Miguel Seraphim Ribeiro.
Monsenhor Anjo.
Nuncio Apostolico (Eminentissimo.)
Pedro Antonio da Silva Rebello.
Rita de Cassia Pereira e Castro. (D.)
Romão Luiz de Figueiredo e Sousa.
Sebastião José Garcia Nogueira.
Theodoro José de Vasconcellos e Sá.
Theotonio dos Santos Bomjardim.
Thomaz de Aquino e Lima.
Thomaz de Cunha Manoel Henriques Mello e Castro (D.)
Thomaz de Napoles (D.)
Thomaz Peixoto de Figueiredo. (Conego)
Thomaz da Silva e Sá. (Fr.)
Torcato do Nascimento. (Fr.)
Victorino José Godinho. (Conego)
Visconde de Azurara. (Excellentissimo)

ERRATAS.

Podendo o meu Poema — A Pesca — com o pr
sente formar o 1.° Volume das Obras, que tencio
escrever, julguei a proposito apontar aqui alguns e
ros, que nelle escapárão.

No Soneto pag. IX, Vers. 4. — Ermirneo — lêa
se — Esmyrneo. — No Canto 1.° pag. 6. vers. 1
— todas — lêa-se — todos. — Canto 2.° pag. 18 ve
so 11 — vrntura — lêa-se — ventura. — Ibi pag. 2
vers. 30 — Latino — lêa-se — Latimo. — Cant. 5
pag. 51 vers. 23 — Theseu — lêa-se — Tereu.

Nas Estações do Anno.

No fim do Prologo, pag. XIII — Od. L. — lêa
se — Od. L. 1.° — Canto 1.° pag. 28, vers. 7 — be
be — lêa-se — bebo. — Cant. 4.° pag. 97, vers. 2
— de outras — lêa-se — de humas. — Ibi pag. 109
vers. 13 — a — lêa-se — d'a. — Ode pag. 159 — So
— lêa-se — Solo. — pag. 161 — avidos — lêa-se —
aridos — ibi — Threno — lêa-se — Tyrrheno — ibi —
iguaes — lêa-se — igneos — pag. 162 — crie a peito —
lêa-se — brilhe a furto.